

UM CLASSICO

DA LITERATURA DIDÁTICA:

Flor do Lácio

de

CLEOFANO LOPES DE OLIVEIRA

EXPLICAÇÃO DE TEXTOS e GUIA DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIA
para uso dos cursos Normal e Secundário.

Curtas análises literárias — Descrições e narrativas — Cartas
e conversação — Dissertações — Fábulas e discursos — Impres-
sões pessoais — Temas de composição literária — Rudimentos
de arte literária — Contos e novelas.

6.^a EDIÇÃO REVISTA PELO AUTOR

Um volume de 340 páginas — Cartonado — Cr\$ 600,00

Departamento Editorial: Rua Fortaleza, 55 — Fone, 32-1149
 Oficinas Gráficas: Rua Sampson, 265 — Fone, 99-3214
 Vende: LIVRARIA ACADÊMICA — Praça Ourador Pacheco e Silva, 28 — Fones: 32-1256 e 32-0619 — Caixa Postal, 2362
 End. Telég.: Acadêmica — SÃO PAULO

Saraiva — LIVROS ESCRITOS

As obras aqui mencionadas podem ser adquiridas em suas cidades nas LIVRARIAS ou com o Agente da "COLEÇÃO SARAIVA", e ainda por meio de envio de cheque, vale postal ou carta registrada, bem como, pelo serviço de "REEMBOLSO POSTAL". As despesas de remessa ficam a cargo desta editora.

OUTUBRO -- 1961

recomendamos



LIVROS
que

Pedidos pelo Reembolso Postal para SARAIVA S. A.
 Livretos-Editores — Caixa Postal, 2362 — S. PAULO

Um livro que renova os processos de ensino da retórica. — Lições claras e precisas. — Farta coleção de exemplos da eloquência acadêmica, parlamentar, forense e eclesiástica. Preço de cada volume — Cr\$ 300,00

de Silveira Bueno

A ARTE DE FALAR EM PÚBLICO

Um livro moderno e prático que ensina efficientemente a arte de escrever. — Obra editada pela experiência do conhecido professor e escritor. — Volume que é consequência de inúmeros anos de trabalho e aperfeiçoamento.

de Silveira Bueno

A ARTE DE ESCREVER

Dois livros de grande interesse:

Uma obra jurídica monumental

TRATADO DE DIREITO COMERCIAL

do Prof. WALDEMAR FERREIRA

Volumes já publicados:

- 1.º — O ESTATUTO HISTÓRICO E DOGMÁTICO DO DIREITO COMERCIAL
549 páginas — Cr\$ 800,00
- 2.º — O ESTATUTO DO COMERCIANTE
467 páginas — Cr\$ 800,00
- 3.º — O ESTATUTO DA SOCIEDADE DE PESSOAS
575 páginas — Cr\$ 800,00
- 4.º — O ESTATUTO DA SOCIEDADE POR AÇÕES
680 páginas — Cr\$ 1.000,00
- 5.º — O ESTATUTO DA SOCIEDADE POR AÇÕES
467 páginas — Cr\$ 1.000,00

Todos os volumes encadernados em percalina.

Obra atualizada em consonância com a doutrina, a legislação e a jurisprudência brasileiras e estrangeiras.

O COMENDADOR DE MALTA

DE
EUGÈNE SUE

Joseph-Marie Sue, que se celebrou com o nome de Eugène Sue, nasceu em Paris a 20 de janeiro de 1804. Era filho de um distinto cirurgião do exército de Napoleão. O Príncipe Eugène Beauharnais e a Imperatriz Josefina foram seus padrinhos de batismo, mas o príncipe não deu o seu nome ao afilhado, como era uso na época. Foi o próprio Joseph-Marie Sue, que passou a assinar-se Eugène — e como Eugène conquistou a fama, e ficou conhecido em todo o mundo. Na adolescência, Sue levou uma boa vida. Quando o "enfant gâté" completou 19 anos, o pai achou que era tempo de ele fazer qualquer coisa útil: Tornou-se então o futuro romancista cirurgião militar como seu pai. Durante algum tempo, a bordo de navios de guerra franceses, cumpriu as suas obrigações de esculápio. Em 1829, faleceu o velho Sue, deixando para o filho uma sólida fortuna. Eugène não trabalhou mais. Estabeleceu-se em Paris, onde logo se notabilizou pela sua elegância. A literatura não tardou a atrair o jovem prodígio, que logo começou a revelar o seu talento. Imaginoso, sarcástico, apaixonado, o afilhado do Príncipe Eugène cavou a sociedade parisiense da época romântica, que tinha naturalmente muitas afinidades consigo. Nas suas primeiras obras "Jean Cavalier, ou os Fanáticos de Cevennes" e "Latréaumont" dedicou-se Sue ao gênero que podemos chamar "quase-histórico". Realizou também Sue uma série de romances sobre o vida no mar — no que se vinculou a Fenimore Cooper —, aproveitando a experiência marítima. Sainte-Beuve exaltou-o como o primeiro francês a escrever romances em pleno oceano (precedeu, pois, Loti e Farrère). Disse ainda o renomado crítico que Sue em literatura fôra "o descobridor do Mediterrâneo". "O Comendador de Malta" pertence a esta série de romances do mar. Muito influenciado pelas idéias socialistas da época, Eugène Sue publicou dois romances, que se tornaram famosíssimos, e em que reproduziu a vida dos bairros proletários de Paris: "Os Mistérios de Paris" e "O Judeu Errante".

O "ben-vivant" encontrou, finalmente, uma causa nobre a que se dedicar: a defesa dos pobres. Sue tornou-se, pois, o criador do romance social, e, de certo modo, o precursor do realismo na literatura francesa. Depois da revolta de 48, Sue foi eleito deputado. Em 1851, foi exilado para a Suíça, e, no exílio, faleceu em 1857.

0,260k

O COMENDADOR DE MALTA

Edição Saraiwa

A RELAÇÃO DAS OBRAS PUBLICADAS NA "COLEÇÃO SARAIVA"
ENCONTRA-SE NAS ORELHAS DA CAPA

EUGENE SUE

O COMENDADOR DE MALTA

COLEÇÃO SARAIVA

112

Título do original francês
LE COMMANDEUR DE MALTE

Tradução de
ALBERTO DENIS

A propriedade desta tradução, realizada na íntegra do original francês,
pertence a SARAIVA S. A. - LIVREIROS-EDITORES — SÃO PAULO

Introdução

OS VIAJANTES que percorrem agora as pitorescas costas do departamento das Bôcas do Ródano, os tranqüilos habitantes das margens perfumadas pelas laranjeiras de Hières, os curiosos turistas que os barcos a vapor transportam incessantemente de Marselha a Nice ou a Gênova, talvez ignorem que, há duzentos anos, sob o florescente ministério do Cardeal de Richelieu, o litoral da Provença era, quase todos os dias atacado por piratas argelinos ou outros bárberes, cuja ousadia não tinha limites.

Não somente capturavam todos os navios mercantes, à saída dos portos (embora tais navios fôsem devidamente armados para a guerra), como também chegavam a desembarcar sob a artilharia dos fortes, e impunemente raptavam os habitantes, cujas moradias não estavam suficientemente armadas e fortificadas.

As coisas pioraram de tal maneira que, por volta de 1633, o Cardeal de Richelieu incumbiu M. de Séguiran, um dos varões mais eminentes da época¹, de visitar as costas da Provença, a fim de excogitar os meios necessários para pôr a provincia ao abrigo da invasão dos piratas.

Citaremos um passo da Memória de M. de Séguiran, para darmos ao leitor uma idéia exata do teatro da ação que se seguirá.

"Há, diz êle, no lugar da Ciotat uma cabana que os cônsules mandaram erguer numa das pontas do rochedo do cabo da Águia, na qual mantêm um homem versadíssimo na navegação, que ali permanece dia e noite, vigiando os barcos piratas.

1. Ver a viagem e a inspecção marítima na costa da Provença, de M. Henri de Séguiran, Sr. de Bouc, cavaleiro, conselheiro do rei nos seus conselhos, e primeiro presidente, na sua corte, das contas, dos auxílios e das finanças da Provença (Vol. 3, pág. 296). — (Correspondências de Escoubleau de Sourdis, arcebispo de Bordéus, chefe das frota do rei, acompanhadas de um texto histórico, de notas e de uma introdução sobre o estado da marinha na França, durante o reinado de Luís XIII, por Eugène Sue, 1839. 3º vol. in-4º, publicados por ordem do Rei.

"Tôdas as tardes, ao cair da noite, o vigia da cabana da Ciotat acende a sua fogueira, e o mesmo se faz nas demais cabanas semelhantes, até a torre de Bouc.

"É o sinal certo de que no mar não há corsários.

"Se o dito vigia da cabana, pelo contrário, reconhece um deles, alumia dois fogos, e assim fazem os outros, desde Antibes até a torre de Bouc, o que leva menos de meia hora de tempo.

"Confessam os habitantes da Ciotat que nos últimos anos era melhor o comércio. Mas agora está arruinado ao ponto que vemos.

"Os corsários da Berbéria roubaram-lhes, certo ano, vinte e quatro barcas e agrilhoaram cerca de cinquenta dos seus melhores marujos."

Tal qual dissemos, era tão grande o terror que incutiam os piratas bárberes na costa que não havia casa que não estivesse transformada em fortaleza.

"Continuando o caminho, diz M. de Séguiran, chegaríamos à casa do Sr. de Boyer, gentil-homem comum da câmara do rei, e a encontraríamos defendida, no caso de um desembarque dos corsários, tendo na frente um terraço, a dar para a entrada do lado do mar, e nêle doze peças de ferro fundido, várias *bâtardes*², e várias atiradoras de pedras, além de, na casa, quatrocentas libras de pólvora, duzentas balas de canhão, dois pares de armaduras, doze mosquetes e semipiques.

"Em Bormez e em Saint-Tropez, diz mais adiante M. de Séguiran, o comércio está tão prejudicado que não poderia atingir 10.000 libras, o que resulta não somente da indigência dos habitantes, como também das incursões dos piratas que, quase diariamente, penetram nos portos, de tal modo que freqüentemente se vêem as barcas obrigadas a tocar terra, para que os homens que as montam possam salvar-se, ou armar-se os habitantes do lugar.

Em Martigues, comunidade que sofrera grandes perdas nas pessoas dos seus habitantes, considerados os mais corajosos e melhores marujos do Mediterrâneo, vários destes foram aprisionados pelos corsários de Argel, de Tûnis, que mais do que nunca executam as suas piratarias à vista dos fortes e das fortalezas da provincia."

O leitor há de imaginar o desdém dos bárberes pelos fortes da costa, sabendo que o litoral se achava em tão deplorável condição de defesa, que M. de Séguiran diz noutro trecho do seu relatório ao Cardeal de Richelieu:

2. "Bâtardes", peças de pequeno calibre.

"No dia seguinte, 24 do citado mês de janeiro, pelas sete horas da manhã, fomos ao castelo fortificado de Cassis, pertencente ao bispo de Marselha, onde se nos deparou como guarnição um porteiro, servidor doméstico do bispo que nos mostrou o citado lugar, em que se vêem apenas dois falconetes, um dos quais estragado."

Mais tarde, o arcebispo de Bordéus fazia a mesma observação a propósito de uma das posições mais fortes de Toulon.

"O primeiro desses fortes é o mais importante, diz o prelado guerreiro, no seu relatório. Trata-se de uma velha torre em que há duas baterias, nas quais se poderiam colocar cinquenta canhões e duzentos soldados, há um bom canhão no interior, mas está inteiramente desmontado; quanto à munição, não é outra senão a que Vossa Eminência (é o Cardeal de Richelieu) mandou ali pôr, há quinze dias. O bom do comandante dispõe por guarnição de sua mulher e de uma criada. Há vinte anos que não recebe um tostão, segundo o que afirma³."

Era esse o estado das coisas, quando, alguns anos antes, fôra o Cardeal de Richelieu investido por Luís XIII do cargo de grão-mestre chefe e superintendente-geral da navegação e do comércio da França.

Estudando atentamente o objetivo, a marcha, os meios e os resultados do governo de Richelieu, comparando o ponto de partida da sua administração aos imperiosos fins de centralização absoluta para os quais tendia sempre, e que tão vitoriosamente atingiu, impressiona-nos, sobretudo no que se refere à marinha, a incrível confusão e a multiplicidade de poderes ou de direitos rivais que cobriam o litoral do reino com a sua inextricável rede⁴.

Quando o cardeal foi incumbido dos interesses marítimos da França, mal podia contar com o apoio de um rei tímido, fraco, inquieto e volúvel. Sentia ainda a França

3. Correspondência de Sourdis, já citada. Junho de 1637, t. 1, pág. 409.

4. Assim, além dos direitos do almirante do Oriente, do governador da província, das comunidades consulares de cada vila e do almirante da França, inúmeros gentis-homens exerciam vários direitos em virtude de cartas patentes concedidas por diversos reis. Lemos no mesmo relatório de M. de Séguiran: "Sabendo que havia um direito chamado *A mesa do mar*, concedido por graça do falecido rei ao falecido Sr. de Libertat, fomos hoje informados de que pertencia aos Srs. Sanson e de Paris, na qualidade de maridos das damas de Libertat. Consistem tais direitos no meio por cento que se exige de todos os estrangeiros e de toda espécie de mercadorias, com exceção das drogas e das especiarias que pagam um por cento."

Mais adiante, diz-nos: "...havia trinta anos que o Sr. de Boyer, gentil-homem comum da câmara do rei, recebera por cartas patentes de Henrique IV a permissão exclusiva e a faculdade de colocar no mar redes para a pesca do atum, desde o cabo da Aguiá até Antibes, etc." (Sourdis, t. III, pág. 261).

surdamente agitada por profundas divergências políticas e religiosas. Sôzinho, em face de pretensões exorbitantes, representadas pelas mais poderosas casas da França, soberbas e zelosas depositárias das derradeiras tradições de independência feudal, a vontade de Richelieu foi obrigada a ser intrépida e teimosa para esmagar sob o nível da unidade administrativa interesses tão numerosos, tão vivos, tão rebeldes! Eis aí a obra do grande ministro.

Sem dúvida, o ardente e santo amor ao bem geral, o nobre instinto das necessidades e dos progressos da humanidade, puras e serenas aspirações dos Dewitts ou dos Franklins, não teriam bastado ao cardeal para empreender e sustentar luta tão encarniçada; talvez lhe tenha sido também necessário sentir-se animado de uma ambição desenfreada, insaciável, para enfrentar ódios tão formidáveis, desprezar tão grande número de clamores, prevenir ou punir tantas revoltas ameaçadoras, com a prisão, o exílio ou o cadafalso, e chegar a reunir na mão agonizante e soberana todos os meios de ação do estado.

Foi assim, pelo menos a nosso ver, que o gênio de Richelieu, exaltado pela sua indomável personalidade, conseguiu levar ao fim a admirável centralização dos poderes, alvo constante e termo glorioso do seu ministério.

Infelizmente, morreu quando começava a organizar a autoridade tão corajosamente conquistada.

Se a França, no momento da morte do cardeal, oferecia ainda na superfície grandes vestígios de uma completa reviravolta social, o solo começava, pelo menos, a ficar livre de mil forças parasitas e roedoras, que, havia tanto tempo, o esgotavam.

Dir-se-ia que quase sempre os homens eminentes, embora possuidores de espírito diferente, nascem na hora exata para terminar os grandes trabalhos das sociedades.

A Richelieu, o infatigável e resolutivo arroteador, succede Mazarino, que nivela o terreno tão profundamente lavrado, depois Colbert, que o semeia, que o fecunda!

A imperial vontade de Richelieu surge sob um dos seus aspectos mais brilhantes na longa luta que se viu obrigado a sustentar, quando foi encarregado da organização da marinha.

Até então, os governadores-gerais da Provença sempre haviam recusado as ordens do almirantado da França, dizendo-se *Almirantes-Natos* do Oriente.

Como tais, pretendiam o comando marítimo da província. Alguns desses governadores, como os Condes de Tende e de Sommerives, e, na época de que falamos, o

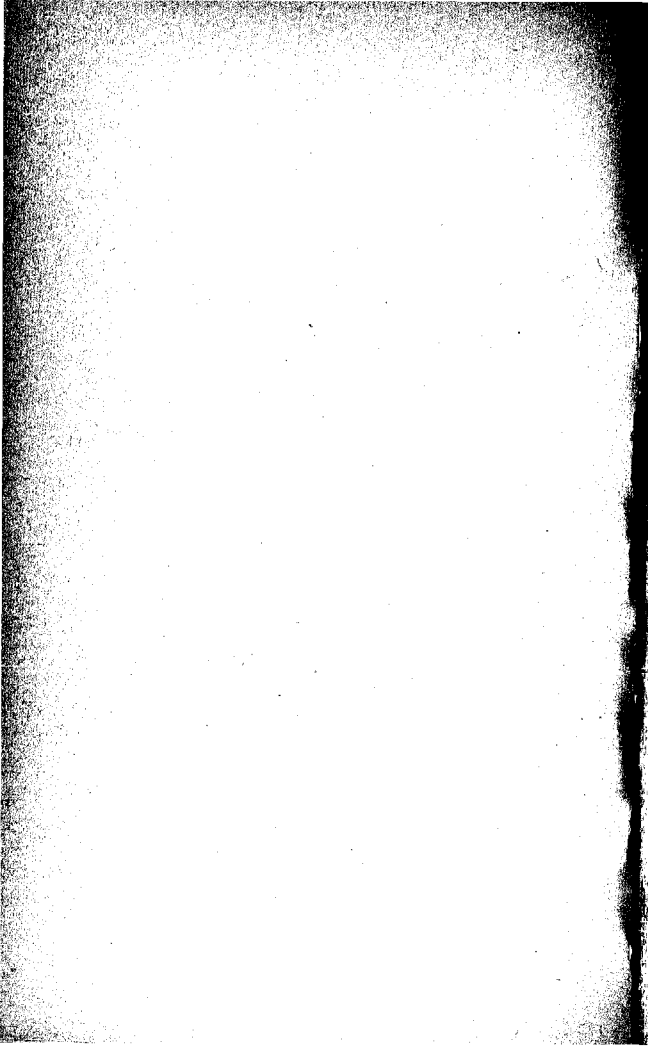
Duque de Guise, tinham recebido do rei cartas de almirantes particulares. Tais concessões arrancadas à fraqueza do monarca, em vez de apoiarem as pretensões dos governadores-gerais, protestavam contra a usurpação deles, pois tais títulos provavam claramente que os comandos de terra o de mar deviam ser distintos⁵.

Foram esses poderes tão divididos, tão rivais que levaram o cardeal a querer imperiosamente reuni-los e centralizá-los no seu cargo de grão-mestre da navegação.

Notamos por este esboço, e pelas citações que tiramos do relatório de M. de Séguiran, que uma espantosa desordem reinava em todos os ramos do poder, aumentada ainda pelos conflitos de jurisdição perpetuamente renovados, quer pelos governadores de província, quer pelos almirantados, quer pelas pretensões feudais de vários gentis-homens ribeirinhos.

Numa palavra, abandono ou desorganização das praças fortes, ruína do comércio, rapinas do fisco, invasões do litoral, terror das populações, que se retiravam para o interior das terras, querendo fugir aos ataques dos piratas bárberes, eis o aflitivo quadro apresentado pela Provença na época em que se vai iniciar esta história, fatos incríveis que mais parecem pertencer à barbárie da Idade Média que ao século XVII.

5. Verificava-se o mesmo nas demais províncias. Os lugar-tenentes gerais de Guyenne mostravam-se igualmente rebeldes ao almirante da França, pretendendo terem sob o seu domínio o litoral e as forças navais do seu governo, desde o Bec de Ratz até Bayonne, em virtude de um tratado concluído em 1453, entre Carlos VII e o rei da Inglaterra, tratado pelo qual ficara estipulado, no dia da rendição de Bordéus, que os governadores de Guyenne continuariam a manter o comando superior da marinha. Foi a velha e dura Armórica que mais tempo resistiu à centralização de poderes. Os duques da Bretanha, embora grandes vassallos da coroa, tinham exercido a princípio nos seus estados o direito regular de almirantado, como príncipes soberanos, em virtude de um tratado concluído em 1231 por São Luís e Pierre de Dreux; mas, após a reunião de tal província à coroa, o governador-geral da Armórica e os seus sucessores recusaram-se sempre a desfazer-se da sua autoridade e reconhecer os direitos do almirantado da França. Richelieu e, depois dele, Mazarino e Colbert, não lograram vencer a teimosia da Bretanha, pois, durante o reinado de Luís XIV, tendo o Conde de Tolosa sucedido a M. de Vermandois como almirante da França, encontrou o rei nessa província tão enérgica resistência contra o reconhecimento dos direitos do Conde de Tolosa, que se viu obrigado a substituir M. de Chaulnes, governador da Bretanha, pelo Conde de Tolosa, o qual, vendo-se assim governador-geral da Bretanha e almirante da França, conseguiu confundir os dois poderes num único.



CAPÍTULO I

Mistral

PELO fim do mês de junho de 1633, três ilustres viajantes, ao chegarem a Marselha, hospedaram-se no melhor albergue da cidade. Os seus trajes e o seu notaque pareciam de estrangeiros. Soube-se, em breve, que eram moscovitas. Embora tivessem trazido pequeno séquito, viviam com magnificência. O mais idoso dos três estivera em visita ao Marechal de Vitry, governador da Provença, residente então em Marselha. O marechal devolvera-lhe a visita, circunstância que atribuía importância aos estrangeiros.

Passavam eles o tempo visitando as construções públicas, o pôrto, os estaleiros. O preceptor do mais moço dos viajantes informou-se particularmente com os cônsules (mediante a permissão do Marechal de Vitry), dos produtos e do comércio da Provença, do estado da marinha mercante, dos seus armamentos, do fim de tais armamentos, aparentemente interessado em fazer o discípulo comparar a marinha nascente do norte à marinha de uma das mais importantes províncias da França.

Um dia, dirigiram os moscovitas os passos pela estrada de Toulon.

O mais velho parecia ter uns cinquenta anos, e a sua fisionomia oferecia singular mescla de desdém e causticidade. Usava roupa de veludo negro; uma longa barba ruça lhe caía sobre o peito; os cabelos, da mesma cor, mesclados de mechas prateadas, se escapavam de um gorro tártaro, guarnecido de preciosas peles. Os seus olhos verdes da cor do mar, a carnção lívida, o nariz recurvado, as sobrancelhas espessas, os lábios finos, davam-lhe um aspecto irônico e duro.

Caminhava a alguma distância dos companheiros, falava pouco e apenas, para de vez em quando, atirar um ou outro sarcasmo.

A idade e o aspecto dos outros dois moscovitas ofereciam impressionante contraste.

Um, o que parecia preceptor do mais moço, devia ter cerca de quarenta e cinco anos. Era pequeno, gordo, quase obeso, embora parecesse senhor de vigorosa constituição.

Trazia um longo casaco de tafetá castanho à oriental, um gorro de feitiço asiático, um punhal persa ricamente lavrado no cinto de sêda côr de laranja.

O rosto gordo, corado, sombreado por espessa barba castanha, os lábios grossos, denotavam sensualidade. Os olhos pequenos, cinzentos, cintilavam de malícia; às vêzes, dava vazão, com uma voz fininha, a gracejos de ousado cinismo, proferidos em latim, e quase sempre tirados de Petronio ou de Marcial. Os dois viajantes, aludindo indubitavelmente ao gôsto do companheiro pelas obras de Petronio, tinham-lhe dado o nome de um dos heróis do escritor, e o chamavam *Trimalcião*.

O discípulo de tão singular preceptor parecia ter vinte anos no máximo. Era de altura média, mas muito bem proporcionado. A sua roupa, como a dos moscovitas da época, oferecia uma feliz mistura das modas do norte e do oriente, equilibradas com um gôsto perfeito.

Os seus longos cabelos castanhos, ondulados, saíam de baixo de um feltro negro, chato, sem aba, pôsto de lado e ornado de uma trança de ouro mesclada de púrpura. As duas pontas dêsse cordão, finamente lavrado e franjado, caíam sôbre a gola de uma túnica de brocatel de fundo negro com desenhos de púrpura e de ouro, apertada aos quadris por um cinto de cachemir; outra túnica de mangas flutuantes, de precioso tecido veneziano negro, debruada de tafetá côr de papoula, lhe descia um pouco abaixo dos joelhos. Finalmente, as amplas calças à mourisca flutuavam sôbre botinas de marroquim vermelho.

Um observador teria ficado embaraçadíssimo para dar um caráter determinado à fisionomia do moço.

As feições eram de regularidade perfeita; uma barba nascente e cuidada lhe sombreava o queixo e os lábios. Os seus grandes olhos brilhavam como diamantes negros debaixo das finas sobrancelhas castanhas. O ofuscante esmalte dos dentes contrastava o quente rubro dos lábios. A tez era pálida. As formas delgadas e nervosas reuniam à elegância a força.

Mas aquêlo rosto, tão encantador quão expressivo e móvel, refletia alternadamente as diversas impressões que os dois companheiros lhe despertavam.

Trimalcião proferia um gracejo grosseiro e licencioso? O jovem que chamaremos *Erebo* aprovava com um sorriso zombeteiro e libertino, ou aumentava ainda mais o cinismo do preceptor.

Pog, o homem caladão e sarcástico pronunciava raras e amargas palavras? Imediatamente as narinas de Erebo se inflavam, o lábio superior se retraía desdenhosamente, e as suas feições exprimiam imediatamente a mais desprezadora ironia.

Se, pelo contrário, Erebo não sofria as duas fatais influências, se não ostentava o vício mediante uma culposa jactância, as feições se lhe tornavam de novo doces, serenas, e uma encantadora calma as cobria, pois se o cinismo e a ironia lhe agitavam passageiramente a alma, os seus nobres e elevados instintos readquiriam depressa o curso, assim como a fonte pura retoma a primitiva limpidez, quando a mão lamacenta cessa de lhe turvar o cristal das águas.

Eis aí as três personagens.

Passeavam então, já o dissemos, na estrada de Marselha a Toulon.

Erebo, silencioso e pensativo, caminhava alguns passos na frente dos companheiros.

O caminho penetrava nas gargantas de Ollioules, e encaixava-se no meio daqueles rochedos solitários.

Erebo acabava de chegar a uma pequena plataforma, donde dominava grande parte da estrada. A estrada, fortemente escarpada naquele lugar, formava um cotovêlo ao pé da eminência em que se achava o jovem, e a contornava elevando-se a ela.

Arrancado do devaneio por um canto ainda distante, Erebo deteve-se para escutar.

A voz aproximava-se cada vez mais.

Era uma voz de mulher, de timbre cheio de frescor e graça.

A modinha e as palavras que ela cantava respiravam ingênua melancolia.

Em breve, numa repentina volta da estrada, pôde Erebo ver, sem ser visto, um grupo de viajantes, movendo-se tranqüilamente ao passo das suas montarias que trepavam com esforço pela estrada escarpada.

Se a costa da Provença era freqüentemente devastada pelos piratas, o interior da região não deixava de ser bem pouco seguro. As gargantas de Ollioules, solidões quase impenetráveis, tinham por várias vezes servido de refúgio a bandos de ladrões.

Erebo não se espantou, portanto, de ver a pequena caravana avançar com uma espécie de circumspecção militar.

Indubitavelmente, não parecia iminente o perigo, pois a moça continuava a cantar, mas o cavaleiro que abria a

marcha apoiava, por precaução, o mosquete na coxa esquerda, e de vez em quando avivava a mecha da arma que deixava atrás uma nuvenzinha de fumaça azulada.

Aquêlê homem, na força da idade, de aspecto militar, usava um velho casaco de pele de búfalo, — grande chapéu de feltro cinzento, — calção escarlate, fortes botas; montava um pequeno cavalo branco. Pendia-lhe da cintura uma faca de caça. Finalmente, um grande lebrêu negro de longos pelos e coleira de couro, erizada de pontas de ferro, caminhava na frente do cavalo.

Mais ou menos trinta passos atrás da sentinela avançada, vinha um ancião acompanhado de uma jovem.

Montava esta uma hacanêia negra, elegantemente encimada por um dossel de sêda, e por uma gualdrapa de veludo azul. O freio de prata reluzia ao sol poente. As rêdeas, mal seguras pela jovem, caíam negligientemente sobre o pescoço da hacanêia cujo passo era tão doce, tão regrado, que em nada alterava a harmoniosa medida dos cantos da bela viajante.

Trazia a viajante o encantador fato de amazona tão freqüentemente reproduzido pelos pintores do reinado de Luís XIII. Na cabeça tinha um amplo chapéu negro de penas azuis, que caíam para trás numa ampla gola de rendas das Flandres. O seu colêto de tafetá cinzento de pérola, de grandes faixas sôltas, quadradas, combinava com uma saia do mesmo tecido e da mesma côr. Saia e corpete estavam ornados de leves passamanes de sêda azul-claro, cujo pálido matiz se condizia maravilhosamente com a côr do vestido.

Se pudéssemos duvidar de que o tipo grego se conservou em tôda a sua pureza em algumas famílias de Marselha e da baixa Provença, desde a colonização dos fócios (o resto da população provençal recorda mais a fisionomia ligure e árabe), o aspecto da jovem teria servido como prova viva dessa transmissão da beleza antiga em todo o seu primitivo esplendor.

Nada mais suave, mais fino, mais puro, que as linhas do encantador rosto. Nada mais límpido, mais efêreo que os seus grandes olhos azuis, ornados de longos cílios negros. Nada mais branco, mais imperial que aquela testa de marfim, onde brincavam inúmeros anéis de cabelos castanho-claros, contrastando deliciosamente com o arco reto e delgado das sobranceilhas, de um negro aveludado. As proporções do corpo, delicado e redondo, se aproximavam mais da Hebe ou da Vênus de Praxiteles que das da Vênus de Milo.

Sempre cantando, prosseguia descuidadamente ao mesmo endecado da montaria, e as voluptuosas ondulações do seu corpo flexível e lindo deixavam adivinhar tesouros de formosura.

O pé, pequenino e arqueado, protegido por um calçado de Cordova, estreitamente amarrado no tornozelo, aparecia uma vez ou outra de baixo das pregas da longa saia. Finalmente, a sua mãozinha de criança, protegida por uma luva de camurça, bordada, brincava negligentemente com um chicotinho destinado a apressar a marcha da hacañéa.

Seria difícil pintar a candura da testa virginal da jovem, a serena alegria dos seus grandes olhos azuis, radiantes de felicidade, de mocidade e de esperança, a ingênua malícia do seu finíssimo sorriso, e, sobretudo, o olhar repleto de extraordinária solicitude, de terna veneração, que ela voltava, de vez em quando, para o pai, anção ainda robusto, que a acompanhava.

A petulância, o ar alegre e ousado do velho gentil-homem, contrastava um pouco com o seu bigode branco, enquanto a côr vinosa das faces, algo lustrosas, denotava não ser êle insensível à atração dos generosos vinhos da Provença.

Um chapéu de feltro negro, com pena vermelha, um gibão escarlate agalado de prata com um mantozinho semelhante, um cinturão de sêda, ricamente bordado, e suportando longa espada, botinas de carneira branca, com esporas douradas, testemunhavam bastante a qualidade de Raimundo V, Barão des Anbicz, chefe de uma das mais antigas casas da Provença, parente ou aliado das ilustres casas baroniaes dos Castellane, dos Baux, dos Villeneuve, dos Fraus, etc.

O caminho seguido pela pequena caravana era tão estreito naquele ponto, que dois cavalos mal conseguiam andar lado a lado; portanto, uma terceira personagem se mantinha a alguns passos atrás do barão e de sua filha. Dois criados bem montados e armados constituíam a escolta.

A terceira personagem, jovem de cêrca de vinte e cinco anos, de elevada estatura, bem feito, de aspecto agradável e bondoso, conduzia o cavalo com garbo e trazia um costume de caça, verde, agalado de ouro.

As suas feições exprimiam por vêzes um indizível arroubo contemplando a Srta. Reine des Anbiez, que, de vez em quando, voltava a cabeça, e sem deixar de cantar, lhe lançava um olhar encantador a que o cavaleiro Honorato de Berrol respondia da melhor maneira possível, como noivo perdidamente enamorado que era.

O barão ouvia a filha cantar com uma alegria, um orgulho todo paternal. O seu rosto, bondoso e venerável, irradiava felicidade.

Contudo, uma vez ou outra, a sua felicidade contemplativa era algo perturbada pelos repentinos sobressaltos do cavalo da Camargue, baio de longa crina e longa cauda negra, olhos manhosos, ferozes, cheios de vigor e de fogo, o qual parecia continuamente preocupado com o desejo de atirar para fora da sela o amo, a fim de, em liberdade, correr em busca dos pântanos solitários e das charnecas em que nascera.

Infelizmente para os projetos de *Mistral*¹, (assim chamado em virtude da rapidez do seu passo e também, sem dúvida, do seu péssimo caráter), o barão era um ótimo cavaleiro.

Embora sofresse sempre das conseqüências de um tiro recebido no quadril durante as lutas civis, Raimundo V, acomodado numa das antigas selas que hoje se chamam selas de estaca, acolhia com bons golpes de vareta² e de esporas as caprichosas veleidades do indômito animal.

Mistral, com a paciente e diabólica sagacidade que os cavalos levam ao extremo, após algumas tentativas inúteis, aguardara surdamente uma ocasião mais favorável para desfazer-se do cavaleiro.

Reine des Ambiez continuava a cantar.

Por um capricho infantil, divertia-se em lançar aos ecos sonoros das gargantas de Ollioules modulações, alternadamente vibrantes ou veladas, que teriam desesperado um rouxinol.

Acabava de emitir o mais brilhante e melodioso harpejo, quando, subitamente, quase antecedendo os ecos, uma voz ao mesmo tempo doce, máscula e melodiosa, repetiu o canto da jovem com incrível perfeição...

Durante vários momentos, as duas encantadoras vozes, postas assim, pelo acaso, em maravilhosa união, foram longamente repetidas pelos inúmeros ecos da profunda solidão.

Reine cessou de cantar e, corando, olhou para o pai.

O barão, estupefato, voltou-se para Honorato de Berrol e disse-lhe com a sua habitual exclamação:

— Cavaleiro, será o diabo que está imitando tão bem a voz de um anjo?

1. O vento do noroeste, chamado *mistral* ou *mistraou* pelos provençais, é um vento impetuosíssimo e desastroso, causando com frequência enormes danos.

2. A velha equitação servia-se de vareta e não de chicote.

No seu primeiro movimento de surpresa, deixou, infelizmente, tombar as rédeas no pescoço de *Mistral*.

Havia tempo que o indócil animal caminhava manhosamente com uma gravidade, uma sabedoria digna da mula de um bispo. Mal se sentiu entregue a si próprio, em dois vigorosos saltos e, antes que o barão livesse tempo de reagir, escalou uma encosta íngreme que ladeava a estrada.

Por desgraça, fêz tal esforço para escalar a encosta, que ao atingir o cume abaixou repentinamente a cabeça, as rédeas lhe caíram por cima das orelhas e ficaram a dangar. Tudo aquilo durou menos tempo que o necessário para descrevê-lo.

O barão, excelente escudeiro, embora algo surpreso com o subitâneo feito de *Mistral*, tornou a pôr-se na sela, e o seu primeiro movimento foi tentar pegar as rédeas... Não o conseguiu.

Então, não obstante tôda a sua coragem, estremeceu, vendo-se à mercê de um animal sem freio, que começou a levá-lo, galopando, para a margem de uma torrente enxuta.

A fossa ampla e profunda estendia-se paralelamente à estrada, e dela distava apenas cêrca de cinqüenta pés.

Encaixado na sela, incapaz de sair dela, em virtude do ferimento, e de atirar-se ao chão, antes de chegar ao obstáculo intransponível onde o cavalo iria lançar-se, o aneião confiou o derradeiro pensamento a Deus, à filha, fez a promessa de uma missa cotidiana e de uma peregrinação anual à capela de Nossa Senhora da Guarda, e preparou-se para morrer.

Da altura em que se colocara, vira Erebo o perigo a que estava exposto o barão. Achava-se separado dêle pelo profundo leito sêco da torrente, com os seus dez a doze pés, para o qual rumava o cavalo.

Com um movimento mais veloz que o pensamento, e um vigoroso salto, quase desesperado, Erebo cruzou o abismo, atirou-se à frente do animal, apoderou-se das rédeas abandonadas e foi arrastado...

O barão deu um grito terrível, julgando o salvador arrebatado com êle para o abismo, pois, apesar da dor e do espanto causados pelo violento estremeção, não pôde *Mistral* deter súbitamente o impulso adquirido, e por alguns instantes arrastou Erebo.

Este, dotado de força incomum e admirável sangue frio, ao cair, enrolara as rédeas em volta dos pulsos... Assim, o cavalo, com o maxilar inferior quebrado pelo enorme pêso daí pendente, quase se sentou sôbre os jarretes, após obedecer ao involuntário impulso consequente da velocidade.

Dez passos, quando muito, separavam o barão da margem escarpada da torrente, quando Erebo se reergueu ágilmente, pegou com uma das mãos o freio ensangüentado do cavalo, e com a outra atirou de novo para o pescoço fumegante de *Mistral* as rédeas que ofereceu ao ancião.

Repetimos, tudo aquilo transcorrera tão depressa, que Reine des Anbiez e o noivo, escalando a encosta da estrada, chegaram ao pé do barão, sem suspeitarem sequer o espantoso perigo por êle acabado de correr.

Erebo, após devolver as rédeas ao ancião, recolheu o gorro, sacudiu o pó que lhe cobria as vestes, allsou os cabelos, e, a não ser pelo colorido desusado das faces, nada no seu aspecto revelava o papel por êle desempenhado na aventura.

— Meu Deus, papai! Por que escalou esta encosta? Que imprudência! exclamou Reine, inquieta, mas não espantada, saltando levemente da hacanêia, e sem notar o desconhecido postado ao outro lado do cavalo do barão.

Vendo, depois, o palor e a emoção do velho que descia penosamente do cavalo, pressentiu o perigo corrido pelo barão e, atirando-se-lhe aos braços, perguntou-lhe:

— Papai, papai, que lhe aconteceu?

— Reine, minha filha, minha filha querida! respondeu o Sr. des Anbiez, abraçando-a com efusão. Ah, quão horrorosa me houvera sido a morte... Imagine, não vê-la mais!...

Reine afastou-se repentinamente dos braços do pai, pôs as mãos nos ombros do ancião, e fitou-o com olhar estupefato.

— Sem êle, prosseguiu o barão, apertando cordialmente entre as suas a mão de Erebo, que se adiantara um pouco, e contemplava com admiração a beleza de Reine, sem êste rapaz... sem a sua corajosa devoção, eu me teria despedaçado no abismo.

Em poucas palavras, narrou à filha e a Honorato de Berrol como aquêle desconhecido o salvara de morte certa.

Várias vèzes, durante a narração, os olhos azuis de Reine encontraram os olhos negros de Erebo. Quando ela desviava os seus para fitá-los ternamente no pai, não era porque o aspecto do rapaz fôsse ousado ou presunçoso. Pelo contrário, brilhava-lhe nos olhos uma lágrima, e todo o seu aspecto exprimia a mais profunda emoção. Contemplava o quadro comovente com um orgulho nobre, sublime. Quando o ancião lhe abriu os braços, impellido por um movimento quase paterno, atirou-se a êles com indizível felicidade, apertou-o várias vèzes contra o peito,

como se sentisse atraído ao velho gentil-homem por uma secreta simpatia, como se o seu jovem coração, ainda nobre e generoso, tivesse estado na presença das batidas de outro coração também nobre e generoso.

De súbito, Trimalcão e Pog, que a vinte passos de lá, e do alto do rochedo onde tinham permanecido, haviam assistido à cena, gritaram ao jovem companheiro algumas palavras em língua estrangeira.

Erebo estremeceu. O barão, a filha e Honorato de Berrol voltaram vivamente a cabeça.

Trimalcão contemplava a filha do barão com cobiça zombeteira e vulgar.

A fisionomia estranha daqueles dois homens surpreendeu o barão. Reine e Honorato observavam-nos com uma espécie de temor involuntário.

Um hábil pintor houvera tirado proveito da cena.

Imagine-se uma profunda solidão, no meio de grandes pedras de granito avermelhado, cujo tópo somente era iluminado pelos derradeiros raios do sol.

No primeiro plano, na margem da torrente seca, o barão, enlaçando a filha com o braço esquerdo, apertava com a mão livre a de Erebo, e olhava inquietamente para Pog e Trimalcão.

Estes, no segundo plano, do outro lado da torrente, estavam de pé, lado a lado, de braços cruzados, e a silhueta se lhes destacava sobre o azul do céu, percebido, naquele ponto, através de uma brecha dos rochedos.

Finalmente, a alguns passos do barão, via-se Honorato de Berrol, segurando o seu cavalo e a hacañeia de Reine; mais longe os dois criados, um dos quais se ocupava em reajustar os arreios de *Mistral*.

As primeiras palavras dos estrangeiros, as belas feições de Erebo exprimiram certa impaciência dolorosa. Dir-se-ia que no íntimo lhe ia penosa luta. O rosto, no qual, havia pouco, fulgiam as mais nobres paixões, escureceu-se um pouco, como se elle tivesse sofrido misteriosa e invencível influência.

Mas quando Trimalcão, com a sua voz fina e zombeteira, tornou a pronunciar algumas palavras indicando Reine com um insolentissimo olhar, e quando Pog acrescentou na mesma língua, ininteligível para os demais atores da cena, sem dúvida um sangrento sarcasmo, as feições de Erebo mudaram inteiramente de expressão.

Com um gesto quase de desdém, repeliu a mão do velho e dirigiu à Srta. des Anbiez um olhar desavergonhado.

Daquella vez, Reine corou e abaixou os olhos.

A subitânea metamorfose nas maneiras do desconhecido foi tão impressionante que o barão recuou um passo.

No entanto, após um silêncio de vários segundos, disse a Erebo com voz comovida:

— Como poderei pagar-lhe, senhor, o serviço que acaba de me prestar?

— Ah, senhor, acrescentou Reine vencendo a singular emoção que lhe causara o último olhar de Erebo, como poderemos demonstrar-lhe a nossa gratidão?...

— Dando-me um beijo, e este alfinête como lembrança... respondeu o ousado rapaz.

Mal terminara de proferir tais palavras, roçou com os seus os virginais lábios de Reine, enquanto, com mão lesta, lhe tirava o alfinêtezinho de prata esmaltada que prendia o reverso do corpete da jovem.

Após o duplo furto, Erebo, com maravilhosa agilidade, franqueou com outro salto o abismo que lhe estava atrás, e reuniu-se aos dois companheiros, com os quais desapareceu atrás de um bloco de pedras...

A emoção, o espanto de Reine foi tão violento que ela empalideceu, as pernas se lhe curvaram, e ela tombou sem sentidos entre os braços do pai.

No dia seguinte àquele em que se desenrolara a cena que acabamos de descrever, os três moscovitas despediram-se do Marechal Duque de Vitry, abandonaram Marselha com o seu séquito, e, ao que se soube, tomaram a estrada do Languedoc.

CAPÍTULO II

O vigia

O GOLFO da Ciotat, situado a igual distância de Toulon e de Marselha, estende-se entre os cabos de Alon e da Águia. Este último se ergue ao oeste da baía.

Haviam mandado os cônsules da cidade da Ciotat construir no tôpo do promontório uma cabana destinada ao vigia. O vigia, incumbido de descobrir a aproximação dos piratas barbarescos, devia dar o alarme em tôda a costa, acendendo uma grande fogueira visível de bem longe.

A cena que vamos descrever passava-se ao pé da cabana pela metade do mês de dezembro de 1633.

Soprava furiosamente um impetuoso vento do noroeste, o terrível mistral. O sol, semivelado por grandes massas de nuvens cinzentas, ia desaparecendo lentamente nas

antela, cujo imenso arco, de um verde sombrio, sobressaía de uma ampla zona de luz avermelhada, a qual diminuía, à medida que se iam estendendo no horizonte nuvens negras e espessas.

Do tôpo do cabo da Águia, onde se situava a cabana do vigia, dominava-se o gôlfo inteiro. Os derradeiros es-
capamentos calcáreos das montanhas esbranquiçadas de Nîxours e de Nossa Senhora da Guarda, abaixando-se, em militeatro, até a margem do gôlfo, uniam-se a pequenas penedias formadas de uma arcia fina e alva, a qual, erguida pelo vento do sul, invadia uma parte da costa. Um pouco mais longe, na encosta das colinas, brilhavam as luzes de vários fornos de cal, cuja fumaça negra mais ainda aumenta o sombrio aspecto do céu.

Quase ao pé do cabo da Águia, na entrada da baía, encostada às montanhas, via-se do alto a ilha Verde, além da cidadezinha da Ciotat, dependente da diocese de Marselha e do vicariato de Aix.

A cidade formava mais ou menos um trapézio, cuja base maior se apoiava no pôrto contendo uma dúzia de polacas e de caravelas, carregadas de vinhos e azeite. Aguardavam, apenas, tempo favorável para zarpar em direcção às costas da Itália. Cêrca de trinta barcos destinados à pesca da sardinha, e chamados *essanguis* pelos provençais, estavam ancorados numa enseada, a enseada de La Fontaine¹. Sômente os campanários das igrejas e do convento das Ursulinas rompiam a monotonia dos telhados quase inteiramente de telhas.

Na encosta das colinas que dominavam a cidade, viam-se campos de oliveiras, alguns bosquetes de carvalhos verdes, vários outeiros de vinhas, e no extremo horizonte os picos das montanhas Roquefort com os seus pinheiros.

Na margem oriental da baía da Ciotat, entre as pontas *Carbonières* e *Des Lèques*, distinguam-se velhas ruínas romanas chamadas *Torrentum*; para o norte, cá e lá, vários moinhos de vento, nas alturas, serviam de sinais de reconhecimento para os barcos que iam fundear no gôlfo.

Finalmente, fora e a oeste do cabo da Águia, quase à margem do mar, erguia-se uma casa fortificada, *les Ambiez*, da qual falaremos mais tarde.

O tôpo do cabo da Águia formava um planalto de cinqüenta pés de circunsferência. Quase por tôda parte, deparava-se o vivo de uma rocha de grês amarelada, pintalgada de marrom; cá e lá, cresciam giestas, urzes, citisios. A cabana do vigia erguia-se ao abrigo de dois carvalhos de casca ressequida e de um enorme pinheiro que,

1. *Covografia da Provença*, livro IV, cap. IV, t. 1, pág. 334. — *Estatística do departamento das Bôcas do Ródano*, pelo Conde de Villeneuve.

havia dois ou três séculos, desafiava a fúria das tormentas.

Apesar de o vento ser violentíssimo, apesar de o promontório se elevar cerca de trezentos pés acima do nível do mar, ouvia-se o surdo roncar das águas que batiam lá embaixo.

A cabana do vigia, sólidamente construída com grandes blocos de grés, estava recoberta de lajes tiradas da mesma pedreira. Aquela construção maciça e baixa era a única capaz de resistir aos ventos que, nos lugares altos, são sempre extremamente violentos.

A abertura principal da cabana voltava-se para o sul, e dela era possível descortinar completamente o horizonte.

Nas proximidades da porta, via-se um forno quadrado, grande e profundo, feito de uma grade de ferro sobre base de tijolos. Estava sempre cheio de sarmentos e de feixes de lenha de oliveira, muito indicados para produzir chamas altas e brilhantes, visíveis de bem longe. Era paupérrima a mobília da cabana, com exceção de um baú de ébano esculpido, aliás muito bem, e ornado de brasões e de cruzes de Malta, contrastando singularmente com a modesta aparência do recinto. Uma caixa de nogueira continha vários livros de marinha e pilotagem tão curiosamente procurados pelos eruditos dos nossos dias, entre outros o *Guia do velho Lamaneur* e o *Pequeno archote do mar*. Das paredes, recobertas de uma caiação grosseira, pendiam um cutelo, uma acha de armas e um mosquete.

Duas vulgares estampas, representando Sant'Elmo, patrono dos marinheiros, e o retrato do grão-mestre da ordem hospitalar de São João de Jerusalém, então existente, pendiam sobre o baú de ébano. Finalmente, no chão, perto da lareira em que ardia lentamente um grosso tronco de oliveira, uma esteira de junco, protegida por um velho tapête da Turquia, formava excelente leito, uma vez que o morador do retiro não era indiferente ao bem-estar.

O vigia do cabo da Águia, naquele momento, estava examinando atentamente todos os pontos do horizonte, com o auxilio de um óculo de alcance, uma luneta de Galileu, como se dizia na época. O sol poente varou a espessa cortina de nuvens que o velava, e lançou um derradeiro reflexo que dourou o tronco avermelhado do pinheiro, os cantos ásperos das paredes da cabana, e as quinas de um rochedo escuro ao qual se apoiava o vigia.

Assim, por um momento, vivamente iluminado brilhou o vulto calmo e inteligente daquele homem.

A sua pele, crestada pelo vento e pelo sol, era bronzeada, e, cá e lá, profundamente sulcada. O capuz, ou

traversier, do seu grosso gabão de amplas mangas, ocultando-lhe os cabelos brancos, projetava uma sombra sobre os seus olhos negros e as sobrancelhas. O longo bigode grisalho caía sobre o lábio inferior, e unia-se à pêra que lhe cobria o queixo.

Um cinto de lã vermelha e verde apertava-lhe as calças de marujo em torno dos quadris. Correias prendiam-lhe as polainas de couro acima dos joelhos; uma bolsa de pano ricamente bordado, pendente do cinto, ao lado de uma comprida faca de bainha, continha-lhe o tabaco, enquanto o seu *cachimbabau*, ou longo cachimbo turco de tornilho de barro, ainda fumegante, estava apoiado à parede externa da cabana.

Fazia dez anos que Martin Peyrou era vigia do cabo da Águia. Havia sido, pouco antes, eleito síndico do conselho de pescadores da Ciotat, os quais realizavam as suas sessões nos domingos, quando havia o que deliberar. Servira como patrão nas galeras de Malta durante mais de vinte anos, não tendo, quase nunca, abandonado nas suas navegações o comendador *Pedro des Anbiez*, da venerável língua de Provença, e irmão de Raimundo V, Barão des Anbiez, o qual vivia na costa da Casa-Forte, de que já falamos.

Em tôdas as suas viagens à França, jamais deixava o comendador de visitar o vigia, e as suas conversações duravam longo tempo. Notava-se que a sombra e habitual melancolia do comendador aumentava após tais conversações.

Peyrou, sempre padecendo de vários ferimentos graves, e não podendo mais prestar serviço no mar, fôra, por recomendação do antigo capitão, escolhido como guarda pelos cônsules da cidade da Ciotat. Nos domingos, quando presidia o conselho, substituía-o na cabana um marinheiro experimentado. Dotado de espírito justo, de retidão, Peyrou, vivendo havia dez anos na solidão, entre o céu e o mar, desenvolvera a inteligência meditando. Já munido dos conhecimentos náuticos e astronômicos necessários a um patrão de galera do século XVII, aumentara o seu saber estudando com proveito os grandes fenômenos naturais constantemente sob os seus olhos.

Graças à sua experiência, ao seu hábito de comparar efeitos e causas, ninguém melhor do que êle sabia, quase com certeza, predizer o início, a duração ou o fim dos diferentes ventos que sopravam na costa.

Anunciava a calma ou a tormenta. Os desastrosos furacões do *Mistral*², as chuvas brandas e fecundantes do

2. Noroeste, em provençal.

*Miegiou*³, as furiosas tormentas dos *Labechades*⁴, enfim a forma das nuvens, o azul mais ou menos vivo do céu, os variados matizes do mar, aquêles ruídos vagos, surdos, sem nome, que às vêzes nascem do meio do silêncio dos elementos, eram para êle outros tantos sinais evidentes dos quais tirava as mais certas induções.

Não havia capitão de navio mercante nem patrão de barco que zarpasse sem, antes, consultar mestre Peyrou.

Quase sempre rodeiam os homens, com uma espécie de auréola supersticiosa, as pessoas que vivem em profundo isolamento.

Peyrou foi vítima dessa lei comum.

Como quase sempre se verificavam as suas predições meteorológicas, não tardaram os habitantes da Ciotat e das cercanias em persuadir-se de que um homem que tão bem conhecia as coisas do céu não podia ser estranho às coisas da terra.

Sem passar precisamente por feiticeiro, o solitário do cabo da Águia, consultado em numerosas circunstâncias graves, tornou-se depositário de muitos segredos.

Um desonesto teria cruelmente abusado de tal influência. Peyrou, pelo contrário, dela se valeu para encorajar, apoiar, defender os bons, para acusar, confundir, espantar os maus.

Filósofo prático, compreendera que as suas advertências, as suas predições ou as suas ameaças perderiam muito da autoridade se não estivessem envolvidas por um ambiente cabalístico. Por conseguinte, quase sempre, acompanhava-as, embora a contragosto, de fórmulas misteriosas.

O que ajudava maravilhosamente Peyrou era o seu excelente óculo de alcance. Não somente o apontava para o horizonte com o fito de descobrir xavecos e galeras de piratas, como também o apontava para a Ciotat, as casas isoladas, os campos, as praias. Surpreendia, dessarte, um sem-número de segredos, incontáveis mistérios, dos quais se valia para aumentar a medrosa veneração que inspirava.

Portanto, Peyrou colocava-se acima dos feiticeiros comuns, pelo seu completo desinteresse. Quando tinha de aliviar uma honrosa miséria qualquer, ordenava a um dos clientes mais abastados que depositasse módica oferta em vários pontos ocultos que lhe indicava; em seguida, o cliente pobre, avisado, recolhia a misteriosa esmola.

Impelidos por um cego zêlo, alguns padres da diocese de Marselha pretenderam incriminar a misteriosa vida

3. Vento do sul.

4. Vento do sudoeste.

de Peyrou, mas a população assumiu imediatamente attitude tão ameaçadora, e os cônsules da Ciotat deram tão boas referências do vigia, que êle pôde continuar tranqüilamente a vida solitária.

A sua companheira única, naquele profundo retiro, era uma águia, que, dois anos antes, fôra pôr os seus ovos num dos *baouis*, ou inacessíveis ocos dos rochedos que margeiam o mar. Sem dúvida, o macho fôra morto, pois o vigia não o vira aparecer trazendo comida aos filhotes.

Peyrou dera alimento aos filhotes. Pouco a pouco, a mãe se fôra habituando a vê-lo; um dia, afastara-se, e no ano seguinte voltara, confiante, a pôr os ovos num excelente ninho que Peyrou lhe havia preparado num rochedo vizinho.

As vêzes, empoleirava-se nos galhos do enorme pinheiro que sombreava a cabana; outras, chegava a caminhar com o seu passo pesado e sem jeito na pequena plataforma.

Naquele dia, *Brilhante* (era o nome que Peyrou lhe dera), arrancou-o do devaneio. Deixou-se cair pesadamente dos galhos mais altos do pinheiro e de asas semi-abertas, acorreu ao pé do amigo, com a desgraciosa oscilação própria das aves de rapina, tão incapazes de caminhar.

A sua plumagem, negra na parte superior das asas, era acinzentada e salpicada de branco no corpo e no pescoço. As terríveis garras, que parcciam recobertas de escamas grossas e douradas, terminavam por três unhas e uma espora cortante, dura, negra e lustrosa... *Brilhante* ergueu para o vigia a cabeça chata e cinzenta, na qual brilhavam dois grandes olhos ousados, redondos, cuja iris negra se dilatava numa córnea transparente, côr de topázio.

O bico, forte e azulado como aço polido, mostrava, ao se entreabrir, uma língua comprida, de côr rosada.

Para atrair indubitavelmente a atenção de Peyrou, mordeu-lhe levemente a extremidade do sapato de couro fulvo.

Peyrou abaixou a cabeça e acariciou *Brilhante* que, curvando o pescoço, eriçou as penas das costas, deixando ouvir ao mesmo tempo um gritinho rouco e entrecortado...

De súbito, ouvindo os passos de alguém no estreito caminho que conduzia à cabana, a águia ergueu-se, deu um grito bem longo, desdobrou as poderosas asas, pairou por um instante acima do pinheiro, e com um único impulso se atirou ao espaço...

Dali a pouco era uma simples mancha negra no profundo azul do céu.

CAPÍTULO III

Estefaninha

UMA jovem de pele dourada, olhos negros, dentes muito alvos, sorriso malicioso e alegre, aparecendo, deteve-se um momento no último degrau da escada de pedra que conduzia à cabana.

Usava o costume gracioso e pitoresco das filhas da Provença: um casaquinho castanho, um corpete vermelho de mangas justas. O gorro de feltro deixava ver elegante rôlo de cabelos, e longas madeixas negras, protegidas por uma espécie de retícula de sêda de malhas escarlates.

Órfã, irmã de leite de Reine des Anbiez, Estefaninha servia-lhe quase de dama de companhia, e era tratada mais como amiga do que como servidora.

Tinha coração bondoso, devotado, reconhecido, e um procedimento impecável. Mas possuía um defeito, um malicioso coquetismo aldeão, que constituía o desespero de todos os pescadores e patrões de barcos do gôlfo da Ciotat. Não excetuaremos do número das interessantes vítimas o noivo, o capitão Luquin Trinquetaille, ex-bombardeiro, e, naquele tempo, capitão da polaca¹ *Santo Espanto dos Mouros, com a graça de Deus*.

Longo e significativo nome, escrito num dos costados da pôpa do navio pertencente ao capitão Trinquetaille.

Armada de seis peças, a polaca, por empreitada, escoltava os navios da Ciotat, obrigados pelo seu comércio a percorrer com frequência as costas da Itália, e temerosos dos piratas barbarescos.

Estefaninha partilhava a medrosa veneração inspirada pelo vigia do cabo da Águia aos habitantes das cercanias. Aproximou-se-lhe, de olhar abaixado, quase trêmula.

— Deus a guarde, minha filha, disse Peyrou, afetuosamente.

Apreciava-a, como apreciava tudo quanto pertencia à família do seu antigo capitão, o comendador des Anbiez.

— Que São Magno e Santo Elzear o ajudem, mestre Peyrou, replicou Estefaninha, com uma bela reverência.

1. *Polaca*, navio usado no Mediterrâneo, com três mastros além de outro na proa. Tem as mesmas velas que o navio de três mastros perpendiculares, mas os seus dois mastros principais são inteíros, sem cêsto de gávea, e sem vergas acima do cêsto.

— Muito obrigado pelos seus votos, Estefaninha. Como está monsenhor, e como está a Srta. Reine, sua jovem e linda ama? Já se refez do susto do outro dia?

— Sim, mestre Peyrou, a senhorita está melhor, apesar de ainda muito pálida. Já se viu coisa mais atrevida? Ousar beijar minha ama! E isso, na presença de monsenhor e do noivo! Mas dizem que os moscovitas são tão bárbaros! Mais selvagens e mais filhos do Anticristo que os turcos, não é verdade, mestre Peyrou? Serão condenados duas vêzes, e a duplo fogo...

Sem responder à argumentação teológica de Estefaninha, disse-lhe o vigia:

— E monsenhor? Ainda sofre os efeitos da emoção?

— Ele, mestre Peyrou? Olhe, tão certo como Rose-lina, a santa, está no paraíso, na mesma noite do dia em que escapou de morrer nas gargantas de Olioules, monsenhor jantou alegremente como se tivesse regressado de um Roumevage². E bebeu, mais que habitualmente, dois grandes goles de vinho da Espanha à saúde do jovem atrevido! Acredite, mestre Peyrou, monsenhor não se cansava de elogiar a coragem e a agilidade do moscovita! — “Ora! dizia êle. Em vez de furtar o alfinete e o beijo, como um gatuno, por que não os pediu?... Minha filha Reine ter-lhe-ia dado tudo, e de muito boa vontade! Decididamente, êsses moscovitas são estranhos companheiros!” não cessa de repetir, desde aquêlê dia, o que não impede que Honorato de Berrol, não obstante a sua doçura e reserva, core de indignação, quando ouve falar do jovem atrevido que fartou um beijo à sua noiva. O que é esquisito, mestre Peyrou, é que monsenhor não quis desfazer-se do péssimo *Mistral*, causa de tôda a desgraça. Continua a montá-lo de preferência a outro. Diga-me, não é tentar a Deus?

— E os estrangeiros partiram de Marselha? perguntou o vigia, sem responder a Estefaninha.

— Sim, mestre Peyrou. Ao que dizem, tomaram a estrada do Languedoc, após visitarem o Marechal de Vitry. Afirma-se que o velho duque é tão mau que é bem digno de conhecer semelhantes celerados. Ah, se monsenhor pudesse fazer o que deseja! Há tempo que o marechal já não seria governador da província... O barão não consegue ouvir falar dêsse cavalheiro sem encolerizar-se... O senhor não faz idéia, mestre Peyrou!

— Mas, minha filha, se vi monsenhor, por ocasião da revolta dos Cascaveaux, agir como agiu o pai por ocasião da revolta dos Razats, durante o reinado de

2. Festa de padroeiro.

Henrique III, e também por ocasião da revolta contra os gascões do Duque de Épernon, durante o último reinado! Sim, sei que Raimundo V odeia os inimigos tanto quanto ama os amigos.

— Tem razão, mestre Peyrou, a cólera de monsenhor contra o governador aumentou sobretudo depois que o escrivão do almirantado de Toulon, mestre Isnard, que todos dizem ser mau, passou a visitar os castelos da diocese, por ordem de Sua Eminência o cardeal. Monsenhor afirma que essa visita é um ultraje à nobreza, e que o Marechal de Vitry é um bandido. Entre nós, sou da mesma opinião, visto que êle protege uns moscovitas atrevidos que não se pejam de beijar as moças sem que elas esperem.

— Parece-me, Estefaninha, que é bem severa com os rapazes que beijam as moças, retrucou o ancião com cômica gravidade; isso prova o seu natural selvagem e feroz. Mas que veio perguntar-me?

— Mestre Peyrou, disse Estefaninha com certo embaraço, gostaria de saber se o tempo promete ser bom para um passeio até Nice, e se se pode partir com segurança...

— Vai a Nice, minha filha?

— Não, não eu precisamente, mas um bom e honrado marinheiro que...

— Ah! Já sei, já sei! interrompeu-a o vigia com ar misterioso. Trata-se do jovem Bernardo, patrão da tartana *Sainte-Baume*?

— Não, mestre Peyrou, garanto-lhe que não se trata dêle, retrucou a jovem corando fortemente.

— Vamos, vamos, não é preciso corar por isso, que diabo!

E o vigia acrescentou, baixinho:

— E o belo ramalhete de tomilho verde que, faz três dias, êle prendeu às barras da sua janela com uma fita côr-de-rosa? Agradou-lhe?

— Um ramalhete de tomilho verde? De que ramalhete está falando, mestre Peyrou?...

O vigia, ameaçando-a com o indicador, disse-lhe:

— Mas então, na última quinta-feira, à hora do despertar das manjeronas³, não levou o patrão Bernardo um ramalhete à sua janela?

— Espere... Espere, mestre Peyrou, disse Estefaninha, parecendo querer lembrar-se. Refere-se ao que eu, ontem, ao abrir a janela, encontrei no peitoril, uma espécie de pacotinho de ervas secas?...

3. Ao nascer do dia. — Locução provençal.

— Estefaninha, Estefaninha, ninguém engana o velho vigia! Ouça; mal o patrão Bernardo desceu, a senhorita imediatamente pegou o ramallete com a fita cõr-de-rosa, colocou-o num lindo vaso de barro, e regou-o tôdas as manhãs... Sõmente ontem, esqueceu-se, e êle murchou...

A moça contemplava o vigia, estupefata. Aquela revelação tinha algo de magia.

O ancião olhou-a maliciosamente e continuou:

— E então, não é Bernardo que vai a Nice?

— Não, mestre Peyrou...

— Deve ser, nesse caso, o piloto Terzarol...

— O piloto Terzarol! exclamou Estefaninha, unindo as mãos. Valha-me Nossa Senhora! Ignoro que êle deva zarpar!

— Vamos, vamos, minha filha, enganei-me quanto ao patrão Bernardo. Pode ser, pois que realmente o seu ramallete murchou, por descuido da senhorita. Mas não me engano quanto a Terzarol, pois ontem do alto da torrinha do castelo, ficou duas horas a ver o ousado piloto lançar as rêdes.

— Eu, mestre Peyrou? Eu?

— Em pessoa, Estefaninha, e a cada belo golpe de rêde, Terzarol agitava o gorro como sinal de triunfo, e a senhorita agitava o lenço como sinal de congratulação... Era de ver com que ardor o rapaz lançava as rêdes! Deve ter feito excelente pescaria... A senhorita acaba, pois, de perguntar-me se Terzarol terá uma boa travessia até Nice?

Estefaninha teve mêdo. O vigia sabia tanta coisa!

— Ah, meu Deus, mestre Peyrou, o senhor vê tudo! exclamou, ingênuamente.

O ancião sorriu, sacudiu a cabeça e respondeu com o provérbio provençal: *Experienco passo scienco* (*Experiência dispensa ciência*).

A pobre moça, temendo que os maravilhosos descobrimentos do vigia, no tocante às suas inocentes leviandades, lhe dessem uma péssima opinião dela, gritou, unindo as mãos quase com espanto, enquanto os grandes olhos se lhe turvavam de lágrimas:

— Ah, mestre Peyrou, sou moça honrada!

— Sei, minha filha — retrucou êle e apertou-lhe afetuosamente a mão — sei que é em tudo digna da proteção, do afeto que lhe dedica a sua nobre e bondosa ama. E por simples travessura de moça que se diverte em fazer girar a cabeça dos nossos rapazes, e em dar ciúmes ao pobre Luquin Trinquetaille que tanto a ama, e que a ama verdadeiramente... Mas, ouça-me, Estefaninha, co-

nhece o provérbio dos vinhateiros dos nossos vales: *Pau-vinhos et ben tengudos* (*poucas vinhas e bem mantidas*). Em vez de dispersar tôdas as suas atenções, concentre-as apenas num noivo que possa tornar-se bom marido... Será muito melhor... E depois, minha filha, veja, êsses rapazes são vivos, ardentes, corajosos. Pode surgir o amor-próprio, a rivalidade... Virá uma rixa, e o sangue correrá...

— Ah, mestre Peyrou, que me diz? Morreria de desespero! Tudo isso são tolices, errei divertindo-me com os olhares de Bernardo e de Terzarol... Bem sabe que gosto de Luquin... Ele me quer, e nós nos casaremos no mesmo dia que minha ama e Honorato de Berrol. Assim deseja monsenhor... Enfim, o senhor que a tudo adivinha, mestre Peyrou, deve saber que sempre pensei exclusivamente em Luquin. E foi a propósito da sua viagem... que vim consultá-lo... Mestre Talebard-Talebardon, cônsul da Ciotat, vai mandar a Nice três tartanas carregadas de mercadorias. Pediu a Luquin que as escoltasse... Julga que a travessia será boa, mestre Peyrou? Luquin poderá zarpar com segurança? Não há piratas à vista? Oh, se os piratas andarem pela vizinhança, e se houver ameaça de tempestade, Luquin não partirá!

— Ora, ora, minha filha, julga ter tamanha influência sobre o nosso intrépido bombardeiro? Há exagêro da sua parte, creio: retê-lo no pôrto, quando há perigo em sair... seria o mesmo que pretender ancorar um navio com um fio da sua roca!

— Tranqüilize-se, mestre Peyrou, respondeu Estefaninha com segurança, para reter Luquin perto de mim, não lhe falarei nem dos *Labeckades*⁴, nem de tormentas, nem tampouco de piratas... Dir-lhe-ei somente que domingo darei ao patrão Bernardo uma fitinha do meu corpete para servir de ornato à sua lança de justador na Targue⁵, ou então que pedirei a Terzarol um bom lugar a uma das janelas da casa de sua mãe, para lá ir com D. Dulcelina, roupeira da Casa-Forte, ver a luta e o salto da barra na praça da Ciotat... Então... juro-lhe, mestre Peyrou, que Luquin não sairá do gôlfo, nem que o próprio cônsul Talebard-Talebardon cubra de moedas de prata o tombadilho do seu barco.

— Que astúcia, hein? disse o ancião, sorrindo. Eu nunca teria sido capaz de uma coisa dessas... Ai, ai! *Buoü viel fa rego drecho* (*Boi velho faz sulco reto*). Vamos, acalme-se, Estefaninha... não lhe será preciso des-

4. Ventos do sudoeste, violentíssimos, que batem às costas da Provença.

5. Justas no mar.

guardar o corpete para dar uma fitinha a Bernardo, nem terá de pedir um lugar à janela da casa de Terzarol. O vento está soprando do Poente. Se não mudar quando o sol desaparecer, e se Martin-Bouffo⁶ não disser nada ao falar do dia, Luquin poderá sair do golfo e ir a Nice, sem temores. Quanto à travessia, responsabilizo-me por ela; quanto aos piratas, vou dar-lhe um feitiço de efeito seguro, de não para os esconjurar, pelo menos para lhes impedir que se apoderem do *Santo Espanto dos Mouros, com a graça de Deus*.

— Ah, como lhe sou grata, mestre Peyrou! exclamou a moça, ajudando o ancião a levantar-se, pois era com dificuldade que ele se mantinha de pé.

Na cabana, Peyrou, pegando um saquinho recoberto de almas cabalísticas, entregou-o a Estefaninha, recomendando-lhe que ordenasse a Luquin uma escrupulosa conformação com as instruções nelle contidas.

— O senhor é bom, mestre Peyrou! Como poderei provar-lhe a minha gratidão?...

— Prometendo-me, minha filha, deixar secar nas barras da sua janela os ramalhetes de Bernardo. Se assim fizer, não aparecerão outros. Um ramallete regado faz nascer outros... Ah!... Prometa-me também que não encorajará a pescaria de Terzarol... Para lhe ser agradável, o rapaz não vacilará em destruir todo peixe da baía. Acusaria por ser chamado à presença do conselho dos pescadores... e eu me veria obrigado a condená-lo... A propósito, a que ponto chegou a discussão de monsenhor e dos cônsules sobre o direito de pesca na enseada... Raimundo V ainda tem ali almadravas?

— Sim, mestre Peyrou, não quer retirá-las. Diz que o direito de pesca lhe pertence até os rochedos de Castrem-baou, e que não os cederá a ninguém.

— Ouça-me, Estefaninha, sua ama é dona do pai. Experimente fazer que ela lhe aconselhe entrar num acôrdo com os cônsules. Será melhor para todos.

— Sim, mestre Peyrou, fique tranqüilo. Falarei com a Srta. Reine.

— Bem, minha filha, então, adeus! Não se esqueça de abandonar o coquetismo, segundo a promessa que me fez...

— Sim, mestre Peyrou... Mas...

— Vamos, fale!

6. Gruta profundíssima situada no interior do golfo; quando as águas ali se atiram com estrondo, é sinal de tempestade próxima.

— Mas o senhor vê, mestre Peyrou, eu não gostaria de desesperar de vez, nem Bernardo, nem Terzarol, e não por minha causa... Nossa Senhora! Por causa de Luquin... É preciso que eu disponha sempre de um meio para retê-lo no pôrto, pois em caso de grandes... de enormes perigos, não é mestre Peyrou? E para isso, o ciúme é melhor que qualquer âncora!

— É justo, respondeu o vigia, sorrindo com malícia. Em primeiro lugar é preciso pensar em Luquin...

A moça abaixou o olhar, e sorriu, para depois continuar:

— Ah, ia-me esquecendo, mestre Peyrou, de lhe perguntar se acha que o senhor comendador e o reverendo Padre Elzear chegarão aqui para os *calênos* do Natal?, como espera monsenhor... Tem tamanha pressa de rever os dois irmãos! Sabe que já há dois natais que não aparecem na Casa-Forte?

Ouvindo o nome do comendador, o rosto do vigia tornou-se imediatamente, e se revestiu de profunda melancolia.

— Se Deus ouvir as minhas fervorosas preces, minha filha, ambos chegarão, mas o Padre Elzear foi resgatar cativos em Angel, como digno e corajoso irmão da Mercê, e a fé dos barbarescos é bastante pérfida.

— Sim, mestre Peyrou, o Padre Elzear o comprou, quando foi retido durante mais de um ano nos trabalhos forçados, no meio dos escravos! Sofrer tanto assim, com a idade dêle!

— E sem queixar-se... Sem mudar em nada a sua adorável bondade...

— A propósito disso, mestre Peyrou, por que a galera do comendador, em vez de ser branca e dourada como as valorosas galeras do rei ou de monsenhor o Duque de Guise, está sempre pintada de negro, como se fôsse um ataúde? Por que são também negros os seus mastros e as suas velas? Não há coisa mais lúgubre... E os marinheiros? E os soldados? Têm aspecto duro e severo como verdadeiros monges espanhóis. Afinal, não é motivo de assombro, uma vez que o próprio comendador vive sempre triste. O rosto pálido só se abre uma vez... quando, ao chegar à Casa-Forte, abraça monsenhor e minha jovem ama... E assim mesmo, meu Deus, que sorriso melancólico! É estranho, não é, mestre Peyrou? Tanto mais que Luquin me dizia, há dias, que, quando era bombardeiro a bordo da *Guisarde*, galera do almiran-

7. O Natal na Provença é uma das maiores festas do ano. Chamam-se *calênos* presentes de frutas e peixes trocados em tal época.

te, nos mares do Levante, viu repetidas vêzes em Nápoles comendadores e capitães de Malta os quais, apesar da severidade da sua ordem, eram alegres como os outros oficiais.

Havia minutos que o vigia parecia não ouvir mais a moça. E não tardou em cair em profunda meditação, abaixando a cabeça sobre o peito, e respondendo com um gesto afetuoso da mão aos adeuses de Estefaninha...

Alguns instantes após a despedida da moça, Peyrou tornou a entrar na cabana, abriu o móvel de ébano esculpido, impeliu a mola do segrêdo de um fundo duplo e pegou uma caixinha de prata cinzelada, cuja tampa estava ornada por uma cruz de Malta damasquinada. Por longo tempo contemplou o cofrezinho com dolorosa atenção. Aquilo parecia despertar-lhe cruéis recordações... Depois, certo de que o misterioso depósito se conservava intacto, fechou as portas do móvel, e, sempre devaneando, voltou a sentar-se à porta da cabana...

CAPÍTULO IV

Os noivos

E STEFANINHA deixara Peyrou, e ia abandonar o planalto, quando viu surgir nos últimos degraus da cascada o vulto esguio do capitão Luquin Trinquetaille.

Com um gesto imperioso, ordenou-lhe que voltasse por onde viera.

O marujo mostrou exemplar submissão. Parou, deu meia volta com a rapidez e a precisão próprias de um granadeiro alemão, e desceu gravemente os degraus que acabara de subir.

Teria sido o encontro combinado entre os noivos? Ignoramos. O que é indubitável é que Estefaninha, precedida pelo obedientíssimo adorador, desceu com uma ligeireza de gazela a rampa estreita e tortuosa que a conduziria à cabana do vigia.

Várias vêzes, voltou Luquin a cabeça para tentar ver a extremidade de uma perna fina e o delicado pèzinho que tão ágilmente media os blocos desiguais de pedra. Mas Estefaninha, com gesto ameaçador e dignidade real, deteve a curiosidade do ex-bombardeiro. Viu-se êle obriga-

do a estugar o passo para obedecer às seguintes palavras repetidas com viveza e freqüência:

— Ande, Luquin, ande!

Enquanto os dois namorados descem as escarpas do cabo da Águia, diremos algumas palavras sobre o capitão Luquin Trinquetaille.

Tratava-se de um robusto jovem de trinta anos mais ou menos, moreno, tostado pelo sol, másculo e ousado, de aspecto franco, resoluto e algo fanfarrão. Trazia um costume que lembrava simultaneamente o marujo e o soldado, um casaco de pele de búfalo e amplas calças à provençal, presas na cintura pelo cinto de um pequeno sabre de lâmina recurvada.

Sendo bastante intenso o frio, usava sobre o casaco de pele de búfalo um gabão pardo, cujas costuras eram feitas com lã vermelha e azul, e cujo capuz, cobrindo-lhe pela metade a testa, deixava ver uma floresta de cabelos negros ondulados.

Chegada ao pé da montanha, Estefaninha, apesar de toda a sua agilidade, sentiu a necessidade de descansar um pouco.

Luquin, por sua vez, contentíssimo com a oportunidade de uma conversa a sós, procurou cuidadosamente um bom lugar em que a noiva pudesse acomodar-se bem.

Depois de achá-lo, tirou galantemente o gabão e estendeu-o sobre o rochedo, para que Estefaninha dispusesse de uma espécie de assento com encôsto. Em seguida, cruzando as mãos nervosas no cabo do bastão, e apoiando o queixo às mãos, contemplou Estefaninha com tranqüila e feliz adoração.

Quando os movimentos menos precipitados do corpete de Estefaninha anunciaram que ela se ia refazendo do esforço, disse a jovem a Luquin, com os ares caprichosos de criatura mimada, e como noiva certa do seu domínio despótico:

— Por que, Sr. Luquin, tomou a liberdade de vir procurar-me na cabana do vigia, se eu lhe havia pedido que me esperasse ao pé da montanha?

Ocupado em admirar Estefaninha, a quem a caminhada avivara as côres, Luquin não respondeu.

— Já se viu coisa igual! exclamou Estefaninha, batendo impacientemente o lindo pé no chão. Não está ouvindo o que lhe digo, Sr. Luquin?

— Não, respondeu o capitão, libertando-se do encanto. Não ouvi. E só sei que de Nice a Bayonne, de Bayonne a Calais, de Calais a Hamburgo, de Hamburgo a...

— Terminará em breve essa navegação européia, Sr. Luquin?

... enfim, de um pólo a outro, não há moça mais linda que você, Estefaninha!

Como? Foi para chegar a tal descobrimento que realizou tão grande travessia, senhor capitão? Lastimo os armadores do *Santo Espanto dos Mouros, com a graça de Deus*, se as viagens desse pobre barco não dão resultados mais interessantes.

Não fale mal do meu barco, Estefaninha. Ficará muito contente quando vir o pavilhão azul e branco tremular no mastro, quando eu chegar de Nice, e quando você estiver aguardando o meu regresso do alto da torrinha da Casa-Forte.

A fatuidade de Luquin indignou Estefaninha que retorcou com ironia:

— Vamos, vamos, estou vendo que o vigia do cabo da Águia será, daqui a pouco, inútil. As moças que aguardam com impaciência o regresso do senhor capitão Trinquetaille, e os ciumentos que aguardam a sua partida, de olhos fitos no mar, bastarão para descobrir, ao longe, os piratas... Assim, não será mais preciso temer as incursões dos bandidos.

Luquin, com ar modestamente triunfante, retorquiu:

— Por Santo Estêvão, meu patrono, tenho demasiada certeza do seu amor, e sou felicíssimo, Estefaninha, para desejar que me esperem outras moças, e embora Roson, filha do negociante do Anjo da Guarda, na Ciotat, se assemelhe à flor cujo nome usa, e me diga freqüentemente...

— Ora, meu Deus! Obrigada pelas suas confidências, Sr. Luquin, disse Estefaninha, com ciumenta impaciência que tentou dissimular. Se eu também lhe contasse tudo quanto me dizem o patrão Bernardo e mestre Terzarol, não acabaria antes do cair da noite!

Ouvindo o nome dos dois rivais, o capitão Luquin franziu o sobrolho, e gritou:

— Pelos raios do céu! Se souber que esses dois imbecis ousam olhar outra coisa que não apenas a ponta dos sapatos, quando você passa... farei de um ornato de proa do meu barco, e do outro ventoinha para o mastro grande! Mas não! Os dois sabem que Luquin Trinquetaille é seu noivo e o meu nome rima perfeitamente com *bataille* (batalha), para que se animem a rir-se de mim...

— Vamos, meu belo mata-mouros, atalhou Estefaninha, lembrando-se da advertência do vigia, e temendo excitar demasiadamente o ciúme do inflamável capitão, se Bernardo e Terzarol me falam por tão longo tempo é que não lhes respondo. Todos sabem que me perdi de amôres pelo pior diabo da Ciotat... Olhe, veja o que me deu para você mestre Peyrou. Leia-o, e faça o que está escrito.

É tarde, o sol descamba, o frio se faz intenso... Voltemos à Casa-Forte. A senhorita poderia inquietar-se.

Os noivos estugaram o passo, e, caminhando, Trinquetaille leu as instruções seguintes, dadas por Peyrou:

"Tôdas as manhãs, ao nascer do sol, o capitão trocará a carga dos canhões e porá na bala uma das mósas vermelhas que aqui se encontram.

Após, fazer uma dupla cruz na bala com o polegar da mão esquerda.

Do raiar ao pôr do sol, alguns grumetes, no alto do mastro, olharão sempre para o oriente e o sul, e de cinco em cinco minutos dirão *São Magno*.

Na pôpa, serão dispostas, três por três, com a ponta para baixo, as espadas e as azagaias.

À direita do tombadilho, os mosquetes, também três a três.

No dia da partida, ao surgir da lua, levar-se-á ao tombadilho um vaso cheio de azeite; nêlc se colocarão sete grãos de sal, dizendo-se, a cada grão de sal *Sant'Elmo e São Pedro*.

Deixar-se-á o vaso no tombadilho até que a lua desapareça. Nesse momento, será coberto com um véu negro no qual se escreverá com vermelhão *Syrakoë*. Com tal azeite se esfregarão tôdas as manhãs, ao nascer do sol, as armas, e as pederneiras dos mosquetes."

O capitão Trinquetaille, interrompendo a essa altura o que estava lendo, disse a Estefaninha:

— Por Sant'Elmo, Martin Peyrou é feiticeiro... Há três meses, se eu tivesse tido destas mósas vermelhas de papel mágico, em vez de ficarem mudas, quando delas aproximei a mecha, as minhas peças teriam respondido devidamente ao xaveco tunisino que surpreendeu o nosso comboio, e que só percebemos, quando estava quase sobre nós...

— E os seus vigias, Luquin, não estavam observando o horizonte?

— Não. Se tivessem observado, dizendo sempre *São Magno*, cada cinco minutos, como aconselha mestre Peyrou no seu feitiço, sem dúvida a virtude de São Magno houvera impedido que os piratas se aproximassem sem ser vistos.

— E o azeite mágico para os mosquetes, você o teria usado, Luquin?

— Sem dúvida. Naquele dia terrível em que as minhas peças não funcionaram, eu teria dado todo o azeite que arde na lâmpada eterna da capela de Nossa Senhora da Guarda por uma gôta dêsse azeite com os sete grãos de sal e com a capa contendo, escrita, a impressionante palavra *Syrakoë*.

— Como foi, Luquin?

— A minha artilharia era inútil. Quis abordar o xaveco, à arma branca apoiada pelos mosquetes... Mas a má sorte fez que as armas ficassem em baixo, e estivessem enterrujadas as baterias de mosquetes. É de ver, Estefaninha, que se tivéssemos disposto as armas três a três, no tombadilho, e tivéssemos untado a bateria dos mosquetes com o milagroso azeite de Syrakoë, teríamos podido resistir, e talvez até conseguíssemos apoderar-nos do xaveco pirata em vez de fugirmos como nuvem do passarinhos diante de um gavião!

Já terão os leitores notado que, sob as misteriosas e cabalísticas fórmulas, dava o vigia do cabo da Águia os melhores conselhos práticos, e buscava recolocar em vigor excelentes precauções náuticas, caídas em desuso por falta de cuidado ou por negligência.

Assim, as môscas vermelhas, colocadas tôdas as manhãs nas balas, com um triplo sinal da cruz, possuíam, indubitavelmente, uma virtude negativíssima. Mas para se fazer tal operação mágica, era preciso necessariamente mudar tôdas as manhãs a carga da artilharia, muitas vezes avariada pela água do mar, cujas vagas varriam o tombadilho, durante as tempestades. Nesse caso, a pólvora úmida não ardia, e o auxílio das peças se tornava nulo.

O conselho de Peyrou, exatamente seguido, impedia todos êsses graves inconvenientes.

O mesmo se verificava com o azeite de *Syrakoë*, com os gritos de *São Magno* dados pelos vigias, e com o número três estipulado para a disposição das armas no tombadilho.

Olhando para o oriente e para o sul, pontos de cruzeiro dos piratas, os vigias deviam assinalá-los.

Tendo de invocar *São Magno* cada cinco minutos, não corriam o risco de adormecer no cêsto da gávea.

Finalmente, era importantíssimo ter sempre no tombadilho armas prontas e em boas condições. Peyrou ordenava, pois, que elas fôsem colocadas três a três, e cuidadosamente embebidas do mágico azeite de *Syrakoë*, que as colocava perfeitamente ao abrigo das intempéries, preservando-as da ferrugem.

Repetimos. Se o solitário do cabo da Águia se tivesse limitado apenas a dar tais recomendações, elas houveram sido negligenciadas, esquecidas até. Formulando-as de maneira misteriosa e cabalística, podia ter a certeza de que seriam executadas.

Após mais uma vez ficarem extasiados com a ciência e sagacidade do vigia, Luquin e Estefaninha chegaram perto da Casa-Forte. Não obstante o seu espírito zombeteiro

e folgazão, a moça sentia que o coração se lhe apertava dolorosamente, ao despedir-se do noivo que, no dia seguinte, partiria ao nascer do sol. As lágrimas velaram-lhe o olhar sempre malicioso e alegre, e ela, estendendo a mão a Trinquette, disse-lhe com voz comovida:

— Adeus, Luquin. Tôdas as manhãs e tôdas as noites pedirei a Deus que o guarde de qualquer mau encontro... Ah, meu Deus!... Quando resolverá abandonar êsse perigoso ofício que sempre me renova as preocupações?

— Quando tiver o suficiente para que a Sra. Trinquette nada inveje às mais ricas burguesas da Ciotat.

— Como pode falar assim, Luquin? disse Estefaninha, com terno acento de censura, enxugando as lágrimas que lhe banhavam os olhos. Que me importam os vestidos e um pouco mais de comodidade... Pretende, por isso, arriscar sempre a vida?

— Tranqüilize-se, Estefaninha, os conselhos do vigia do cabo da Águia não ficarão perdidos. Com o auxílio de São Magno e do azeite mágico de Syrakôê, desafiarei todos os piratas da região... Adeus, Estefaninha... Lembre-se de Luquin!

Assim dizendo, o digno capitão apertou na sua, vigorosa, a alva mãozinha de Estefaninha, e afastou-se depressa temendo deixar transparecer uma emoção que desejava occultar, como se fôsse indigna dêle.

A moça seguiu o mais que pôde, com o olhar, o noivo, e voltou tristemente à Casa-Forte de Raimundo V, Barão des Anbiez, aonde chegou, ao cair da noite.

CAPÍTULO V

A Casa-Forte

A CASA-FORTE, ou castelo des Anbiez, erguia-se à beira do mar. Nas tormentas, as vagas chocavam-se contra a base de uma espécie de terraço ou para-peito que avançava bastante na costa, para proteger a entrada do pôrto da Ciotat e uma enseadazinha em que se viam, ancorados, vários barcos de pesca e a tartana de passeio de Raimundo V.

O aspecto do castelo não oferecia nada de notável. Construído pela metade do século quinze, era de arquitetura maciça. Duas tôrres de telhado pontudo flanqueavam

o corpo principal exposto ao sul e dando para o mar. As grossas paredes, feitas de grés e de granito, eram cinzentas-avermelhadas e irregularmente interrompidas por raras janelas parecidas a seteiras.

Sômente as janelas de uma galeria que, no primeiro piso, atravessava o castelo em tôda a sua extensão, eram grandes e curvadas.

Três delas se abriam para um balcão ornado de bellissima grade de ferro lavrado, no meio da qual estavam encaixadas as armas do barão, que voltavam a exhibir-se no entablamento da porta principal.

Uma escadaria de vários degraus descia ao terraço.

As necessidades das guerras civis e religiosas do fim do século anterior e o incessante temor dos piratas haviam transformado em parapeitos armados e ameaçados o terraço que se estendia paralelamente à fachada do castelo, e se unia ao pé das tôrres por dois recessos em ângulo reto.

Algumas velhas laranjeiras de tronco negro e fôlhas lustrosas testemunhavam ainda o antigo destino da esplanada, outrora risonha superficie, mais duas guaritas de vigias, alguns depósitos de balas, oito falconetes, duas peças de quatro nas suas carrêtas, e uma colubrina giratória mostravam que a Casa-Forte do Barão des Anbiez se mantinha em excelente estado de defesa.

A posição do castelo era mais importante ainda pelo fato de a enseada por êle dominada, assim como o golfo da Ciotat, ser o único ponto em que os navios podiam ancorar, não oferecendo o resto da costa senão rochedos inacessíveis.

A fachada do castelo des Anbiez, que dava para o norte e, por conseguinte, para o lado da terra, oferecia visão assaz pitoresca.

Vários apêndices irregulares, acrescentados ao edifício principal, segundo as diferentes necessidades dos sucessivos proprietários, rompiam a monotonia das linhas.

As cavalariças, o canil, o redil, o recinto comum dos servidores, o alojamento dos lavradores e dos caseiros, formavam o círculo de uma espécie de imenso pátio, com duas fileiras de sicômoros, ao qual se chegava por uma ponte levadiça colocada sôbre um largo e profundo fôssô.

A ponte era levantada tôdas as noites, e uma poderosa porta de carvalho sólidamente escorada pelo lado de dentro punha a pequena colônia ao abrigo, durante a noite.

Tôdas as janelas dos vários apêndices davam para o pátio, com exceção de algumas trapeiras, firmemente protegidas por grades, que davam para o campo.

A Casa-Forte e as suas dependências continham cerca de duzentas e cinquenta pessoas, domésticos, caseiros, lavradores e pastores.

Entre elles, encontravam-se uns sessenta homens dos trinta aos cinquenta anos, cuja maioria fôra habituada ao manejo das armas durante as guerras civis de que muitas vêzes participara o impetuoso barão.

Realista e católico, Raimundo V sempre montara a cavalo, quando se tratara de defender, contra os governadores ou contra os seus delegados, as velhas franquias e os direitos adquiridos da Provença, da qual os reis da França não eram reis, mas simples *condes*.

Os intendentess da justiça ou os presidentes das côrtes, sempre incumbidos de recolher os impostos e anunciar aos estados reunidos o montante das contribuições voluntárias que a Provença devia oferecer ao soberano, eram quase sempre as primeiras vítimas daquellas revoltas contra a autoridade real, iniciadas e levadas avante ao grito de: Viva o rei!

Em tais circunstâncias, o velho Raimundo V era dos primeiros em se insurgir. Por ocasião das últimas rebeliões dos Cascaveoux¹, ocorridas dois anos antes, ninguém gritara mais retumbantemente *Viva o rei, Fuoro Eleus*, ninguém agitara mais furiosamente e mandara que os seus agitassem a sinêta que servia de sinal aos rebeldes.

Nisso, mostrava-se o barão digno filho de seu pai Raimundo IV, um dos gentis-homens mais gravemente comprometidos na rebelião dos *Razats*², eclodida durante o reinado de Henrique III, em 1578, e que só difficilmente foi abafada pelo Marechal de Retz.

1. Falava-se em tôda a Provença dos danos que os novos impostos íciam acarretar. Os impostos pesavam não sômente nos bens imóveis, mas também nos móveis e até no trabalho dos artesãos. Todos afirmavam ser preciso opor-se a tão perniciosa novidade. Mas acrescentavam: *quem começará a tocar o sino?* Houve os que prenderam uma sinêta, em provençal *cascaveou*, na extremidade de uma correia de couro, e, reunindo grande número de tais sinêtas, marcadas na extremidade da correia com o timbre de cêra da Espanha do que era chefe da companhia, dividiram-nas com os que desejavam unir-se a elles, contanto que, onde quer que ouvissem falar de eleições e de eleitos, fizessem tinir os cascaveoux, gritando ao mesmo tempo *vive le roi, fuoro eleus*. Daí, o nome de cascaveou dado ao que se insurgia, naquela época, na Provença. Daubray, intendente da justiça em Aix, primeira vítima, transferira a câmara das contas de Aix a Toulon. Para ali foi enviado o Príncipe de Condé e tôda a nobreza da Provença. (Bouche, vol. IV, liv. 12).

2. O Conde de Carces, grão-senescal da Provença, concedeu tal liberdade aos homens de guerra para a cobrança dos impostos, que elles estabeleciam grandes violências onde quer que se instalassem, e arrebatavam os bens dos habitantes por onde quer que passassem. Daí o nome de *Razats* aos pobres despojados dos seus haveres, como se a navalha (*rasoir*) lhes tivesse raspado a cabeça (História da Provença, liv. X, pág. 667, Honoré Bouche, in-fº, vol. I).

O barão via, impaciente, a onipotência do Cardeal de Richelieu crescer em prejuízo da autoridade real e o soberano desaparecer na sombra do primeiro ministro.

Haviam-se manifestado no Languedoc e na Provença alguns movimentos em favor de Gastão de Orléans, irmão de Luís XIII, oposto pela facção realista ao cardeal.

É indubitável que, sem o temor causado pelos piratas da costa, o barão teria tomado parte ativa em tais meneios. Mas, obrigado a concentrar as suas forças para defender a casa e as propriedades, contentou-se com declamar violentamente contra o cardeal, sobretudo após ter este cedido ao Marechal de Vitry o governo da Provença.

As importantes funções tinham sido, até então, desempenhadas pelo Duque de Guise, almirante do Oriente, o qual, com grande júbilo dos provençais, e depois de inúmeras vicissitudes, substituíra o Duque d'Épernon.

O velho urso foi, assim, devorado pelo jovem leão, diz no tocante a esse ponto César de Nostradamus, celebrando a nomeação do jovem príncipe loreno para o importante posto.

Quando o Marechal de Vitry foi promovido ao cargo de governador da Provença, a nobreza indignou-se, pois fôra a custo que um membro da casa de Lorena lhe parecera digno de preencher a dignidade, ordinariamente reservada aos príncipes de sangue.

A propósito de Luís Galluccio de l'Hospital, marquês e depois duque de Vitry, e para darmos uma idéa dos modos de ver tão diversos, segundo os tempos e os costumes, faremos notar que o Cardeal de Retz, sem, aliás, censurar de Vitry por ter sido um dos assassinos do Marechal d'Ancre, diz simplesmente dêle: "Era senhor de pouco senso, mas corajoso até a temeridade, e a incumbência que *tivera de matar* o Marechal d'Ancre lhe dera no mundo *certo ar de negócio e ação*."

O Barão des Anbiez, não obstante as suas veleidades de independência e rebelião, era o melhor, o mais generoso dos homens.

Adorado pelos aldeões dos seus domínios, reverenciado pelos habitantes da cidadezinha da Ciotat, que sempre o tinham visto disposto a lhes dirigir as forças, e a ajudá-los na defesa contra os piratas, exercia verdadeira influência nas cercanias.

Enfim, a sua vigorosa opposição a algumas ordens de de Vitry, que lhe pareciam ir de encontro às franquias da Provença, fôra por todos aprovada.

Quando Estefaninha voltou à Casa-Forte, o sol ia pôr-se. O primeiro cuidado da moça foi correr para a Srta. Reine des Anbiez.

Esta ocupava habitualmente um aposento situado no primeiro piso de uma das torres do castelo.

O aposento, redondo, servia-lhe de sala de estudo, e fôra cuidadosa e requintadamente mobilado.

O barão, idolatrador da filha, consagrara àquela arranho interno elevada quantia. As paredes circulares desapareciam sob preciosa tapeçaria flamenga, de fundo verde, com desenhos mais escuros, realçados por um filê de ouro.

Notava-se, entre outros móveis, uma estante de livros de nogueira curiosamente esculpida no gôsto da Renascença, e incrustada de mosaicos de Florença.

Um valioso e espêsso tapête turco cobria o soalho. Os intervalos que separavam as pranchas do piso eram de um azul profundo, semeados de arabescos de ouro delicadamente trabalhados.

Uma lâmpada de prata pendia da trave principal por uma corrente também de prata. O formato de tais lâmpadas, ainda usadas em algumas aldeias da Provença, era simplicíssimo. Compunham-se de um quadrado de metal, cujas bordas, reviradas para cima, a uma altura de uma polegada, continham o azeite, e formavam em cada ângulo uma espécie de bico, por onde saíam as mechas.

Finalmente, sôbre uma mesa de pernas tortas, colocada no vão profundo da janela, via-se um alaúde, uma tiorba, e vários trabalhos de tapeçaria iniciados.

Dois retratos, um de mulher, outro de homem, usando os trajes do reinado de Henrique III, estavam colocados acima da mesa, e eram iluminados de esguelha por pequeninos vitrais com moldura de chumbo, que guarneciam a longa e estreita janela.

Para remediar a falta de chaminé, havia, num canto do aposento, um grande braseiro de cobre cinzelado com gôsto, e suportado por quatro possantes garras. Continha um recipiente de cinzas e de brasas, onde fumegavam alguns raminhos de giestas odoríferas.

Reine des Anbiez usava um vestido de sêda de Tours, escuro, bastante longo, de mangas e corpete justos. Os belos cabelos castanhos estavam protegidos por uma rêde de sêda púrpura.

Quando Estefaninha entrou, encontrou a ama num estado de extraordinária agitação. Reine tinha as faces coradas, e o rosto denotava surpresa, quase terror.

Agarrando febrilmente a mão de Estefaninha, conduziu-a para perto da mesa e disse-lhe:

— Olhe!

O objeto que ela mostrava a Estefaninha era um pequeno vaso de cristal de rocha.

Do pescoço elegante e alongado saía uma espécie de lírio alaranjado, cujo cálice, azul-escuro, deixava ver flexíveis pistilos esbranquiçados. A brilhante flor exalava um perfume delicioso, comparável a um misto de baunilha, limão e jasmim.

Estefaninha, batendo as mãos, admirada, exclamou:

— Ah, senhorita, que flor bonita! Foi um presente do cavaleiro de Berrol?

Ouvindo o nome do noivo, Reine corou, para logo em seguida empalidecer. Depois, sem responder a Estefaninha, pegou o vaso com medo, e mostrou-lhe uma figurinha esmaltada, representando uma pomba branca de bico rosado, asas abertas, segurando entre os pésinhos purpúreos um ramo de oliveira.

— Nossa Senhora! gritou Estefaninha, com espanto. É o retrato do alfinete de esmalte que o jovem atrevido lhe furtou nos rochedos de Ollioules, após salvar a vida de monsenhor!

— E quem terá trazido para cá este vaso e a flor? perguntou Reine, sacudindo a cabeça, aterrorizada.

— Então não sabe, senhorita?

Reine, empalidecendo, respondeu com um gesto da cabeça.

— Santa Virgem, há feitiçaria nisso! disse Estefaninha, recolocando depressa o vaso sobre a mesa, como se lhe estivesse queimando a mão.

Reine, mal contendo a emoção, explicou-lhe:

— Há pouco, saí para ver meu pai montar a cavalo. Passeei até o cair da noite na aléia da ponte levadiça. Ao voltar, encontrei esta flor sobre a mesa... O meu primeiro ímpeto foi supor, como você, que me fôra trazida ou enviada por de Berrol, embora, nesta estação fria, me parecesse um milagre. Perguntei se o cavaleiro estivera na Casa-Forte. Responderam-me que não. Aliás, a chave do aposento estava comigo.

— Senhorita... nesse caso é verdadeira bruxaria!

— Não sei o que pensar!... Examinando mais atentamente o vaso, notei a impressão esmaltada representando o alfinete que...

Os rápidos movimentos do seio traíam a violenta emoção que lhe causava a lembrança da estranha jornada, na qual o estrangeiro ousara beijá-la.

— É preciso consultar o capelão ou o vigia, senhorita! disse Estefaninha.

— Não... não! Cale-se... Não divulguemos este mistério que me espanta. Esperemos... Examine bem a vizinhança deste aposento. Talvez, descubramos alguma coisa.

— Mas a flor! Mas o vaso, senhorita!

Como resposta, Reine atirou a flor ao braseiro.

Dir-se-ia que a pobre plantinha se retorcia dolorosamente sobre os carvões ardentes. O ligeiro assobio produzido pela parte aquosa da haste que se vertia, parecia um triste queixume.

Dali a pouco, só se viam cinzas.

Reine abriu a janela que dava para a esplanada, e jogou fora o vaso de cristal que se despedaçou no para-peito, indo os pedaços cair no mar.

No mesmo instante, ouviram-se pesados passos ressoando nas lajes da escada, e a voz algo enrouquecida de Raimundo V chamou alegremente a filha:

— Venha ver êsse diabo de *Mistral*!

— Não diga uma palavra disto a meu pai, recomendou Reine a Estefaninha, pondo um dedo sobre os lábios.

E desceu ao encontro do excelente gentil-homem.

CAPÍTULO VI

A ceia

MAL conseguindo ocultar a emoção, Reine uniu-se ao pai.

Raimundo V beijou ternamente a testa da filha, e, apoiando-se ao seu braço, desceu os últimos degraus da escada da torre. Usava um velho traje verde de caçador, com enfeites dourados, calças escarlates, grandes botas de carneira, cobertas de lama, e longas esporas de ferro. Segurava na mão o chapéu cinzento, pois, não obstante o frio bastante intenso, a sua testa, requeimada e sulcada, estava coberta de suor.

No pátio do castelo, à luz de um archote, um criado segurava pelas rédeas o feroz *Mistral*, cujos flancos estavam úmidos.

Um grande lebrê negro de longos pêlos e um cãozinho fraldiqueiro, branco-alaranjado, achavam-se deitados aos pés do garanhão da Camargue.

O lebrê parecia ofegante. As orelhas atiradas para baixo, a garganta entreaberta e cheia de baba, os olhos semicerrados, a febril pulsação dos flancos, a respiração entrecortada, tudo anunciava que acabava de realizar uma veloz corrida.

A vista de *Mistral*, lembrando-lhe a cena dos rochedos de Ollioules, mais ainda aumentou a perturbação de Reine. Mas o barão era tão pouco clarividente, o êxito da caçada de que pretendia vangloriar-se de tal modo o preocupava, que nada percebeu da extrema agitação da filha.

Desatando uma correia que suspendia uma lebre ao arção da sela, apresentou orgulhosamente o animal a Reine, sopesando-o e dizendo:

— Você acredita que *Raio* (ouvindo êsse nome o lebrão, sem cessar de arfar, ergueu a longa cabeça, delicada e inteligente), você acredita que *Raio* capturou esta lebre em treze minutos, nos bosques de Savenol? Foi o velho *Giesta* (por sua vez, o fraldiqueiro ergueu a cabeça), que a levantou. A velocidade dêste demônio de *Mistral* é tamanha que não perdi *Raio* de vista senão o tempo necessário para escalar a colina das Pedras Negras... Fiz assim, tenho certeza, mais de légua e meia.

— Meu pai... Como ousa montar ainda êste cavalo, após o espantoso perigo que êle o fêz correr!

— Ora! exclamou o velho gentil-homem, com cômica gravidade. Não se dirá que Raimundo V se curva perante um dêsses filhos indômitos da Camargue.

— Mas, meu pai...

— Mas, minha filha, não me curvarei nem na terra nem no mar, digo-lhe, porque acabo de visitar as almadrasas que os engraçadões da Ciotat pretendem impedir-me de colocar na enseada, fora dos rochedos de Castrempaou. Neste momento, avistei-me com o cônsul Talebard-Talebardon montado na sua hacanêia. Falamos da questão. Pois não teve o atrevimento de me ameaçar com o tribunal dos pescadores... do qual é síndico o vigia!... Ora! Ri-me tanto, que o demônio do *Mistral*, valendo-se da minha distração, partiu como flecha!

— Outros perigos, meu pai. Êste cavalo lhe será fatal, um dia!

— Tranqüilize-se, minha filha; embora não possua um pulso firme como o do jovem moscovita semi-selvagem que tão hábilmente deteve *Mistral* à beira do precipício, a vara, as rédeas e as esporas sempre vencerão as artes de um cavalo vicioso. Mas permita-me, formosa castelã, que lhe ofereça o pé do animal que agarrei.

Assim dizendo, tirou uma faca, cortou a pata direita da lebre e ofereceu-a galantemente à filha que, embora com certa repugnância, pegou aquêle troféu de caça.

Mistral foi reconduzido à cavalariça, mas *Raio* e *Giesta*, favoritos do barão, o seguiram, lado a lado, passo a passo, enquanto, apoiado ao braço de Reine, fazia o que êle chamava de inspeção da noite, aguardando a hora da ceia.

Os lavradores e os ajudantes, de volta dos campos, dedicavam-se às ocupações da vigília de inverno, num enorme estábulo quente e bem fechado.

As mulheres, ao lado das moças, fiavam; os homens consertavam as suas rédes, os seus instrumentos de lavoura ou limpavam armas. Mestre Laramée, velho sargento da companhia franca, organizada por Raimundo V por ocasião das divergências civis, e então mordomo e comandante superior da guarnição do castelo, exigia que alguns dependentes do barão, que se incumbiam, alternadamente da vigia no terraço à beira do mar, fôsem militarmente armados.

Outros pintavam com as cores do barão (vermelho e amarelo) compridas lanças destinadas às justas na água, ou estacas empregadas no salto da barra, habituais divertimentos das festas de Natal.

Alguns, ocupados em atividades mais sérias, preparavam os grãos destinados às sementeiras tardias; outros trançavam cuidadosamente cestos de junco destinados a conter os *calênos* ou presentes de frutas trocados no Natal.

Os trabalhos eram às vezes alegrados por canções do país, outras acompanhados de uma lenda maravilhosa ou de espantosa narração das crueldades dos piratas.

Numa sala superior repleta de frutas, meninos e velhos se entretinham em ajustar as longas grinaldas de cachos de uvas que pendiam das traves do fôrro, ou encerravam em cestos os perfumados figos que secavam em sebes de palha.

Mais distante, via-se a rouparia, onde as lavadeiras, sob a inspeção imediata de Dulcelina, dispenseira, se ocupavam da roupa do castelo e a perfumavam, pondo-lhe entre as pregas mais alvas que a neve fôlhas de erva aromática.

Freqüentemente, a voz áspera de Dulcelina, abafando as alegres canções, reprendia algumas preguiçosas.

Ao lado da rouparia, achava-se, enfim, a farmácia do castelo, onde os aldeões das cercanias encontravam todos os remédios indispensáveis.

A farmácia estava às ordens do capelão do castelo, o Padre Mascarolus, velho e excelente sacerdote, angélicamente piedoso, e senhor de rara ingenuidade. Possuía extensíssimos conhecimentos médicos, e acreditava firmemente na eficácia da estranha farmacopéia da época.

Não obstante a contínua apreensão dos piratas, todos os habitantes da Casa-Forte partilhavam da alegria, por assim dizer, tradicional, causada na Provença pela aproximação do Natal, a mais ruidosa solenidade do ano.

Tôdas as noites, antes da ceia, o barão, acompanhado pela filha, fazia a sua inspecção, ou seja, percorria o teatro das occupações tão diversas com que entretivemos o leitor, falando familiarmente com todos, acolhendo pedidos, queixas, impacientando-se às vêzes, resmungando outras; mas sempre justiceiro e bondoso fazia esquecer imediatamente, com a sua cordial bonomia, os ímpetos de vivacidade.

Raimundo V valorizava grande parte dos seus domínios. Conversava longo tempo, durante o serão, com os principais pastôres, vinhateiros, lavradores e ajudantes, visitava pessoalmente as cavalariças e os estábulos, persuadido da sabedoria dêstes dois provérbios provençais dignos do vigia do cabo da Águia; *Luei docu mestre engraisso lou chavaou*, (O ôlho do amo engorda o cavalo), *Bouen pastre, bouen ave*, (Bom pastor, bom rebanho).

O velho gentil-homem terminava ordinariamente a inspecção por uma visita à farmácia, onde se lhe deparava o Padre Mascariolus, que lhe apresentava uma espécie de estado sanitário da saúde dos habitantes do domínio.

No dia de que falamos, Raimundo V chegou à farmácia, acompanhado de Reine, passando pela rouparia. Em quase tôdas as partes do castelo, ferviam os preparativos para a festa de Natal; mas a confecção da peça mais importante da solenidade estava reservada aos cuidados da venerável Dulcelina, que rogara ao padre lhe desse alguns conselhos.

Tratava-se do Presépio, espécie de quadro em relêvo e colorido, que, no Natal, era pôsto no quarto mais lindo da habitação, castelo, casa ou cabana.

O quadro representava o nascimento do menino Jesus. Via-se o estábulo, o boi, o burro, São José, a Virgem tendo no regaço o Salvador do mundo.

Tôdas as famílias, pobres ou ricas, faziam questão de ter um presépio mais ou menos esplêndido, ornado de grinaldas de fôlhas, lantejoulas, e sobretudo magnificamente iluminado por velinhas que o rodeavam.

Raimundo V, entrando na rouparia, ficou surpreso por não ver Dulcelina. Tôdas as lavadeiras fizeram respeitosa reverência ao barão, que perguntou onde se achava a dispenseira.

— Monsenhor, respondeu uma moça de olhos negros e faces côr de romã, a Srta. Dulcelina está na sala dos filtros, com o padre e Thérèson. Proibiu que entrássemos, pois está trabalhando no presépio.

— Diabo! murmurou o barão. Sinto ter de interrompê-la, mas a ceia está pronta, e é preciso que o padre nos reze a oração.

Avançou para a porta fechada pelo lado de dentro e bateu.

— Vamos, vamos, senhor padre, a ceia está pronta, e eu tenho uma fome dos diabos!

— Permita-me... um momento, monsenhor, respondeu Dulcelina. Ainda não podemos abrir. É um mistério!

— Ah, ah, senhor padre! Apanhei-o em flagrante! O senhor tem mistérios com Dulcelina, disse alegremente o velho gentil-homem.

— Ah, monsenhor, Deus nos livre! Thérésou está conosco! exclamou a venerável senhorita, ferida pelo gracejo do barão.

Abrindo precipitadamente, mostrou um rosto pálido, enrugado, emoldurado por um capuz branco, tudo digno do pincel de Holbein.

O padre, homem de uns cinqüenta anos, de batina negra e chapéu da mesma côr, possuía rosto meigo e ingênuo.

Thérésou, no momento em que o barão entrou, acabava de ocultar debaixo de um grande pano o misterioso presépio.

O barão, aproximando-se, ia temerariamente erguer o pano, quando Dulcelina gritou em tom de súplica:

— Ah, monsenhor, deixe-nos o prazer de surpreendê-lo! Pode ter a certeza de que jamais presépio mais lindo ornou a grande sala da Casa-Forte, e há motivo para isso, Nossa Senhora, uma vez que o comendador e sua reverência o Padre Elzear devem vir de países longínquos assistir ao Natal!

— Ora, sentir-me-ia infelicíssimo se não viessem, retrucou o barão. Há dois anos que meus pobres irmãos não passam uma noite nem um dia na casa de nosso pai, e por São Bernardo, meu padroeiro, Deus nos concederá a graça de nos reunirmos desta feita.

— Deus o ouvirá, monsenhor, e eu uno as minhas preces às suas, interveio o padre, acrescentando: Monsenhor, a caça deu bom resultado?

— Boníssimo, senhor padre, veja!

E o barão pegou a pata de lebre que Reine ainda segurava, para mostrá-la.

— Se a senhorita não fizer questão, disse o padre, eu lha pediria para a minha farmácia, rogando, todavia, a monsenhor que me esclareça se se trata da pata direita ou da pata esquerda.

— Que pretende fazer disso, senhor padre?

— Monsenhor, respondeu o bom Mascarolus, mostrando um volume aberto sobre a mesa, recebi ontem êsse

livro, de Paris. É o diário de de Maucaunys¹, varão singularmente ilustre e sábio; li na página 317: "Receita para a gôta. Coloquem-se contra a coxa, entre as calças e a camisa, no lado doente, duas patas de lebre morta entre a Nossa Senhora de setembro e o Natal, mas com a importante observação de ser necessário servir-se da pata esquerda traseira, se é o braço que está doente, e da pata direita dianteira, se é a perna ou a coxa esquerda que está doente. O mal cessará imediatamente."

— Ora, senhor padre! exclamou o barão, desatando a rir estrondosamente. Eis um belo descobrimento! Daqui por diante os caçadores gatunos dirão que são farmacêuticos e que matam as lebres apenas para arranjar uma reserva de remédios contra a gôta!

O bom sacerdote, embaraçado com a ironia do barão, continuou a ler para readquirir o domínio, e acrescentou: Vejo mais longe, senhor barão, na página 177: "Os bichos-de-conta aplicados aos rouxinóis hidrópicos os curam imediatamente."

Aí, redobram as gargalhadas do gentil-homem. A própria Reine, apesar da sua preocupação, não pôde deixar de imitar o pai.

O Padre Mascarolus sorriu docemente e suportou a zombaria com resignação cristã, não tentando sequer defender as suas receitas empíricas para as quais, aliás, se encontrariam freqüentes analogias nos livros mais seriamente escritos em torno da arte de curar da época.

Raimundo V ia ceder a novo acesso de alegria, quando Laramée, simultaneamente mordomo, criado-mor e capitão da Casa-Forte, veio anunciar-lhe que a coia o aguardava havia bastante tempo.

Laramée, que vimos constituir a vanguarda da escolta do barão nas gargantas de Ollioules, tinha fisionomia de verdadeiro soldado; a sua tez côr de vinho, a voz rouca, os cabelos brancos e rasos, o longo bigode grisalho, e as suas constantes blasfêmias nem sempre eram do agrado de Dulcelina.

Dulcelina acolheu a entrada do mordomo no santuário do padre com uma espécie de resmungo surdo que se trans-

1. *Diário das viagens de M. de Maucaunys*, conselheiro do rei nos seus conselhos de estado e privado, e lugar-tenente criminal da corte de Lião, onde os sábios encontrarão enorme número de novidades em construções matemáticas, experiências físicas, raciocínios de filosofia, curiosidades de química, além da descrição de vários animais e plantas raras, e diversos segredos para o prazer da saúde, etc., e o que há de mais digno do conhecimento de um homem honrado nas três partes do mundo. (Paris, Louis Frelaine, 1631).

formou em guincho, quando viu Laramée aproximar-se indiscretamente do pano que cobria o misterioso presépio e tentar erguê-lo.

— Como... como, Laramée! interveio o barão. Quer ser mais privilegiado do que seu próprio amo, e ver as maravilhas que Dulcelina oculta aos nossos olhos? Vamos, pegue esta lâmpada e alumia-nos o percurso, veterano!

Depois, voltando-se para Mascarolus, acrescentou:

— Já que, segundo o seu lindo livro, os bichos-de-conta curam os rouxinóis hidrópicos, convirá experimentar êsse remédio neste velho, incessantemente ameaçado de hidropsia, pois não passa de um verdadeiro odre, sempre cheio de vinho, até estourar... É verdade que do rouxinol só tem o hábito de cantar de noite, e o diabo sabe que canções!

— Sem mencionar, monsenhor, que canta com voz capaz de despertar o castelo inteiro e fazer fugir os *buon-voli*² do tópo da velha torre, acrescentou a dispenseira.

— Tão certo, que hoje de manhã bebi dois copos de Saouvo-Christian³. Os xofrangos sabem o que fazem em matéria de corujas, minha querida Dulcelina! exclamou o mordomo com ar de troça, passando, com a lâmpada, à frente da superintendente da rouparia.

— Monsenhor, disse ela, não ouviu a insolência de mestre Laramée?

— Será vingada, meu bem, porque vou obrigá-lo a beber uma pinta de água à sua saúde. Vamos, caminhe, mordomo... A *bouille-abaisse*⁴ está esfriando.

O barão, Reine e o padre abandonaram a farmácia, desceram uma escada bastante íngreme, e atravessaram a longa e escura galeria de união entre as duas alas da Casa-Forte. Entraram, então, numa enorme sala de jantar, brilhantemente iluminada por um bom fogo de faia, raízes de oliveira e pinhas, que espalhavam por toda parte um aroma balsâmico.

A imensa chaminé com grande ressalto de pedra, grades de ferro, para a lenha, fumegava um pouco, mas em compensação as janelas de moldura de chumbo e as pesadas portas de carvalho não fechavam o recinto bastante hermeticamente para que a fumaça não se escapulisse pelas numerosas frestas.

2. Apelido provençal da coruja. Dizia um preconceito popular que êsses animais iam beber o azeite das lâmpadas fúnebres das igrejas (Ville-neuve, "Estatística das Bôcas do Ródano").

3. Salva-cristão. Aguardente na qual se colocam grãos de uva com ervas aromáticas.

4. Iguaria predileta dos provençais, espécie de sopa de peixe.

O vento do norte, introduzindo-se por essas aberturas, silvava, formando côro com o alegre crepitar da faia e dos ramos de oliveira.

As paredes simplesmente caiadas, assim como o fôrro de grossas vigas de carvalho negras e salientes, não tinham por ornamento senão algumas peles de rapôsa, de texugo e de lobo, simêtricamente dispostas e pregadas pelos cuidados do mordomo.

Nos intervalos entre as várias peles, viam-se linhas de pescar, armas de caça, látegos, varetas, e, como curiosidades, umas rédeas mouriscas com o seu freio cortante e os seus tufos de sôda carmesim.

Sôbre um aparador de carvalho, de belíssimos contornos, via-se antiga e pesada baixela de prata, cuja riqueza contrastava singularmente com a rusticidade quase selvagem da sala.

Grandes jarras de cristal branco estavam cheias de generosos vinhos da Provença e do Languedoc. Algumas garrafas continham vinhos da Espanha, vindos com muita facilidade e rapidez de Barcelona, em navios costeiros.

Vários criados camponeses, usando casacas de sarja parda, serviam sob as ordens do mordomo. As librés de côres do barão só abandonavam o vestiário nos dias de festa.

A mesa oblonga, colocada bem perto da lareira, repousava sôbre um grosso tapête de esparto. O resto da sala estava coberto de lajes de grés.

Na extremidade da mesa, via-se a poltrona com o brasão de armas de Raimundo V, tendo à direita a poltrona da filha, à esquerda a poltrona do forasteiro, uso de uma hospitalidade comovedora.

Logo a seguir, vinha o lugar do capelão.

A mesa estava delicada e abundantemente servida.

Em tórno de uma enorme sopeira de *bouille-abaisse* composta de excelentes moréias da Ciotat, postas de espadarte e tâmaras de mar, viam-se galinhas selvagens dos Pireneus rodeando um pato selvagem perfeitamente assado. No outro lado, uma costeleta de carneiro de três meses e um cabrito de um mês justificavam com o seu aroma apetitoso o provérbio culinário: *Cabri d'un mes, agneou de tres*, cabrito de um mês, carneiro de três. Mariscos de tôda espécie, tendo sobretudo o gôsto de rocha, como dizem os provençais, enchiam os intervalos deixados pelas substanciosas iguarias.

Finalmente, guloscimas bem salgadas e condimentadas, como camarões, lagostas, alcachôfras, aipos e funchos crus,

formavam uma reserva impressionante que Raimundo V chamava em auxílio, para excitar a sede quando ela começava a se acalmar.

Tal profusão, que parece enorme à primeira vista, se explica facilmente pela abundância dos recursos do país, pelo costume hospitaleiro da época e pelo grande número de pessoas que um nobre da época tinha de nutrir.

Feita a oração pelo digno Padre Mascarolus, o barão, a filha e êle sentaram-se à mesa. Laramée postou-se, como habitualmente, atrás da poltrona do amo.

CAPÍTULO VII

O noivo

O BARÃO, mal se sentou, exclamou:
— Ora, ora! Onde está a minha cabeça? E Honorato não devia vir cear conosco?

— Ontem, pelo menos, no-lo prometeu, retrucou Reine.

— E você está triste por êle ter faltado à palavra! Que horas são, Laramée?

— Monsenhor, acabo de postar os dois sentinelas no parapeito.

— Quer dizer que já são oito horas, não é verdade, senhor capitão? replicou alegremente o barão ao mordomo, estendendo o copo.

— Sim, monsenhor, oito horas passadas.

— E isso! exclamou o velho gentil-homem, recolocando o copo na mesa, sem o ter esvaziado. Tomara que nada tenha succedido a Honorato!

— Meu pai, se enviássemos alguém imediatamente a cavalo para o lado de Berrol! disse vivamente Reine.

— Tem razão, minha filha, seja como fôr, ficaríamos mais tranquilos. Não é que haja muito que temer, mas, de noite, o caminho dos pântanos e dos paus de Berrol não é seguro.

— Quem deverei mandar à presença do cavaleiro, monsenhor? perguntou Laramée.

O barão ia responder, quando o cavaleiro de Berrol surgiu precedido de um valete que segurava uma lâmpada.

— De onde diabo vem você, meu filho? perguntou-lhe o Sr. des Ambiez.

E estendeu a mão a Honorato, a quem chamava de filho, desde o dia em que ficara noivo de Reine.

— Encontrou, por acaso, a fada Esterela nos lodaçais do Berrol?

— Não, meu pai, estive na casa do Sr. de Saint-Yves, e depois...

Honorato, interrompendo-se para se aproximar da jovem, disse-lhe:

— Desculpe-me, Reine, o meu atraso.

Reine estendeu-lhe a mão com encantadora graça, retrucando-lhe em tom compenetrado, quase sério:

— Estou contente... muito contente por vê-lo, Honorato. Já nos sentíamos inquietos.

Houve naquelas poucas palavras, no olhar que as acompanhou, tal expressão de confiança, de meiguice, de solicitude, que o cavaleiro estremeceu de ventura.

— Vamos, vamos, sente-se à mesa! E agora que já fez as pazes com Reine, conte-nos o que o reteve na casa do Sr. de Saint-Yves.

O cavaleiro desembarçou-se da espada e do chapéu que entregou a Laramée, sentou-se ao lado do barão, e respondeu:

— O escrivão do almirantado de Toulon, que está percorrendo a província, acompanhado de um ajudante e de dois guardas do governador, foi, por ordem d'este último, visitar o castelo do Sr. de Saint-Yves.

— Safa! gritou o impetuoso barão. Estou certo de que deve tratar-se de alguma ordem insolente! O marechal, matador de favoritos, nunca dá outras ordens. E diz-se que o escrivão de Toulon é o pior biltre que jamais expediu ordem de prisão.

— Meu pai, acalme-se! suplicou Reine.

— Você tem razão... Vitry não merece tão generosa cólera. No entanto, é penoso para a nobreza provençal ver um homem d'esses exercer funções até aqui sempre atribuídas a príncipes de sangue. Mas vivemos num tempo singular. Os reis dormitam, os cardeais reinam, os bispos usam couraça e boldrié¹. Isso tudo não é perfeitamente canônico, senhor padre?

O bom Mascarolus não gostava absolutamente de se pronunciar de maneira precisa. Assim, limitou-se a responder com humildade:

— Sem dúvida, monsenhor, os cânones de João VIII e o texto de Santo Ambrósio proíbem aos prelados o uso das armas, mas, por outro lado, a glosa do concílio de Worms a tanto os autoriza (com aprovação do S. P.),

1. O bispo de Nantes, e o arcebispo de Bordéus exerciam importantes comandos militares. O segundo esteve à testa das froças da França de 1637 a 1638.

quando possuem domínios dependentes da coroa. Durante o reinado de Luís, o Moço, os bispos de Paris iam às batalhas. Hincmar e Hervien, arcebispo de Reims, conduziram as suas tropas, sob o reinado de Carlos, o Calvo, e, durante o reinado de Carlos, o Simples, Tristan de Salazar, arcebispo de Reims, armado de tôdas as peças, montando um excelente corcel, empunhando uma lança...

— Está bem, está bem, senhor padre, com a graça do cardeal, havemos de nos habituar a ver os santos bispos em roupa de soldado, com um capacete substituindo a mitra, por estola um casaco de pele de búfalo, por cruz uma lança, verter o sangue em lugar de água benta. Está bem, senhor padre. Sirva-nos de beber, Laramée! E você, Honorato, termine a sua história.

— Eis o fato, disse o cavaleiro. O escrivão Isnard, que, segundo afirmam, desconhece realmente a piedade pelos pobres, vinha em companhia de homens da justiça, informar-se do número de armas de guerra e da quantidade de munições possuídas pelo Sr. de Saint-Yves no seu castelo, a fim de preparar um relatório segundo as ordens do Marechal de Vitry.

O barão acabava de esvaziar triunfantemente o copo. Segurava-o ainda pelo pé, entre o polegar e o indicador da mão direita. Ouvindo tais palavras, imobilizou-se, fitando com estupefação Honorato, e enxugando maquinalmente com as costas da mão esquerda o bigode branco, embebido de vinho.

O cavaleiro, sem notar os sinais de assombro do barão, prosseguiu:

— Como o Sr. de Saint-Yves hesitasse em consentir no que exigia o escrivão, e como êste insistisse quase com ameaças, dizendo que agia por ordem do governador da província, em nome do cardeal, quis interferir, e...

— Como! Saint-Yves não mandou pregar os abutres pelos pés e pelas mãos à porta do castelo, para servirem de espantinho aos outros? perguntou o barão, rubro de indignação, e pondo com tal violência o copo sobre a mesa que êle se despedaçou.

— Meu pai! interveio Reine, inquieta, vendo as veias que saltavam na testa do barão. Meu pai, que lhe importa, afinal? Sem dúvida, o Sr. Saint-Yves acedeu às ordens do governador!

— Êle? Obedecer a tais ordens? protestou Raimundo V. Êle? Se tivesse tido essa covardia, e ousasse aparecer na primeira assembléia da nobreza de Aix, eu iria buscá-lo pela gola e o expulsaria a chicotadas da sala... Como! Um escrivão nas nossas casas-fortes contando as

nossas armas, a nossa pólvora, as nossas balas! Tal qual um oficial de justiça que conta as mercadorias de um negociante! Ora! Seria por ordem expressa e assinada do rei da França, nosso conde², que eu responderia a tal ordem a bons tiros de mosquete e falcnete.

— Mas, senhor... interrompeu-o Honorato.

— Visitar os nossos castelos! exclamou o barão, cada vez mais exasperado. Ah, já não basta ter pôsto à testa da velha nobreza da Provença um Vitry! Um assassino assalariado... É preciso ainda que êsse cardeal que o inferno confunda (ore por êle, senhor padre, que a necessidade é muita!) nos venha impor as mais humilhantes obrigações... Visitar as nossas casas! Ah, Vitry, você quer saber quantos tiros podemos dar! Pois bem! Venha sitiá-la porta dos nossos castelos e o saberá!

De repente, voltando-se com vivacidade para Honorato:

— Mas, que fez Saint-Yves?

— Senhor, no momento em que o deixei, propunha entrar num acôrdo, preparando êle próprio o inventário exigido, para enviá-lo diretamente ao Marechal.

— Laramée, disse o barão, levantando-se subitaneamente da mesa, mande selar *Mistral*. Mande cinco ou seis dos seus homens montar a cavalo, arme-os bem, e apronte-se para seguir-me.

— Pelos céus, meu pai, que pretende fazer? gritou Reine, pegando-lhe uma das mãos.

— Impedir que Saint-Yves cometa uma covardia que desonraria tôda a nobreza da Provença... O bom homem está velho e fraco, não dispõe de muita gente... Deve ter-se deixado intimidar... Laramée, as minhas armas, e a cavalo... a cavalo!

— Com esta noite negra, com êstes maus caminhos, senhor? interveio Honorato, pegando-lhe a outra mão.

— Você me ouviu, Laramée! gritou Raimundo V, com voz autoritária.

— Mas, senhor... disse Honorato.

— Ora, meu rapaz! Faço o que você devia ter feito! Na sua idade, eu teria atirado pela janela o escrivão, o ajudante e os guardas do governador. Safa! O sangue dos pais não ferve nas veias dos moços!... Laramée, as minhas armas, e a cavalo!

Diante das censuras do barão, Honorato não respondeu. Abaixou tristemente a cabeça e olhou para Reine sacudindo a cabeça como para lhe dar a compreender o que havia de injusto e duro nas palavras do pai.

2. Os reis da França eram condes da Provença.

Reine compreendeu-o, sem dúvida. Enquanto Laramée se ocupava em tirar, de uma das panópias que ornavam a sala de jantar, as armas do amo, ela disse:

— Laramée, mande selar também a minha hacanéia. Acompanharei monsenhor...

— Que loucura! disse o barão, sacudindo os ombros.

— Loucura ou não, acompanhá-lo-ei, meu pai!

— Ora! Não... cem vezes não, você não me acompanhará... por semelhantes caminhos... e a estas horas!

— Acompanhá-lo-ei, meu pai... Bem sabe que sou voluntariosa e obstinada...

— Certamente... como as cabras... quando resolvem uma coisa. No entanto, espero que desta vez desista.

— Eu mesma mandarei preparar tudo para a minha partida, disse Reine... Venha, Honorato.

— Que loucura! É capaz de fazer o que diz! exclamou o barão. É isso, tenho sido demasiadamente bom, demasiadamente fraco com ela... e ela abusa!

Bateu o pé no chão com raiva. Depois, acalmando-se um pouco:

— Vejamos... Reine... minha filha, minha querida filha... seja sensata, uma corrida apenas e estarei ao lado de Saint-Yves, expulsarei os miseráveis a chicotadas, e voltarei...

Reine deu um passo em direção à porta.

— Honorato, ajude-me, que diabo! Você fica aí como um perfeito estafermo!

— Ah, meu pai... já se esqueceu de que, há pouco, chamou de covardia o seu procedimento prudente e firme nessa questão?

— Ele? Honorato? Meu filho um covarde?... Cor-taria a cabeça de quem ousasse dizê-lo... Se eu o disse, errei, e foi a raiva que me arrebatou... Honorato, meu filho...

Raimundo V abriu os braços a Honorato que a eles se atirou, dizendo:

— Creia-me, senhor, não dê essa caminhada. Meu Deus, daqui a pouco aquela gente estará aqui!

— Que diz?

— Amanhã de manhã, sem dúvida, eles estarão aqui... Nenhuma casa de nobres foi excetuada da medida.

— Estarão aqui amanhã! exclamou o barão com uma expressão de júbilo difícil de descrever. Ah, o escrivão virá aqui amanhã... ele que condenou às galés pobres diabos por crimes de contrabando de sal... Ah, virá aqui amanhã! Graças a Deus! Isso me devolve a alegria. Laramée, não mande selar os cavalos... Não, não. Sô-

mente amanhã, ao raiar do dia, prepare umas vinte boas varas de avelreira, pois esperemos que vamos partir muitas... Depois, arranje um balouço por cima do fôso, e... mas explicar-lhe-ei tudo, mais tarde, quando me deitar. Dê-nos de beber, Laramée, de beber! Dê-me a taça de meu pai e vinho da Espanha. É preciso beber com solenidade diante de tal notícia. Vinho de Xerez... para o diabo o vinho de Lamalgue... os homens do tiranete da Provença estarão aqui amanhã, e poderemos aplicar-lhes nas costas, à espera de coisa melhor, os loros à Vitry.

Assim falando, tornou o barão a sentar-se na poltrona, e todos ocuparam de novo os seus lugares com grande júbilo do pobre padre que, durante a cena, não ousara proferir uma palavra.

A ceia perturbada pelo incidente terminou com certa preocupação.

Raimundo V, pensando na recepção aos agentes do governador, interrompia-se a todo instante para falar baixinho ao ouvido de Laramée. Era fácil adivinhar o assunto daqueles colóquios secretos, vendo o ar profundamente satisfeito com o qual o velho soldado recebia as instruções do amo.

Como todos os homens de guerra, Laramée nutria um ódio instintivo contra os homens da lei, e não dissimulava a diabólica alegria, pensando nas boas peças de que seriam vítimas no dia seguinte, de manhã, o escrivão e o ajudante.

Reine e Honorato trocavam olhares inquietos... Conhecião o humor irascível e obstinado do barão, o seu gosto pela revolta e a sua aversão por de Vitry.

A jovem e o noivo temiam com razão que êle se deixasse levar a extremos perigosos. Recentes e terríveis exemplos tinham provado que Richelieu pretendia pôr um côbro à independência dos senhores e absorver, no poder real, bom número dos seus privilégios feudais.

Infelizmente, não era possível pensar em impedir que Raimundo V fizesse o que projetava. Além disso, as pessoas que dêle dependiam, saberiam secundá-lo até em demasia nos seus perigosos planos.

O bom Padre Mascarolus ousou proferir algumas palavras sôbre a obediência de que os próprios senhores deviam dar exemplo; mas com um olhar severo e irritado o barão cortou o sermão do sacerdote, o qual não teve ânimo nem sequer para defender o marechal, como defendera os prelados guerreiros.

O que espantou Reine foi que o pai, bebendo menos que habitualmente, se entregava a explosões de alegria quase extravagante, durante os seus apartes misteriosos a Laramée.

Terminada a ceia, por um velho e invariável costume de hospitalidade, o barão pegou uma lâmpada e, pessoalmente, conduziu Honorato de Berrol ao quarto que lhe estava destinado.

Como sempre, o jovem pretendeu valer-se da sua posição de noivo de Reine, para poupar aquêle ceremonial ao barão. Raimundo V respondeu também, como sempre, que após as festividades do Natal, ou seja, após o casamento de Honorato com Reine, o Sr. de Berrol, tornando-se-lhe filho, não mais seria tratado com formalidade. Até então, Raimundo V continuaria a ter pelo hóspede as mesmas atenções devidas a todo gentil-homem abrigado sob aquêle teto.

Reine voltou para o seu quarto, seguida de Estefaninha. O aposento situava-se perto do do pai; prestando atenção, notou ela, com grande pesar, que Laramée permanecia com o barão muito mais tempo que habitualmente. Deduziu que o barão prosseguia nos seus planos contra o escrivão e os homens da justiça. Finalmente, não obstante o adiantado da hora, ouviu o mordomo ordenar a dois dos homens do barão que montassem a cavalo para levar, dizia êle, *convites*.

Inquieta com as intenções do pai, despediu Estefaninha, e entrou no quarto de dormir.

Novo objeto de espanto, quase de terror, a aguardava.

CAPÍTULO VIII

O quadro

DEPOIS de fechar a porta de comunicação que dava para os aposentos do pai, Reine rumou maquinalmente para a mesa situada perto da janela. Qual não foi o seu assombro ao ver sôbre ela um quadrinho com uma moldura de filigrana de prata dourada.

O coração bateu-lhe violentamente, e ela lembrou-se do vaso de cristal. Um secreto pressentimento a advertiu de que aquêle quadro tinha misteriosa relação com a aventura dos rochedos de Ollioules.

Trêmula, aproximou-se.

A perfeição da miniatura pintada em pergaminho, a exemplo dos velhos manuscritos, era incrível.

Representava a cena das gargantas de Ollioules no momento em que o barão, apertando ao peito a filha, es-

tendia cordialmente a mão ao jovem desconhecido. Ao longe, num rochedo, Pog e Trimalcião, as duas estranhas personagens de que falamos, pareciam dominar a cena.

Embora Reine os tivesse visto apenas um momento, era tão impressionante a semelhança que ela os reconheceu sem tardança. Estremeceu, sem querer, diante do sinistro aspecto de Pog, sobretudo reconhecível pela longa barba ruça e pelo amargo sorriso que lhe contraía os lábios.

As feições do barão, as de Reine, eram fiéis, surpreendentes, embora os rostos não fôsem maiores que a unha do dedo mindinho. Estavam modeladas com uma delicadeza que se aproximava do maravilhoso.

Não obstante o inimitável talento de tão sedutora pintura, uma coisa esquisita, extravagante, lhe destruíra o efeito e o conjunto.

A postura, o porte, o costume de Erebo (o jovem desconhecido) estavam perfeitos. Mas a cabeça lhe desaparecia sob uma nuvenzinha, no meio da qual figurava ainda a pomba esmaltada, já reproduzida no vaso de cristal.

A omissão era estranha, talvez até premeditada, pois Reine, não obstante o seu estupor, não obstante o temor, não pôde deixar de invocar as suas lembranças para completar o retrato do desconhecido.

Não tardou em vê-lo com os olhos da mente... em vez de vê-lo no pergaminho.

Havia também, da parte do estranho, uma espécie de delicadeza em apagar as suas feições debaixo de um símbolo que representava, sem dúvida, ao seu pensamento a recordação mais preciosa daquele dia. Finalmente, talvez fôsse uma maneira de acalmar os escrúpulos da jovem, no caso de ela decidir examinar a pintura, pois as feições do desconhecido não estavam ali reproduzidas.

Para fazermos compreender a luta que se desenrolou no espírito de Reine, entre o desejo de conservar aquêlê quadro e a sua resolução de o destruir, temos de voltar um pouco e dizer algumas palavras do amor de Reine por Honorato de Berrol, e também dos sentimentos que a dominavam, após a aventura das gargantas de Ollioules.

Honorato de Berrol era órfão, e parente afastado de Raimundo V. Dispunha de considerável fortuna. Os seus bens abraçavam os do barão. Interesses comuns fortaleciam mais os laços existentes entre o cavaleiro e o velho gentil-homem.

Fazia uns dois ou três anos que Honorato visitava quase todos os dias a Casa-Forte. Era êle a retidão, a sinceridade, a honra personificada. A sua educação, sem ser bem cultivada, superava a da maioria dos rapazes da sua idade.

Dedicava-se ativamente ao governo dos seus bens. Eram notáveis a sua ordem e o seu espírito econômico, embora, nos momentos adequados, soubesse ser generoso.

Não tinha grande inteligência, mas sobrava-lhe bom-senso. O caráter, de encantadora doçura, tornava-se firme e decidido, quando o exigiam as circunstâncias.

O que predominava em Honorato de Berrol era uma perfeita exatidão de espírito. Pouco inclinado para o entusiasmo e o exagêro, limitado nos desejos, supremamente feliz pela posição de que desfrutava, aguardava com grande e tranqüilla alegria o dia do seu casamento com a filha do barão.

Não houvera naquele amor nenhuma fase romântica. Antes de ceder ao amor por Reine, expusera Honorato, francamente, os seus planos a Raimundo V, rogando-lhe que sondasse a disposição da filha.

O bom gentil-homem, pouco afeito aos meios-têrmos, respondera a Honorato que lhe convinha perfeitamente a aliança, e imediatamente comunicar à Srta. des Ambiez as pretensões do cavaleiro.

Contava, então, Reine dezesseis anos. Encantava-a o aspecto de de Berrol, cuja educação e cujas maneiras estavam muito acima das da maioria dos gentis-homens de campo que algumas solenidades reuniam na Casa-Forte.

Acolhera muito bem os projetos do barão. Este escrevera sobre o assunto aos dois irmãos, o Padre Elzear e o comendador, sem cujo conselho quase nada concluíra.

A resposta de ambos fôra favorabilíssima a Honorato. O barão anunciara-lhe que podia considerar Reine como noiva, e fixara o casamento para o Natal que se seguiria ao festejo dos dezoito anos da filha.

Haviam-se passado assim dois anos, no meio das doces esperanças daquele amor calmo e puro.

Honorato, sério e terno, começara imediatamente o seu papel de mentor, e, aos poucos, exercera grande e útil influência no espírito de Reine.

Raimundo V amava tão cegamente, tão loucamente a filha, que a feliz influência de Honorato a salvara da perigosa fraqueza do pai.

Tendo perdido a mãe, quando ainda se achava no berço, criada sob o olhar do barão por uma bondosa e honrada mulher, mãe de Estefaninha, Reine, felizmente dotada dos melhores instintos, jamais tivera outros guias que não fôsem a sua vontade e o seu capricho.

De imaginação viva, ardente, os seus juízos, as suas simpatias, as suas aversões eram freqüentemente exagerados. Assim, acolhia às vezes com impaciência e malicio-

sa ironia as sábias observações de Honorato, sempre dono de razão e de medida.

Imbuída de contos, de estranhas e românticas lendas, freqüentemente Reine, no pensamento, se vira heroína de estranhas aventuras.

Honorato, de um sópro, dissipava aquelas fantásticas visões, e repreendia na noiva, com graça e tacto, os devaneios.

Mas tão leves dissensões eram logo esquecidas. Reine confessava os seus erros com adorável franqueza, e a doce intimidade dos noivos crescia cada vez mais.

A sua revelia, Reine sofria cada vez mais a influência de Honorato; em lugar de se comprazer em vagos devaneios sem fim, de evocar eventos improváveis, aos quais se supusesse ligada, Reine ocupava o espírito com pensamentos mais graves, e cuidava do doce e tranqüilo porvir que lhe oferecia a sua união com Honorato. Reconhecia o nada das suas visões de outros tempos. Cada um dos seus passos no sábio e feliz caminho comprovava o progresso do seu amor ao cavaleiro de Berrol.

Enfim, o espírito e o caráter de Reine sofriam tão completa transformação que Raimundo V dizia, às vezes, gracejando, que a filha se lhe impunha, com a seriedade e a severidade do olhar, quando elle começava a ultrapassar um pouco os limites da temperança.

O sentimento de Reine por Honorato não era, pois, um amor apaixonado, febril, nutrito de dificuldades, de acasos, e inseguro do resultado; era uma afeição sincera, calma, sensata, na qual a jovem reconhecia, com terna veneração, a superioridade de razão do noivo.

Eis aí os sentimentos da Srta. des Ambiez, por ocasião do fatal encontro dos rochedos de Ollioules.

A primeira vez que viu Erebo, foi sob a influência de um profundo sentimento de gratidão. Elle acabava de salvar-lhe o pai.

Reine talvez não tivesse notado a surpreendente formosura do estrangeiro, sem as circunstâncias no meio das quais elle se lhe apresentara.

Mas elle acabava de arrancar o pai a um terrível perigo. Foi essa a mais poderosa sedução de Erebo.

Sem dúvida, o encanto cessou quando, após dizer algumas palavras aos companheiros, o desconhecido, mudando repentinamente de aspecto, tivera a audácia de roçar com os seus os lábios virgens de Reine.

As feições do desconhecido, que ela, pouco antes, achara extremamente belas, impressionantemente graciosas, haviam-lhe parecido, de súbito, desaparecer sob máscara insolente e libertina.

Depois, Erebo sempre lhe apparecera sob as duas fisionomias diversas.

As vèzes, ella se esforçava por banir da recordação o temerário que tão insolentemente lhe furtara um favor que, talvez, não tivesse concedido ao salvador do pai.

Outras, pensava, com um profundo sentimento de gratidão, que o pai devia a vida ao mesmo estrangeiro que, a princípio, se lhe afigurara tão corajoso e tão tímido.

Infelizmente para o repouso de Reine, Erebo reunia e justificava, por assim dizer, aquellas duas fisionomias distintas, e no seu pensamento ella alternadamente o admirava e desprezava.

Mas flutuava sem cessar entre os dois sentimentos.

O exagêro natural do seu caráter, mais adormecido que destruído, despertara com a estranha aventura.

As vèzes tinha a impressão de ver simultaneamente, no desconhecido, o gênio do bem e o gênio do mal.

Sem querer, o seu espirito ardente esforçava-se por penetrar o segredo daquelle duplo poder, e adivinhar qual das duas influências superava a outra.

Reine não notou a sua constante preocupação com aquêlle assunto senão pelas ternas censuras de Honorato de Berrol, que a accusava de desusadas distrações.

Pela primeira vez, sentia, quase com espanto, o dominio que a lembrança do desconhecido ia tomando no seu espirito. Resolveu fugir, mas, e assim devia ser evidentemente, a própria persistência que empregou no intento de expulsar Erebo do seu pensamento mais firmemente ali o estabeleceu.

Despeitada, chorou lágrimas amargas, orou, procurou um refúgio e uma distração na sábia e tranqüilla conversação de Honorato.

Nada logrou fazê-la esquecer o que se passara. Apesar da sua doçura, da sua bondade, o noivo a importunava bastante com a sua ternura séria, quase solene.

Não ousou abrir-lhe inteiramente o coração. O barão era o melhor dos pais, sem dúvida, mas absolutamente incapaz de comprehender as vagas ansiedades da filha.

Concentrado pelo silêncio, superexcitado pela solidão, começou a deitar raizes no coração de Reine um sentimento misto de curiosidade, de admiração e quase de ódio.

Várias vèzes, estremeceu ao perceber que a gravidade de Honorato a feria. Quase lhe censurava não ter tido na vida aventuras nem feitos românticos.

Comparava, mau grado seu, a existência tranqüilla e uniforme do noivo ao mistério que rodeava a vida do estrangeiro.

Depois, envergonhada de tais pensamentos, punha tóda a sua esperança na próxima união com Honorato, união santa, solene, que, indicando-lhe deveres sagrados, deveria apagar-lhe de vez os últimos devaneios de moça.

Era êsse o estado de alma de Reine, quando, por um mistério inexplicável para ela, encontrou no mesmo dia dois objetos cuja vista lhe redobrava tóda a ansiedade, e lhe exaltava tódas as forças da imaginação.

O estrangeiro, ou então um dos seus companheiros, vivia, pois, invisivelmente, ao seu lado?

Não podia desconfiar dos criados internos da Casa-Forte, não podia supor que mantivessem contacto com o desconhecido. Eram todos velhos servidores, encanecidos ao serviço de Raimundo V.

Criada, por assim dizer, por êles, conhecia-lhes tão bem a vida e a moralidade que os imaginava incapazes de participar de qualquer manobra subterrânea.

O quadro pôsto no seu oratório era o que mais a inquietava.

Estêve a ponto de contar tudo ao pai, mas a atração quase instintiva do maravilhoso a reteve. Trazia romper o encanto.

O seu temperamento romântico encontrava naquele mistério uma espécie de prazer misto de receio.

Inacessível às idéias sobrenaturais, dotada de espírito firme e decidido, reconhecendo, afinal, que não havia nada de realmente perigoso em deixar que se desenrolasse a seqüência de tão estranha aventura, tranqüilizou-se um pouco, sobretudo quando examinou escrupulosamente o seu quarto e o que lhe estava contíguo.

Pegou de novo o quadro, contemplou-o algum tempo; depois, abandonando o devaneio, atirou-o ao braseiro, pesarosa.

Com um olhar triste acompanhou a destruição daquela pequenina obra-prima.

Por um estranho acaso, o pergaminho, sóto do quadro, ardeu antes nos dois lados.

O vulto de Erebo foi, assim, o último que se queimou, e por um momento foi o único visível nas brasas ardentes... Depois, uma chamazinha o envolveu, e tudo desapareceu.

Por longo, longo tempo, ficou Reine de olhos fitos no braseiro... como se estivesse continuando a ver o quadro...

O relógio da Casa-Forte deu duas horas da madrugada. A jovem voltou a si, deitou-se, e lutou contra a insônia.

CAPÍTULO IX

O escrivão

No DIA seguinte ao daquele em que se desenrolaram as diferentes cenas que acabamos de descrever, um grupo de várias pessoas, umas a pé, outras a cavalo, margeavam a costa e pareciam dirigir-se para o golfo da Ciotat.

A personagem mais importante da pequena caravana era um homem de aspecto respeitável, porte grave e compassado, usando manta de viagem por sobre o fato de veludo negro.

Trazia, ao pescoço, uma corrente de prata, e montava um pequeno cavalo que caminhava a passo travado.

Não eram outras as tais personagens senão mestre Isnard, escrivão do almirantado de Toulon e o seu ajudante o qual, montado numa velha mula branca, trazia na garupa do animal grandes sacos repletos de livros e dois grandes registos nos seus estojos de couro negro.

Era o ajudante um homenzinho de meia-idade, nariz e queixo pontudos, maçãs salientes, olhos penetrantes. O nariz, o queixo, as maçãs e os olhos estavam bastante vermelhos, graças ao mordente vento do norte.

Um criado montado noutra mula carregada de sacolas, e dois alabardeiros vestidos de casacos verdes e alaranjados de passamanes brancos, acompanhavam o escrivão e o ajudante.

Os dois oficiais de justiça não pareciam gozar de perfeita serenidade.

Mestre Isnard, sobretudo, denotava, de vez em quando, o seu mau humor mediante imprecacões contra o frio, contra o tempo, contra os caminhos, e, especialmente, contra a sua missão.

O ajudante respondia àquelas queixas com ar humilde e mísero.

— Com os diabos! gritou, de repente, o escrivão. Já faz dois dias que iniciei a caminhada... mas está muito longe de se apresentar agradável. Hum! A nobreza offende-se com o recenseamento das armas ordenado pelo Marechal de Vitry. Nos castelos, recebem-nos como se fôsemos turcos...

— E felizes de nós, quando nos recebem, mestre Isnard, disse o ajudante. O Sr. de Signerol fechou-nos a porta na cara, e nós nos vimos obrigados a fazer o processo à luz da lua... O Sr. de Saint-Yves nos acolheu muito a contragosto...

— E tôdas essas resistências, francas ou surdas, às ordens de Sua Eminência o cardeal serão devidamente registradas, ajudante... e os rebeldes serão punidos!

— Felizmente para nós a recepção do Barão des Ambiez nos compensará, não é, mestre Isnard?... Dizem que é o melhor dos homens. O seu humor jovial é tão conhecido na região, como a austeridade do irmão, o comandante da galera Negra e a caridade do Padre Elzear da Graça, seu outro irmão.

— Hum!... Raimundo V faz bem em ser hospitaleiro, murmurou o escrivão. Trata-se de um dos velhos agitadores sempre dispostos a reclamar contra qualquer poder estabelecido... Mas paciência, ajudante! Corajem! O reino dos homens de paz e de justiça chegou, mercê de Deus! Todos êsses arrogantes batalhadores de longa espada e esporas também longas, deverão manter-se quietos nos seus castelos, como lobos nos covis, ou, então!... Ou então lhes arrasaremos a morada e cobriremos de sal as terras! Enfim, acrescentou mestre Isnard, como se pretendesse incutir a si próprio uma coragem fictícia podemos contar sempre com o apoio do cardeal. Arrancar-nos um cabelo que seja da cabeça... senhor ajudante, significa arrancar um pêlo da barba de Sua Eminência!

— O que deve ser furiosamente prejudicial e sensível a Sua Eminência, mestre Isnard, pois dizem todos que se trata de verdadeira barba de gato, rala e dura.

— O senhor é um tolo! disse o escrivão, sacudindo os ombros e esportando o cavalo.

O ajudante abaixou a cabeça, não respondeu e soprou nos dedos, desajeitado.

A caravana pisava, havia algum tempo, a praia, tendo à direita o mar, e à esquerda intermináveis rochedos, quando foi alcançada por um viajante modestamente acomodado sobre um burro.

A pele morena daquele indivíduo, o casaco de couro, o gorro vermelho que deixava escapar uma floresta de cabelos negros, crespos e eriçados, e finalmente a pequena forja portátil fixada num dos lados da albarda do burro, davam a reconhecer um daqueles boêmios ambulantes que iam de localidade a localidade oferecer os seus préstimos às donas de casa para soldar ou consertar utensílios diversos.

Não obstante o frio, tinha as pernas e os pés nus. Os membros delgados mas nervosos, o rosto expressivo mal sombreado por uma barba negra, ofereciam o tipo particular aos homens da sua raça.

O burro, de aspecto calmo e bonachão, não tinha freio nem rédeas. Ele o conduzia por meio de um longo bastão que lhe aproximava do olho direito, quando o queria obrigar a voltar para a esquerda, e do olho esquerdo, quando queria fazê-lo voltar para a direita. Aproximando-se do escrivão e do seqüito, o cigano pegou uma das orelhas do animal, e deteve-o imediatamente.

— Poderiam os senhores, disse respeitosamente ao escrivão, dizer-me se ainda estou muito longe da cidade da Ciotat?

O escrivão, considerando indigno da sua elevada posição responder-lhe, fez um gesto de desdém, e disse ao ajudante:

— Responda-lho!

E continuou o caminho.

— A boca é ama, a orelha é escrava, disse o cigano, inclinando-se humildemente na presença do ajudante.

Este inchou as magras bochechas, assumiu ar de soberba, empertigou-se triunfantemente na mula, e disse ao criado, que o seguia, mostrando-lhe o cigano.

— Responda-lhe, laçao!

E continuou o caminho.

O criado, mais complacente, respondeu ao vagabundo que poderia acompanhar a caravana, pois ela rumava para um lugar bem próximo da Ciotat.

Os dois alabardeiros, que estavam algo distanciados, reuniram-se ao grupo principal, e a marcha sobre a areia prosseguiu.

O sol não tardou em fazer sentir a sua doce influência. Embora se estivesse no mês de dezembro, os raios tornaram-se bastante quentes para que mestre Isnard sentisse a necessidade de livrar-se da manta, que atirou ao ajudante, dizendo-lhe:

— Tem certeza, ajudante, de reconhecer a estrada que conduz à Casa-Forte de Raimundo V, Barão des Anbiez? Em primeiro lugar, pararemos no alojamento. É por aí que pretendo começar o recenseamento das armas nesta diocese. Eh, eh, meu caro ajudante, o ar matutino e o cheiro da areia me abriram o apetite! Dizem que o barão tem ótimo passadio e que é de hospitalidade digna do bom Rei Renato. Tanto melhor para nós! Tanto melhor! Assim, em vez de me demorar quinze dias em albergue secundário da Ciotat... ficarei na Casa-Forte de

Raimundo V, e o senhor me acompanhará. Em vez do toucinho com alho e favas do seu *raito*¹ dos grandes dias, só terá no castelo o trabalho de escolher entre as aves, a caça e o excelente peixe do golfo... Eh, eh, eh! Para um esfomeado como o senhor, é uma verdadeira maravilha! Assim, meu ajudante, fará uma ótima colheita...

O pobre ajudante nada respondeu àquelles grosseiros gracejos pelos quais se sentia humilhado; não obstante o seu infortúnio, limitou-se a dizer ao escrivão:

— Reconhecerei facilmente o caminho, mestre Isnard, pois há um poste com o escudo de Raimundo V e um marco que assinala as terras dos Beaux².

— As terras dos Beaux! exclamou o escrivão indignado. Mais um desses abusos que Sua Eminência destruirá, por Deus! É de enlouquecer pretender achar a saída neste labirinto de privilégios feudais!

De repente, passando da severidade ao gracejo, acrescentou, rindo forte:

— Eh, eh, eh! Seria para o senhor uma tarefa bastante difícil, se se visse obrigado a distinguir o vinho de Xercz do vinho de Málaga, habituado como está a engolir péssima bebida e a saborear um copo de Saouvo-Christian para limpar a bôca.

— E somos felizes quando não nos falta a bebida péssima, mestre Isnard! retrucou o pobre ajudante com um suspiro.

— Mas nesse caso não há de faltar o rio, onde os burros podem matar a sede à vontade! disse insolentemente o escrivão.

A infeliz vítima só logrou abaixar a cabeça sem responder, enquanto o escrivão, orgulhoso do triunfo, protegia os olhos com a mão para ver se não enxergava finalmente a Casa-Forte des Anbiez. Estava vivamente excitado o apetite do homem da lei.

O cigano, que troteava ao lado dos dois interlocutores, ouvira-lhes a conversação.

Embora fossem vulgares as suas feições, revclavam finura e inteligência. Os seus olhinhos negros, penetrantes, móveis, iam incessantemente do escrivão ao ajudante com expressão alternadamente irônica e compassiva. Quando mestre Isnard terminou com um grosseiro gracejo sô-

1. Bacalhau temperado com azeite e vinho. Prato dos mendigos provençais.

2. Terras isentas de direitos e de impostos, por efeito de concessões feitas aos senhores da casa de Beaux uma das mais antigas da Provença, da qual Raimundo V era aliado.

bre os burros, o homem franziu as sobrancelhas e deu a impressão de querer falar. Contudo, por temer o escrivão ou por temer falar demasiado, manteve-se calado.

— Diga-me, ajudante! exclamou o escrivão, detendo-se subitamente diante de um poste com brasão, numa encruzilhada. Não é essa a estrada para o castelo des Ambiez?

— Sim, mestre Isnard. Temos de abandonar o rio. Eis o caminho da Casa-Forte. Ela está a uns duzentos passos daqui. Este rochedo a oculta, acrescentou o ajudante, mostrando uma espécie de promontóriozinho que penetrava no mar e impedia realmente que se visse o castelo.

— Então, vá na frente, respondeu o escrivão, retendo o cavalo e chicoteando a mula do ajudante.

Este pôs-se à testa da caravana que se aventurou num estreito atalho serpejante, escavado através dos rochedos da costa.

Após um quarto de hora de marcha, o caminho tornou-se plano. Sucederam-se aos rochedos colinas verdejantes, vinhas, oliveiras, campos semeados. Mestre Isnard viu, finalmente, com júbilo a imponente massa da Casa-Forte que se erguia na extremidade de imensa avenida, ornada por seis filas de faias e sicômoros, a qual conduzia ao vasto pátio de que já falamos.

— Eh, eh! exclamou o escrivão, dilatando as ventas. Daqui a pouco é meio-dia. Deve ser a hora de almôço de Raimundo V, pois êstes senhores do campo seguem a velha moda provençal. Tomam quatro refeições, de quatro em quatro horas, desjejuam às oito, almoçam ao meio-dia, jantam às quatro da tarde e ceiam às oito da noite.

— Safa! E como se passassem o dia inteiro comendo! disse o ajudante, com um suspiro de cobiça. Às vezes ficam à mesa duas ou três horas.

— Já está lambendo os beiços, hein, meu ajudante!... Não está vendo espessa fumaça do lado da cozinha?

— Mestre Isnard, não sei onde se situa a cozinha, respondeu o ajudante. Nunca entrei na Casa-Forte... mas, com efeito, estou vendo uma espessa fumaça acima da torre que dá para o poente.

— E não está sentindo o aroma de sopas e de assados? Creio que no castelo de Raimundo V deve ser Natal todos os dias... Aspire, meu ajudante, aspire!

O infeliz atirou para a frente o nariz, como cão a farejar, e respondeu, sacudindo a cabeça:

— Mestre, não sinto nada.

Quando o escrivão chegou a alguns passos do pátio da Casa-Forte, admirou-se de não ver ninguém fora da enorme habitação, a uma hora em que os cuidados domésticos sempre exigem grande movimento.

Já dissemos que o pátio formava aproximadamente um paralelogramo.

No fundo, erguia-se o corpo principal da vivenda.

Em cada lado, viam-se as alas reentrantes, assim como os recintos gerais.

Finalmente, no primeiro plano, havia uma alta parede, semeada de seteiras, no meio da qual se abria uma porta maciça. Diante da parede, estendia-se amplo e profundo fôssco cheio de água, passado por intermédio de uma ponte levadiga, bem em frente da porta.

O escrivão e os seus chegaram à entrada da ponte, e ali se lhes deparou mestre Laraméc.

O mordomo, solenemente trajado de negro, trazia numa das mãos uma vareta branca, sinal das suas funções.

O escrivão desceu do cavalo, com ar importante, e, dirigindo-se a Laraméc, disse-lhe:

— Por ordem do Soberano e de Sua Eminência o senhor cardeal, eu, mestre Isnard, escrivão, venho fazer o censo das armas e munições de guerra detidas nesta Casa-Forte, pertencente ao Sr. Raimundo V, Barão des Anbiez.

Depois, voltando-se para o séquito, ao qual se unira o cigano, acrescentou:

— Sigam-me!

Laraméc fêz profunda reverência com ar de sarcasmo, e respondeu ao escrivão, mostrando-lhe o caminho:

— Se quiser acompanhar-me, senhor escrivão, vou abrir-lhe os nossos depósitos de armas e artilharia.

Encorajado pela acolhida, mestre Isnard e os seus atravessaram a ponte, deixando os animais presos ao para-peito, segundo a expressa recomendação do mordomo.

Entrando no pátio plantado de árvores, disse o escrivão a Laraméc:

— O seu amo está em casa? Eh, eh... temos muita fome e sede, meu amigo...

O mordomo olhou para o escrivão, tirou o chapéu e respondeu:

— O senhor me trata com intimidade, me chama de amigo, me honra demasiadamente, senhor escrivão.

— Vamos, vamos, sou criatura bondosa. Se o barão não está à mesa, leve-me antes à presença dêle, e se está à mesa, conduza-me mais depressa ainda.

— Monsenhor acaba de ser servido precisamente neste momento, senhor escrivão. Vou abrir-lhe, como convém, a porta de honra.

Assim falando, Laramée desapareceu por uma estreita passagem.

O escrivão, o ajudante, o criado, o cigano e os dois alabardeiros ficaram no imenso pátio, olhando para o lado da porta principal do castelo, cujos batentes esperavam ver abertos a qualquer instante.

Não notaram que dois guardas levantavam a ponte, de modo que aos homens da justiça ficava cortada a retirada.

CAPÍTULO X

O recenseamento

DO LADO do pátio, assim como do lado do mar, três das janelas da galeria que se estendia em todo o comprimento da construção, davam para um balcão cujo retábulo pendia sobre a porta principal do castelo.

O escrivão já começava a julgar que era longa em demasia a cerimônia para introduzi-lo ao barão, quando as janelas se abriram repentinamente, e dez ou doze gentis-homens em costume de caça, com botas, esporas, segurando numa das mãos um copo e na outra um guardanapo, se precipitaram para o balcão dando gritos e gargalhando imoderadamente.

Estava-lhes à testa Raimundo V.

Percebia-se, pela vermelhidão avinhada dos companheiros do alegre gentil-homem, que acabavam de sair da mesa onde tinham gloriosamente esvaziado mais de uma jarra de vinho da Espanha.

Os convivas de Raimundo V pertenciam à nobreza da vizinhança. Eram quase todos conhecidos pelo seu ódio contra o Marechal de Vitry, e pela oposição franca ou surda que faziam incessantemente ao poder do Cardeal de Richelieu.

Honorato de Berrol e Reine, não tendo podido impedir que o barão levasse a efeito o perigoso projeto, tinham-se retirado para os aposentos da torre.

O escrivão começou a acreditar que se enganara contando com uma acolhida favorável por parte do barão. Temia até ser vítima de um gracejo diabólico, vendo a ruidosa alegria dos hóspedes da Casa-Forte, sobretudo ao reconhecer entre eles o Sr. de Signerol, que tão brutalmente lhe batera a porta na cara.

Todavia, conteve-se. Seguido do ajudante, que tremia escandalosamente, avançou até para baixo do balcão, tendo imediatamente atrás os dois alabardeiros.

Dirigindo-se a Raimundo V, que, debruçado sobre a grade do balcão, o fitava irônicamente, disse-lhe:

— Em nome do Rei e da Sua Eminência, o senhor cardeal...

— Para o diabo o cardeal! Volte Sua Eminência infernal para o lugar dondo veio! gritaram alguns gentis-homens, interrompendo o escrivão.

— Belzebu, neste momento, está aquecendo um chapéu de estanho para Sua Eminência! disse o Sr. de Si-gnerol.

— Os cordões de Sua Eminência dariam excelentes cordas de força, gritou outro.

— Deixem o escrivão falar, meus amigos, interveio o barão, voltando-se para os hóspedes, deixem-no falar. Não é por um único grito que se conhecem as aves noturnas... Vamos, fale, escrivão!... Fale! Continue as tolices!

O ajudante, completamente desmoralizado e pensando, sem dúvida, na retirada, voltou a cabeça para o lado da porta, e notou, com terror, que a ponte fôra retirada.

— Mestre Isnard, disse, baixinho, e com voz trêmula. Estamos numa ratoeira! A ponte foi retirada!

Não obstante a segurança fingida, o escrivão olhou de esguelha por cima do ombro, e respondeu em voz baixa:

— Ordene aos alabardeiros que se aproximem insensivelmente de mim.

O ajudante obedeceu, e o pequeno grupo se concentrou no meio do pátio, com exceção do cigano.

Colocado abaixo do balcão, parecia êle contemplar com curiosidade os gentis-homens que ali se apinhavam.

Mestre Isnard, desejando levar a efeito a sua tarefa o mais depressa possível, e vendo que se enganara quanto às disposições hospitalceiras de Raimundo V, leu com voz levemente comovida a intimação judiciária:

— Em nome do Sua Majestade o rei da França e de Navarra, e Conde da Provença, e de Sua Eminência, o Sr. Cardeal de Richelieu, eu, Tomás Isnard, escrivão do almirantado de Toulon, enviado pelo procurador do rei à sede do dito almirantado, venho a esta Casa-Forte fazer o recenseamento das armas e munições de guerra nela encerradas, a fim de preparar um relatório, no qual relatório estatuirá Sua Excelência o Marechal de Vitry, governador da Provença, para decidir que quantidade de armas e de munições deverá deixar na citada Casa-Forte. Por conseguinte, eu, Tomás Isnard, escrivão do almiran-

tado de Toulon, apresento-me pessoalmente ao citado Sr. Raimundo V, Barão des Anbiez, pedindo-lhe e, se necessário, intimando-lhe, que obedeça às ordens que lhe são transmitidas... Na Casa-Forte des Anbiez, dependente da diocese de Marselha e do vicariato de Aix, em 17 de dezembro de 1632.

O velho barão e os amigos ouviram o escrivão perfeitamente calmos, trocando apenas olhares irônicos. Quando mestre Isnard acabou de falar, Raimundo V debruçou-se no parapeito e respondeu:

— Digno escrivão, digno enviado do digno Marechal de Vitry e do digno Cardeal de Richelieu (Deus salve o rei, nosso conde, de Sua Eminência), nós, Raimundo V, Barão des Anbiez e senhor desta pobre casa, autorizamos-lo a cumprir a sua missão. Vê aquela porta... à esquerda, onde se lê *Armas e Artilharia*?... Pois bem, abra e cumpra a sua missão.

Assim falando, o velho gentil-homem e os seus hóspedes apoiaram-se ao parapeito do balcão, como se se preparassem para gozar de um espetáculo interessante e inesperado.

Mestre Isnard seguiu com os olhos o gesto do barão, que lhe indicara o misterioso depósito.

Era uma porta de tamanho médio na qual havia, com efeito, um letreiro pintado de fresco, com as seguintes palavras: *Armas e Artilharia*.

A porta situava-se pela metade da ala esquerda, em grande parte composta dos recintos comuns.

Sem poder explicar a sua aversão, mestre Isnard relanceou um olhar inquieto pelo depósito, e disse a Raimundo V, quase com arrogância:

— Abra essa porta um dos seus homens!

O rosto do velho gentil-homem tornou-se rubro de cólera, e ele esteve a ponto de explodir. Mas, contendo-se, respondeu:

— Um dos meus homens, senhor escrivão? Ai de mim, já não tenho homens! O velho que o recebeu é o meu único criado. Os impostos cobrados pelo seu digno cardeal e os presentes voluntários que ele de nós exige reduzem a nobreza provençal à miséria, como está vendo! O senhor está acompanhado de dois alabarceiros e de um palhaço de manto de sarja (aqui o ajudante fez respeitosa saudação); por conseguinte, dispõe de gente suficiente para executar as ordens que recebeu.

Depois, vendo o cigano ao pé do balcão, chamou-o:

— Olá!... Você aí, de chapéu vermelho? Que diabo é você? Aproxime-se! Que está fazendo aí? Pertence também a esse bando?

O vagabundo, aproximando-se, respondeu:

— Monsenhor, sou um pobre artesão ambulante que procura viver do seu trabalho. Venho de Bany e vou à Ciotat. Entrei para saber se não havia trabalho aqui no castelo.

— Você é meu hóspede! gritou o barão. Não fique nesse pátio!

Diante de tão singular recomendação, os homens da justiça se entrecolharam amedrontados. No mesmo instante, o cigano, com maravilhosa agilidade, trepou como um gato selvagem por um dos pilares de granito que suportavam o balcão e sentou-se aos pés do barão, fora do parapeito, numa pequenina saliência formada pelas lajes.

A subida do cigano foi tão rápida e ágil que excitou a admiração dos hóspedes de Raimundo V.

Este, puxando-o alegremente por uma das mechas dos seus longos cabelos negros, disse-lhe:

— Você escala bem demais para deter-se em tão belo caminho. Creio, seu malandro, que as janelas são para você verdadeiras portas, e que os telhados lhe servem de calçada. Entre em minha casa, rapaz. Laramée lhe dará de beber imediatamente.

Com um salto o cigano passou por cima do parapeito do balcão, e entrou na galeria que servia de sala de jantar nas ocasiões solenes, e onde se lhe depararam os restos da copiosa refeição de que acabavam de participar os hóspedes do barão.

O escrivão, no pátio com a escolta, não sabia o que fazer.

Contemplava a porta fatal com vaga inquietação, enquanto o velho gentil-homem e os amigos pareciam aguardar com impaciência o resultado.

Finalmente, mestre Isnard, querendo sair de tão embaraçadora posição, voltou-se para o barão, e disse-lhe com solenidade:

— Tomo os que me acompanham por testemunhas do que possa acontecer-me de mal, e o senhor responderá por qualquer cilada que ofenda a dignidade da lei, da justiça ou da nossa recomendável pessoa.

— Ora! Que nos está dizendo, senhor escrivão? Ninguém se opõe aqui a que cumpra o seu dever. As minhas armas e a minha artilharia ali estão. Entre, pesquise, conte, que a chave está na porta.

— Sim, sim, entre, que a chave está na porta! repetiram em cântico os hóspedes, com uma ansiedade que se afigurou sinistra ao escrivão.

Exasperado, mas conservando-se bem distante da incômoda porta, mestre Isnard ordenou ao ajudante:

— Vá abri-la... e acabemos com isto.

— Mas, mestre Isnard...

— Obedeça, senhor ajudante, obedeça, insistiu o escrivão, recuando mais um pouco.

— Mas, mestre Isnard...

E o pobre homem mostrava o registo numa das mãos e a pena na outra...

— Não tenho as mãos livres. É preciso que eu redija o processo em tôdas as suas ocorrências. Se, atrás dessa porta, surgir um malefício qualquer, não deverei, no mesmo instante, transcrevê-lo no processo?

Aquelas razões pareceram impressionar um pouco o escrivão.

— João, abra a porta! ordenou ao laçao.

— Senhor, não ousou, replicou João, ocultando-se por trás do armo.

— Não me ouviu, miserável?

— Sim, senhor, mas não ousou... Deve haver ali alguma feitiçaria.

— Mas... com mil diabos!

— Nem que a salvação da minha alma dependesse dê-se ato, eu não a abriria, retrucou João, em tom resolutivo.

— Vamos, vamos!... disse o escrivão com despeito concentrado.

E, voltando-se para os alabardeiros:

— Dir-se-á, meus bravos, que sômente vocês agiram como homens neste caso! Abram a porta, e terminemos com esta cena ridícula!...

Os dois guardas esboçaram um movimento de retirada, e um dêles respondeu:

— Ouça-me, mestre Isnard, estamos aqui para ajudá-lo na medida das nossas forças, no caso de haver resistência às suas ordens... Mas ninguém o impede de entrar... A chave está na porta... Entre, pois, sôzinho, se quizer...

— Como? Um velho escolado como você tem medo?

O alabardeiro, sacudindo a cabeça, retrucou:

— Ouça, mestre Isnard, as partazanas e as espadas nada valem aqui... Seria preciso, isso sim, um sacerdote com a sua estola e trazendo na mão o hissope.

— Miguel tem razão, mestre Isnard, disse o outro guarda. Penso que seria necessário fazer o que se fez no ano passado para o exorcismo dos delfins¹.

1. Narra César de Nostradamus em 1632 a fabulosa história de delfins tão ferozes que devoraram vários marinheiros do pórtio e chegaram a ameaçar a cidade. Felizmente, o clero os exorcismou, e êles desapareceram.

— Se o cão do cigano não tivesse covardemente fugido, disse o escrivão, batendo com raiva o pé no chão, teria aberto a porta!

Em seguida, voltando maquinalmente a cabeça, percebeu em quase todas as janelas da Casa-Forte vultos de homens e de mulheres que, semi-ocultos por trás das vidraças, pareciam olhar, curiosos, para o pátio.

Mais por amor-próprio do que por coragem, mestre Isnard, vendo-se alvo de tanta gente, caminhou deliberadamente para a porta, e pôs a mão na chave.

Naquele momento, o coração o traiu.

Ouviu no depósito um ruído surdo e uma espécie de agitação extraordinária até então despercebidos.

Aquêles sons roucos, velados, nada tinham de humano.

Um feitiço parecia prender a mão do escrivão à chave da porta.

— Vamos... escrivão, meu filho, ei-lo aí... ei-lo aí... gritou um dos hóspedes, batendo as mãos.

— Aposto que está sentindo calor como se estivéssemos no mês de agosto, embora o vento sopra da tramontana, disse outro.

— Deixem-lhe o tempo de invocar o seu padroeiro e fazer uma promessa, acrescentou mais outro.

— O padroeiro dêle é São Covarde, disse o Sr. de Signerol. Sem dúvida, vai fazer-lhe a promessa de nunca mais desafiar perigos, se o santo o livrar dêste.

Impellido ao extremo por todas aquelas ironias, e refletindo que, afinal, Raimundo V não era cruel a ponto de expô-lo a um perigo real, o escrivão puxou a porta, recuando ao mesmo tempo.

Foi rudemente atirado ao chão pelo embate de dois touros da Camargue, que se arrojaram para fora do estábulo, abaixando a cabeça e bufando surdamente, pois estavam com focinheira.

Não eram grandes, mas possuíam, evidentemente, extremo vigor.

Um deles era fulvo, com manchas pardas; o outro negro.

O primeiro uso que fizeram da liberdade adquirida foi saltar, cavar a terra com as patas e tentar livrar-se da focinheira.

O aparecimento dos dois touros foi saudado por gritos de júbilo, pelas assuadas e pelos bravos dos hóspedes.

— E então, senhor escrivão, o seu inventário? gritou Raimundo V, pondo as mãos nos quadris e dando livre curso à hilariedade. Vamos, ajudante, redija o seu processo e mencione os meus touros *Nicolino* e *Saturnino*. Ah,

você pergunta que armas possuo? Ei-las! É com os chifres desses compadres da Camargue que me defendo... Ora, Ora! Vejo pelo seu medo que reconhece tratar-se de armas sérias e ofensivas... Vamos, senhor escrivão, etiquete o *Nicolino* e inventarie *Saturnino*...

— Por Deus! exclamou o Sr. de Signerol. Os touros é que parecem dispostos a fazer o inventário do fundilho do escrivão e do ajudante!

— Nossa Senhora! Apesar do seu excelente aspecto físico, o escrivão esquivou-se com uma agilidade que honraria o melhor dos toureiros!

— E o ajudante... Como serpenteia através das árvores! Até parece uma doninha farejada pelos cães!

— *Nicolino* já lhe arrancou um pedaço do manto!

É inútil dizer que aquelas diferentes exclamações assinalavam as fases da corrida inesperada, com que Raimundo V brindava os convivas.

Os touros haviam, com efeito, iniciado a perseguição do mestre Isnard e do ajudante, enquanto os alabardeiros e João se mantinham prudentemente encostados à parede.

Graças às árvores do pátio, o escrivão e o ajudante puderam durante alguns momentos escapar às perigosas investidas dos touros, ocultando-se, e correndo de árvore para árvore.

Mas as forças não tardaram em traí-los. O terror paralisou-lhes os movimentos, e eles iam ser horrivelmente pisados pelos ferozes animais. Convém dizê-lo em honra de Raimundo V; não obstante a brutalidade de seu selvagem gracejo, teria ficado tristíssimo com um desfecho trágico da aventura.

Felizmente, um dos alabardeiros gritou:

— Mestre Isnard! Suba a uma das árvores, depressa... depressa, enquanto o touro vira!

O escrivão, apesar do pêso, seguiu o conselho do alabardeiro, e, atirando-se ao tronco de um sicômoro, por êle trepou com o auxílio dos joelhos, dos pés e das mãos, fazendo inauditos esforços.

O barão e os hóspedes, vendo que o representante da lei já não corria perigo, começaram os gritos e as piadas. O ajudante, mais ágil que mestre Isnard, pôs-se em pouco tempo fora de perigo, no topo de um sicômoro.

— Olhe que o urso chegou, forquinha! Cuidado! gritou Raimundo, rindo até chorar dos esforços do escrivão que tentava pôr-se a cavalo num dos galhos principais da árvore.

— Se êle está parecendo um urso velho a se agarrar a uma estaca, disse outro, o ajudante, por sua vez, está parecendo um macaco a tremer, batendo os dentes...

— Ora, senhor ajudante, se fôr necessário, onde está a sua pena, a sua tinta, o seu registo? Agora está salvo, não há dúvida, por conseguinte rabisque o seu livreco! gritou o Sr. de Signerol.

— Cuidado! Cuidado! O torneio vai recommençar! exclamou um dos convidados. Agora é *Nicolino* contra um dos alabardeiros.

— Caminho, caminho para *Nicolino*!

Vendo os dois homens da lei ao abrigo dos seus chifres, os touros tinham-se voltado contra os alabardeiros.

Mas um dêstes, achatando-se contra a parede, picou tão bem o animal no focinho e no ombro, que o touro não ousou tentar novo ataque, e, aos saltos, retornou para o meio do pátio.

Diante da coragem do alabardeiro, o barão gritou-lhe:

— Não tema, meu caro, você tem dez francos para beber à minha saúde, e eu lhe darei o vinho grátis...

Depois, dirigindo-se ao invisível Laramée, ordenou:

— Diga ao pastor que mande os cães meter novamente dentro os touros. A dança do escrivão e do ajudante já durou bastante.

Mal cessara de falar, três cães, enormes, saíram de uma porta entreaberta e atiraram-se para cima dos touros. Êstes, após algumas voltas, voltaram a galope para o estábulo, depósito de armas e de artilharia da Casa-Forte, como dizia traidoramente o cartaz.

O escrivão e o ajudante, livres do perigo, não ousaram, contudo, descer ainda das árvores quase inexpugnáveis. Foi em vão que Laramée, com dois copos cheios numa bandeja, foi, da parte do barão, oferecer-lhes a despedida, dizendo-lhes, o que era verdade, que a ponte já estava de novo no seu lugar, e que os cavalos e as mulas os aguardavam lá fora.

— Não sairei daqui enquanto o meu ajudante não tiver redigido o processo do enorme atentado do qual o barão, seu amo, acaba de culpar-se com relação a nós! gritou o escrivão com voz sufocada, enxugando a testa, completamente molhada de suor, não obstante o frio intenso.

— Talvez o senhor nos reserve outros maus tratos, mas o governador, e, se necessário, o senhor cardcal, saberá vingar-nos... Não há de ficar pedra sobre pedra desta casa maldita que o demônio confunde...

Raimundo V, segurando um chicote de caça, desceu ao pátio, entregou duas moedas ao alabardeiro que enfrentara valentemente o touro, e rumou para a árvore no mo-

mento em que o escrivão o fulminava com as terríveis ameaças.

— Que está dizendo, palhaço? perguntou-lhe, fazendo estalar o chicote.

— Digo, retrucou o escrivão, que o senhor Marechal não deixará impune esta ofensa, e que, ao chegar a Marseilha, onde êle se acha, lhe contarei tudo... Eu...

— Ora! replicou o barão, fazendo mais uma vez estalar o chicote. O que quero é que você, realmente, lhe conte tudo! Foi justamente para que lhe contasse tudo, que o recebi dessa maneira, assim êle saberá que importância dou às suas ordens. Sim, senhor! continuou o velho gentil-homem, não logrando dominar a cólera, a nobreza provençal soube, no último século, expulsar da província o insolente Duque de Épernon e os seus gascões, por achá-lo indigno de comandar, e não saberia expulsar um Vitry, um miserável assassino?... Um assassino que procede como qualquer bandido italiano! Que deixa sem defesa as nossas costas, que nos obriga a cuidar da nossa defesa e que pretende arrancar-nos os meios de resistir aos piratas? Fora daqui... palhaço! Vá redigir o seu processo noutro lugar qualquer, menos aqui.

— Não descerei! respondeu o escrivão.

— Quer que o defume nessa árvore com um texugo no tronco de um salgueiro?

Julgando Raimundo V capaz de tudo, mestre Isnard desceu lentamente. O ajudante, que permanecera calado, imitou-o e chegou ao chão no mesmo instante.

— Tome, disse-lhe o barão, pondo na mão do pobre ajudante várias moedas de prata, é para beber à saúde do rei, nosso conde. Você não tem culpa de nada...

— Proíbo-lhe que aceite óbolos! gritou o escrivão.

— Obedeço-lhe, mestre Isnard, respondeu o ajudante. Aqui estou vendo dois escudos de prata e não um óbolo...

E embolsou o dinheiro.

— Acrescentarei no meu processo que o senhor tentou corromper os meus homens, protestou o escrivão.

— Fora, fora daqui, impudente! ordenou o barão, fazendo estalar, pela terceira vez, o chicote.

— O senhor oferece aos que por aqui passam uma estranha hospitalidade Barão des Anbiez, observou o escrivão com amargura.

Aquela censura pareceu impressionar profundamente Raimundo V, que retrucou:

— Tôda a região sabe que tanto o gentil-homem como o mendigo sempre tiveram franca acolhida e leal hospitalidade nesta casa. Mas sou despedido, e sempre o sei, para os tiranctes do cardeal tirano. Fora daqui, já

lhe disse, ou o chicotearei como se fôsse um cão sarnento!

— Ficaré bem claro, disse o escrivão rubro de cólera e recuando para a ponte, ficará bem claro que o senhor atentou contra a vida de um oficial de justiça do rei, e que o expulsou a chicotadas, em lugar de lhe permitir tranqüilamente executar as ordens de Sua Eminência, o senhor cardeal, e do governador.

— Sim, sim, você dirá tudo isso ao seu marechal, e acrescentará também que se ele vier aqui, embora eu já tenha a barba grisalha, me incumbirei de provar-lhe, de espada na mão, que não passa de assassino assalariado e que o seu amo, o cardeal (Deus salve o rei) é um simples paxá cristão, mil vezes mais déspota que o turco... Você lhe dirá que pense bem antes de nos implicar aos extremos... pois poderíamos lembrar-nos em tempo de um nobre príncipe, irmão de um nobre e bom rei, pelo momento cegado por êsse falso sacerdote, primo de Belzebu. Você lhe dirá, enfim, que a nobreza da Provença, cansada de tantos ultrajes, preferiria ter por conde soberano Gastão de Orléans, e não o rei da França... visto que, atualmente, o rei da França é Richelieu!

— Cuidado, barão, disse-lhe baixinho o Sr. de Signerol. O senhor está indo longe...

— E que tem isso? replicou o impetuoso barão. A minha cabeça responde pelas palavras que profiro, mas disponho de um braço, mercê de Deus, para defendê-la! Fora daqui, palhaço! Abra bem os ouvidos e feche-os, depois, para reter tudo quanto aqui se diz! Quanto aos nossos canhões e munições, você nada verá! Renunciaremos às nossas armas, quando os cães rogarem aos lobos que lhes cortem as patas e lhes arranquem os dentes... Fora daqui, e repita as minhas palavras... E diga mais o que quiser, se achar necessário!...

O escrivão, chegado à grade, atravessou a ponte, seguido do ajudante e dos guardas, e, montando a cavalo, lançou um fulminante anátema contra a morada do barão.

Raimundo V, extasiado com a sua imprudência, tornou a entrar com os hóspedes e voltou à mesa, visto que chegara a hora de comer.

O fim do dia transcorreu no meio dos alegres comentários suscitados pela aventura.

De uma das janelas do castelo, Honorato de Berrol assistira a tudo. Conhecendo a obstinação do futuro sogro, não tentara intervir, mas não pôde impedir um estremecimento, ao lembrar-se das imprudentes palavras proferidas por Raimundo V no tocante a Gastão de Orléans.

CAPÍTULO XI

O cigano

MÁRIOS DIAS se passaram depois que Mestre Isnard, o escrivão, fôra tão impiedosamente expulso da Casa-Forte des Ambiez.

O procedimento do barão para com os enviados do marcehal, Duque de Vitry, havia sido geralmente aprovado pela nobreza das cercanias.

Poqueníssimo número de gentis-homens se submetera às ordens do governador.

Mestre Isnard, instalado num albergue da Ciotat, mandara um expresso a Marselha comunicar a de Vitry as vivas resistências que se lhe antepunham para o recenseamento das armas.

A burguesia collocava-se ordinariamente ao lado da nobreza e do clero que defendiam os direitos e privilégios provençais.

Os três estados, *clero sagrado, nobreza illustre, república e provençais comunidades*, como os chama César de Nostradamus, na História da Provença, sustentavam-se contra o inimigo comum, ou seja, contra todo governador que não parecesse digno aos provençais de lhes dirigir o país, ou que lhes atacasse os privilégios.

Contudo, por vêzes, surgiam cisões passageiras entre a nobreza e a burguesia, quando os interêsses particulares entravam em jôgo.

Mestre Isnard chegara à Ciotat num momento favorável ao seu ressentimento contra Raimundo V.

Um dos cônsules da cidade, mestre Talebard-Talcbar-don sustentava, em nome da burguesia, um processo contra o barão, no tocante às rêdes de pesca chamadas *almadravas*, que o Sr. dos Ambiez mandara armar ilegalmente, afirmava o cônsul, numa encada de que pretendia o direito de pesca, o que causava grande prejuízo aos interêsses da cidade.

Embora os habitantes da Ciotat tivessem, inúmeras vêzes, encontrado apoio e auxílio com o barão, embora na última incursão dos piratas êle tivesse, à testa dos seus homens, combatido valentemente e quase salvo a cidade, o reconhecimento dos cidadãos não chegava ao ponto de uma submissão absoluta aos desejos de Raimundo V.

O cônsul Talcbard-Talcbardon, antagonista pessoal do barão, exagerando os erros dêste último, envenenara a questão, de tal modo que já se manifestava no seio dos burgueses grande irritação.

Mestre Isnard soube explorar tais dissensões, avivou o fogo, falou longamente da cruel recepção na Casa-Forte. Apesar de não ser do país, conseguiu fazer ver no ultraje que lhe fôra infligido uma questão entre nobre e burguês.

O escrivão decidiu os cônsules a se encerrarem na sua dignidade e a perseguirem rigorosamente o barão, intimando-o à presença do tribunal dos juizes do mar, em vez de continuarem as negociações amigáveis então entabuladas.

Uma vez imersos na malévola disposição, os espíritos não se detiveram. Esqueceram-se os reais préstimos de Raimundo V à cidade, esqueceu-se a sua generosa hospitalidade, o bem que fazia na redondeza, e só ficou diante dos olhos de todos o fato de se tratar de homem insolente, colérico e sempre disposto a erguer a chibata.

Exageraram-se os danos que os seus cães causavam nas caçadas, falou-se da manciça brutal pela qual tratara os burgueses, por ocasião das suas representações no tocante à almadrava. Finalmente, depois do aparecimento do escrivão na Ciotat, começou-se a falar do Sr. des Anbiez como de verdadeiro tirano feudal.

Enquanto a tormenta se ia formando nesse lado, a mais perfeita calma reinava na Casa-Forte.

Raimundo V bebia e caçava mais do que nunca. Quase todos os dias, percorrendo os seus domínios, ia visitar os vizinhos, para avivar, dizia, o fogo sagrado ou antes a geral animadversão contra o Marechal de Vitry, pedindo a todos a assinatura a uma súplica dirigida ao rei.

No manifesto, a nobreza provençal exigia formalmente o afastamento do Marechal, lembrando a Luís XIII que seu pai, de gloriosa memória, o bom, o grande Henrique, em circunstâncias análogas, afastara o Duque de Épernon, para dar satisfação às justas queixas do país.

Enfim, exprimia a nobreza em tal ato o seu respeito ao pesar por não poder obedecer às ordens do cardeal, renunciando ao direito de armar as casas, pois a sua própria salvação lhes ordenava manterem-se sempre em estado de defesa.

Redobrando de atividade, o barão reencontrava as pernas e os braços dos vinte anos de idade, na cruzada contra o Marechal de Vitry.

Eis o aspecto *moral* da Casa-Forte, alguns dias após os fatos de que falamos.

Os leitores não devem ter-se esquecido do cigano que, aparecendo com o séquito do escrivão, escalara, a convite, o balcão, de maneira tão ágil e surpreendente.

Para nos valermos de uma expressão moderna e especial, o cigano vagabundo *estava na moda*, na rústica e guerreira habitação de Raimundo V.

Em primeiro lugar, consertara uma multidão de utensílios domésticos com maravilhosa habilidade.

Depois, tendo *Raio*, o lebrêu favorito do barão, luxado uma pata, o cigano colheu na montanha certas ervas, à luz da lua, com elas pensou cuidadosamente a *parte enfêrna* e, no dia seguinte, *Raio* já podia correr nas charnecas dos vales e das planícies do domínio.

Não foi tudo. *Mistral*, o cavalo predileto de Raimundo V, fôra atingido numa das patas por uma pedra cortante. Usando uma tênue placa de ferro, hábilmente colocada na chanfradura do ferro, logrou o cigano uma espécie de ferradura à moda turca, que passou a proteger devidamente a pata dolorida de *Mistral*.

O barão gostava muito do cigano. A própria Dulcelina, apesar do horror ao descrente que, não tendo sido batizado, não tinha nome cristão, cedeu um pouquinho, quando êle lhe ministrou maravilhosas receitas para a coloração de vidros, fabrico de licôres e embalsamação de aves.

O bom Padre Mascarolus não deixara também de ficar encantado, graças a vários específicos cujo segredo lhe fôra confiado pelo cigano. O único desgosto do digno capelão era encontrar no vagabundo uma fortíssima resistência à conversão.

Eis aí o lado sério das qualidades do cigano.

Unia a isso as mais variadas e agradáveis qualidades. Possuía numa gaiola dois lindos pombos dotados de inteligência sôbre-humana. O seu burro assombrava os habitantes da Casa-Forte, pela graça com a qual caminhava sôbre as patas traseiras. Finalmente, lidava o cigano com bolas de ferro e punhais como o melhor dos jograis indianos. Era tão excelente atirador como o melhor dos arcabuzeiros. Enfim, para abreviarmos a enumeração dos inúmeros dotes do vagabundo, cantava esplêndidamente, acompanhando-se com uma espécie de guitarra moura, de três cordas.

Era por isso que o tinham apelidado de *cantor*, único nome pelo qual, dizia êle próprio, era conhecido dos companheiros.

Estefaninha fôra a primeira em mostrar à ama o novo *trovador*. Com efeito, não obstante fôsse mais feio

do que belo, as suas feições móveis e expressivas possuíam certo encanto, quando êle entoava canções suave e melancolicamente melodiosas.

Convém imaginar a vida calma e monótona dos habitantes da Casa-Forte, para compreender o êxito do cigano.

Reine, instada por Estefaninha, consentiu em ouvi-lo.

Honorato de Berrol, de acôrdo com a noiva, rumara para Marselha, à revelia de Raimundo V, a fim de avaliar o efeito produzido pelas queixas do escrivão.

No caso de que o barão devesse ter motivos de receio, Honorato preveniria Reine e empregaria a influência de um dos seus parentes, amigo do Marechal, para acalmar os ressentimentos despertados pela imprudência do barão.

Reine julgou, pois, que se distrairia ouvindo as canções do cigano.

A imagem do desconhecido continuava a persegui-la cada vez mais. As misteriosas circunstâncias que tão estranhamente lhe tinham exaltado as lembranças, ao mesmo tempo lhe interessavam e a amedrontavam. Por conseguinte, querendo, ou melhor, crendo pôr cõbro à romântica aventura, fixara, com grande júbilo de Honorato, o casamento para o dia seguinte ao do Natal. No entanto, quanto mais se aproximava o dia, mais se arrependia da promessa feita.

Descendo ao âmago do coração, perguntava a si própria com susto se não amava o noivo apenas pelo passado... Mas a pergunta era vaga... A jovem não ouvia ouvir a resposta que lhe dava a consciência.

Estava tristemente sentada na tórre que lhe servia de sala, quando Estefaninha, entrando, disse:

— Senhorita, aqui está o cantor, à espera, na galeria. Posso dizer-lhe que entre?

— Para quê? respondeu Reine, com descaso.

— Para que, senhorita? Para distraí-la da feitiçaria que tanto a tortura! Que pena que êsse descrente seja descrente! Verdadeiramente, senhorita, depois que largou o gibão de couro e usa o escarlate, que monsenhor lhe deu, parece um soldado. Além do mais, tem língua de ouro, garanto. Não tive que dar-lhe a fita cõr de fogo que me rodeava a cabeça para lhe fechar o colarinho? Sem isso, jamais teria ousado apresentar-se à senhorita.

— Vejo, meu bem, que você se sacrificou, disse Reine, sorrindo mau grado seu. Não sei, porém, se Luquin ficará satisfeito com tôda essa devoção. Quando voltará o bravo capitão?

— Hoje, ou amanhã de manhã, senhorita. Alguns pescadores o encontraram perto de Frejus; via-se obrigado a regular a marcha da tartana pela dos pesados navios que trazia de Nice, a fim de escoltá-los.

— E você acha que ele ficará contente com o presente da sua fita ao cantor vagabundo?

— Nossa Senhora! Pouco me importa que fique ou não! Eu quis proporcionar uma distração à minha querida ama... Não poderia ter vacilado por uma simples fitinha...

— Ah, Estefaninha, Estefaninha, você é namoradeira! Por diversas vezes vi os olhos negros e penetrantes do vagabundo fitos nos seus!

— Isso mostra, senhorita, que ele aprova o gosto de Luquin, e o meu capitão só se sentirá lisonjeado, respondeu a moça, sorrindo.

— Você não tem razão... Acabará aborrecendo seu noivo, replicou Reine com expressão mais séria.

— Ah, minha boa ama, não se pode amar lealmente, ternamente, o noivo e achar divertidos os elogios de um vagabundo forasteiro, como a senhorita o chama?

Reine tomou no sentido de alusão aos seus próprios pensamentos a resposta à qual, na realidade, Estefaninha não atribuiu nenhuma intenção.

Encarou severamente a moça, dizendo-lhe imperiosamente:

— Estefaninha!

O ingênuo e lindo rosto da moça assumiu imediatamente uma expressão de tristeza, e ela ergueu para a ama dois olhos tão dolorosamente surpreendidos e nos quais já brilhava uma lágrima, que Reine lhe estendeu a mão, dizendo-lhe:

— Vamos, vamos, você é uma tolinha... mas criatura bondosa e honrada.

Estefaninha, sorrindo, beijou com terna gratidão a mão da ama, e respondeu, enxugando os olhos com a ponta dos dedos finos.

— Posso dizer ao cantor que entre, senhorita?

— Sim, já que você assim quer. Pelo menos que sirva para alguma coisa o sacrifício da sua linda fita côm de fogo.

Estefaninha sorriu maliciosamente, saiu, e tornou a entrar seguida pelo cigano.

CAPÍTULO XII

A gusla do emir

APESAR da humildade da sua condição, o cigano não pareceu demasiadamente intimidado pela presença de Reine.

Saudou-a com respeitoso desembaraço, ao mesmo tempo que relanceava vivo e rápido olhar pelos objetos que o circundavam.

Como bem dissera Estefaninha, o exterior do cigano lucrara bastante. O seu corpo delgado e bem feito desenhava-se maravilhosamente sob o gibão escarlate, presente do barão. A gola exibia a fita cõr de fogo que Estefaninha lhe dera. Trazia amplas calças de pesado tecido branco. As polainas de pano azul, bordadas de lã vermelha, subiam-lhe acima do joelho. Os cabelos negros emolduravam-lhe o rosto magro, moreno, e inteligentíssimo.

Segurava na mão uma espécie de guitarra de cabo de ébano, preciosamente incrustado de fôlhas de nácar e de ouro. Na extremidade superior, formava ela uma espécie de paleta, no meio da qual se via pequenina placa redonda, de ouro cinzelado, semelhante à tampa de um medalhão.

Insistimos na riqueza do instrumento, por se afigurar pelo menos assaz estranho o fato de o possuir um simples cigano errante.

A própria Estefaninha ficou impressionada, e exclamou:

— Ainda não lhe tinha visto essa linda guitarra, cantor!

Aquelas palavras atraíram a atenção de Reine. Surpreendida tanto quanto Estefaninha, disse ao cigano:

— Com efeito, como artesão ambulante, o senhor não deixa de ser bastante rico.

— Sou pobre, senhorita. As vêzes nem pão tive para comer. No entanto, houvera preferido morrer a vender esta gusla. Os meus braços são débeis, mas ter-se-iam tornado de ferro para defendê-la... Só poderiam tirar-ma, depois de morto... É o meu tesouro mais precioso... E mal ousou tocá-la... Mas a rosa des Anbiez quis ouvir-me, e tudo quanto desejo neste momento é que a minha canção seja digna do instrumento e de quem me ouve.

O cigano falava puro francês, embora houvesse algo de gutural no seu sotaque árabe.

Reine trocou um olhar de surpresa com Estefaninha, ouvindo aquelas palavras de requinte oriental, contrastando singularmente com o estado do vagabundo.

— Mas essa gusla, como chama ao instrumento, de que maneira lhe chegou às mãos?

O cigano sacudiu melancolicamente a cabeça, e respondeu:

— Esta é uma canção triste, senhorita, e nela há mais lágrimas que sorrisos!

— Fale, fale, ordenou Reine, vivamente interessada pelo andamento romântico do incidente. Conte-me de que maneira a gusla lhe chegou às mãos. O senhor parece-me estar acima da sua condição.

O cigano suspirou profundamente, fitou os olhos penetrantes em Reine, e fez ouvir alguns acordes que vibraram longamente sob a abóbada sonora da torre.

— Mas a história da gusla? insistiu Reine, com impaciência de moça.

O vagabundo, sem responder, esboçou com a mão um gesto de súplica, e começou a cantar, acompanhando-se com arte, ou melhor, tocando em surdina motivos de terna melancolia, enquanto, com a voz doce e grave, proferia as seguintes palavras:

“— Além, muito além, fica o país em que nasci. Rodeiam-no, como árido oceano, as areias do deserto. Vivia eu ao lado de minha mãe, que era pobre, velha e cega. Gostava de minha mãe, como os desgraçados gostam dos que deles gostam. Minha mãe era triste, e mais triste ficou após perder a vista. Eu ia ao vale procurar flores. Ela se esforçava por consolar-se de não poder ver as rissonhas côres, aspirando-lhes o embriagador perfume. A voz do filho é sempre doce aos ouvidos de mãe... Falava-lhe, e ela, às vêzes, sorria. Mas não ver, nunca mais ver, era o que a desesperava! Pouco a pouco, mergulhou em sombrio desespero. Antes desse desespero, apoiando-se ao meu braço, saía. Gostava de sentar-se, ao pôr do sol, debaixo das laranjeiras do jardim do jovem e bravo emir da nossa tribo. O suave calor do sol a reanimava. Deleitava-se com o fresco murmúrio das cascatas, que pareciam cantar tombando na bacia de mármore.

Um dia, lamentando mais amargamente do que nunca a perda da vista, recusou-se a sair. Supliquei-lhe... Chorei. Foi inflexível. No canto mais solitário da nossa morada, com a veneranda cabeça envolta no manto negro, minha mãe permanecia imóvel. Não quis comer, queria apenas morrer. Já fazia um longo dia e uma longa noite que recusava tudo...

Inútilmente dizia eu: Minha mãe, minha mãe, morrei também...

Ela permanecia calada e sombria.

Peguei-lhe a mão... a mão gelada. Tentei aquecer-lha com o meu sopro. Ela quis retirá-la..."

Proferindo estas palavras, a voz do cigano tinha tal expressão de tristeza, os sons que arrancava da gusla estavam revestidos de caráter tão melancólico, que Reine e Estefaninha trocaram, em silêncio, olhares banhados de lágrimas. O cigano continuou, sem notar a emoção que causava:

"— Era noite.

Uma bela noite! Através da janela aberta da nossa morada... via-se um céu estrelado. A lua prateava a planície. Não se ouvia nenhum ruído, nenhum!... Sim, sim, ouvia-se a respiração febril de minha pobre mãe. De repente, ao longe... bem longe, ergueu-se como que o doce e débil eco de uma voz cantando no céu. Dali a pouco, um sopro de brisa, carregado do perfume dos limoeiros, trouxe sons mais distintos. Eu continuava a segurar a mão gelada de minha mãe... Senti-a estremecer. A voz celeste aproximava-se... aproximava-se... Os acordes de um melodioso instrumento a acompanhavam e davam-lhe inexprimível encanto. Minha mãe estremeceu de novo... ergueu a cabeça... pôs-se a escutar... Pela primeira vez, depois de longas horas, deu sinais de vida. À medida que as notas encantadoras chegavam até nós, minha mãe dava a impressão de renascer. Senti que a mão se lhe aquecia... e senti que apertava a minha. Finalmente, ouvi-lhe a voz... a voz até então emudecida... — Meu filho! Esse canto me penetra a alma... me tranqüiliza... Lágrimas, lágrimas! Finalmente lágrimas... Tinha tanta necessidade de chorar!

Senti duas lágrimas ardentes molhar-me a testa.

— Oh, minha mãe... minha mãe!

— Silêncio... meu filho. Cale-se, disse-me ela, tapando-me a boca com uma das mãos, e com a outra apontando para a janela... Escute essa voz, escute... Ei-la aí, ei-la aí..."

Reine, profundamente comovida, apertou a mão de Estefaninha, sacudindo a cabeça com expressão de piedade.

O cigano prosseguiu:

"— A lua do meu país brilha como brilha o sol aqui. E ao luar passou lentamente o jovem emir, montado em *Azib*, o belo cavalo branco. *Azib*, doce como o cordeiro, corajoso como o leão, branco como o cisne. O emir abandonara as rédeas de ouro sobre o pescoço de *Azib*. Feliz,

cantava um amor feliz, acompanhando-se com a gusla. O seu canto não era alegre, era terno, era melancólico. O emir passou, cantando.

— Silêncio... meu filho... silêncio, disse-me baixinho minha mãe, apertando-me convulsivamente a mão. Essa voz divina me faz bem!...

Aí! Pouco a pouco a voz se afastou. O emir passou e a voz sumiu-se. Nada mais se ouviu... nada mais... nada mais...

— Ah, gritou minha mãe, eis-me de novo no triste horror da minha noite! Pensei que essa harmonia celestial dissipasse as trevas... Ah!...

E torceu desesperadamente as mãos.

Chorou a noite inteira.

No dia seguinte, aumentou-lhe o desespero, e a razão se lhe enfraqueceu. No delírio... chamava-me de mau filho, acusava-me de não lhe permitir mais ouvir aquela voz. Se não tornasse a ouvi-la, dizia-me, morreria.

E, com efeito, ia morrer. Já fazia longas horas que recusava qualquer alimento. Que fazer? Que fazer?

O emir da nossa tribo era o mais poderoso dos emires. Quando erguia o djerid, montavam a cavalo dez mil cavaleiros.

O seu palácio era digno do sultão... e imensos eram os seus tesouros. Ai! Como ousar sequer conceber a idéia de lhe dizer: — Venha, com o seu canto, arrancar à morte uma pobre anciã doente e desesperada!

No entanto, foi o que ousei. Minha mãe talvez não tivesse mais do que algumas horas de vida... Fui ao palácio..."

— E o emir? exclamou Reine, profundamente comovida e interessada, enquanto Estefaninha, não menos enternecida que a ama, unia as mãos com admiração.

O cigano olhou para as duas jovens com indefinível tristeza, e disse, interrompendo aquela espécie de improvisação, e colocando a guitarra sobre os joelhos:

Uma mulher foi minha mãe, respondeu-me o emir, e foi comigo.

— Foi? disse Reine com entusiasmo. Ah, que nobre coração!

— Sim, o mais nobre coração! repetiu o cigano com exaltação. Ele, tão grande, tão poderoso, dignou-se ir durante cinco dias, tôdas as noites, à nossa morada... Como poderei descrever a sua bondade comovedora, filial? Se minha mãe não tivesse tido o germe de mortal enfermidade, os cantos do emir a houveram salvado... pois o efeito que produziam nela eram prodigiosos. Minha mãe morreu, pelo menos, sem sofrer... mergulhada em pro-

fundo êxtase. A gusla! Esta gusla foi do emir. Deu-ma. Graças a ela os derradeiros momentos de minha mãe foram tranquilos... Minha pobre mãe!...

Uma lágrima fulgiu por um instante nos olhos negros do cigano. Depois, como se quisesse expulsar tão dolorosas lembranças, empunhou novamente a gusla, e cantou estas outras estrofes, com voz ativa e exaltada, fazendo vibrar o sonoro instrumento.

— O nome do emir é sagrado na tribo. Por êle, morreremos... Ninguém é mais bravo, ninguém é mais belo, ninguém é mais nobre!

Tem apenas vinte anos, e o seu nome já é o espanto das outras tribos.

O braço é delicado como o de mulher, mas é forte como o do guerreiro.

O rosto é risonho, é belo como o do gênio que surge nos sonhos das moças! Às vezes, porém, é terrível como o do gênio das batalhas!...

A sua voz seduz como poção mágica, mas, às vezes, explode como o clarim."

O cigano, no seu entusiasmo, aproximou-se de Reine, e disse-lhe, abrindo o medalhão incrustado no cabo da gusla:

— Olhe, olhe! Veja se não é o mais belo dos mortais!

Reine olhou o retrato... e deu um grito de espanto... Era o retrato do forasteiro dos rochedos de Ollioules, que salvara a vida de seu pai!

Naquele momento, abriu-se a porta da sala de Reine, e ela viu aparecer Honorato de Berrol, seguido do capitão Luquin Trinquetaille, que acabara de chegar na tartana *Santo Espanto dos mouros, com a graça de Deus.*

CAPÍTULO XIII

C i ù m e

QUANDO Honorato de Berrol entrou, quis Estefaninha retirar-se para deixar sòzinhos os noivos. Deu um passo para a porta, mas Reine lhe pediu com viveza e comoção:

— Fique!

Depois, mal se contendo, abaixou a cabeça e ocultou o rosto nas mãos.

Honorato, no cúmulo do assombro, não sabia o que pensar.

O cigano fechara o medalhão em que estava o retrato de Erebo, e colocara-o sobre uma das mesas.

O capitão do *Santo Espanto dos mouros* tentava inutilmente encontrar o olhar de Estefaninha. Ela parecia cuidar de evitá-lo.

Luquin Trinquetaille sentiu ainda mais aquilo, por ter reconhecido na gola do cigano certa fita côr de fogo, perfeitamente igual à que Estefaninha usava.

Aquela observação, unida a várias pérfidias insinuações de que acabava de tornar-se culpado mestre Laraméc, bebendo um trago com Luquin, despertou imediatamente o ciúme dêste.

Luquin olhou para o cantor com o sobreceinho franzido. Depois, encontrando por acaso os olhos de Estefaninha, fêz-lhe com a mão esquerda sinais mímicos dos mais complicados; tratava-se de perguntar à moça porque usava o cantor uma fita semelhante à dela.

Como, naquela pantomima, o digno capitão levasse várias vêzes a mão à gola, Estefaninha perguntou-lhe baixinho, com a maior ingenuidade do mundo:

— Está-lhe doendo a garganta, Sr. Luquin?

As palavras da maliciosa criatura, provocando a cólera do capitão, pareceram arrancar também Honorato do estupor em que o mergulhara a estranha acolhida da noiva.

Aproximando-se-lhe, disse-lhe:

— Acabo de chegar de Marselha, Reine. Preciso falar-lhe de coisas gravíssimas relativas a seu pai. Trinquetaille vem da Ciotat. A questão da pesca está-se agravando... os burgueses parecem irritados. Para falarmos de tudo isso, seria necessário que estivéssemos sôzinhos.

A jovem ergueu o rosto banhado em lágrimas, e com um sinal ordenou a Estefaninha que se retirasse. Estefaninha obedeceu, olhando-a tristemente.

Trinquetaille seguiu a noiva, zangado, e o cigano acompanhou-os.

— Reine, pelo amor de Deus, que tem? perguntou Honorato, quando se viu a sós com a Srta. des Anbiez.

— Nada, meu amigo, nada!

— Mas se está chorando, se está transtornada! Que sucedeu?

— Nada, já lhe disse... uma tolice qualquer! O cigano cantou-nos uma canção do seu país, uma coisa comovente, e eu me enterneci. Mas não falemos mais disso... Falemos de meu pai... Há perigo? O tratamento infligido ao escrivão irritou o Marechal? E quanto à pesca, que diz Luquin? Vamos, Honorato, responda-me!

— Ouça-me, Reine, embora se trate efetivamente de incidentes, se não perigosos, pelo menos graves, deixe-me antes falar do que, para mim, antecede qualquer outra coisa... do meu amor por você.

— Honorato, Honorato... e meu pai?

— Tranqüilize-se; neste momento, o barão não corre nenhum perigo. O marechal mandou dois dos seus homens fazer investigações.

— Mas, e Luquin, que vinha dizer da pesca?

— Vinha dizer-lhe que os cônsules resolveram levar a questão com seu pai sobre os direitos de pesca à presença do conselho dos juizes pescadores. Já vê, Reine, que essas notícias, apesar de graves, não são ameaçadoras... e...

— Como supõe você, Honorato, que o marechal encare o procedimento de meu pai? disse Reine, precipitadamente, mais uma vez o interrompendo.

Este a fitou com surpresa e pesar.

— Meu Deus, Reine, que significa isso? Não nos uniremos daqui a alguns dias? No Natal? Importuna-a ouvir falar do amor que lhe dedico?

Reine suspirou e abaixou a cabeça sem responder.

— Ouça, Reine, já faz um mês que há em você algo de inexplicável... Não é a mesma, está distraída, preocupada, taciturna. Quando lhe falo da nossa união próxima, dos nossos planos, do nosso porvir, sempre me responde com constrangimento... Isso não é natural. Que erro terei cometido?

— Nenhum... nenhum... Oh, nenhum! Honorato, você é o melhor e o mais digno dos homens!

— Mas enfim, há oito dias, você própria anunciou formalmente a seu pai que desejava que o nosso casamento se realizasse no Natal, ainda que os fatos impedissem seu tio, o comendador, e o Padre Elzear de assistir à cerimônia.

— É verdade...

— E então... mudou de parecer? Quer um adiamento? Você não me responde... Meu Deus!... Que significa tudo isso? Reine, Reine! Ah, como sou infeliz!

— Meu amigo, não se desespere assim... Tenha pena de mim... Ouça... estou louca... sou indigna do seu afeto. Atormente-o, e você é tão bom... tão nobre...

— Que tem, Reine? Que deseja?

— Não sei... Sofro... Olhe, digo-lhe que sou louca, louca e triste... creia-me!

Ocultou o rosto entre as mãos. Honorato, estarecido, contemplava-a com dolorosa angústia.

— Ah! exclamou êle. Se conhecesse menos a pureza do seu coração, se a própria evidência não me impedisse de conceber a menor suspeita, diria que um rival me substituiu no seu coração... Mas não, não, se fôsse assim, conhego a sua franqueza, você me confessaria tudo sem corar, pois é incapaz de coisas indignas... E então, de que se trata? Há um mês eu era amado... Que fiz para tornar-me desmerecido aos seus olhos? É de enlouquecer!

E Honorato de Berrol, prêsa de violento pesar, abismado nas mais tristes reflexões, caminhou de um lado a outro, em silêncio.

Reine, cabisbaixa, não ousava proferir palavra. Pres-tes a tudo confessar a Honorato, retivera-a a vergonha. Não podia, aliás, distinguir ainda com nitidez as suas impressões.

A narração do cigano, o incrível acaso que acabava de pôr-lhe sob os olhos o retrato do desconhecido, aumentavam a curiosidade e o interêsse romântico que experimentava, mau grado seu, pelo estrangeiro.

Mas seria amor? E quem era aquêlê homem? O cigano afirmava que era emir da tribo. Mas em Marseilha, êle e os dois companheiros tinham pelo contrário, passado por moscovitas. Como descobrir a verdade no meio de tantos mistérios?... E, finalmente, tornaria ela a rever aquêlê jovem? Não era um idólatra? Seria real o comovente fato narrado pelo cigano?

Abismada naqueles caos de pensamentos confusos, Reine não encontrava palavras para responder a Honorato.

De que valia confessar-lhe aquêlê segrêdo inexplicável? Se tivesse sentido uma diminuição de afeto pelo noivo, uma modificação, não houvera hesitado, com a habitual lealdade, a dizer tudo a Honorato. Mas continuava a nutrir por êle a mesma ternura grave e calma, a mesma confiança, a mesma veneração algo temerosa.

Quando, às vèzes, ao deixar a Casa-Forte, e animado por Raimundo V, Honorato apoiava os lábios à testa da jovem, ela sorria sem experimentar a menor perturbação.

Nada lhe parecia alterado no seu apêgo a Honorato, e, no entanto, era com inquietação que via chegar o dia do casamento.

Sem dúvida, aquela falta de confiança para com Honorato era censurável. Mas Reine adivinhava, com um instinto inteiramente feminino, que era perigoso e inútil falar ao noivo das estranhas preocupações do seu coração.

Honorato estava profundamente triste. Reine censurou-se por não lhe dizer palavra que o acalmasse, e ia, indubitavelmente, obedecer à comovedora inspiração, chegan-

do até, uma vez na estrada da confiança e da sinceridade, a confessar-lhe tudo. Mas o aspecto irritado de Honorato lhe deteve, de repente, nos lábios a palavra...

A força de buscar em vão a causa da frieza e do estranho procedimento de Reine, ferido de súbito por algumas vagas lembranças, recordando-se de que, fazia um mês mais ou menos, o Sr. de Signerol apparecera na Casa-Forte mais freqüentemente do que nunca, viu Honorato naquêle homem o objeto das novas preferências de Reine.

Aquêle pensamento era menos fundado ainda pelo fato de ella, conversando com o noivo no dia da aventura do escrívão, haver censurado o Sr. de Signerol em termos quase desdenhosos, accusando-o de instigar a já terrível impetuosidade de Raimundo V. Numa palavra, o Sr. de Signerol talvez nunca tivesse proferido uma frase sequer em particular com a Srta. des Anbiez.

Honorato, irritado e triste, acolheria qualquer suspeita capaz de lhe explicar a estranha mudança de Reine.

Uma vez admitida aquella suspeita, indignou-se com a maneira pela qual Reine lhe falara daquelle homem grosseiro, e viu naquilo a mais pérfida dissimulação.

Aos olhos dêle, ella era duplamente culpada. Livre de dispor da sua mão, podia dizer-lhe francamente que renunciasse, em vez de enganá-lo com uma esperanza duvidosa. Aceitando aquêle êrro, de Berrol descobriu inúmeros motivos para a êle prender as esquisitices que, havia tempo, o impressionavam no procedimento de Reine. Chegou até a pensar que o cigano fôsse um emissário do Sr. de Signerol.

A perturbação de Reine, havia pouco, fortaleceu-lhe a idéia. Não podendo conter-se, disse de repente a Reine.

— Confesse que pelo menos é estranho receber familiarmente, nos seus aposentos, um cigano vagabundo. Parece-me que, se era só uma questão de canto, você não estaria tão embarçada, tão comovida, quando aqui entrei.

Encolerizado, lançara ao acaso aquella censura. Immediatamente, envergonhou-se. Qual não foi o seu espanto, o seu despeito e dor, ao ver Reine corar e abaixar os olhos, sem responder.

Ella pensava no retrato do desconhecido, na aventura que a êle se ligava. Não sabia se as palavras de Honorato se referiam aquillo.

A perturbação da jovem confirmou as dúvidas do cavaleiro que exclamou, com amargura:

— Ah, Reine, nunca a teria suposto capaz de esquecer-se a ponto de comprometer os seus mais caros interesses, confiando-os a êsse miserável!

— Que pretende dizer, Honorato? Não o compreendo. É a primeira vez que profere essas palavras!

— Porque é a primeira vez que tenho a certeza de ser um juguete para você! replicou êle, sem conter-se.

— Não pode, realmente, estar pensando no que diz...

— Digo... digo... que agora explico as suas hesitações, o seu constrangimento, o seu embaraço. Mas o que ainda não explico... é que tenha tido a coragem de submeter a um papel aviltante um homem que lhe dedicou a vida...

— Honorato, você perdeu a cabeça... Não mereço as suas censuras!

— De duas uma... ou, faz um mês, pensa no nosso casamento, ou não pensa mais. Se não pensa mais, brincou com o amor de um homem honrado... Se pensa, apesar do amor que traz no coração... é odioso.

Embora as suspeitas de Honorato fôsem absurdas, Reine, ferida por aquelas palavras que aludiam impressionantemente à sua situação, calou-se.

Honorato interpretou o silêncio como confissão da duplicidade.

— Nada me responde? É porque não pode responder. Por conseguinte, não me enganei! O cigano é o emissário do Sr. de Signerol.

— Do Sr. de Signerol? gritou Reine. Mas é impossível que você pense nisso... Nunca dirigi a palavra a êsse homem, a não ser na presença de meu pai... E você sabe que importância lhe dou!

— Para melhor dissimular, sem dúvida, o esplêndido pendor!

— O Sr. de Signerol... o Sr. de Signerol... Você está louco, Honorato!

— Acabemos com esta comédia, senhorita. Já faz tempo que não deixo de litar-lhe os olhos. Notei a sua perturbação, o seu rubor, quando comecei a falar do cigano. Acabemos com esta comédia!

Por altivez, por tristeza, por despeito de não poder explicar a causa do seu embaraço, ou finalmente por sentir-se ferida pelas duras palavras de Honorato, Reine, erguendo a cabeça com dignidade, respondeu ao noivo:

— Tem razão, Honorato. Não continuemos esta discussão, indigna de você e de mim. Pois que me julga tão mal... pois que sobre as suspeitas mais infundadas funda a mais vergonhosa das acusações... devolvo-lhe a palavra, e retomo a minha.

— Ah, era êsse, sem dúvida, o seu objetivo! Tive que esquecer-me do que lhe devia para forçá-la à franqueza. Pois bem! Seja! Esqueçamos os planos de ventura nos quais fundei a minha vida! Pisemos aos pés os votos mais caros de seu pai, de sua família... Você exerce bastante influência no barão para fazer com que êle condescenda com os seus planos. Asseguro-lhe que não me oporei...

Naquele momento, ouviram-se os passos de Raimundo V, que entrou precipitadamente, segurando uma fôlha de papel na mão.

CAPÍTULO XIV

A intimação

RAIMUNDO V parecia demasiadamente encolerizado para notar a expressão de tristeza e pesar gravada no rosto dos noivos.

Voltando-se para Honorato, disse-lhe:

— Sabe o que Trinquetaille acaba de me informar? Julgaria, meu filho, que os burgueses da Ciotat, êsses infames porcos que muitas vêzes engordei com os meus benefícios ou que salvei dos dentes dos cães barbarescos, pretendem que eu compareça amanhã, domingo, à presença dos cinco juizes do mar, para a nossa contestação de pesca... E o padre pretende que...

Voltando-se para a porta, o barão gritou:

— Venha cá, senhor padre! Aonde foi esconder-se?

O bom capelão mostrou o longo vulto entre as duas cortinas, pois se mantivera discretamente na ante-sala.

— O padre, continuou Raimundo V, o padre pretende que êle é soberano. Belo tribunal! Composto do pai Cadaou, negociante de peixe e de alguns outros tritões comedores de alho, que mal possuem todos juntos um barco e uma rêde. Meus filhos, eu pôsto fora por êsses velhos palhaços!

— Monsenhor, disse o Padre Mascarolus, a jurisdição dos juizes do mar em matéria de pesca é suprema e sem apêlo. Foi confirmada por cartas patentes de Henrique II em 1537, de Carlos IX em 1564, e do rei, nosso conde, em 1622. É um dos mais velhos usos das comunidades provençais. Não há exemplo de haver nobre, sacerdote ou burguês rejeitado a sua jurisdição... e monsenhor...

— Basta, senhor padre... basta! interrompeu-o o barão. Se tiverem a impudência de intimidar-me... eu não terei a fraqueza de obedecer à intimação, nem que ela me seja feita em virtude das cartas patentes de todos os reis que o senhor acaba de nos declinar... As patentes dos reis, eu oporei títulos e privilégios concedidos por outros reis à minha casa, pelos serviços que minha família lhes prestou. As minhas almadras e as minhas rêdes ficarão onde estão e, pelos diabos, cuidarei bem delas!

— Senhor, interveio Honorato, permita-me...

— Senhor? Por que raio de motivo me chama você de senhor? gritou o barão interrogando Honorato.

O rapaz olhou dolorosamente para Reine, como para lhe dar a compreender que, graças a ela, já não lhe era possível, dali por diante chamar Raimundo V pelo nome de pai.

— Pois bem, disse Honorato, pois que assim deseja... meu pai...

— E essa! Que há aqui? perguntou o barão, estupefato, à filha. É claro que desejo que você me chame de pai... visto que é ou, melhor, que será meu filho daqui mais uns dias.

Reine corou, abaixou os olhos e manteve-se calada.

— Vejamos, agora fale, disse o velho gentil-homem a Honorato. Que pretendia dizer-me?

— Segundo o que soube, continuou o jovem, os cônsules excitados pelo escrivão Isnard manifestaram sentimentos hostis contra o senhor, meu pai. Não teme que os burgueses e os pescadores se unam aos cônsules? Se virem que o senhor se recusa a comparecer...

— Eu... temer aquêles tolos?... Rio-me dêles! gritou impetuosamente o ancião. Posso de pai para filho o direito de colocar almadras e rêdes na enseada de Castrembaou, insistirei no meu direito, nem que todos os pescadores da costa daqui a Sifour se oponham.

— O fato é, monsenhor, disse o padre, que, embora possam ser contestados, o senhor possui direitos. Os seus títulos e privilégios de pesca remontam ao ano de 1221, no dia catorze depois das calendas de fevereiro, durante o reinado de Filipe, rei da França, e os títulos foram registados por Bertrand de Cornillon.

— Que necessidade tenho eu da autoridade de Bertrand! exclamou o barão. O fato vale o direito, e tenho a força por cima do direito. Já se viu semelhante patifaria? Que canalhas!... E eu sempre os apoiei e defendi! Ah, dirijam-se outra vez a mim, se tiverem coragem!

— Meu bom pai, encontrá-lo-iam como sempre o encontraram: generoso e bom...

— Bem o sei eu. Como poderia vingar-me se não lhes mostrando que um gentil-homem é de cêpa superior à deles?

— Ah, estou reconhecendo monsenhor! exclamou o padre. Se o senhor permitisse o exame dos seus títulos pelos juizes...

— Como? O exame dos títulos? Expulsei a chicotadas um escrivão enviado por um duque e par, marechal da França, e deverei submeter-me ao arbitrio daqueles casacos alcatroados, que deixarão o velho e mísero barco para subir ao tribunal?... Irei descobrir-me perante velhos palhaços que, na mesma manhã da audiência, terão apregoado no pôrto a sua mercadoria? Uma população que minha família sempre cumulou... Na sua última viagem a Argel, para resgatar cativos, meu bravo e bom irmão Elzear não trouxe da Berbéria cinco habitantes da Ciotat? Meu irmão, o comendador, não perseguiu, há três anos, com a sua galera negra cinco ou seis xavecos que, velejando pela costa, impediam qualquer movimento, e que fugiram diante da capitânia do comendador como nuvem de passarinhos diante de um falcão? E é essa gente que me acusa! Vão para o diabo!... Hão de ver como recoberei o escrivão que me mandarem... Acabo de colocar nova correia no meu chicote... Mas, já falamos demais desses miseráveis. Dê-me o braço, minha filha, o tempo está bellissimo. Vamos passear. Venha conosco, Honorato.

— O senhor me desculpará... meu pai... Tenho afazeres em casa... Não poderei acompanhá-lo...

— Tanto pior... Nesse caso, ande depressa, e volte logo... Nada temo desses carneiros imbecis da Ciotat, mas se tentarem alguma coisa contra as minhas almadravas... precisarei de você... para impedir que eu, no primeiro impeto, mande Laraméc enforcar alguns, acima das minhas rédes, à guisa de espantalhos.

Cedendo ao seu caráter móvel e impetuoso, mudou de tom e disse alegremente ao padre:

— Se mandasse enforcar alguns daqueles insolentes, o caso seria gravíssimo, porque não sei se o senhor possui alguma receita contra o enforcamento...

— Peço-lhe perdão, monsenhor, mas disseram-me recentemente, não ousaria afirmá-lo — que obrigando o paciente a beber, antes da execução, uma grande quantidade de água férrea que, por assim dizer, envolve, banha o princípio vital e com elle se funde... e que se, por outro lado, o paciente usar sobre a pele nua várias pedras magnéticas, ou ímãs, a força destes é tal que, não obstante a

agitação do enforcamento, retêm no corpo o princípio vital saturado de ferro, em virtude do seu irresistível poder de atração sobre esse metal.

— Nossa Senhora! Eis um remédio maravilhoso! Quem lho ensinou?

— Um pobre homem que pouco se importa com a alma, mas conhece muito bellissimas receitas. É o cigano que curou o lebrêu de monsenhor.

— O cantor! Não duvido de que se ocupe de enforcados e enforcamentos! Evidentemente pensa no futuro. Cada um ora ao seu santo, não é, senhor padre? Mas nada impede esse vagabundo de ser homem hábil, disse Raimundo V. Nunca houve ferrador que cuidasse melhor de um cavalo de raça!

Ouvindo falar do vagabundo, Reine corou de novo. Honorato reteve, a custo, um movimento de despeito.

Raimundo V continuou:

— Dulcelina está encantada com elle. Diz que, graças ao cigano, terá um presépio dos mais lindos para o Natal... Você o ouviu cantar, não foi, minha filha? Que acha? Eu sou um péssimo juiz, e não conheço outros cantos que não sejam os do senhor padre e os nossos velhos refrões provençais. É verdade que o vagabundo possui uma voz maravilhosa?

Desejando pôr cõbro a uma conversação que lhe era penosa por vários motivos, respondeu Reine:

— Sem dúvida, canta muito bem. Mal o ouvi. Se quizer, meu pai, iremos passear. Já são duas horas, e os dias são breves.

O barão desceu, seguido da filha. Ao passar pelo pátio, viu, pela porta entreaberta de um depósito, a antiga e pesada carruagem de que se servia para ir assistir, na igreja paroquial da Clotat, às festas solenes do ano, embora dispusesse da sua capela na Casa-Forte.

Conhecendo a espécie de irritação reinante contra elle na pequena cidade, o obstinado e ousado barão, à vista da carruagem, teve a talentosa idéia de desafiar a cólera pública, indo no dia seguinte à igreja com certa pompa.

O assombro de Reine foi, pois, extremo, quando ouviu o pai ordenar a Laraméc que mandasse aprontar a carruagem para o dia seguinte de manhã, ao meio-dia, hora da grande missa.

A todas as perguntas da filha, só respondeu com o silêncio.

Voltemos, agora, a actores menos importantes.

Saindo com Luquin do quarto da ama, Estefaninha desdenhara responder às suspeitas ciumentas do capitão,

e encerrara-se na sua dignidade e no seu quarto, cujas janelas se abriam para o pátio.

Pelas janelas, a jovem viu ao mesmo tempo os preparativos da carruagem, e Luquin Trinquetaille passear de um canto a outro, agitado.

Por curiosidade de saber em virtude de que extraordinário acontecimento se aprestava o barão a sair de carruagem, ou por desejo de avistar-se com o capitão, o que é certo é que ela desceu ao pátio.

Em primeiro lugar, dirigiu-se a mestre Laramée:

— Monsenhor vai sair de carruagem?

— Tudo quanto sei é que monsenhor me ordenou que lhe preparasse a venerável arca de Noé. E, a propósito de arca de Noé, acrescentou mestre Laramée com ironia, se a senhorita tivesse um raminho de oliveira no bellissimo biquinho rosado, deveria levá-lo, como sinal de paz, ao bravo capitão que está medindo o pátio com as longas pernas, transtornado... Dizem que está em luta aberta contra o cigano, e a oliveira é um simbolo de paz que lisonjeará o digno capitão Luquin.

— Não se trata disso, mestre Laramée, respondeu-lhe Estefaninha com secura. Aonde pretende monsenhor ir de carruagem? É hoje ou amanhã que vai servir-se dela?

— Amanhã será hoje, e depois de amanhã será amanhã, senhorita, retrucou ásperamente o mordomo, ofendido com a imperiosidade de Estefaninha.

E, por entre os dentes, acrescentou:

— Eis a pombinha transformada em pêga!

Durante essa conversação, Luquin Trinquetaille se aproximara de Estefaninha. Tentara assumir ares ao mesmo tempo dignos, frios e supremamente desdenhosos.

— Minha pequena, disse à Estefaninha, com displicência, não acha que é bela a côr do fogo?

Estefaninha voltou a cabeça, olhando por cima do ombro, e disse a Luquin:

— Pequena? Se é a Joanhinha, a lavadeira, que está dirigindo a pergunta, convém falar mais alto.

— Não é a Joanhinha que estou falando, ouviu? gritou Luquin, perdendo a paciência. Joanhinha, apesar de lavadeira, não teria a audácia... a desfaçatez de dar uma fita a um cigano vagabundo!

— Ah, aí está! respondeu a maliciosa criatura. Decididamente essa fita produz no senhor o efeito de um pano vermelho num touro da Camargue.

— Se eu fôsse um touro da Camargue, e de chifres duplos, o vagabundo lhes sentiria imediatamente a ponta. Mas não importa, o insolente pagará caro a ousadia. Que

eu morra se não lhe cortar as orelhas para pendurá-las ao mastro da minha tartana...

— Da língua dêle é que deveria ter ciúmes, meu pobre Luquin, pois nunca houve trovador do bom Rei Renato que cantasse mais ternamente...

— Nesse caso, arrancar-lhe-ei a língua, por mil diabos!...

— Vejamos, não faça extravagâncias, Luquin. O cigano também é corajoso, e hábil como um soldado.

— Muito obrigado pela sua piedade, senhorita!... Mas nunca me bato com os cães... Bato-os!

— Sim. Mas às vezes os cães possuem dentes que mordem realmente, previno-o.

— Que eu seja maldito, se você não é a criatura mais diabólica que conheço! exclamou Tringuetaille. Pelo meu padroeiro, se amanhã, em campo fechado, eu me batesse contra aquêle rosto de cobre, você invocaria Nossa Senhora pelo cigano!

— Sem dúvida!

— Invocaria?

— Sim, evidentemente. Não é preciso defender sempre o fraco do forte, o pequeno do grande? Não seria necessário pelo menos encorajar o infeliz que ousasse enfrentar o temível braço do capitão do *Santo Espanto dos Mouros*?

— Santa Cruz! Você está gracejando, Estefaninha, e eu não tenho vontade nenhuma disso.

— É o que se vê.

— Onde está o patife, o vagabundo?

— Quer que vá indagar já? Não haveria coisa mais agradável para mim.

— É demais! Você se ri da minha cólera. Pois bem, adeus! Tudo terminou, ouviu, tudo terminou entre nós!

Estefaninha, sacudindo os ombros, respondeu:

— Por que profere essas tolices?

— Tolices?!

— Sim, tolices, simples idéias.

— Idéias?! Ah, então acha que são simples idéias? Pois bem, você verá! Não julgue que me prende com as suas carícias... Conheço-as... Lágrimas de crocodilo.

— Não fale assim, Luquin. Vou obrigá-lo a pôr-se de joelhos na minha presença, e a pedir-me perdão pelo seu tolo ciúme infundado.

— Eu, de joelhos! Eu pedir-lhe perdão! Ah, seria lindo... Ah, ah!... Eu de joelhos, na sua presença?...

— De joelhos, por favor.

— Ah, ah! Que idéia interessante, palavra!...

— Vamos, vamos, agora mesmo... Aqui... neste lugar.

— Você enlouqueceu, Estefaninha!
— Sr. Luquin, pelo seu interesse, ajoelhe-se, por favor...

— Histórias!

— Cuidado...

— Trá lá lá lá! cantarolou o capitão por entre os dentes, erguendo-se na ponta dos pés, para logo voltar à posição natural.

— Um, dois... Não quer ajoelhar-se e pedir-me perdão pelo tolo ciúme?...

— Preferiria estrangular-me com as minhas próprias mãos.

— Luquin, bem sabe que quero o que quero. Se se recusar atender-me, eu é que lhe direi adeus... E nunca mais voltarei, lembre-se!

— Ora, vá embora! Talvez encontre o cigano no caminho.

Estefaninha não respondeu. Voltando-se repentinamente, afastou-se.

Luquin portou-se herôicamente por alguns instantes. Mas não tardou em ceder e, vendo que a jovem caminhava com passo firme, deliberado, sem voltar a cabeça, seguiu-a e com voz suplicante chamou-a pelo nome:

— Estefaninha!

Ela estugou o passo.

— Estefaninha! Estefaninha! Seja sensata, bem sabe que a amo!

Ela prosseguiu.

— Com mil diabos! É possível que eu lhe peça perdão pelo meu ciúme, se vi...

Estefaninha quase correu.

— Vejamos, meu bem, na verdade você me enfeitiça... você faz de mim o que quer.

Ela diminuiu um pouco o passo.

— Não, mil vezes não, é absurdo! Sou mais fraco que uma criança!

Ela apressou-se.

Foi preciso que o capitão pusesse em jogo as longas pernas para alcançá-la, dizendo com voz sufocada:

— Bem, vejamos, diabólica criatura... Farei o que quiser... Eis-me de joelhos... mas pare um instante... Sim, errei! Está contente? É possível ser tão covarde assim? murmurou Luquin, à guisa de parêntese. E continuou: Sim, errei demonstrando ciúme dêsse, dêsse... Mas pelo menos pare, Estefaninha! Não posso correr atrás de você, se estou de joelhos... porque errei!

Estefaninha diminuiu pouco a pouco o passo e deteve-se, dizendo a Luquin, sem voltar a cabeça:

— De joelhos!

— Já estou de joelhos, já estou! Felizmente para a minha dignidade de homem, esta parede me oculta aos olhos do velho mordomo tagarela...

— Repita o que vou dizer.

— Sim, mas pelo menos vire a cabeça, Estefaninha, para que eu possa vê-la. Isso me dará coragem.

— Repita... repita antes. Vamos, diga: errei tendo ciúme do pobre cigano.

— Hum! errei tendo ciúme... do... do... dêsse malandro de cigano...

— Não é isso... Dêsse pobre cigano.

— Dêsse pobre cigano, repetiu Luquin, com um profundo suspiro.

— Era natural que Estefaninha lhe desse uma fita.

— Era... Hum!... Era natural que Estefaninha lhe... hum...

Aquelas palavras pareciam estrangular o capitão que tossiu com força.

— Está bem resfriado, meu pobre Luquin... Repita: Era natural que Estefaninha lhe desse uma fita.

— ... lhe desse uma fita.

— Muito bem... porque lhe possui o coração. Tudo isso é simples loucura de moça, e eu bem sei que ela só ama o seu Luquin, disse rapidamente Estefaninha.

Depois, sem dar ao noivo tempo de levantar-se e de repetir tão doces palavras, voltou-se vivamente enquanto êle ainda continuava de joelhos, deu-lhe um beijo na testa, e desapareceu por uma passagem do pátio, antes que o digno capitão, arrebatado e surpreso, pudesse dar um passo.

CAPÍTULO XV

Os juizes do mar

Por instigação de mestre Isnard, sempre furioso com a péssima acolhida de Raimundo V, o cônsul Talebard-Talebardon, no sábado de noite, enviara o ajudante à Casa-Forte des Anbiez, para intimar o barão a comparecer no dia seguinte, domingo, à presença dos juizes de mar.

Raimundo V mandara que o ajudante, trêmulo, se sentasse à mesa, e obrigara-o a jantar com êle. Tôdas as

vêzes, porém, que o homem da lei pretendia descerrar os lábios para pedir ao barão que comparecesse à presença do tribunal, o velho gentil-homem ordenava:

— Laramée, sirva de beber ao meu hóspede!

Por fim, mandou que reconduzissem o ajudante um pouco embriagado à Ciotat.

Interpretando à sua maneira o procedimento do barão, mestre Isnard e o cônsul viram na recusa de atender à intimação o mais ultrajante desdém.

No dia seguinte, domingo, após a missa em que, apesar da resolução da véspera, Raimundo V ainda não apparecera, os cônsules e o escrivão percorreram as casas dos principais burgueses, para darem maior expressão ao ressentimento público contra Raimundo V, que desafiava e feria tão abertamente os privilégios das comunidades provençais.

Teria sido necessária muita arte, muita astúcia, muita obstinação para que mestre Isnard pudesse fazer os habitantes da Ciotat partilhar da sua irritação contra o senhor da Casa-Forte; o instinto da maioria é sempre favorável à rebelião de um senhor contra um senhor mais poderoso... mas nesta última ocasião, nada foi mais fácil para o escrivão do que exaltar a indignação da turba.

Dissemos que era um domingo de manhã; após a missa, os juizes de mar realizavam as suas sessões na grande sala da casa da comunidade, situada no pôrto novo. Tratava-se de uma construção pesada e maciça, feita de tijolos e com pequeninas janelas.

De cada lado, se erguiam as habitações dos burgueses abastados.

A praça da casa da comunidade ficava separada do pôrto por uma estreita ruazinha.

Uma ruidosa multidão de cidadãos, de pescadores, de marujos, de artesãos, de camponeses, se apinhava na praça e já sitiava a porta da casa da comunidade, com o intuito de assistir à sessão dos juizes.

Os burgueses, instruídos pelo escrivão, circulavam nos grupos e espalhavam a nova de que Raimundo V desprezava os direitos do povo e se recusava a comparecer à presença dos juizes.

Mestre Talebard-Talebardon, um dos cônsules, homem gordo, paçudo, rubicundo, de olhar astuto, usando chapéu de feltro e fato oficial, occupava com o escrivão o centro de um dos animadíssimos grupos de que falamos, composto de pessoas de toda condição.

— Sim, meus amigos, dizia o cônsul, Raimundo V trata os cristãos como trata os cães... No outro dia, ameaçou com o chicote o respeitável mestre Isnard que aqui

se encontra, após tê-lo submetido à perseguição de dois terríveis touros da Camargue; foi preciso um milagre para que este digno oficial do almirantado de Toulon conseguisse escapar ao perigo que lhe ameaçou a vida, terminou o cônsul com ar importante.

— Um verdadeiro milagre de que dou graças a Nossa Senhora da Guarda, acrescentou devotamente o escrivão. Nunca vi touros mais furiosos!

— Por Sant'Elmo, meu padroeiro, disse um marujo, bem teria eu dado o meu lenço novo para assistir a essa corrida. Só vi lidas de touros em Barcelona.

— Sem contar que os escrivães-toureiros são raríssimos, interveio outro homem do mar.

Mestre Isnard, vivamente impressionado por inspirar tão pouco interesse, continuou em tom de queixa:

— Asseguro-lhes, meus amigos, que é uma coisa terrível e espantosa estar à mercê de tão ferozes animais.

— Já que foi perseguido por touros, pediu um honrado alfaiate, diga-nos, senhor escrivão, se é verdade que os touros raivosos trazem a cauda enrolada e fecham os olhos quando investem?

Mestre Talebard-Talebardon ergueu os ombros e respondeu severamente ao alfaiate:

— Crê realmente, seu corta-trapo, que a gente se divirta em observar cauda e olhos de um touro, quando êle investe?

— É verdade, é verdade, responderam alguns dos presentes.

— Seja como fôr, continuou o cônsul, desejando ver a multidão com pena do escrivão e raiva do barão, seja como fôr, este oficial de justiça do rei quase foi vítima da maldade diabólica de Raimundo V.

— Raimundo V destruiu duas ninhadas de lobachos que devastavam tudo na nossa granja, sem contar que nos deu de presente as cabeças do lobo e da loba, as quais estão pregadas à nossa porta, disse um camponês, sacudindo a cabeça.

— Raimundo V não é um mau amo. Quando a colheita falha, ajuda-nos. Substituiu-me dois bois de lavoura que eu perderei.

— É verdade. Quando estendemos a mão ao Sr. des Anbiez, jamais a retiramos vazia, acrescentou um artesão.

— E por ocasião da última investida dos piratas, nesta praça em que nos encontramos, êle e os seus homens combateram corajosamente os incréus. Sem êle, eu, minha mulher e minha filha houvéríamos sido raptados pelos demônios, disse um cidadão.

— E as duas filhas de Jacquin foram resgatadas e trazidas da Berbéria pelo bom Padre Elzear, irmão de Raimundo V. Sem êle, ainda estariam escravizadas, corrompendo a alma, disse outro.

— E o outro irmão, o comendador, de ar tão sombrio quanto o aspecto da sua galera negra, começou um patrão de barco mercante, não manteve em respeito os pagãos durante mais de dois meses, quando a sua capitânia ficou atracada no golfo?... Vamos... São gente boa e nobre os dos Anbiez!

— Afinal, prosseguiu, êste homem da lei não é daqui — e apontou para o escrivão. Que nos importa que tenha, ou não, recebido uma chifrada?

— É verdade, é verdade, não é daqui! repetiram várias vozes.

— Raimundo V é um velho gentil-homem bondoso que jamais recusa uma libra de pólvora e uma libra de chumbo a qualquer marinheiro para defender a barca, disse um marinheiro.

— Sempre tem um bom lugar perto da lareira da Casa-Forte, um bom copo de vinho e uma moeda de prata para os que lhe batem à porta, acrescentou um mendigo.

— E a filha, então? É um anjo!... Uma Nossa Senhora para os pobres! gritou outro.

— Mas quem nega tudo isso? perguntou o cônsul. Raimundo V mata os lobos, porque gosta de caçar; não dá importância às moedas de prata, nem às libras de pólvora, nem aos copos de vinho, porque é rico, riquíssimo. Mas procede assim, perfidamente, para ocultar os seus planos.

— Que planos? perguntaram alguns dos presentes.

— O plano de arruinar a nossa comunidade! O plano de devastar a nossa cidade, de fazer, enfim, pior que os piratas ou o Duque d'Épernon com os seus gascões, disse o cônsul com ar de mistério.

Se tivesse anunciado uma tentativa possível sem dúvida não lhe houveram dado crédito. Mas aquelas palavras assustadoras excitaram a curiosidade da multidão, e êle foi ouvido.

— Explique-nos isso! pediram todos, a uma voz.

— Mestre Isnard, que é homem da lei, vai explicar-lhes o tecido de tenebrosos e malignos planos, disse-lhes Talebard-Talebardon.

O escrivão adiantou-se, com aspecto contrito, ergueu os olhos ao céu, e disse:

— O seu digno cônsul, meus amigos, só lhes contou, infelizmente, aquilo que é verdade. Temos as provas.

— Provas?!... repetiram alguns dos presentes, entreolhando-se.

— Ouçam-me bem... O rei, nosso amo, e o cardeal só têm um pensamento, a felicidade dos franceses.

— Mas nós não somos franceses! protestou um provençal, orgulhoso da sua nacionalidade. O rei não é nosso senhor, é apenas o nosso conde!

— Diz muito bem, compadre... Ouça-me, prosseguiu o escrivão. O rei, nosso conde, não querendo que as suas comunidades provençais ficassem expostas ao poder despótico dos nobres e dos senhores, nos ordenou que as desarmássemos. Sua Eminência, recordando as violências do Duque d'Épernon, dos Srs. de Beaux, de Noirol, de Traviez, e de muitos outros, quis tirar à nobreza o meio de prejudicar o povo e a burguesia. Assim, por exemplo, Sua Eminência pretendia (as ordens soberanas serão executadas mais cedo ou mais tarde), pretendia, repito, desarmar a Casa-Forte de Raimundo V, privando-a dos falconetes e dos canhões que dominam a entrada do porto e que podem impedir a saída do menor dos barcos de pesca.

— Mas que também podem impedir que os piratas entrem, atalhou um marinheiro.

— Sem dúvida, meus amigos, sem dúvida, o fogo queima ou purifica. A flecha mata o amigo ou inimigo, segundo a mão que a dispara. Eu não houvera suscitado de Raimundo V, se ele próprio não tivesse revelado as suas pérfidas intenções... Deixemos de lado a sua crueldade a meu respeito... Sinto-me feliz de ser o mártir da nossa santa causa.

— Não é mártir, pois que continua a viver, disse o incorrigível marinheiro.

— Continuo vivo... sem dúvida, nesta hora, replicou o escrivão. Mas Deus sabe por que preço, por que perigos comprei esta vida... e quais são os perigos que ainda preciso enfrentar. Mas não falemos de mim.

— Não, não falemos da sua pessoa. Diga-nos de que maneira tem a prova dos maus planos de Raimundo V contra a cidade, gritou um curioso.

— Nada mais evidente, meus amigos. Raimundo V mandou fortificar ainda mais o castelo. Por quê? Para resistir aos piratas, responderão. Mas os piratas nunca ousarão atacar semelhante fortaleza, da qual só receberiam tiros. Raimundo V fez de sua casa uma espécie de praça forte cujos canhões podem pôr a pique os barcos de todos aqui, e devastar o porto. Sabem por quê? Para os tyrannizar em seu proveito e pisar impuncemente os costu-

mes provençais. Olhem, dou-lhes um exemplo: contra todas as leis, mandou colocar rêdes de pesca fora dos seus limites.

— É verdade, concordou Talebard-Talebardon. E todos sabem que ele não goza dêsse direito. Que dano para a nossa pesca, muitas vezes, se não sempre, o nosso único recurso!

— Quanto a isso, é evidente, disseram alguns dos presentes. As almadravas de Raimundo V nos prejudicam sobretudo agora que a pesca diminui. Mas se tem direito a isso?

— E se não tem? gritou o escrivão.

— Sabê-lo-emos hoje, retrucou um dos presentes, pois o processo vai ser julgado pelos juizes de mar.

O escrivão trocou expressivo olhar com o cônsul e respondeu:

— Sem dúvida, o tribunal dos juizes é todo-poderoso para decidir a questão. Mas é justamente a êsse propósito que me vieram dúvidas. Temo que Raimundo V não queira comparecer a êste tribunal popular. É capaz de recusar obediência à intimação, feita, afinal, por pobre gente a um poderoso barão...

— É impossível, é impossível... São os nossos direitos! O povo tem os seus, a nobreza tem os dela. Franquia para todos! gritaram várias vozes.

— Considero Raimundo V um bom e generoso senhor, disse outro, mas considerá-lo-ei traidor, se se recusar a reconhecer os nossos privilégios.

— Não, não, é impossível! repetiram os presentes.

— Virá...

— Virá à presença dos juizes...

— Deus o queira! disse o escrivão, trocando outro olhar com o cônsul. Deus o queira, meus amigos. Pois, se desprezar bastante os nossos costumes para proceder diversamente, poderemos pensar que só mantém a casa para desafiar as leis...

— Mais uma vez, é impossível o que diz, escrivão. Raimundo V já não pode negar a autoridade dos juizes, como não pode negar a autoridade do rei! gritou um dos presentes.

— Mas ele nega a autoridade do rei! exclamou mestre Isnard, triunfante, e já que devo dizer tudo, creio até, pelo que me contou o digno cônsul, que nega, além do poder real, o poder comunal. Numa palavra, recusa-se positivamente a comparecer à presença dos juizes, e quer conservar as suas rêdes e as suas almadravas em detrimento da pesca geral.

Um surdo murmúrio de espanto e indignação acolheu aquela nova.

— Fale, fale, cônsul, é verdade?

— Raimundo V é capaz disso?

— Se fôr verdade...

— Afinal, são os nossos direitos!...

Tais foram as diferentes palavras, rapidamente cruzadas.

O cônsul e o escrivão viram-se rodeados, quase esmagados por uma multidão que começava a se irritar.

Talebard-Talebardon, de acôrdo com o escrivão, preparara a cena com diabólica astúcia.

O cônsul respondeu, portanto, com o intuito de aumentar, pouco a pouco, a irritação popular:

— Sem ter certeza da recusa de Raimundo V, sobram-me razões para temê-la. Mas o ajudante do senhor escrivão, que ontem levou a intimação à Casa-Forte, e que teve, depois, de rumar para Curjol, por negócios, chegará de um momento a outro e nos confirmará a notícia. Permita Nossa Senhora que não seja a que sei! Que seria das nossas comunidades, se o nosso único direito, o nosso único privilégio, nos fôsse arrancado...

— Arrancado! gritou o escrivão. Mas é impossível... A nobreza e o clero têm os seus direitos. Como ousaria alguém arrancar ao povo os derradeiros, os únicos recursos de que dispõe contra a opressão dos poderosos!

Nada mais móvel que o espirito do povo, e sobretudo do povo do sul. Aquela multidão, havia pouco, reconhecida ao barão, quase se esquecera dos importantes serviços da família des Ambiez, diante da suspeita de que Raimundo V pretendia atacar um dos privilégios da comunidade.

Os boatos, circulando no meio dos grupos, irritaram singularmente os espíritos. O escrivão e o cônsul, julgando chegado o instante de aplicar o último golpe, ordenaram a um dos seus homens que fôsse procurar o ajudante do escrivão o qual, diziam, devia estar de volta, embora não tivesse deixado a Ciotat, desde a véspera.

Naquele momento, os cinco juizes pescadores e o seu síndico, tendo-se reunido sob o pórtico da igreja após a missa, atravessaram a multidão, rumo à casa da comunidade, para a sessão solene.

As presentes circunstâncias davam novo interesse ao aparecimento dêles, que foram saudados com numerosos gritos:

— Vivam os juizes do mar!...

— Vivam as comunidades provençais!...

— Fora os que as atacam!...

A multidão, já excitada, seguiu os juizes, para assistir à sessão. Foi então que chegou o ajudante. Por mais que pudesse dizer e fazer para protestar contra a interpretação dada pelo escrivão e pelo cônsul às suas palavras, estes prorromperam em hipócritas lamentos.

— E então, cônsul, gritaram os presentes, Raimundo V vem, ou não?

— Ai, meus amigos, retrucou o cônsul, não me perguntem nada! O digno escrivão tinha muito bem adivinhado. O caráter irascível, imperioso e tirânico do barão mais uma vez se manifestou.

— Como? Como?...

— O ajudante foi ontem incumbido de comunicar a Raimundo V a decisão do tribunal dos juizes, e acaba de regressar...

— Ei-lo aí! Finalmente!...

— Ah!

— E então?

— A princípio foi maltratado por Raimundo V.

— Mas, interveio, baixinho, o ajudante, pelo contrário, monsenhor me deu a beber um vinho que...

Mestre Isnard puxou tão violentamente o pobre ajudante pelo casaco e olhou-o tão furiosamente que o infeliz não ousou proferir palavra.

— Depois de o maltratar, continuou o cônsul, Raimundo lhe declarou formalmente que desdenharia os nossos privilégios, que conservaria as suas almadravas, que era bastante forte para nos vencer, no caso de ousarmos contrariar-lhe a vontade...

Uma explosão de furiosos gritos o interrompeu.

O tumulto chegou ao auge, e as mais terríveis ameaças explodiram contra Raimundo V.

— Às almadravas, às almadravas! gritaram alguns.

— À Casa-Forte! gritaram outros.

— Não deixemos pedra sobre pedra!

— Às armas, às armas!

— Vamos preparar uma bomba para fazer explodir a porta do fôss do lado da terra!

— Morra Raimundo V!

Vendo a fúria da população, o escrivão e o cônsul começaram a temer que tinham exagerado, e que já não poderiam conter o ressentimento tão imprudentemente desencadeado...

— Meus amigos, meus filhos! gritou Talebard-Talebardon, dirigindo-se aos mais exaltados. Moderem-se! Corram às almadravas, vá lá, mas não façam tentativa contra a Casa-Forte, ou contra a vida do barão.

— Não haverá piedade, não haverá piedade! O senhor mesmo o disse, cônsul. Raimundo V quer destruir a cidade, o pôrto, quer fazer pior que o Duque d'Épernon e os seus gascões.

— Sim, sim, vamos destruir o antro do velho lobo! E vamos pregá-lo à porta!

— Para a Casa-Forte!

— Para a Casa-Forte!

Esses furiosos brados acolheram as tardias palavras de moderação do cônsul.

Os habitantes menos resolutos apinhavam-se nas imediações da casa da comunidade para entrar na sala do tribunal onde já se encontravam os juizes.

Os outros, divididos em dois bandos, preparavam-se, apesar dos rogos dos cônsules, para destruir as almadras e atacar a Casa-Forte dos Anbiez, quando um incidente extraordinário encheu de estupefação a turba, emudecendo-a e immobilizando-a.

CAPÍTULO XVI

O julgamento

ERA bastante natural o assombro. Viu-se avançar lentamente pela Rua dos Mínimos, rumando para a praça, a pesada carruagem de cerimônia de Raimundo V.

Quatro dos seus homens, armados e a cavalo, precedidos por Laramée, abriam a marcha. Vinha depois a carruagem de dossel de veludo vermelho, um pouco usado. O corpo da carruagem, sem vidros, mas amplamente armoriado, era amarelo e encarnado, côres da libré do barão.

Quatro vigorosos cavalos de tiro, atrelados por corréias, faziam penosamente rodar a viatura, no fundo da qual trovejava majestosamente Raimundo V.

Na sua frente, estava Honorato de Berrol.

No interior da carruagem, duas espécies de bancos se fixavam às portinholas. Num dêles, sentava-se o Padre Mascarolus, trazendo sobre os joelhos um saco de papéis. Ocupava o outro o intendente do barão.

A construção imperfeita da enorme carruagem não previra lugar para o cocheiro. Um carreteiro, uniformizado para aquêle dia com uma casaca, mantinha-se à testa de

cada parelha de cavalos e conduzia o veiculo mais ou menos como se conduz uma carroça de granja.

Finalmente, atrás da viatura vinham outros quatro homens, a cavallo e armados.

Embora grosseira, aquella equipagem inspirava profunda admiração aos habitantes da pequena cidade. A vista de uma carruagem, por mais imperfeita que esta fôsse, sempre constituia espectáculo novo e interessante.

Já dissemos que a multidão emudeceu.

Sabia-se que Raimundo V só se servia daquela carruagem nas ocasiões mais solenes. Uma viva curiosidade suspendeu por um momento paixões mais violentas.

Todos perguntavam baixinho para onde rumaria o veiculo. Para a igreja? Para a casa da comunidade?

Esta última suposição tornava-se provável, pois Raimundo V, após voltar a esquina da Rua dos Mínimos, enveredou pelo caminho que levava ao edificio no qual se tinham reunido os juizes pescadores.

As dúvidas transformaram-se em certeza, quando se ouviu a poderosa voz de mestre Laramée gritar:

— Passagem, passagem para monsenhor que se dirige ao tribunal dos juizes!

Aquelas palavras, passando de bôca em bôca, chegaram aos ouvidos dos cônsules e do escrivão, cuja decepção e cujo despeito eram extremos.

— Que nos disse há pouco, senhor escrivão? perguntaram os que o rodeavam. Eis aí Raimundo V... e vai ao tribunal dos juizes.

— Não decidiu, portanto, desprezar os nossos privilégios?

— Sim, vai ao tribunal, não há dúvida, replicou mestre Isnard, mas vai com um séquito de homens armados. Quem sabe o que dirá e responderá aos pobres juizes de mar!

— Certamente pretende intimidá-los, disse o cônsul.

— Tornar a recusa em reconhecer-lhes a jurisdição mais desdenhosa ainda, vindo trazê-la pessoalmente, disse o escrivão.

— Um séquito armado? estranhou um dos presentes. Que fariam essas oito espingardas contra nós?

— O cônsul tem razão. Raimundo V vem provavelmente insultar os juizes, disse um habitante mais desconfiado.

— Ora, ora! Raimundo V, por mais atrevido que seja, jamais ousaria isso, replicou um terceiro.

— Não, não, reconhece os nossos privilégios o digno e bondoso gentil-homem! gritaram várias vozes. Estávamos errados em desconfiar.

Numa palavra, por uma daquelas reviravoltas, tão comuns nas emoções populares, o espírito público, quase súbitamente, tornou a ser favorável a Raimundo V, e hostil ao escrívão.

Mestre Isnard, a fim de colocar a sua responsabilidade, e talvez a sua própria pessoa, ao abrigo, não temeu expor o infeliz ajudante à cólera do povo.

Abandonando a passageira hostilidade contra o barão, vários habitantes já assumiam ar ameaçador, culpando o escrívão de os haver iludido.

— Foi êsse forasteiro, diziam, que nos instigou contra Raimundo V.

— Contra Raimundo V, o digno amo que sempre está do nosso lado!...

— Sim, sim, é verdade, disse-nos que Raimundo V pretendia atacar os nossos privilégios, e, no entanto, o barão os respeita...

— Sem dúvida... e monsenhor fêz muito bem em entregá-lo aos touros! gritou um marinheiro, mostrando o punho fechado ao escrívão.

— Permitam-me, amigos, disse o escrívão, notando com pesar a ausência do cônsul que, prudentemente, se escapulira para ir à casa da comunidade, como parte queixosa contra o barão. Permitam-me, disse o escrívão. Embora nada me possa fazer supor as boas intenções de Raimundo V, não hesito em declarar que talvez sejam realmente boas! Talvez o meu ajudante se tenha enganado, talvez tenha exagerado o alcance das respostas do Barão des Anbiez.

— Vejamos, senhor ajudante, disse, depois de uma pausa, voltando-se para o infeliz, com ar severo e soberbo: não minta... Não nos enganou, talvez? Lembre-se bem. Talvez se tenha erroneamente assustado. Sei que o senhor é poltrão. Que lhe disse o Sr. des Anbiez? Ai do senhor, se me enganou e se pela sua idiotice eu, por minha vez, enganei êstes honrados cidadãos!...

Escancarando dois olhos enormes, confuso com a audácia do escrívão, o infeliz ajudante só logrou repetir com voz trêmula:

— Monsenhor não me disse nada... Mandou que me sentasse à sua mesa, e toda vez que eu pretendia falar-lhe da intimação dos juizes, mestre Laramée trazia-me um copázio de vinho da Espanha que eu era obrigado a sorver de um trago.

— Diabo! exclamou o escrívão com voz trovejante! Como? Então são êsses os maus tratos de que o senhor se queixa! Perdoem-lhe, senhores, certamente estava bêbado, e vejo com pesar que nos enganou quanto aos proje-

tos de Raimundo V. Corramos à casa da comunidade a fim de nos assegurar da realidade dos fatos. A carruagem de Raimundo V já parou.

Assim dizendo, e sem parecer ouvir os murmúrios ameaçadores da multidão, mestre Isnard afastou-se, acompanhado do ajudante que, na retirada, recebeu remosques evidentemente dirigidos àquele.

A grande sala da casa da comunidade da Ciotat formava um longo paralelograma iluminado por longas e estreitas janelas, de moldura de chumbo.

Nas paredes opostas às janelas, nuas e caiadas, viam-se pavilhões tomados aos barbarescos.

Atravessavam o fôrro traves salientes de madeira tosca. Na extremidade da ampla sala e diante da grande porta de entrada que ocupava o outro lado, sôbre um estrado, achava-se o tribunal dos juizes do mar.

Era uma longa mesa grossceira.

Quatro eram os juizes, presididos pelo vigia do cabo da Águia que, momentâneamente, abandonara as funções às mãos de Luquin Trinquetaille.

Segundo o costume, aquêles pescadores traziam calções, gibão e manto negros com uma dobra branca. Usavam chapéu de aba larga. O menos idoso tinha pelo menos cinqüenta anos.

A sua atitude era simples e grave. Os seus rostos queimados, de longos cabelos brancos ou grisalhos, iluminados à Rembrandt por um raio de luz que jorrava de uma das janelas, desenhavam-se vigorosamente sôbre o claro-escuro reinante no fundo da sala.

Os velhos marinheiros, escolhidos pela corporação no dia de Santo Estêvão, justificavam a confiança dos companheiros. Bravos, honrados, piedosos, representavam certamente o escol da população marítima da cidade e do gôlfo.

O tribunal e o lugar reservado para os que a êle compareciam estavam separados da multidão por uma grossceira grade de madeira.

"A jurisdição dos juizes era simplicíssima. Aquêles que afirma trazer uma queixa, encontrando os citados juizes nos seus postos, pede que o ouçam, mas antes deve consignar dois sols e oito dinheiros na bôlsa comum; depois, cita aquêles contra o qual tem queixa; o acusado se obriga à mesma consignação. Em seguida, tanto um como outro são ouvidos, e pelas suas palavras, o mais velho dos citados juizes profere o julgamento com o conselho dos colegas¹."

1. Ver viagem e inspecção de M. de Séguiran, já citada, pág. 241.
— Correspondência de Sourdis, publicada por ordem do rei por M. E. Sue, Vol. III.

O secretário da comunidade chamava com voz forte os queixosos e os seus inimigos.

Jamais outra sessão despertara tamanha curiosidade pública.

Antes da chegada de Raimundo V, a maior parte dos que enchiam a sala ignorava ainda se o barão appareceria ou não. Outros estavam persuadidos da sua recusa. A minoria, enfim, esperava que elle respeitasse os privilégios das comunidades.

Quando se soube, todavia, por alguns curiosos, que a carruagem de cerimônia do gentil-homem se achava na praça, notou-se na multidão um movimento de assombro e interesse.

Foi preciso que o escrivão da comunidade erguesse a voz para impor silêncio, e que Peyrou, o vigia, proferisse, na sua qualidade de sindaco dos juizes, severa admoestação, respeitosa e ouvida, aliás.

O tribunal estava julgando alguns casos de pouca importância. Mas a independência dos juizes era tão grande, e elles punham tal cuidado, tão lenta circumspecção nos seus pareceres, que ninguém imaginaria estar lá fora um dos maiores senhores da Provença à espera de ser por elles recebido.

A multidão era compacta, quando Raimundo V surgiu no limiar da porta. E teve grande trabalho para entrar na sala com Honorato de Berrol.

— Passagem, passagem para monsenhor! disseram, baixinho, alguns cidadãos solícitos.

— Os juizes me chamaram, meus filhos? perguntou afetosamente Raimundo V.

— Não, monsenhor.

— Nesse caso, esperarei aqui, como vocês e com vocês. Abrirei caminho, quando tiver que comparecer ao pé do tribunal.

Aquelas palavras simples, ditas com bondade e dignidade, causaram prodigioso effeito nos presentes. A veneração inspirada pelo gentil-homem foi tal que a multidão formou uma espécie de círculo respeitoso em torno d'elle.

Tendo um homem da lei, com esforço, podido dizer ao escrivão que Raimundo V acabava de entrar na sala e que seria conveniente fazer a causa d'elle anteceder as outras, valeu-se o escrivão de um momento de intervalo para submeter a observação a Peyrou, o sindaco.

Este respondeu simplesmente:

— Escrivão, segundo a sua lista, que nome deveremos chamar agora?

— O de Jacques Brun, piloto, contra Pierre Baif, *tréguier* ².

— Pois então, chame Jacques Brun contra Pierre Baif.

Peyrou muito devia à família do barão, a cuja casa estava profundamente ligado. Procedendo daquela maneira, não pretendia fazer exhibição dos seus direitos e exagerar-lhes a importância; obedecia simplesmente ao espírito de justiça e independência tão frequentemente encontrado, então, nas instituições populares.

Foi sem hesitação, sem julgar de maneira nenhuma ofender Raimundo V, que disse com voz firme e alta:

— Senhor escrivão, chame outro queixoso!

A contestação de Jacques Brun, piloto e do veleiro Pierre Baif ora pouco importante, e foi pronta mas cuidadosamente julgada pelos juizes no meio da preocupação geral, pois a causa do barão vinha imediatamente depois.

Não obstante a presença do Sr. des Anbiez, não se sabia ainda o que responderia êle ao tribunal. Involuntariamente, todos pensavam nas insinuações de mestre Isnard. Este pretendia sempre que o barão era capaz de vir manifestar de maneira clamorosa o seu desdém pelo tribunal popular.

Finalmente o escrivão chamou com voz um pouco trêmula:

— Mestre Talebard-Talebardon, cônsul da cidade da Ciotat, contra Raimundo V, Barão des Anbiez.

Um longo murmúrio de impaciência satisfeita pairou na sala.

— Agora, meus filhos, disse o velho gentil-homem aos que o rodeavam, abram passagem, por favor, não ao barão, mas ao acusado que se apresenta aos juizes.

O entusiasmo inspirado pelas palavras de Raimundo V provou que, não obstante a sua instintiva sede de igualdade, o povo sempre sabe ter enorme consideração pelas pessoas de posição elevada que se submetem à lei comum.

A multidão recuou para os lados e abriu ampla passagem no meio da qual Raimundo V avançou com passo grave e majestoso.

O velho gentil-homem usava o suntuoso costume da época: uma casaca de abas, um manto de veludo pardo ricamente ornado de ouro. As amplas calças de veludo também formavam uma espécie de sala, que lhe descia abaixo dos joelhos; as meias de sêda escarlate desapareciam no cano das botinas de cordovão armadas de longas esporas

2. Fabricante de velas de navios.

douradas. Um riquíssimo boldrié lhe sustentava a espada, e as penas brancas do chapéu de feltro negro caíam sobre a gola de renda de Flandres.

A fisionomia do velho gentil-homem, habitualmente alegre, mostrava naquele momento uma expressão de nobreza e autoridade.

A alguns passos do tribunal, o barão tirou o chapéu que até então conservara na cabeça, apesar de a multidão estar descoberta. Ninguém pôde deixar de admirar a dignidade das feições e do porte do nobre ancião de longos cabelos brancos e bigode grisalho.

Mestre Talebardon não tardou em comparecer.

Não obstante a sua habitual segurança e não obstante tivesse o escrivão Isnard aos calcanhares, não logrou vencer a emoção e evitou cuidadosamente o olhar do barão.

Peyrou levantou-se. Como os demais pescadores, tinha o chapéu na cabeça.

— Bernard Talebard-Talebardon, aproxime-se! ordenou.

O cônsul entrou no recinto privado.

— Raimundo V, Barão des Anbiez, aproxime-se!

O barão entrou no recinto privado.

— Bernard Talebard-Talebardon, o senhor pede, em nome da comunidade da Ciotat, que seja ouvido pelos juizes do mar contra Raimundo V, Barão des Anbiez.

— Sim, senhor síndico, respondeu o cônsul.

— Entregue dois *sols* e oito dinheiros à bolsa comum, e fale.

O cônsul colocou várias moedas numa espécie de tronco de madeira grosseiro, e, avançando para o tribunal, expôs a sua queixa nos seguintes termos:

— Senhor síndico e senhores juizes, há muito tempo, que a pesca da enseada do Camerou foi repartida entre a comunidade da cidade e o Sr. des Anbiez, o Sr. des Anbiez podia estender as suas rêdes e almadravas desde a costa até os rochedos chamados Sete Pedras de Castrembaou que formam uma espécie de cinto acêrca de quinhentos passos da costa. A comunidade tinha o direito de pesca desde as Sete Pedras de Castrembaou até as duas pontas da baía; diante dos senhores, síndico e juizes, afirmo sob juramento que isso é a verdade, e adjuro Raimundo V, Barão des Anbiez, aqui presente e intimado por mim, a dizer se não é essa a verdade?

Voltando-se para o gentil-homem, disse-lhe Peyrou:

— Raimundo V, Barão des Anbiez, o que o queixoso afirma é verdade? A pesca sempre foi repartida assim entre os senhores des Anbiez e a comunidade da cidade da Ciotat?

— Reconheço que a pesca sempre foi assim repartida, disse o barão.

A perfeita calma que o barão pôs na resposta não deixou a menor dúvida quanto à sua submissão à competência do tribunal.

Um murmúrio de satisfação circulou na sala.

— Continue, prosseguiu Peyrou, dirigindo-se ao cônsul.

— Síndico e juizes, disse Talebard-Talebardon, apesar dos nossos direitos e do costume, em vez de limitar-se a estender as suas rêdes desde a costa até os rochedos das Sete Pedras de Castrembaoû, Raimundo V, Barão des Anbiez, manda estendê-las além dos citados rochedos, para o alto mar, e, conseqüentemente, lesa os direitos da comunidade que eu represento. Pesca na parte reservada à citada comunidade. Tais fatos, que afirmo sob juramento, são, aliás, do conhecimento de todos e dos próprios senhores síndicos e juizes.

— O síndico e os juizes não estão sendo julgados, respondeu severamente o vigia ao cônsul.

Depois, voltando-se para o gentil-homem, disse-lhe:

— Raimundo V, Barão des Anbiez, reconhece ter entendido as suas rêdes aquêr das Sete Pedras, e para o alto mar, na parte da enseada reservada à comunidade da Ciotat?

— Com efeito, mandei estender as minhas rêdes aquêr dos Sete Rochedos respondeu o barão.

— Senhor queixoso, que exige de Raimundo V, Barão des Anbiez? continuou o síndico.

— Exijo, retrucou Talebard-Talebardon, que o tribunal proíba ao Sr. des Anbiez, pescar, ou colocar almadras fora dos rochedos de Castrembaoû. Exijo que o Sr. des Anbiez seja intimado a pagar à comunidade, a título de compensação e restituição, a quantia de duas mil libras de Tours. Exijo que se notifique ao citado senhor que, se mais uma vez estender rêdes ou colocar almadras para a parte da enseada cuja pesca não lhe pertence, se permita à comunidade retirar e destruir, pela fôrça, as rêdes e as almadras, tornando o Sr. des Anbiez único responsável das desordens que poderiam ser acarretadas por tal execução.

Ouvindo o cônsul formular tão nitidamente a sua exigência contra Raimundo V, os espectadores fixaram o olhar no gentil-homem.

Raimundo V manteve-se calmo, impassível, com grande espanto do público.

O caráter imperioso e violento do barão era tão conhecido que a sua resignação inspirou admiração e espanto.

Peyrou, dirigindo-se ao velho senhor, disse-lhe em tom solene:

— Raimundo V, Barão des Anbiez, que tem a responder ao queixoso? Aceita por justas e leais as exigências dêle?

— Síndico e juizes, respondeu o barão, inclinando-se respeitosamente, sim, tudo é verdade, mandei colocar as minhas rêdes fora dos Sete Rochedos de Castrembaoü. Mas, para explicar o meu procedimento, dir-lhes-ei o que todos sabem...

— Raimundo V, Barão des Anbiez, nós não estamos em causa, disse gravemente Peyrou.

Não obstante o seu domínio, não obstante o seu afeto ao vigia, o velho gentil-homem mordeu os lábios. Mas imediatamente readquiriu a calma:

— Dir-lhes-ei, síndico e juizes, o que todos sabem. Há alguns anos, o mar baixou de tal forma que a parte da enseada na qual tenho o direito de pesca se encontra atualmente sêca. A giesta marinha ali cresce à vontade, e o meu lebrêu *Raio*, no outro dia, ali perseguiu uma lebre. Francamente, síndico e juizes, para explorar a parte da enseada que me pertence, necessito hoje mais de cavalos e de espingardas que de barcos e rêdes.

A resposta do barão, o seu bom humor, alegraram o auditório. Os próprios juizes não puderam deixar de sorrir.

O barão prosseguiu:

— A retirada do mar foi tão considerável, que mal existem seis pés de água no ponto dos Sete Rochedos, onde termina o meu direito, e onde começa o da comunidade. Achei, por conseguinte, que podia colocar as minhas rêdes e almadravas a quinhentos passos para além das Sete Pedras, já que não havia mais água aquêr delas, pensando que, seguindo o meu exemplo, e seguindo também o movimento do mar, a comunidade se retiraria quinhentos passos para o alto mar.

O tom moderado do barão, as suas razões verdadeiramente plausíveis, causaram grande impressão nos espectadores, embora a maior parte dêles tivesse o mesmo interesse que o cônsul, representante da cidade.

Dirigindo-se ao cônsul, disse-lhe o síndico:

— Talebard-Talebardon, que tem a responder?

— Síndico e juizes, responderei que a enseada de Castrembaoü não conta mais do que seiscentos passos, a partir das Sete Pedras, e que o Sr. des Anbiez adjudica a si próprio quinhentos; mal restarão à comunidade cem passos. Ora, todos sabem que a pesca do atum não é proveitosa

na baía. Sem dúvida, as águas, retirando-se, deixaram a seco quase todo o domínio de pesca do Sr. des Anbiez, mas isso não é obra da comunidade. Assim, pois, a comunidade não deve ser prejudicada.

Havia muito tempo que se debatia a grave questão, já dissemos. Os direitos e os pareceres estavam de tal modo repartidos, que, por consideração ao Sr. des Anbiez, os cônsules teriam recorrido aos meios amigáveis, não fôra a pérvida intromissão de mestre Isnard, o escrivão.

Os honrados marinheiros que compunham o tribunal quase sempre davam mostras de raro bom senso. Os seus julgamentos, ordinariamente fundados na prática de uma profissão que exerciam desde a infância, eram retos e simples.

Contudo, naquela ocasião, sentiam-se algo embaraçados.

— Que tem a responder, Raimundo V, Barão des Anbiez? perguntou Peyrou.

— Que não fui eu que ordenei às águas que se retirassem, síndico e juizes! Pelos meus títulos, assiste-me o direito de pesca na metade da baía, e visto a retirada das águas, posso percorrer a pé o meu domínio piscatório, como diz o meu capelão. Ora, não posso, assim creio, ser vítima de um acidente de força maior.

— Raimundo V, disse um dos juizes, velho tritão de cabelos brancos, consta dos seus títulos o direito de pesca desde a costa até as Sete Pedras? Ou consta que lhe assiste o direito de pesca numa extensão de quinhentos passos?

— Dos meus títulos consta que os meus direitos vão da costa até as Sete Pedras, respondeu o barão.

O velho marujo proferiu algumas palavras ao ouvido do vizinho.

Peyrou levantou-se e disse:

— Já ouvimos o suficiente e vamos julgar.

— Síndico e juizes, prosseguiu o barão, seja qual fôr o seu julgamento, a êle de antemão me submeto.

Peyrou, levantando-se, disse em voz alta:

— Talebard-Talebardon, Raimundo V, Barão des Anbiez, a sua causa foi ouvida. Nós, juizes e síndico, vamos deliberar.

Os cinco pescadores levantaram-se e retiraram-se para o vão de uma janela. Pareciam discutir animadamente, enquanto a multidão aguardava em profundo e respeitoso silêncio; o Sr. des Anbiez falava em voz baixa com Honorado de Berrol, que ficara também vivamente impressionado com a cena.

Após cerca de meia hora de discussão, o síndico e os juizes voltaram aos seus lugares, mantiveram-se de pé e

de chapéu na cabeça, enquanto Peyrou lia num grande registo a seguinte fórmula que sempre procedia as decisões do tribunal:

"Neste dia vinte de dezembro de 1632, reunidos na casa da comunidade da Ciotat, nós, síndico e juizes pescadores, tendo intimado a comparecer à nossa presença Talebard-Talebardon, cônsul da cidade, e Raimundo V, Barão des Anbiez, e tendo ouvido os citados na acusação e na defesa, estabelecemos o que se segue: a exigência de Talebard-Talebardon nos parece justa. Segundo os títulos de Raimundo V, o seu direito de pesca não se estende indifereentemente por um espaço de quinhentos passos, mas pelo espaço compreendido entre a costa e as Sete Pedras de Castrembaou. As águas se retiraram da parte que lhe pertence: é a vontade do Todo-Poderoso, e Raimundo deve a ela submeter-se. Se, como no golfo de Martigue, o mar tivesse, pelo contrário, avançado para a costa, a zona de pesca de Raimundo V teria aumentado e a comunidade não houvera, por isso, ultrapassado as Sete Pedras, limites da sua zona; ora, succede atualmente o contrário, o que é triste, sem dúvida, para o Sr. des Anbiez, mas a comunidade não pode renunciar ao que lhe cabe. Deus avança ou retira as águas como lhe apraz, e nós somos obrigados a aceitar o que Ele nos manda. Querem, pois, a nossa consciência e a nossa razão que, a partir de agora, Raimundo V não coloque mais nem rêdes, nem almadrasas fora das Sete Pedras; mas queremos também, para provarmos o reconhecimento da cidade para com Raimundo V, que sempre foi para ela um bom e corajoso protetor, queremos que tenha o direito a dez libras de peixe, por centena de libras de peixe pescado na baía. Conhecemos a boa-fé de nossos irmãos pescadores, e estamos certos de que saberão cumprir honestamente a condição. Os magistrados e outros oficiais da cidade se incumbirão de fazer executar o nosso julgamento proferido contra Raimundo V, Barão des Anbiez. No caso de o citado Sr. des Anbiez se opor ao julgamento, será condenado a cem libras de multa, das quais a terça parte caberá ao rei, outra terça parte irá ao hospital do Espírito Santo, e a última à comunidade. O conhecimento dos citados crimes e divergências de pesca, por cartas patentes de Henrique Segundo, está interdito ao parlamento e a quaisquer outros magistrados, desejando a majestade dêles que os processos a êles apresentados no tocante à pesca sejam enviados aos citados juizes de mar para serem por êstes conhecidos e julgados; por conseguinte, sempre foram os apelantes dos julgamentos dos juizes de mar repellidos no seu apêlo. Casa da comunidade da Ciotat, etc."

A razão e o bom senso daquela decisão foram maravilhosamente apreciados pela multidão que aplaudiu insistentemente, gritando:

— Vivam os juizes pescadores! Viva Raimundo V!

Terminada a sessão, a multidão escoou-se.

Raimundo V ficou alguns instantes na sala e disse ao vigia do cabo da Águia, estendendo-lhe a mão:

— Muito bem julgado, meu velho Peyrou.

— Monsenhor, pobre gente como nós não é escrivão, não é funcionário, mas Deus inspira aos simples a sua justiça.

— Honrado cidadão, retrucou Raimundo V, fitando-o com interesse, não quer ir jantar comigo na Casa-Forte?

— A minha cabana me espera, monsenhor. Luquin Trinquetaille se aborrece.

— Está bem, está bem, irei visitá-lo eu... com meus irmãos, que não tardarão em chegar.

— Recebeu novas do senhor comendador? perguntou Peyrou.

— Recebi de Malta. São boas e anunciam sempre o seu regresso aqui, pelo Natal. Mas na carta... parece mais triste do que nunca.

O vigia abaixando a cabeça suspirou.

— Ah, Peyrou, disse o barão, como é incômoda e fatal essa melancolia cuja causa ignoro!

— Bem fatal, respondeu o vigia, absorto no seu pensamento.

— Você lhe sabe a causa, pelo menos, disse Raimundo V com amargura, como se sofresse com a reserva do irmão.

— Monsenhor... começou Peyrou.

— Tranqüilize-se. Não lhe peço que me revele o triste segredo, um segredo que não é o seu... Adeus, meu bom amigo. Afinal, agora me dou por satisfeito por haver sido a divergência julgada por você.

— Monsenhor, disse Peyrou, que parecia querer escapar à recordação despertada nêle pelas perguntas do barão sobre o comendador, monsenhor, correrá aqui o boato de que o senhor não compareceria ao nosso tribunal.

— Sim, a principio resolvera não comparecer. Talebard-Talebardon já havia concordado com um arranjo amigável. No meu primeiro ímpeto de cólera, havia decidido mandá-los todos ao diabo!

— Monsenhor, não foi apenas o cônsul que resolveu trazer à nossa presença a causa.

— Foi o que pensei, e foi por isso que mudei de opinião. Em lugar de proceder como louco, procedi com a sabedoria de uma barba grisalha. Foi o tolo do almiran-

tado de Toulon a quem expulsei que instigou o cônsul, não é verdade?

— É o que afirmam, monsenhor.

— Você tinha razão, Honorato, disse o barão, voltando-se para de Berrol.

— Bem, até a vista, Peyrou.

Saindo da grande sala, o barão encontrou na praça da casa da comunidade a sua carruagem rodeada pela multidão.

Saudado com aclamações, foi com emoção que viu aquela acolhida.

No momento em que ia subir à carruagem, percebeu mestre Isnard no vão de uma janela.

O homem da lei parecia aborrecidíssimo com o resultado da sessão. Os seus pérfidos planos tinham sido destruídos.

— Olá, senhor escrivão! gritou o barão, já com o pé no estribo da carruagem, vai voltar imediatamente a Marselha?

— Voltarei brevemente, monsenhor, respondeu o escrivão com rispidez.

— Pois bem, dirá ao Marechal de Vitry que, se ameaçei chicotear você, foi por me levar da parte dêle ordens insultantes para a nobreza provençal. Você pode ver que, pelo contrário, compareci ao tribunal popular, cujas decisões respeito. Quanto à diferença do meu procedimento nas duas circunstâncias, escrivão, você a explicará ao marechal... Resistirei sempre pela força às iníquas ordens dos tiranetes do cardeal tirano... mas respeitarei sempre os direitos e os privilégios das antigas comunidades provençais. A nobreza está para o povo como a lâmina para a empunhadura. As comunidades estão conosco e nós estamos com elas, ouviu, seu bôbo? Diga isso tudo ao seu Vitry...

— Monsenhor, essas palavras... interrompeu-o vivamente o escrivão.

Mas Raimundo V, não o deixando completar, exclamou:

— Diga-lhe, finalmente, que se mantenho a minha casa fortificada é para poder ser útil à cidade, como já o fui. Quando o pastor não tem mais cãs, o rebanho não tarda em ser devorado. E... os lobos não andam longe!

Proferindo essas últimas palavras, Raimundo V subiu à carruagem, que partiu lentamente, no meio das aclamações mil vêzes repetidas da multidão.

O velho gentil-homem, apesar da franqueza e até rudez, soubera agir com habilidade e política, atraindo a simpatia da população, na previsão de possível choque com o poder do marechal.

CAPÍTULO XVII

O óculo de alcance

DEPOIS da sessão, em que, na qualidade de síndico dos juizes pescadores, proferira a condenação de Raimundo V, o vigia do cabo da Águia voltou para a cabana, momentaneamente confiada aos cuidados do excelente Luquin Trinquetaille.

Peyrou estava triste; as últimas palavras do Barão des Ambiez referentes ao comendador tinham despertado nêle penosas recordações.

A medida que escalava a encosta do promontório, o coração se lhe dilatava. Demasiadamente habituado à solidão para alegrar-se na sociedade dos homens, o vigia só era realmente feliz no tópo do seu rochedo, donde ouvia, com piedoso recolhimento os longínquos rugidos do mar e as terríveis explosões da tempestade.

Nada mais absoluto, nada mais imperioso que o hábito do isolamento, sobretudo nos seres que encontram inesgotáveis recursos na sagacidade das suas observações, nos variados devaneios da sua imaginação.

Foi com um profundo sentimento de satisfação que pôs o pé na plataforma do cabo da Águia.

Aproximou-se da cabana, e ali se lhe deparou o bom Luquin profundamente adormecido.

O primeiro movimento de Peyrou foi percorrer o horizonte com um olhar inquieto, e perscrutá-lo com a luneta. Felizmente, não viu nada que lhe parecesse suspeito. Assim, foi com fisionomia mais alegre que severa que, sacudindo rudemente o capitão do *Santo Espanto dos Mouros*, lhe gritou:

— Alerta! Alerta! Os piratas!...

Luquin deu um salto, pôs-se de pé e esfregou os olhos.

— E então, meu rapaz, disse-lhe o vigia, eis aqui a sua grande atividade adormecida! Quem o ouve pensa que uma dourada ou uma mugem não daria um pulo no mar sem que o senhor as assinalasse. Ah, meu rapaz, meu rapaz! *Proun paillou, paou gran* (Muita palha, pouco trigo)!

Luquin olhava para o vigia sem compreender. Mal conseguia ir recuperando a lucidez. Finalmente, estremeendo como bêbado, e estendendo os braços, disse:

— É verdade, mestre Peyrou, adormeci como um grumete qualquer no cêsto da gávea. E, no entanto, esforcei-me por manter os olhos abertos.

— É por isso, meu rapaz, que o sono entrou nêles com maior facilidade. Agora, porém, já voltei e o senhor pode descer à cidade. Já haverá mais de uma garrafa esvaziata sem a sua presença na taberna da Âncora de Ouro.

Luquin, ainda estremunhado, olhava para o vigia sem ver bem.

Este, sem dúvida para arrancar completamente o capitão ao torpor, acrescentou:

— Vamos, vamos! Estefaninha, sua noiva, será convidada a dançar por Terzarol ou por Bernardo, e o senhor ficará sem ela o dia inteiro!

Tais palavras surtiram mágico efeito no capitão, que, firmando-se nas longas pernas, se sacudiu, procurou o equilíbrio batendo várias vezes o pé no chão, e disse ao vigia:

— Olhe, mestre Peyrou, se não tivesse a certeza de ter bebido apenas um copo de salva-cristão com o cigano do diabo, para fazer as pazes com êle, como exigiu Estefaninha... (covarde fraqueza da qual não pude safar-me), acreditaria realmente que estou bêbado.

— É singular... O senhor bebeu apenas um copo de salva-cristão... com o cigano, e está reduzido a êsse estado?

— Apenas um copo, e só pela metade, pois o que a gente bebe com semelhante descrente parece amargo.

— O cigano continua, pois, na Casa-Forte? perguntou Peyrou, pensativamente...

— Sempre, mestre Peyrou, pois todos o querem! Desde monsenhor até o Padre Mascarolus! O mesmo se dá com as mulheres... desde a Srta. Reine até a velha Dulcelina, sem falar de Estefaninha, que lhe dá fitas côr de fogo... Fitas côr de fogo! gritou Luquin, com indignação. O que conviria àquele miserável seria uma fita tecida pelo cordoeiro! Mas que quer o senhor? Tôdas as mulheres andam com a cabeça a girar... E por quê? Porque o vagabundo raspa mais ou menos uma espécie de velha guitarra, cujo som enrouquecido se assemelha bastante, a meu ver, ao guincho das polias da minha tartana, quando se iça a grande vela.

— O cigano não chegou à Casa-Forte no dia em que Raimundo V atçou um touro contra o escrivão?

— Sim, mestre Peyrou, e foi um dia fatal aquêlê no qual o cão errante entrou na Casa-Forte...

— Estranho! disse o vigia, falando consigo próprio. — Devo ter-me enganado, nesse caso!

— Ah, mestre Peyrou, às vêzes tenho vontade de levar o vagabundo à praia da enseada, nos Engouleventes, e lá trocar com êle uns tiros, até que se verifique a morte d'êle ou a minha.

— Vamos, vamos, Luquin, o senhor está doido. O ciúme o enlouquece, e não lhe assiste razão. Estefaninha é moça honrada, sou eu quem lho diz... quanto ao vagabundo...

Depois, interrompendo-se, como se o que desejava dizer dovesse ser um segredo para Luquin, acrescentou:

— Meu rapaz, não perca aqui o seu tempo com um velho, enquanto a noiva o aguarda. Não a deixe. Fique sempre perto dela, e case-se o mais cedo possível *A boueno taire, bouen labouraire*. (A boa terra, bom lavrador).

— Olhe, mestre Peyrou, o senhor me coloca um bálamo no sangue, respondeu o capitão, o senhor até parece um feiticeiro. Todos o respeitam, todos o estimam. Se toma o partido de Estefaninha, é porque ela o merece.

— Por Nossa Senhora da Guarda, sem dúvida que ela o merece. Pois não estêve aqui, antes da sua partida para Nice, para perguntar-me se o senhor podia, sem temor nenhum, empreender a viagem?

— É verdade, mestre Peyrou, e graças ao senhor e às suas mósas cabalísticas que não me esqueci de pôr nas balas, graças também ao azeite de *syraçoê*, também igualmente cabalístico, com o qual untei as baterias dos meus mosquetes e das minhas peças, persegui furiosamente um pirata que se tinha aproximado... por demais indiscretamente do *Santo Espanto dos Mouros* e dos barcos mercantes que êle escoltava. Ah, o senhor é um grande homem, mestre Peyrou!

— E os que me ouvem os conselhos são homens sensatos e prudentes, acrescentou o vigia, sorrindo. E os sensatos nunca deixam que a noiva se aborrega!

Após mais uma vez agradecer ao vigia, Luquin Trinquetaille, resolvido a valer-se dos conselhos relativamente a Estefaninha, correu para a Casa-Forte.

De novo sôzinho, Peyrou deu um suspiro de satisfação, como se se tivesse revisto senhor de um pequenino reino.

Muito embora acolhesse com gentileza todos os que iam consultá-lo, não os via despedir-se sem um secreto prazer.

Entrou na cabana e suspirou profundamente, após contemplar por algum tempo o rico móvel de ébano que sempre parecia despertar nêle penosas recordações. Depois, enquanto aguardava a noite, envolveu-se no seu grossô gabão.

Bem abrigado do vento de tramontana que continuava a soprar, acendeu o cachimbo e olhou melancolicamente para o horizonte.

Já dissemos que do tôpo do cabo da Águia se distinguia perfeitamente, para o oeste, a Casa Forte de Raimundo V.

Eram cêrca de três horas. O vigia teve a impressão de ver ao longe um navio. Empunhando o óculo de alcance, seguiu por longo tempo aquêlê ponto, a princípio incerto, e que cada vez mais se foi tornando distinto.

Não tardou em reconhecer um pesado barco de comércio cujo aspecto não oferecia nada de ameaçador.

Acompanhando a manobra e a marcha do navio com o auxilio do óculo de alcance, assestou-o sem querer na massa imponente da Casa-Forte de Raimundo V e numa parte da praia inteiramente descoberta que tocava os rochedos nos quais se erguia o castelo.

Distinguiu então Reine des Anbiez, montada na sua hacanêia e seguida de mestre Laramée. A jovem ia, com certeza, ao encontro do barão na estrada da Ciotat.

Como alguns blocos de pedra escondessem a praia, Peyrou, por alguns instantes, perdeu de vista a Srta. des Anbiez.

Ouviu, então, um ruído bastante forte, sentiu que o ar se agitava acima dêle, e viu a águia cair-lhe aos pés. Vinha reclamar o habitual alimento, pois dava uns gritos roucos e impacientes.

O vigia acariciou a ave, distraidamente, visto que um novo incidente acabava de lhe despertar a atenção.

Era tão penetrante a sua vista que, procurando o ponto da costa no qual deveria reaparecer a Srta. des Anbiez, distinguia confusamente no ôco de um rochedo um homem que, aparentemente, ali se ocultava com cuidado.

Assestando imediatamente o óculo naquele homem, reconheceu o cigano.

Para seu grande espanto, viu-o tirar de um saquinho um pombo branco e prender-lhe ao pescoço uma capinha na qual introduziu uma carta.

Evidentemente, o cigano julgava-se protegido de qualquer olhar indiscreto. Graças à forma, à elevação do rochedo em que se encontrava, não era possível, com efeito, percebê-lo nem da costa, nem da Casa-Forte.

Era necessária a prodigiosa elevação do cabo da Águia, que dominava tôda a costa da baía, para que mestre Peyrou pudesse descobrir o cigano.

Após olhar para ambos os lados com inquietação, e como se temesse ser visto não obstante a precaução, o vagabundo prendeu bem a capinha em volta do pescoço do pombo e deixou-o voar.

Sem dúvida, a inteligente ave conhecia a direção que devia tomar.

Uma vez em liberdade, não hesitou. Elevou-se quase perpendicularmente acima do cigano, depois rumou velocemente para o leste. Com um movimento rápido como o pensar, Peyrou, pegando a águia, tentou mostrar-lhe o pombo que já se tornara um simples pontinho branco no espaço.

Durante alguns segundos, não pareceu a águia ver o pombo. Mas, de repente, dando um grito, abriu violentamente as asas e voou em perseguição ao emissário do cigano.

O infeliz pombo, advertido pelo instinto, ou pelos gritos ferozes do inimigo, do perigo que o ameaçava, redobrou de velocidade e voou com a rapidez de uma flecha.

Uma vez, tentou elevar-se acima da águia, talvez para tentar escapar-lhe, desaparecendo nas nuvens sombrias e baixas que toldavam o horizonte. Mas a águia, com uma só batida das poderosas asas atingiu tal altura, que o pombo, não podendo lutar com o adversário, caiu a poucos passos da superfície do mar, e roçou o tópo das vagas, naquele momento, altas.

Brilhante seguiu-o naquela manobra.

O vigia não sabia se ceder ao desejo de pôr côbro à luta da águia contra o pombo ou satisfazer a curiosidade de examinar o conteúdo da missiva.

Graças ao óculo de alcance, viu o cigano, extraordinariamente agitado, seguir com ansiedade as diversas probabilidades de perda ou de salvação que restavam ao seu mensageiro.

Finalmente, tentou o pombo um derradeiro esforço. Reconhecendo, sem dúvida, que o termo da sua viagem distava demais para poder atingi-lo, quis voltar, para escapar ao terrível inimigo.

Infelizmente, traíram-no as forças, o vôo se lhe tornou pesadíssimo, e, aproximando-se excessivamente das ondas, molhou-se.

Valeu-se a águia do instante em que o pombo reiniciava penosamente a luta, para tombar sobre êle com a rapidez do raio. Pegando-o com as poderosas garras, elevou-se imediatamente e voou em direção ao promontório indo refugiar-se com a presa no ninho, situado num rochedo pouco distante da cabana do vigia.

Este levantou-se sem perda de tempo para lhe arrancar o pombo, mas não conseguiu. A natureza selvagem de *Brilhante* voltara à tona, e ela eriçou as penas, dando gritos agudos e mostrando-se disposta a defender vigorosamente a presa já sem vida.

Peyrou temeu que, irritando a águia, ela fôsse abater-se num rochedo inacessível. Deixou-a, pois, tranqüillamente devorar o pombo, notando, contudo, que a capinha que êle trazia ao pescoço se compunha de duas pequenas placas de prata, e estava presa por uma correntinha do mesmo metal.

Não devia, portanto, temer a destruição da carta ali contida.

Enquanto a águia devorava em paz o emissário do cigano, Peyrou voltou à porta da cabana, tornou a assestar o óculo de alcance, e interrogou inútilmente os rochedos da costa para descobrir o vagabundo. O cigano desaparecera.

Entregando-se àquela nova investigação, viu na praia a carruagem de Raimundo V. O barão tomara a montaria de Laramée, e cavalgava ao lado de Reine, em direção à Casa-Forte.

De repente, certo de que a águia terminara o repasto, rumou para o seu ninho.

Brilhante já não estava mais lá. Contudo, entre as penas e os ossos do pombo, sobressaía a capinha, que êle abriu para encontrar uma carta de várias linhas em caracteres árabes.

Infelizmente, Peyrou não conhecia aquela língua. Mas nas suas freqüentes campanhas contra os barbarescos, notara nas cartas de sinal dos corsários a configuração da palavra *Reis*, que significa capitão, e que sempre se seguia ao nome do comandante dos navios.

Na que acabava de descobrir, via-se a palavra *Reis* três vezes...

Pensou que o cigano fôsse o emissário de um pirata barbaresco cujo navio, oculto num dos recantos desertos da costa, aguardava, sem dúvida, um sinal convencional para desembarcar. O cigano, com certeza, deixara aquêlê navio com rumo à Casa-Forte, levando o seu pombo, e não há quem não conheça a astúcia com a qual os pombo tornam aos lugares onde vivem.

Erguendo a cabeça para relancear mais um olhar pelo horizonte, viu ao longe, na linha azulada que separava o céu do mar, algumas velas triangulares de desmedida altura, as quais lhe pareceram suspeitas. Examinando-as com o óculo adquiriu a certeza de que o xaveco em vista devia ser o de um pirata.

Seguiu por algum tempo a manobra do barco.

Em lugar de avançar para a costa, o xaveco parecia bordejar e navegar contra o vento, não obstante a violência cada vez maior do vento, como se estivesse à espera de um piloto ou de um sinal.

O vigia estava tentando ligar, no pensamento, o envio do pombo e o aparecimento do navio de mau agouro, quando um leve ruído o obrigou a levantar a cabeça.

Estava na sua frente o cigano.

CAPÍTULO XVIII

O saquinho

O SAQUINHO e a carta aberta ainda estavam sôbre os joelhos do vigia. Com um movimento mais veloz que o pensamento, e que escapou ao cigano, ocultou-os no cinto. Ao mesmo tempo, certificou-se de que a longa faca catalã podia sair facilmente da bainha, pois a sinistra fisionomia do vagabundo não lhe inspirava a menor confiança.

Durante alguns instantes, os dois homens se fitaram em silêncio, e se mediram com os olhos.

Apesar de velho, o vigia era ainda bastante vigoroso.

O cigano, mais delgado, mas muito mais jovem, parecia ousado e resoluto.

Peyrou ficou impaciente com a inesperada visita. Tinha que vigiar as manobras do xaveco suspeito, e a presença do cigano o importunava.

— Que deseja? perguntou-lhe bruscamente.

— Nada. Vim ver o sol deitar-se no mar.

— É um belo espetáculo... mas pode-se vê-lo noutras partes também.

Assim falando, tornou a entrar no interior da cabana, pegou duas pistolas, colocou uma na cintura, armou a outra, empunhou-a e saiu.

Distinguia-se, então, o xaveco a ôlho nu.

O cigano, notando que Peyrou estava armado, não logrou conter um movimento de surpresa, quase de despeito, e disse-lhe, com ironia, mostrando a pistola:

— Que estranha luneta a sua, vigia!

— Aquela é boa para vigiar o inimigo quando está longe. Esta quando êle está perto.

— De que inimigo está falando, vigia?

— Do senhor.

— De mim?

— Do senhor.

Trocadas tais palavras, os dois homens calaram-se por algum tempo.

— O senhor está enganado... Sou hóspede de Raimundo V, Barão des Anbiez, disse o cigano enfaticamente.

— O escorpião venenoso também é hóspede da casa em que habita? retrucou Peyrou, olhando-o fixamente.

Os olhos do vagabundo brilharam. Pelo estremecimento muscular que lhe enrugou as faces, notou Peyrou que êle apertava violentamente os dentes. No entanto, foi com fingida calma que o vagabundo respondeu:

— Não mereço as suas censuras, vigia. Raimundo V teve pena de um pobre vagabundo e me ofereceu abrigo...

— E para provar a êle todo o seu reconhecimento, pretendia atrair a desgraça e a ruína ao castelo?

— Eu?

— Você está de acôrdo com o xaveco que bordeja no horizonte.

O cigano fitou atentamente o navio, com o ar mais indiferente do mundo e respondeu:

— Em tôda a minha vida jamais coloquei o pé num navio. Quanto ao acôrdo que o senhor supõe ter eu com o barco, a que chama... xaveco... creio, sem dúvida, que a minha voz e os meus sinais não conseguem alcançá-lo.

O vigia fitou penetrantemente o cigano e disse-lhe:

— Nunca pôs o pé no tombadilho de um navio?

— Nunca, a não ser nos barcos do Ródano. Nasci no Languedoc. Meu pai e minha mãe faziam parte de um bando de ciganos vindos da Espanha. Como tôda lembrança da minha infância, ficou-me êste refrão muitas vezes repetido na nossa horda errante:

*Quando me pôs no mundo
minha mãe a cigana*

Ê tudo o que sei do meu nascimento, eis aí todos os meus documentos de família, vigia.

— Os ciganos da Espanha também falam árabe, retrucou Peyrou, observando cuidadosamente o vagabundo.

— Dizem. Eu não sei outra língua senão a que falo... bastante mal, como o senhor vê.

— O sol deita-se atrás daquelas grandes nuvens... E para um individuo interessado no espetáculo, você me parece bastante indiferente, continuou o vigia, com ironia. Sem dúvida, interessa-lhe muito mais o xaveco.

— Amanhã de tarde, tratarei de ver o pôr do sol. Hoje prefiro passar o tempo adivinhando os seus enigmas, vigia.

Durante aquela conversação, o síndico dos juizes de mar não perdia de vista o navio que velejava sempre e parecia, evidentemente, aguardar um sinal.

Embora a attitude daquele barco lhe fôsse suspeita, hesitava em dar o alarme na costa, acendendo a fogueira... Agitar o litoral sem necessidade era um perigoso precedente. De outra feita, em caso de real perigo, a solicitude geral se ressentiria do falso alarme.

Enquanto se entregava às suas reflexões, o cigano olhava em volta com inquietação. Tentava descobrir vestígios da água. Do rochedo em que estivera, vira *Brilhante* descer naquela direção.

Por um momento, pensou em desfazer-se de Peyrou, mas renunciou à idéia. O vigia, armado, vigoroso, mantinha-se em guarda.

Peyrou, apesar da cólera que lhe inspirava a presença do vagabundo, temia vê-lo descer de novo à Casa-Forte. Raimundo V não desconfiava daquele miserável. O cigano, vendo descobertos os seus planos pelo vigia, poderia tentar alguma maldade antes de abandonar o país.

No entanto, seria impossível a Peyrou abandonar a cabana, naquelas graves circunstâncias, a fim de avisar o barão. A noite aproximava-se, e o cigano continuava no topo do promontório.

Felizmente, a lua era quase cheia. Não obstante as nuvens, a sua luz se projetava assaz viva para iluminar as manobras do xavcco.

O cigano, de braços cruzados no peito, olhava para Peyrou com imperturbável sangue frio.

— Eis desaparecido o sol, disse-lhe o velho marinheiro. A noite será fria, e você fará bem em voltar à Casa-Forte.

— Passarei a noite aqui, respondeu o vagabundo.

O vigia levantou-se, furioso, e avançou ameaçador para o cigano.

— Por Nossa Senhora juro que você vai imediatamente descer!

— E se eu não quiser?

— Matá-lo-ei!

O cigano ergueu os ombros.

— O senhor não me matará, vigia, e eu ficarei aqui.

Peyrou armou a pistola e gritou:

— Cuidado!...

— Seria capaz de matar um homem indefeso, que não lhe faz mal nenhum? Desafio-o! respondeu o vagabundo, sem mover-se.

O vigia abaixou a arma. Repugnava-lhe um crime. Recolocou a pistola na cintura e caminhou com violenta agitação.

Estava numa estranha posição: não podia livrar-se daquele importuno, nem pelo temor nem pela força. Via-se obrigado a passar a noite assim, sempre atento.

Tomou este último partido, esperando que, no dia seguinte, com o aparecimento de alguém, pudesse livrar-se do maldito cigano.

— Está bem, disse-lhe, finalmente, com um sorriso forçado. Embora eu não lhe tenha pedido para fazer-me companhia, passaremos a noite lado a lado.

— E não se arrependerá, vigia... Não sou marinheiro, mas tenho excelente vista. Se o xaveco o inquieta, ajudá-lo-ei a vigiá-lo.

Após alguns momentos de silêncio, o vigia sentou-se num rochedo.

O vento redobrava de violência, e soprava com força. Grandes nuvens toldavam, de vez em quando, o pálido disco da lua. A porta da cabana, aberta, batia com estrondo.

— Se quer ser útil em alguma coisa, disse Peyrou, pegue essa corda que está no chão, e feche a porta da cabana, pois o vento está ficando mais forte.

O cigano olhou para o vigia, estupefato, e hesitou em obedecer.

— O senhor pretende fechar-me lá dentro... Que habilidade a sua, vigia!

Peyrou mordeu os lábios, e replicou:

— Prenda a porta pelo lado de fora... se não, verei em você um péssimo companheiro.

O cigano, não descobrindo inconveniente em satisfazer o vigia, pegou a corda, passou-a por uma argola da porta, e amarrou-a a um gancho de ferro pôsto na parede.

O vigia, sempre sentado, seguia-lhe atentamente os movimentos.

Feito o nó, Peyrou aproximou-se e gritou, após um minuto de exame:

— Tão certo como Deus está no céu, você é marinheiro!

— Eu, vigia?

— E já serviu a bordo dos piratas barbarescos...

— Nunca, nunca!

— Digo-lhe que quem não navegou com os piratas de Argel ou de Tûnis não pode ter o hábito de fazer êsse nó triplo, como você acaba de fazer... Sômente êles é que prendem assim a âncora ao arganêu!

O cigano mordeu os lábios a ponto de fazê-los sangrar. Mas, readquirindo a calma, respondeu:

— Bem, não se pode negar que o senhor é esperto, e tem certa razão, vigia. O nô me foi ensinado por um dos nossos que nos alcançou em Languedoc, após ter sido escravo de um pirata de Argel.

Perdendo a paciência, furioso com a impudência do miserável, o vigia gritou-lhe:

— Digo-lhe que você mente... Veio aqui preparar uma cilada... Olhe!... Veja!

E mostrou-lhe o saquinho.

O cigano, estupefato, não logrou conter um grito de maldição em árabe.

Se o vigia ainda tinha alguma dúvida sôbre a personalidade do cigano, a última exclamação, que freqüentemente lhe ferira os ouvidos nos seus combates contra os árabes, bastou para lhe provar a verdade das suas suspeitas.

Os olhos do vagabundo fulgiam de cólera.

— Vejo bem agora! gritou. A águia veio aqui devorar o pombo! Da praia, via-a descer nestes rochedos. O saquinho, ou a sua vida! bradou, tirando um punhal do gibão, e atirando-se contra o vigia.

O cano de uma pistola apoiado ao seu peito lembrou-lhe que Peyrou estava melhor armado.

Batendo o pé com raiva, o vagabundo gritou:

— Éblis está com êle!

— Eu tinha certeza. Você é pirata. O xaveco aguardava as suas instruções ou o seu sinal para aproximar-se ou afastar-se da costa. A sua raiva é grande por ver inutilizados os seus planos, incréu! respondeu o vigia.

— Éblis¹ tocara-me, portanto, com a sua asa invisível, pois me esqueci do único meio de reparar tudo! disse, de repente, o cigano.

Dando um pulo de alegria, desapareceu aos olhos estupefatos do vigia, e desceu apressadamente pela escarpa que conduzia à praia.

1. Éblis: o diabo.

CAPÍTULO XIX

O sacrificio

A NOITE transcorreu sem outros incidentes. Ao nascer do sol, o xaveco desaparecera. Peyrou aguardava com impaciência a chegada do jovem marinheiro que o substituíra de vez em quando no pôsto. Tinha pressa de prevenir Raimundo V das más intenções que supunha no cigano.

Pelas duas horas, Peyrou ficou assombrado ao ver aparecer a Srta. des Anbiez acompanhada de Estefaninha.

Reine aproximou-se dêle com certo embaraço.

Sem partilhar as idéias quase supersticiosas dos habitantes do golfo, no tocante ao vigia do cabo da Águia, sentia-se, involuntariamente comovida indo conversar de um assunto ao qual não podia referir-se sem tristeza. A jovem recebera pelos mesmos meios desconhecidos e misteriosos novos sinais da recordação de Erebo.

Tôdas as precauções de Reine e de Estefaninha tinham sido inúteis para descobrir a fonte de tão estranhas mensagens.

Por uma imperdoável obstinação, por um doido amor ao maravilhoso, Reine continuara a ocultar tudo ao pai e a Honorato.

Este partira da Casa-Forte num acesso de ciúme tão doloroso quanto insensato.

Na véspera do dia da sessão dos juizes de mar, Reine, ajoelhando-se no seu oratório, encontrara um rosário de madeira de sândalo, maravilhosamente feito.

O gancho que devia prendê-lo ao cinto trazia ainda a impressão esmaltada do pombinho de que falamos, símbolo da recordação e do amor do desconhecido.

Desde a canção do cigano, a imaginação de Reine, violentamente excitada, fizera mil sonhos sobre a aventureira existência do jovem emir, como o chamara o vagabundo.

Este, propositadamente, ou por acaso, deixara a gusla na saleta de Reine, após a partida de Honorato de Berrol.

A jovem, ansiosa por rever as feições do desconhecido, pegou a guitarra, abriu o medalhão, mas com grande surpresa sua, o retrato, mal fixado, sem dúvida, desprendeuse e lhe ficou entre as mãos.

Dulcelina entrou. Reine corou, fechou o medalhão, e ocultou o retrato no seio. Contava recolocar a miniatura no lugar. Viera a noite, e Estefaninha, sem avisar a ama, devolvera a guitarra ao cigano. A tampa do medalhão estava fechada, e nem o cantor nem Estefaninha perceberam nada de anormal.

No dia seguinte de manhã, Reine mandou chamar o cigano para devolver-lhe o retrato, mas o cigano desaparecera, sem dúvida, para dar liberdade ao pombo que, depois, a águia devorara.

Reine tivera a coragem de partir o vasilho de cristal, de queimar a miniatura no pergaminho. Não teve, porém, a coragem de destruir o retrato nem o rosário que encontrara no seu oratório.

Apesar das suas lutas, apesar dos rogos ao céu, apesar da vontade de esquecer o dia dos rochedos de Ollioules, a lembrança do desconhecido cada vez mais lhe invadia o coração.

A canção do vagabundo sobre o jovem emir comoveu-a profundamente. Aquêles contrastes de coragem e de bondade, de poder e de piedade comovedora lhe lembravam o singular misto de audácia e de timidez que tanto a impressionara por ocasião da cena das gargantas de Ollioules.

Contava com a restituição do retrato para, de maneira indireta, reiniciar com o cigano a conversação sobre o emir.

Infelizmente, o cigano desaparecera.

De noite, com grande espanto dos habitantes da Casa-Forte, o cigano não regressou. Raimundo V, que o estimava, ordenou aos guardas da noite que se preparassem para abaixar a ponte no caso de o cigano reaparecer, não obstante a invariável regra do castelo.

De manhã, o vagabundo não voltou. Julgaram-no adormecido, após beber em alguma taberna da Ciotat. Todos estranharam não encontrar os dois pombos na gaiola em que ele sempre os mantinha.

Inquieta com as esquisitices que se passavam havia tempo, cedendo enfim, um pouco por curiosidade, um pouco por convicção, aos rogos de Estefaninha que fazia a mais esplêndida idéia da ciência do vigia, Reine resolvera consultá-lo sobre os mistérios de que era teatro a Casa-Forte.

Diziam-se coisas tão milagrosas sobre mestre Peyrou, que Reine, embora pouco supersticiosa, acabou sofrendo a influência geral.

Ia, pois, interrogar Peyrou, quando se viu, com grande surpresa sua, interrogada por ele sobre o cigano.

— Senhorita, o vagabundo voltou a noite passada à Casa-Forte?

— Não, e meu pai está inquieto. Julga que passou a noite a beber em alguma taberna da Ciotat.

— O que seria espantoso, acrescentou Estefaninha, pois o coitado parece ser de exemplar sobriedade.

— O coitado, disse o vigia, é espião dos piratas.

— Êle? gritou Reine.

— Em pessoa, senhorita. Um xaveco cruzou durante parte da noite à vista do gôlfo, esperando apenas, sem dúvida, para desembarcar, o sinal desse vagabundo.

Em poucas palavras, o vigia pôs Reine a par da aventura do pombo, disse-lhe sobre que indícios irrefutáveis suspeitava que o cigano estava de acôrdo com os barbarescos, mostrou-lhe o saquinho, a carta, e entregou-lha para que o barão mandasse traduzir o escrito por um dos irmãos Mínimos da Ciotat que, escravo por muito tempo em Túnis, sabia árabe.

Ao saber das odiosas suspeitas que recaíam sobre o cigano, Reine, sem explicar o seu temor, não ousou confiar ao vigia o objeto da sua visita.

Estefaninha olhou para a ama, estupefata, e disse:

— Nossa Senhora! Quem teria dito que o descrente que cantava tão bem fôsse um abominável celerado? E eu que tive tamanha pena dele que cheguei a dar-lhe uma fita côr de fogo! Ah, minha boa ama... e o retrato de...

Um imperioso sinal de Reine impediu que Estefaninha prosseguisse.

— Adeus, bom vigia, disse ela, volto quanto antes à Casa-Forte, a fim de prevenir meu pai.

— Não se esqueça, Estefaninha, de mandar aqui Luquin Trinquetaille. É preciso que combine com êle para ter mais um jovem vigia, disse Peyrou. Não dormi a noite passada. O perigoso malandro talvez ande por aí, pelos rochedos, e venha assassinar-me ao pôr da lua. Os piratas devem estar nas vizinhanças do gôlfo, ocultos numa das enseadazinhas onde costumam emboscar-se, para aguardar a prêsa, porque, infelizmente, as nossas costas não são guardadas.

— Tranqüilize-se, mestre Peyrou. Luquin virá aqui com seus dois primos. Bastará dizer-lhe que se trata do cigano, que não tardará em chegar com as suas enormes pernas... E dizer que talvez eu tenha dado uma fita côr de fogo a um pirata! acrescentou Estefaninha, cruzando as mãos. Talvez a um dos bandidos que, no ano passado, destruíram tudo por aqui.

— Vá, vá, minha filha, depressa! Preciso conversar com o capitão sobre um pequenino cruzeiro que ele poderá realizar hoje mesmo com o seu barco... Avisaremos os cônsules para que se armem imediatamente vários barcos de pesca, com homens seguros e determinados. É preciso dar o alarme em toda a praia, armar a entrada do golfo, que só está defendida pelo canhão da Casa-Forte, e aprontar-se contra qualquer surpresa, pois os bandidos caem sobre a costa com a rapidez de um furacão... Diga a Luquin que venha cá sem perda de tempo! Ouviu, Estefaninha? Olhe que se trata da salvação da cidade!

— Tranqüilize-se, mestre Peyrou, embora fique angustiada por saber que o meu pobre Luquin vai correr perigo, demais o quero eu para lhe aconselhar que seja covarde!

Durante a conversação entre o vigia e Estefaninha, Reine, imersa em profundo devaneio, descera alguns degraus do atalho que conduzia à plataforma da cabana.

O atalho, inclinadíssimo, contornava as partes exteriores do promontório, e formava naquele ponto uma espécie de cornija cuja borda sobressaía bastante do pé da imensa muralha de rochedos, mais de trezentos pés acima do nível do mar.

Uma jovem, menos habituada aos passeios e às corridas pelas montanhas, teria temido aventurar-se pela estreita passagem. Do lado do mar, o único parapeito era constituído por algumas asperezas de rochedos mais ou menos pronunciadas. Reine, desafiando aquêles perigos desde a infância, nem sequer pensava no perigo a que se expunha.

A emoção que a agitava, desde a entrevista com o vigia, absorvia-a inteiramente.

A sua marcha, ora lenta, ora precipitada, parecia participar das suas tumultuosas emoções.

Estefaninha não tardou em alcançá-la. Espantada com a palidez da ama, ia perguntar-lhe a causa, quando Reine lhe disse com voz alterada, e um gesto de mão que não admitia réplica:

— Ande na minha frente... Estefaninha... e não se preocupe se a sigo ou não.

Estefaninha precedeu-a, rumando apressadamente para a Casa-Forte.

A agitação de Reine des Anbiez era extrema. As relações que pareciam existir entre o cigano e o desconhecido eram por demais evidentes para que ela não tivesse as piores suspeitas do jovem a quem o vagabundo chamava emir.

Várias circunstâncias que até então não a tinham impressionado deram-lhe a crer que o cigano era um

emissário do desconhecido. Sem dúvida, o vagabundo collocara no seu quarto os vários objetos que tamanha surpreza lhe tinham provocado. Nessa hipótese, uma única objeção se lhe oferecia ao espirito: encontrara o vaso de cristal e a miniatura em pergaminho antes da chegada do vagabundo.

De repente, um raio de luz a iluminou, e ela lembrou-se de que um dia, para dar provas da sua agilidade a Estefaninha, o cigano descera ao terraço pelo balcão onde se abria a janela do oratório, e tornara a subir pelo mesmo caminho. Outra vez, deixara-se deslizar do terraço para os rochedos que margeavam a praia, e tornara a subir dos rochedos ao terraço, valendo-se das asperezas do muro e das plantas parietárias nêle enraizadas.

Embora tivesse chegado pela primeira vez ao castello com o escrivão, não teria podido o vagabundo, antes, occultar-se nas cercanias da Ciotat, introduzir-se por duas vezes no interior da Casa-Forte durante a noite, e depois, para afastar qualquer suspeita, voltar com o grupo do escrivão, encontrado por acaso?

Aquêles pensamentos, reforçados ainda por algumas observações, constituíram em pouco para Reine provas irrefutáveis. O forasteiro e os seus companheiros eram, sem dúvida, piratas que, mediante o auxilio de nomes falsos e de dados falsos sobre a sua viagem, se tinham apresentado como moscovitas, abusando da credulidade do Marechal de Vitry.

A primeira idéia de Reine, idéia absoluta, imperiosa, foi esquecer para sempre o homem sobre o qual pesavam tão horribéis suspeitas.

A religião, o dever, a vontade do pai, eram outros tantos obstáculos insuperáveis e sagrados, que a jovem nem sequer cuidava de desafiar.

Até então, a sua imaginação moça e viva encontrara inesgotáveis alimentos na estranha aventura dos rochedos de Ollioules.

Todos os seus castos sonhos de moça se haviam concentrado, realizado na pessoa de Erebo, do desconhecido ao mesmo tempo bravo e tímido, ousado e encantador, que lhe salvara o pai.

Mau grado seu, sentira-se comovida pela delicada e misteriosa insistência com a qual Erebo sempre se esforçara por tornar-se lembrado.

Sem dúvida, jamais ouvira a voz do estrangeiro. Sem dúvida, ignorava se o seu espirito, o seu caráter, correspondiam aos encantos do fisico. Mas, durante os longos devancios, em que uma jovem pensa naquella cujo olhar a perturbou, não lhe attribui sempre as mais delicadas e

doces palavras? Não lhe faz sempre dizer tudo quanto ela desejaria ouvir?

Assim acontecera com Reine no tocante a Erebo. A princípio ela quisera expulsá-lo do pensamento. Infelizmente, quando se cede ao sentimento contra o qual se lutou heróicamente, êle mais irresistível ainda se torna.

Reine amava, pois, Erebo, talvez sem o saber, quando a fatal revelação do vigia lhe mostrou o objeto do seu amor sob côres demasiadamente sombrias.

A grandeza do sacrifício que Reine devia fazer a iluminou sôbre a fôrça do afeto com o qual, por assim dizer, brincara até aquêlê momento.

Pela primeira vez, uma revelação lhe mostrou como era grande o seu amor.

Impenetráveis mistérios do coração! Durante as primeiras fases de tão singular amor, ela considerara possível o seu casamento com Honorato.

A partir do instante em que soube quem era o desconhecido, a partir do instante em que compreendeu que, apesar da voz do dever que lhe ordenava esquecer, a lembrança de Erebo lhe dominaria a vida inteira, pareceu impossível o casamento com o cavaleiro.

Reconhecia com espanto que, não obstante os seus esforços, o coração já lhe não pertencia, e era incapaz de enganar Honorato...

Quis fazer um derradeiro sacrificio, quis renunciar ao rosário e ao retrato que possuía, impondo-se tal resolução como espécie de expiação da reserva sempre mantida com relação ao pai.

Sofreu muito antes de cumprir tal vontade.

Como dissemos, Reine caminhava à beira da cornija formada pelos rochedos acima da praia em que se quebrava o mar...

Trazia, por sôbre o vestido uma manta escura de capuz. O capuz, caído sôbre os ombros, deixava-lhe descobertas as longas madeixas de cabelos escuros agitados pelo vento. A sua fisionomia denotava melancolia doce e resignada; às vêzes, entretanto, os olhos azuis brilhavam intensamente, e ela erguia a cabeça com expressão de doloroso orgulho.

Amava apaixonadamente, mas sem esperança, e ia atirar ao mar as débeis provas daquele amor impossível...

Aos seus pés, bem abaixo dela, o mar batia com raiva a costa.

Reine tirou o saquinho do seio... olhou-o um momento com amargura, apertou-o ao coração, depois estendeu a mão branca e delicada sôbre o abismo... e o saquinho caiu no meio das ondas.

Quis segui-lo com os olhos, mas não pôde. A cornija era demasiadamente saliente para que ela pudesse ver...

Suspirou profundamente... pegou o retrato do desconhecido, contemplou-o longamente com triste admiração. Nada mais puro, nada mais encantador que as feições de Erebo. Os seus grandes olhos escuros, doces e severos ao mesmo tempo, lhe lembravam o olhar cheio de candura e de elevação que lançara a Raimundo V, após salvar-lhe a vida... O sorriso daquele retrato, todo feito de serenidade, nada tinha do sorriso irônico e da expressão atrevida que tanto haviam impressionado a jovem...

Durante vários momentos, lutou contra a sua resolução. Mas a razão venceu... Reine, corando, aproximou os lábios do medalhão, apoiou-os na testa do retrato... e atirou-o ao espaço...

Cumprido o doloroso sacrifício, sentiu-se menos oprimida. Ter-se-ia julgado culpada, se tivesse conservado aquelas provas materiais do seu doido amor.

Viu-se livre finalmente para entregar-se aos pensamentos que lhe referviam na alma...

Durante algum tempo passeou pela praia, absorta.

Ao voltar para a Casa-Forte, soube que Raimundo V ainda não regressara da caçada.

Já era noite. Seguida de Estefaninha, entrou na sua saleta... Ficou estupefata!...

Na mesa estava o retrato e o rosário que, duas horas antes, atirara aos abismos do mar...

CAPÍTULO XX

Nossa Senhora das Sete Dores

ABANDONAREMOS por algum tempo a Casa-Forte do Barão des Ambiez e a cidadezinha da Ciotat, para conduzirmos o leitor a bordo da galera do comendador Pedro des Ambiez.

A tormenta obrigara o navio a refugiar-se no pequenino porto de Tolari, situado a leste do cabo Corso, ponta setentrional da ilha.

O sino da galera acabava de dar dez horas da manhã.

O tempo, já escuro, baixo, o céu lugubrememente velado de nuvens negras, as violentas e freqüentes rajadas do vento de noroeste erguiam fortes ondas no interior do porto.

Para onde quer que a gente se voltasse, o que se via eram apenas as áridas e sombrias montanhas do cabo Corso, ao pé das quais se abria a enseada.

O mar era bastante forte no interior da bacia, mas parecia quase calmo, quando se comparava às enormes vagas que se abatiam na estreita entrada do pôrto, numa cintura de rochedos.

Aquêles escolhos, quase inteiramente submersos, estavam cobertos de uma espuma deslumbrante que, sacudida pelo vento, jorrava em pó úmido e branco.

Os agudos gritos das gaivotas e dos *goelands* mal conseguiam superar o estrondo daquele mar enfurecido a se engolfar no canal que era preciso atravessar para entrar na enseada de Tolari.

Algumas miseráveis cabanas de pescadores, construídas sobre a areia em que os barcos a sêco estavam amarrados, completavam a paragem solitária e rude.

Atormentada pelas fortes ondas, a *Nossa Senhora das Sete Dores*, às vezes se elevando nas vagas, enrijecia os cabos a ponto de ameaçar rompê-los; outras, pelo contrário, parecia abrir um leito entre duas vagas.

Nada mais severo, nada mais fúnebre que o aspecto da galera pintada à guisa de cenotáfio.

Tendo cento e setenta pés de comprimento, dezoito de largura, estreita, delgada, mal sobressaindo do nível do mar, assemelhava-se a imensa serpente negra adormecida no meio das águas.

Na parte dianteira do retângulo formado pelo corpo da galera, havia um esporão saliente e agudo, de dez pés de comprimento.

Na parte traseira do mesmo retângulo, via-se uma pôpa arredondada, cuja cobertura se inclinava para a proa.

Sob aquêle abrigo, chamado *côche da pôpa*, alojava-se o comendador, o patrão, o prior e o rei dos cavaleiros¹.

Os mastros da galera, desarmados na sua entrada na enseada, tinham sido colocados na coxia, estreita passagem que atravessava a galera no seu meio e no seu comprimento.

Em cada lado dessa passagem estavam enfileirados os bancos dos forçados.

Acima do côche de pôpa, prêso a uma haste negra, flutuava o estandarte da religião, vermelho, esquartejado de branco. Abaixo do estandarte um farol de bronze designava o grau do comendador.

1. O mais antigo dos cavaleiros de Malta embarcado.

Mal compreendemos na nossa época como podiam os escravos que compunham a tripulação de uma galera viver agrilhoados noite e dia aos seus bancos.

No mar, dormiam no tombadilho, sem abrigo.

Na enseada, dormiam sob uma tenda de tecido de lã que mal os protegia da chuva e das geadas.

Imaginem-se naquela galera negra, por um tempo sombrio e gelado, cêrca de cento e trinta galeotes mouros, turcos ou cristãos, usando vestes vermelhas e gabão de lã escura com capuz.

Os infelizes tremiam ao sopro gelado da tempestade e sob a chuva que, apesar da tenda, os inundava.

Para se aquecerem um pouco, encostavam-se uns aos outros, nos bancos estreitos onde estavam agrilhoados cinco a cinco.

Todos se mantinham em triste silêncio, e freqüentemente olhavam com inquietação e temor para os comitres.

Êsses officiaes, vestidos de negro e armados de um nervo de boi, percorriam a coxia, de cada lado da qual se achavam os bancos da tripulação.

Havia treze bancos à direita e doze à esquerda².

Os galeotes que constituíam a *palamenta*³ da *Nossa Senhora das Sete Dores* tinham sido, segundo o costume, recrutados entre os cristãos, os mouros e os turcos.

Cada um de tais tipos de escravos tinha a sua fisionomia particular.

Os *turcos*, indolentes, abatidos, preguiçosos, pareciam presa de uma apatia dolorosamente contemplativa.

Os *mouros*, sempre agitados, inquietos, ferozes, pareciam constantemente esperar a oportunidade de despedaçar os grilhões e massacrar os guardas.

Os *cristãos*, quer condenados, quer recrutados de boa vontade⁴, eram mais descuidados da sorte; alguns até se ocupavam com trabalhos de palha, de que esperavam tirar proveito.

Enfim, os negros, dos navios barbarescos, onde remavam como escravos, ficavam numa espécie de torpor, de imobilidade estúpida, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

A maioria dos negros morria de pesar, enquanto os muçulmanos e os cristãos terminavam por habituar-se àquella sorte.

Entre estes últimos alguns estavam horivelmente mutilados; pertenciam ao número dos evadidos *recapturados*.

2. A cozinha ocupava, à esquerda, o lugar de um banco.

3. *Palamenta*. Corpo de remadores.

4. Chamados *Buonvoglio*, palavra italiana.

Para puni-los da tentativa de evasão, haviam-lhes, segundo a lei, cortado o nariz e as orelhas; além disso, a barba, o crânio e as sobrancelhas estavam completamente raspados. Nada mais medonho que aquêles rostos assim desfigurados.

Enfim, na parte dianteira da galera, e colocadas numa espécie de corpo de guarda coberto, viam-se em bateria as cinco peças de artilharia do navio.

Lá ficavam os soldados e os canhoneiros.

Não faziam parte da tripulação, composta exclusivamente de remadores escravos e de *buonvoglios*. Comprimos, se é que podemos falar assim, a guarnição do navio a que imprimiam movimento os remos dos forçados.

Uns vinte marinheiros, também livres, eram incumbidos do manejo do velame, da ancoragem e das demais manobras náuticas.

Os soldados e os canhoneiros, considerados irmãos leigos e servos, traziam casacos de pele de búfalo, chapelões e calças pretas.

Abrigados pelo teto do corpo de guarda, uns sentados sobre os canhões limpavam as suas armas; outros dormiam, deitados no tombadilho, envoltos nos seus gabões; finalmente, outros, coisa rara até entre os soldados da religião, liam trechos piedosos, ou rezavam o têrço.

Com exceção dos forçados, a equipagem da galera, cuidadosamente escolhida pelo comendador, apresentava fisionomia grave e recolhida.

Quase todos os soldados e marinheiros eram homens maduros; alguns até raiavam a velhice. Pelas numerosas cicatrizes que apresentavam quase todos, via-se que serviam havia longo tempo.

Mais de duzentos homens estavam reunidos na galera, e nela reinava um silêncio de claustro.

Se os forçados se mantinham calados por terror ao chicote dos comitres, os marinheiros e soldados obedeciam a piedosos hábitos, religiosamente entretidos pelo comendador, Pedro des Anbiez.

Durante mais de trinta anos que comandava a galera da religião, esforçara-se sempre por conservar a mesma equipagem, substituindo apenas, com grande pesar, os que perdia.

Conhecia-se em Malta a rigidez da disciplina estabelecida a bordo da *Nossa Senhora das Sete Dores*. O comendador era, talvez o único dos oficiais da religião que exigia estrita observância das regras da ordem. A sua galera, a bordo da qual só recebia gente experimentada, tornara-

-se uma espécie de convento nômade, ponto de encontro voluntário de todos os marinheiros que pretendiam salvar-se, adstringindo-se escrupulosamente aos rigorosos deveres da confraria militar e hospitalar.

O mesmo se verificava com os oficiais e os jovens caravanistas.

Os que preferiam levar uma vida alegre e ousada (e era a imensa maioria) encontravam quase todos os capitães da religião dispostos a acolhê-los e a esquecerem com êles tudo, batendo-se bravamente contra os infiéis, pois a missão dêles, de monges-soldados, era ao mesmo tempo santa e guerreira.

Pelo contrário, o reduzido número de jovens cavaleiros que gostavam daquela vida piedosa e austera, mesclada de grandes perigos, por ela própria, buscavam com solicitude a ocasião de embarcar na galera do comendador Pedro des Anbiez.

Ali, nada impressionava, nada alarmava os seus hábitos religiosos. Ali, podiam entregar-se aos santos exercícios sem temerem ironias ou, talvez, tornar-se fracos a ponto de corar do seu zêlo.

O mestre canhoneiro, da galera, velho soldado requeimado pelo sol, usando uma jaqueta de feltro preto, de cruz branca, estava sentado no corpo de guarda da frente, de que já falamos.

Conversava com o mestre dos marinheiros da Nossa Senhora das Sete Dores. Este último chamava-se Simão; o primeiro chamava-se Hughes. Como companheiro, havia constantemente navegado com o comendador des Anbiez.

Mestre Hughes polia cuidadosamente um gorjal de malhas de aço; mestre Simão olhava, de vez em quando, através da abertura do corpo de guarda, para interrogar o céu e o mar e poder profetizar o fim ou o redobramento da tempestade.

— Irmão, disse Hughes a Simão, a tramontana está soprando com força, e por alguns dias não chegaremos à Ciotat. A festa de Natal terá passado, e o irmão comendador ficará triste.

Mestre Simão, antes de responder ao camarada, consultou de novo o horizonte e disse, com gravidade:

— Embora não convenha ao homem procurar adivinhar a vontade de Deus, creio que podemos esperar ver em breve o fim desta tormenta; as nuvens parecem menos baixas, menos pesadas. Talvez amanhã, o nosso antigo companheiro, o velho vigia do cabo da Águia, assinale a nossa chegada ao golfo da Ciotat.

— E será um dia de júbilo na Casa-Forte de Raimundo V, disse mestre Hughes.

— E também a bordo da *Nossa Senhora das Sete Dores*, retrucou mestre Simão, apesar de a alegria aqui aparecer tão raramente como o sol durante o vento de oeste.

— Pronto, está polido o gorjal, disse o canhoneiro, contemplando o seu trabalho com satisfação. É estranho, irmão Simão, como é tenaz o sangue no aço. Por mais que se esfregue, distinguem-se sempre os vestígios escuros nas malhas!

— O que prova que o aço gosta do sangue como a terra gosta do orvalho, disse o marinheiro, sorrindo tristemente do gracejo.

— Sabe, disse Hughes, que daqui a pouco vai fazer dez anos que o irmão comendador recebeu o ferimento no seu combate contra Murad-Reis, o pirata de Argel?

— Lembro-me tão bem, irmão, que com um golpe de acha de armas abati o infiel que quase partira o seu cãnjia no peito do comendador, felizmente defendido por esta malha de aço. Sem isso, Pedro des Anbiez estaria morto.

— Ele estima bastante êste gorjal... Vou levar-lho.

— Espere, disse o marinheiro, pegando o braço do canhoneiro. O momento está mal escolhido. O irmão comendador está num dos seus maus dias.

— Como?

— Disse-me o mestre escudeiro, há pouco, que o irmão Elzear quis entrar, mas que na porta estava o *crêpe*...

— Compreendo, compreendo... Basta êsse sinal para que ninguém ouse entrar no quarto do comendador, sem que êle o ordene.

— Mas hoje não é sábado, nem tampouco o dia dezesete do mês, disse mestre Hughes, pensativamente.

— É verdade, pois sòmente à aproximação dessas datas é que o seu humor sombrio parece abater-se ainda mais, retrucou mestre Simão.

Naquele momento, um surdo ruído se ergueu no meio dos forçados.

Não tinha nada de ameaçador; pelo contrário, exprimia contentamento.

— Que foi? perguntou o canhoneiro.

— É, sem dúvida, o reverendo Padre Elzear que veio à coberta. Os escravos, quando o vêem, já se têm na conta de menos desgraçados.

CAPÍTULO XXI

O irmão da Mercê

ELZEAR des Anbiez, irmão da ordem sagrada, real e militar de *Nossa Senhora da Mercê, redentora dos cativos*, acabava, realmente, de aparecer no tombadilho da galera.

Os escravos acolheram a sua presença com um murmúrio de contentamento e de esperanças, pois elle sempre trazia algumas palavras de comiserção pelos desgraçados.

A disciplina reinante na galera era tão severa, tão imutável, de tão rigorosa justiça, que o Padre Elzear, apesar do terno apêgo que o unia a seu irmão comendador, não teria ousado pedir-lhe a graça de um culpado. Mas nunca poupava os seus encorajamentos nem as suas consolações aos que tinham de sofrer um castigo.

O Padre Elzear avançou com passo lento até o meio da estreita passagem que separava as duas fileiras de bancos da galera.

Trazia o hábito da sua ordem: uma longa sotaina branca, com uma longa camalha do mesmo pano, tombada sobre os ombros, um cordão lhe cingia a cintura, e, apesar do frio, os pés nus repousavam no couro das sandálias... No meio do peito, viam-se as armas da ordem, um escudete dourado, encimado por uma cruz de prata faixada.

O Padre Elzear assemelhava-se a Raimundo V. As suas feições eram nobres, majestosas. Mas a austeridade e as fadigas da sua penosa e santa missão lhe imprimiam um caráter de sofrimento habitual.

Tinha o tampo do crânio raspado. Uma coroa de cabelos brancos lhe emoldurava a testa veneranda.

O rosto pálido, emagrecido, as maçãs salientes, faziam parecer ainda maiores os olhos negros de perfeita serenidade. Um doce e triste sorriso lhe dava à fisionomia expressão de adorável bondade.

Caminhava lentamente curvado, como se tivesse contraído o hábito, à força de se abaixar para os cativos agrilhoados.

Os pulsos delicados traziam profundas e indeléveis cicatrizes. Prêso numa das inúmeras viagens que fazia da França à Berbéria para o resgate de escravos, fôra agrilhado, e tão cruelmente tratado, que por toda a vida conservara os sinais da selvageria dos piratas.

Resgatado pela família, retomara voluntariamente a grilheta para substituir no banho de Argel um pobre habitante da Ciotat, que não podia pagar o resgate, e a quem a mãe agonizante chamava à França.

Em quarenta anos resgatara mais de três mil escravos, quer com o dinheiro do seu patrimônio, quer com o fruto dos seus pedidos.

Salvo alguns meses passados, cada dois ou três anos, na casa de Raimundo V, o Padre Elzear, nobre, instruído, rico, senhor de fortuna independente, que empregava na redenção dos escravos, viajava sem cessar, ou por terra para recolher esmolas, ou por mar a fim de libertar cativos.

Santamente dedicado à piedosa e rude missão, sempre recusara os graus que o nascimento, as virtudes, a coragem e a angelical piedade lhe podiam assegurar na ordem.

A sua abnegação, a sua simplicidade de antiga grandeza, impressionavam todos os espíritos, incutindo-lhes respeito e admiração.

Dotado de espírito superior, empregara tôdas as faculdades da alma num único objetivo, o de dar à língua um irresistível poder de consolação.

Assim, que triunfo para êle, quando a sua palavra, comovida e penetrante, dava alguma coragem e esperança aos pobres escravos agrilhoados aos remos, quando lhes via os olhos, secos pelo desespero, voltar-se para êle, banhados por doces lágrimas de gratidão!

Ficamos confusos de admiração, quando refletimos em existências tão obscuramente votadas a uma das mais santas, a uma das mais admiráveis missões da humanidade! Quando pensamos na sublime obstinação de tais homens, sempre voluntariamente colocados sob o alfanje dos piratas, dos homens que arriscavam todos os dias a vida para irem aos banhos exortar à paciência, à resignação, os escravos que os bárbaros cumulavam de trabalhos e de pancadas.

Não era necessária aos irmãos da Mercê uma admirável abnegação para irem resgatar, no meio dos maiores perigos, ao preço de enormes sacrifícios, pessoas que jamais tornariam a ver?

O sacerdote e o missionário gozam pelo menos, durante certo tempo, da vista do benefício que fazem, do reconhecimento daqueles aos quais ensinam, socorrem ou salvam! Mas o redentor de escravos, apenas conhecido por aquêles a quem libertava, deixava-os para sempre, após lhes dar o mais precioso dos bens: a liberdade...

Constituíam um bellissimo dia para os irmãos da Mercê aquêle no qual os seus *resgatados* desembarcavam em Marselha, e rumavam solenemente para a igreja, a fim de agradecer aos céus.

Meninos vestidos de branco, segurando na mão palmas verdes, os acompanhavam, e as suas tenras mãozinhas libertavam os cativos dos grilhões, comovente símbolo da piedosa doçura da missão dos irmãos da Mercê...

Quando o Padre Elzear appareceu no tombadilho da galera, todos os escravos se voltaram para êle, com um movimento simultâneo.

A cada passo, os cativos mouros ou turcos, projetando-se para a frente, tentavam agarrar-lhe as mãos e levá-las aos lábios.

Embora o Padre Elzear estivesse habituado a receber aquelas provas de respeito e apêgo, não pôde reprimir uma lágrima que lhe brilhou nos olhos.

Talvez nunca tivesse experimentado tamanha piedade.

O tempo estava frio e nebuloso, o horizonte carregado de tormenta, a enseada selvagem e solitária... e aquêles infelizes, na sua maioria habituados ao quente sol do Oriente, se enregelavam, seminus, e teriam que, provavelmente, passar a vida inteira agrilhoados aos bancos.

Apesar de a comiscração do Padre Elzear ser igual para todos, não podia deixar de compadecer-se um pouco mais da sorte daqueles cujas dores lhe pareciam mais desesperadas.

Desde a partida de Malta, aonde fôra reunir-se ao irmão com dez cativos que levava à Ciotat, notara um escravo mouro de cerca de quarenta anos, cuja fisionomia expressiva revelava incurável pesar.

Nenhum homem da turma desempenhava a penosa tarefa com maior coragem, com maior resignação. Mas chegado o momento de repouso, o mouro cruzava os braços vigorosos, abaixava a cabeça sobre o peito, e assim passava em sombrio silêncio as horas durante as quais os companheiros tentavam esquecer o cativo.

O mestre da galera, conhecendo o interêsse que aquêle cativo de tão doce e tranqüilo caráter inspirava ao Padre Elzear, aproximou-se do religioso e lhe disse, com pesar, que o mouro sofreria uma punição exemplar por uma grave falta cometida contra a disciplina.

Naquella mesma manhã, o mouro, mergulhado no seu profundo e habitual devaneio, não respondera às ordens de um comitre.

O comitre dirigira-lhe forte reprimenda, e o mouro permanecera imóvel.

Indignado com a indiferença, que tomara por insulto ou recusa a trabalhar, o comitre applicara um golpe de nervo de boi nas costas do pobre escravo.

O mouro saltara, dera um rugido selvagem e atirara-se ao comitre na medida permitida pelo comprimento da cadeia, com tal cólera que chegara a derrubá-lo. Sem a intervenção de vários marinheiros e soldados, o escravo teria estrangulado o comitre.

O cativo que atacasse um dos mestres da galera estava sujeito a terrível pena.

Era estendido seminu no maior dos cinco canhões colocados no corpo de guarda, chamado *corcel*; em seguida, dois homens armados de correias o espancavam sem cessar, até que êle perdesse os sentidos.

Fôra essa a pena imposta naquela manhã ao mouro pelo comendador.

Conhecendo o caráter inflexível do irmão, Elzear, a princípio, não pensou em pedir perdão para o culpado, e limitou-se apenas a tentar aliviar o cruel efeito da sentença, incumbindo-se de transmiti-la pessoalmente ao cativo.

O mouro, recentemente embarcado, ignorava de todo a sorte que o aguardava. O Padre Elzear temia que, transmitindo-lhe sem tacto a horrorosa pena que seria obrigado a suportar, êle se entregasse a novo acesso de furor, incorrendo dessarte na pena capital.

Quando se aproximou do escravo, encontrou-o mergulhado no torpor de que sòmente saía para entregar-se aos penosos trabalhos.

Trazia, como os demais forçados, um casaco com capuz e um calção de grosso pano; rodeava-lhe uma perna um círculo de ferro, e a corrente que a ela se prendia podia deslizar ao longo de uma barra de ferro do comprimento do banco. O capuz, caído por cima do fêz ou barrete de lã vermelha que êle usava, lançava uma sombra delgada na sua pele tostada. Tinha os braços cruzados no peito. Os olhos fixos e abertos pareciam olhar sem ver. As feições eram meigas e regulares. No exterior nada anunciava homem habituado à fadiga e a duros exercícios.

O Padre Elzear, tal qual a maioria dos irmãos da Mercê, falava fluentemente árabe. Aproximando-se devagar do cativo, tocou-lhe levemente o braço e arrancou-o ao devaneio.

Reconhecendo o Padre Elzear que sempre tivera para êle palavras consoladoras, o mouro sorriu tristemente, pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

— Meu irmão está absorto nos seus pesares? perguntou-lhe o Padre Elzear, sentando-se na extremidade do banco, e pegando as duas mãos do escravo nas suas, trêmulas e venerandas.

— Minha mulher e meu filho estão muito longe... respondeu o mouro sombriamente, e ignoram o meu cativo:... Esperam-me.

— Não convém que meu caro filho perca a esperança e a coragem. Deus protege os que sofrem com resignação, e ama os que amam os seus. Meu irmão tornará a ver mulher e filho.

O mouro sacudiu a cabeça. Depois, com tristíssima expressão, levantou lentamente para o céu o indicador da mão direita.

O Padre Elzear compreendeu aquêlê gesto mudo, e disse:

— Não, não é lá no alto que meu irmão tornará a ver os seus entes queridos. Será aqui... na terra.

— Morremos muito depressa longe da mulher e do filho, meu pai... Não terei tempo de os rever.

— Não devemos jamais desesperar da misericórdia divina, meu irmão. Muitos outros pobres escravos falam a mesma coisa: "jamais tornarei a ver os meus..." No entanto, a esta hora, estão com os seus, tranqüilos e felizes... Muitas vêzes as galeras da religião trocam os seus cativos por franceses. Por que, um dia, não participará meu irmão de uma dessas trocas?

— Um dia!... Talvez!... Eis a minha única esperança, respondeu o mouro, aniquilado.

— Pobre amigo, que seria se devesse dizer... nunca!

— Meu pai tem razão... Nunca, nunca!... Oh, seria horrível! Sim, talvez, um dia...

E um doloroso sorriso afflorou aos lábios do mouro.

O Padre Elzear hesitava em lhe dar a fatal notícia. No entanto, aproximava-se a hora. Assim, decidiu-se a falar.

— Meu irmão, até aqui, merecera o respeito de todos pela doçura e pela coragem. Por que, hoje de manhã?...

Interrompeu-se.

O mouro fitou-o, atônito.

— Por que hoje de manhã, meu irmão, agrediu o comitê em lugar de obdecer-lhe as ordens?

— Agredi-o, meu pai, porque êle, por sua vez, me bateu sem motivo.

— Ai! Estava, sem dúvida, como agora, absorto nos seus pesares, e não ouviu as ordens.

— O comitê me dera ordens? perguntou o mouro, com surpresa.

— Por duas vêzes, meu irmão. Chegou até a repreendê-lo por não as executar. Tomando, enfim, o seu silêncio por um insulto, bateu-o.

Deve ser como diz, meu pai. Arrependo-me de ter batido no comitre... Não o ouvi... A fôrça de pensar no passado, chego a esquecer-me do presente... Estava revendo a minha pobre casa de Gigery. O pequenino Acub vinha-me ao encontro. Ouvia-lhe a voz, e, erguendo os olhos, via-lhe a mãe semivelada, afastando as cortinas do baleão...

Aquelas palavras, o mouro, abaixando a cabeça com desespero, deixou que as lágrimas lhe deslizassem pelas faces bronzeadas, e disse com expressão dilacerante:

— Nada mais... Nada mais!

Na presença daquele homem tão desgraçado, o religioso estremeceu, lembrando-se do que lhe devia dizer, e esteve a ponto de fraquejar na penosa missão. Mas conseguiu animar-se.

— Lastimo bastante que meu irmão tenha estado tão absorto hoje de manhã, pois, involuntariamente eu sei, bateu no comitre... Ai! A disciplina exige que meu irmão seja punido!

— Perdoe-me, meu pai, mas não pude reprimir o movimento. Desde o cativeiro, era o primeiro sonho feliz... As pancadas me arrancaram daquele delicioso sonho... Enfureci-me, não de dor... mas de pesar... Aliás, que importa? Sou escravo, devo sofrer. Saberei suportar a punição.

— Mas o castigo é cruel, pobre infeliz! É tão cruel que eu não o abandonarei... durante o suplicio... É tão cruel, que ficarei ao seu lado... orando, e, ao menos, as minhas mãos amigas apertarão as suas, crispadas pela dor...

O mouro olhou fixamente o Padre Elzear. Depois, disse com uma resignação que até parecia indiferença:

— Terei, pois, que sofrer muito?

O religioso, sem lhe responder, apertou-lhe mais fortemente as mãos, e fitou-o com os olhos rasos de água.

— No entanto, sempre cumpri o meu dever de escravo da melhor maneira possível... Mas que importa! disse o mouro, suspirando. Deus o abençoará, meu bom pai, por não me abandonar... E quando serei punido?

— Hoje... agora...

— Que fazer, meu bom ancião? Suportar, e dar graças a Deus por me ter enviado tão grande auxílio no fatal momento!

— Infeliz! gritou o Padre Elzear, profundamente comovido com tamanha resignação. Não sabe o que vai sofrer!

E com voz trêmula, comovida, explicou-lhe em poucas palavras a espécie de castigo a que ia ser submetido.

O mouro estremeceu levemente, e limitou-se a responder:

— Pelo menos minha mulher e meu filho nada saberão.

Naquele momento, o mestre e quatro soldados, trazendo casacos de feltro negro com cruz branca, aproximaram-se do banco ao qual se achava agrilhado o mouro.

— Hughes, disse o Padre Elzear ao mestre, peço-lhe que suspenda a execução até que eu fale com meu irmão.

Era tão severa, tão absoluta a disciplina na galera que o canhoneiro ficou indeciso. Mas, graças ao respeito inspirado pelo Padre Elzear, não ousou opor recusa ao pedido.

O padre rumou imediatamente para a cabina da galera, a fim de interceder com o comendador em favor do mouro.

Após atravessar o estreito corredor que conduzia ao alojamento do irmão, viu a chave da porta envolta em crepe.

Aquêle sinal sempre respeitado anunciava que o comendador proibia a quem quer que fôsse a entrada.

Contudo, o mouro inspirava tal interesse ao Padre Elzear, que este, embora convencido da inutilidade da sua intervenção, quis tentar o derradeiro esforço.

E entrou no alojamento do comendador.

CAPÍTULO XXII

O comendador

O ESPETÁCULO que lhe feriu os olhos foi simultaneamente terrível e solene.

O alojamento do comendador, pequeníssimo e iluminado apenas por duas estreitas janelas, estava velado de negro.

Um ataúde de madeira branca, cheio de cinzas e prêso por parafusos ao soalho, servia de leito a Pedro des Ambiez.

Acima do fúnebre leito pendia o retrato de um homem ainda moço, trazendo uma couraça e apoiando-se a um capacete; um nariz aquilino, boca fina e graciosamente desenhada, grandes olhos verdes davam ao vulto um caráter no mesmo tempo benévolo e orgulhoso.

Sob o retrato, num escudo lia-se esta data: 25 de dezembro de 1613. Uma cortina negra podia, a qualquer instante, ocultar o retrato.

Algumas armas de combate colocadas sobre uma prateleira eram o único ornamento de tão lúgubre aposento.

Pedro des Ambiez não notara a entrada do irmão.

Ajoelhado diante de um oratório, o comendador estava semicoberto por um cilício de crina, que usava dia e noite. Tinha os ombros desnudos. Pelas gotas de sangue coagulado, pelos sulcos azulados que lhe riscavam a carne, via-se que acabara de infligir-se sangrento castigo.

Trazia a cabeça vergada e apoiada nas duas mãos. Alguns movimentos convulsivos lhe agitavam as costas feridas, como se o peito saltasse com a força de soluços comprimidos.

O oratório, onde se ajoelhava o comendador, achava-se situado sob as duas pequeninas janelas que só deixavam entrar uma luz fraquíssima.

No meio daquela semi-obscuridade, o vulto pálido, as longas vestes brancas do Padre Elzear sobressaíam estranhamente nos lambris recobertos de negro. Dir-se-ia um fantasma.

O religioso parecia petrificado. Jamais crera o irmão capaz de se impor semelhantes mortificações.

Erguendo as mãos ao céu, deu um profundo suspiro.

O ruído fêz estremecer o comendador, que se voltou vivamente e gritou, transtornado, vendo na sombra o vulto imóvel do Padre Elzear:

— É o seu espectro? Vem pedir-me satisfações pelo sangue que derramei?

A fisionomia do comendador era assustadora.

Jamais remorso, nem desespero, nem terror imprimiram sinal mais terrível na testa de um culpado.

Os olhos avermelhados pelas lágrimas estavam fixos, medonhos. Os cabelos grisalhos e curtos pareciam eriçar-se. Os lábios, lívidos, tremiam de espanto. Os braços, musculosos, estavam estendidos para a frente, como que esconjurando uma visão sobrenatural.

— Meu irmão, meu irmão! disse-lhe Elzear, precipitando-se para êle. Meu irmão, sou eu! Que Deus esteja com você...

Pedro des Anbiez fitou o religioso, como se não o reconhecesse. Depois, encolhendo-se ao pé do oratório, deixou tombar a cabeça sobre o peito e disse, com voz surda:

— Deus nunca está com o assassino. E, no entanto — acrescentou, erguendo um pouco a cabeça, e olhando para o retrato com espanto — e, no entanto, para pagar o meu crime sempre quis ter debaixo dos olhos as feições da vítima! No meu leito de cinzas, onde busco um repouso que me foge, a tôda hora do dia, a tôda hora da noite, contemplo o vulto inflexível daquele que me diz sem cessar: “Assassino! Assassino! Você derramou o meu sangue... Seja maldito!”

— Meu irmão, disse baixinho o padre, cuidado!

Temia que, de fora, se ouvissem as palavras do comendador.

Este, sem responder, livrou-se dos seus braços, levantou-se em tôda a sua estatura, e avançou para o retrato.

— Há vinte anos, terá passado um dia... em que eu não tenha chorado o meu crime?... Há vinte anos, à força de austeridades, não me tenho esforçado por expiar o assassinio cometido? Que quer de mim, pois, infernal lembrança? Que quer de mim?... Você também, você, minha vítima, não derramou sangue? o sangue da minha cúmplice? Mas ai, ai, êsse sangue!... você podia derramá-lo, você, a vingança dava-lhe tal direito... Quanto a mim, fui apenas um infame assassino... Oh, sim, a vingança é justa... bata... bata sem piedade!... A mão de Deus, daqui a pouco, me baterá eternamente!

Aniquilado por tão diversas emoções, o comendador, quase privado de sentidos, tornou a cair de joelhos, semi-deitado no ataúde que lhe servia de leito.

O Padre Elzear jamais penetrara o sombrio sêgrêdo do irmão. Sabia-o presa de profunda melancolia, mas ignorava a causa.

Simultaneamente, assustou-se e desesperou-se com a sinistra confidência que o comendador acabava de lhe fazer num momento de exaltação.

Para que Pedro des Anbiez, homem de caráter de ferro, de coragem a tôda prova, se deixasse abater daquela maneira, era mister que a causa do seu desespero sempre renascente fôsse verdadeiramente terrível.

A intrepidez do comendador era proverbial. Havia algo de fatal na fria temeridade que demonstrava no meio dos maiores perigos.

A sua triste impassibilidade nunca o abandonava no meio das terríveis lutas que o homem de mar se via obrigado a sustentar contra os elementos.

A sua coragem aproximava-se da ferocidade. Uma vez iniciada a batalha, armado de pesada acha de armas erigida de pontas, jamais concedia quartel aos piratas. Mas a febre de chacina desaparecia quando os gritos dos combatentes e a vista do sangue deixavam de animá-lo. Tornava a ser, então, calmo, humano, embora inclemente pela menor falta de disciplina. Sustentara os mais brilhantes combates contra os barbarescos; a sua galera negra era o terror e o alvo constante do ataque dos piratas. Mas, graças à superioridade da equipagem, a *Nossa Senhora das Sete Dores* não fôra nunca aprisionada, e as suas próprias derrotas tinham custado muito caro ao inimigo.

O Padre Elzear, sentado à beira do ataúde, sustentava a cabeça do irmão nos joelhos.

O comendador, pálido como espectro, tinha a cabeça inundada de frio suor. Finalmente, voltou a si.

Olhou em tórno com ar sombrio e assombrado. Depois, relançando um olhar pelos braços e pelos ombros nus que mal lhe cobria o cilício, perguntou ao religioso:

— Como entrou aqui, Elzear?

— Apesar de haver crepe na sua porta, Pedro, achei que devia entrar. O assunto que me traz é importantíssimo.

Uma expressão de vivo descontentamento se desenhara nas feições do comendador, que gritou:

— E eu, sem dúvida, falei?

— Deus deve ter-se apiedado das palavras que ouvi sem compreender, meu irmão... Aliás você estava trans-tornado, estava obcecado por uma ilusão fatal.

Pedro sorriu amargamente.

— Sim, era uma ilusão... um sonho, respondeu. Você sabe, algumas vezes fico aniquilado por negros devaneios durante os quais deliro... é por isso que desejo ficar sozinho em tais momentos de demência... Creia-me, Elzear, que nessas ocasiões deve ser-me intolerável a presença de qualquer ente humano, visto como temo até a sua.

Assim falando, entrou o comendador numa saleta contígua, para sair dali a pouco revestido de longo manto de burel negro no qual se via a cruz branca da sua ordem.

Pedro des Anbiez era alto, reto, robusto. Os membros secos, nervosos, anunciavam, apesar da idade, vigor pouquíssimo comum. As suas feições requemadas eram duras e guerreiras. Espessas sobranceiras negras lhe sombreavam os olhos fundos, ardentes, que pareciam brilhar constantemente com o fogo da febre. Uma profunda cicatriz lhe dividia a testa, lhe sulcava a face e se perdia na barba grisalha, curta e densa.

Voltando ao seu quarto, Pedro des Ambiez passeou de um lado a outro, com as mãos cruzadas às costas, sem dirigir uma única palavra ao irmão.

De repente, parando, estendeu ao religioso a mão direita cruelmente rasgada por um tiro de arma de fogo.

— O sinal que mandei prender à porta devia assegurar-me a solidão, disse. Desde o primeiro oficial até o derradeiro soldado da galera, ninguém ousa entrar aqui, quando vê esse sinal. Julguei, portanto, que estivesse sozinho, tão sozinho como no fundo de um claustro, ou na cela mais recôndita da grande penitenciária da ordem... Assim, meu irmão, apesar do que por acaso ouviu, ou viu, prometa-me que jamais dirá palavra a quem quer que seja. Fique esquecido o que se passou, e comporte-se como quando ouve a confissão de um moribundo.

— Será como deseja, Pedro... respondeu tristemente o Padre Elzear. Só penso, com dor, que nada posso fazer para aliviar os pesares que há tão longo tempo o torturam.

— Tranqüilize-se. Não há homem que possa consolar-me, respondeu o comendador.

Depois, como se temera ferir o afeto do irmão, acrescentou:

— Contudo, a fraterna amizade sua e de Raimundo me são bastante queridas. Ai! O orvalho de maio, as doces chuvas de junho por mais que tombem no mar, não conseguem adoçar o amargo das águas profundas... Mas, a que veio aqui, Elzear?

— Vim pedir-lhe a graça de um pobre mouro condenado esta manhã a ser chicoteado.

— A sentença já foi executada. Se não tivesse sido, nem por isso poderia eu ouvir-lhe o pedido.

— Graças a Deus, a sentença não foi executada ainda, e, por conseguinte, resta-me um pouco de esperança, Pedro!

— Esta ampulheta marca duas horas... Dei ordem ao mestre que amarrasse o mouro ao *Corcel* a uma hora. O escravo deve estar agora nas mãos dos médicos da galera e do capelão. Deus salve a alma dêsse pagão, se o corpo não resistiu ao tormento.

— Por insistência minha, o mestre adiou a execução, Pedro!

— Você não pode dar ordens, Elzear, e, neste momento, acaba de fazer um funesto presente ao mestre.

— Pedro... lembre-se de que sou o único responsável. Perdoe...

— Santa Cruz! gritou o comendador com impetuosidade, pela primeira vez, desde que comando esta galera, terei perdoado no mesmo dia as duas faltas mais graves

que podem ser cometidas! A revolta de um escravo contra o suboficial, a indisciplina do suboficial para com o chefe. Não, não, é impossível!

Pedro des Ambiez pegou um apito de prata da cintura e deu um silvo.

Um pajem vestido de negro apareceu no limiar da porta.

— O mestre! ordenou o comendador com voz ríspida.

O pajem saiu.

— Ah, meu irmão, não terá piedade? gritou Elzear com dolorosa censura.

— Não terei piedade? repetiu o comendador, sorrindo com amargura. Sim, não terei piedade pelas faltas dos outros e não terei piedade pelas minhas!

O religioso, lembrando-se do terrível castigo que o irmão se infligira havia pouco, viu que homem tão inflexível consigo próprio jamais deixaria de ser rigorosíssimo em matéria de disciplina. Assim, renunciou a qualquer esperança e abaixou tristemente a cabeça.

O mestre entrou.

— Você ficará oito noites acorrentado no corpo de guarda, disse o comendador.

O marinheiro inclinou-se respeitosamente, sem proferir uma palavra.

— Previna-se o capelão e o médico de que o mouro será castigado no *Corcel*.

O mestre inclinou-se mais profundamente ainda e desapareceu.

— Ao menos, porém, não abandonarei o pobre infeliz, disse o Padre Elzear, levantando-se precipitadamente para acompanhar o mestre.

Mal o religioso saiu, Pedro des Ambiez recomeçou a passear lentamente no seu quarto.

De vez em quando, mau grado seu, caía-lhe o olhar no fatal retrato de que falamos, retrato de um homem de cuja morte ele se culpava.

Dava, então, agitadoamente, uns passos, e o rosto se lhe enublava ainda mais.

Pela primeira vez, talvez, havia muito tempo, sentiu uma emoção penosa, à idéia do cruel suplicio que o mouro teria de suportar.

Aquela punição era justa, merecida. Mas lembrava-se de que o infeliz cativo fôra até então doce, submisso, laborioso.

Era tal a inflexibilidade de caráter de Pedro des Ambiez que se censurava pela involuntária piedade, como se se tratasse de culposa fraqueza.

Finalmente, as lúgubres notas dos clarins da galera anunciaram o fim da execução.

Ouviu-se o movimento lento e regular do passo dos soldados e dos marinheiros que rompiam as fileiras, após assistirem ao suplicio.

Dali a pouco, entrou o Padre Elzear pálido, desfeito, olhos rasos de água, sotaina manchada de sangue.

— Ah, meu irmão, meu irmão! Se você assistisse a tais execuções, nunca mais teria a coragem de ordená-las!

— E o mouro? perguntou o comendador.

— Segurava-lhe eu, entre as minhas, as mãos... Ele suportou os primeiros golpes com resignação heróica, cerrando os olhos como que para deter as lágrimas, e dizendo-me apenas: "Meu bom pai, meu bom pai, não me abandone!" Mas quando a dor se fez intolerável... quando o sangue começou a jorrar sob as correias... o infeliz pareceu concentrar tôdas as forças num pensamento que lhe devia dar coragem para suportar o martírio. O rosto revestiu-se-lhe de uma expressão de penoso êxtase, e êle deu a impressão de vencer a dor, de desafiá-la. Gritou com uma voz que lhe vinha do fundo das entranhas: "Meu filho! Acub! Meu filho querido!"

Narrando o suplicio e repetindo as últimas palavras do mouro, não pôde o Padre Elzear refrear as lágrimas, e disse a Pedro des Anbiez:

— Ah, Pedro... se você o tivesse ouvido, se soubesse com que paixão dizia "Meu filho... meu filho querido!..." teria tido pena do desgraçado... que foi conduzido para longe do suplicio sem sentidos.

Qual não foi o assombro do religioso, quando viu o comendador, que não lograra vencer a emoção, ocultar a cabeça nas mãos e gritar, no meio de soluços:

— Um filho... um filho... Eu também tenho um filho!...

CAPÍTULO XXIII

A polaca

No DIA seguinte ao do suplicio do mouro, redobrou de violência o vento da tramontana.

As ondas chocavam-se com furor na cintura de rochedos no meio dos quais se abria a estreita passagem que conduzia à enseada de Tolari.

Pelas onze horas da manhã, mestre Simão, montado na plataforma do varandim, conversava com mestre Hughes sobre a execução da véspera e a coragem do moço.

De súbito, com grande espanto de ambos, viram uma polaca, quase sem velas, e fugindo diante do vento, avançar com a rapidez de uma flecha para o perigoso passo de que falamos.

A leve embarcação, elevando-se umas vezes sobre a crista das enormes ondas, deixava ver a quilha recoberta de espuma, como o peitoral de um cavalo de corrida.

Outras, pelo contrário, abismando-se nas águas, mergulhava com tal violência que a pôpa se erguia quase perpendicularmente.

Era possível, então, distinguir perfeitamente na cobertura inundada dois homens envoltos em gabões escuros, de capuz, que envidavam todos os esforços para dominar a roda do leme.

Outros cinco marinheiros, agachados, ou agarrando-se ao cordame, aguardavam o momento de auxiliar a manobra.

Assim, alternativamente levada ao tópo das vagas ou precipitada às profundezas, a polaca avançava com impressionante velocidade para a estreita passagem em cuja entrada o mar se quebrava com tremenda fúria.

— Por Sant'Elmo! exclamou mestre Simão. Eis aí um barco perdido!

— Perdido, repetiu friamente Hughes. Daqui a alguns minutos as velas e o casco nada mais serão do que simples destroços... Os marinheiros simples cadáveres... Deus salve a alma de nossos irmãos!

— Como ousa aventurar-se nessa passagem com semelhante tempo? disse o canhoneiro.

— Morrer por morrer, sempre é melhor morrer com uma luz de esperança... Quando esperamos, rogamos e morremos como cristãos. Quando desesperamos, blasfemamos e morremos como pagãos.

— Olhe... olhe, mestre Simão, eis o barquinho nos escolhos. Está liquidado!

Naquele momento, o comendador, que havia sido avisado da aproximação do navio e da sua posição desesperada, apareceu na cobertura com todos os cavaleiros, oficiais ou caravanistas da galera.

Após olhar atentamente para a polaca e para os rochedos, Pedro des Anbiez disse com voz alta e solene:

— Fiquem prontos os dois caíques, prontos e armados, para irem imediatamente recolher os cadáveres na

arcia... Não há força humana capaz de salvar o infeliz navio... Só Deus é que pode.

Enquanto os comitres vigiavam a execução da ordem, o comendador, voltando-se para o capelão, ordenou-lhe:

— Meu irmão, rezemos as orações dos agonizantes por êsses infelizes. Irmãos, de joelhos... Descubra-se a turma!

Foi um espetáculo grandioso e imponente.

Todos os cavaleiros, vestidos de negro, se ajoelharam, de cabeça desnuda, na coberta. O sino da prece badalou tristemente no meio dos rugidos do vento.

Os escravos, descobertos, ajoelharam-se também.

Para trás e no meio do grupo negro dos cavaleiros, distinguia-se o irmão Elzcar, pela sotaina branca.

As preces dos agonizantes começaram com o mesmo recolhimento como se a cena se estivesse passando em terra, numa igreja.

Não era uma prece vã... aquêles monges-soldados estavam tristes e recolhidos. Marinheiros, viam a equipagem perdida sem recurso... Cristãos, oravam pela alma dos irmãos.

Com efeito, a polaca parecia dever aniquilar-se a cada instante, as vagas furiosas, engolfando-se no estreito canal que ela deveria atravessar, rompiam a corrente e turbilhonavam em todos os sentidos.

As velas que a polaca teria podido içar para auxiliar a navegação, ficavam inutilizadas pela altura do rochedo. Estava destinada a despedaçar-se, por não poder servir-se do leme, impotente no meio daquelas águas sem correnteza e incessantemente revôltas.

As preces e os cantos continuavam.

Distinguia-se, por cima das demais, a voz máscula e sonora do comendador.

Os escravos, ajoelhados, contemplavam com feroz apatia aquela luta desesperada do homem contra os elementos.

Subitamente, por um acaso inesperado, ou porque fôsse a polaca de construção tão perfeita que correspondia à ação do leme, numa circunstância em que a maioria dos navios nem sequer teria sentido o efeito, ou porque a pequenina vela triangular que conseguiu içar recebesse um sopro de vento, o barco, apoiado na sua marcha, franqueou a perigosa passagem com a rapidez e ligeireza de uma gaivota.

Alguns minutos depois, a polaca estava fora de qualquer perigo, no meio das águas da enseada.

Aquela manobra tão imprevista, tão maravilhosa, tão bem executada foi tal que o espanto interrompeu por um instante a prece dos cavaleiros.

O comendador, estupefato, disse aos oficiais, após a pausa de silêncio:

— Meus irmãos, agradeçamos a Deus ter ouvido as nossas preces e cantemos uma ação de graças.

Enquanto a galera ecoava a piedosa e solene invocação, a polaca *Santo Espanto dos Mouros*, pois se tratava realmente dela, velejava na enseada, para aproximar-se da galera negra.

Estava a pouca distância, quando um tiro de canhão, partido do varandim da *Nossa Senhora das Sete Dores*, a advertiu de que içasse o pavilhão e se pusesse à capa.

Um segundo tiro lhe ordenou que mandasse o capitão a bordo da galera negra.

Fôsse qual fôsse o interêsse que despertara no comendador aquêlê navio, uma vez passado o tremendo perigo, devia conformar-se às regras estabelecidas para a visita de barcos.

A polaca pôs-se à capa, e uma barca, com dois remadores e dirigida por um marinheiro, foi colocar-se ao lado da pôpa da galera.

O homem que segurava o leme abandonou a barra, galgou ágilmente os degraus da escada e pôs-se diante do comendador e dos cavaleiros reunidos na parte traseira da galera.

O marinheiro não era outro senão o nosso velho conhecido, o digno Luquin Trinquetaille.

O seu gabão, as suas botas de pescador e as gregas de espêssa lã estavam encharcados de água.

Pondo o pé na coberta da galera, fêz recair respeitosa e o capuz sôbre os ombros, e deixou à mostra o bom e honrado rosto ainda animado pelas horríveis impressões por que acabava de passar.

O comendador nas suas viagens à Casa-Forte vira lá, freqüentemente, Luquin. Assim, foi agradavelmente surpreendido, que o reconheceu, pois que êle lhe poderia dar novas de Raimundo V.

— Deus salvou-lhe de um enorme perigo o barco, disse-lhe. Já estávamos orando pela sua alma e pela de seus companheiros.

— Deus os abençoe a todos, senhor comendador. Bem que precisávamos de preces, uma vez que a passagem é difícil. Desde que navego nunca vi semelhante festa.

— As provações que Deus nos envia nunca são festas... retrucou o comendador com ar severo. Como vai o senhor meu irmão?

— Monsenhor está muito bem, respondeu Trinquetaille, um pouco desajeitado com a repreensão. Deixei-o em perfeita saúde antcontem, quando saí da Casa-Forte.

— E a Srta. des Ambiez? perguntou o Padre Elzear que se havia aproximado.

— A Srta. des Ambiez também está muito bem, meu pai, respondeu Luquin.

— De onde vem você, e para onde vai? perguntou-lhe o comendador.

— Senhor comendador, saí ontem da Ciotat com três *Essanguis*¹ armados, para cruzar a duas ou três léguas das costas, a fim de tentar descobrir os piratas.

— Os piratas?

— Sim, senhor comendador. Um xaveco barbaresco apareceu, há uns três dias, e mestre Peyrou o descobriu. Toda a costa está alarmada, aguarda-se uma incursão... e há razão para isso, pois uma tartana de Nice que encontrei antes do vendaval, me disse ter visto, a leste da Córsega, três navios, dentre os quais o *Galera Vermelha* de Pog-Reis, o renegado.

— Pog-Reis! exclamou o comendador.

— Pog-Reis! repetiram os cavaleiros que o rodeavam.

— Pog-Reis, disse ainda Pedro des Ambiez com expressão de sombrio contentamento, como se estivesse prestes a rever um implacável inimigo procurado há tempo e que, por fatalidade, sempre lhe escapara.

— Que vinha você fazer em Tolari? perguntou o comendador a Trinquetaille.

— Com a sua licença, senhor comendador, não vinha para divertir-me. Surpreendido pelo vendaval de ontem, naveguei durante a noite como pude. Mas o tempo se tornou tal... que, considerando perdido o meu barco, fiz um voto a *Nossa Senhora da Guarda*, e arrisquei entrar nessa passagem, que conhecia, pois já estive aqui várias vezes, ao regressar das costas da Sardenha.

— Permita Deus que esta tramontana cesse! disse o comendador.

Depois, dirigindo-se ao seu piloto Hauturier:

— Que acha do tempo, piloto?

— Senhor comendador, se o vento continuar a aumentar até o pôr do sol, haverá probabilidade de que cesse ao nascer da lua.

— Se é assim, disse o comendador a Trinquetaille, e você, esta noite, puder sair sem perigo, irá à Ciotat avisar o senhor meu irmão de que não tardarei em chegar.

— Será grande a alegria na Casa-Forte, senhor comendador, e a sua ida poderá ser extremamente útil, pois um barco de Marselha que encontrei me informou haverem

1. Barco pesqueiro das costas da Provença.

homens de guerra partido para a Ciotat com o capitão da companhia dos guardas de monsenhor o Marechal de Vitry. Dizia-se que tais tropas muito possivelmente rumavam para a Casa-Forte, em consequência do fato ocorrido com o escrivão Isnard.

— Que significa isso? perguntou o comendador.

Luquin contou-lhe que Raimundo V, em vez de submeter-se às ordens do governador da Provença, ordenara que fizessem perseguir o seu emissário por dois touros.

Ouvindo a narração do mau e imprudente gracejo de Raimundo V, o comendador trocou um triste olhar com o Padre Elzear, como se ambos deplorassem interiormente a doida maneira de proceder do irmão.

— Desça ao *sçandalard*². O chefe lhe dará o suficiente para que você se aqueça e refaça as forças, disse o comendador a Luquin.

Luquin obedeceu à ordem com gratidão, e viu-se seguido de alguns curiosos, interessados em ter notícias da Provença.

O comendador voltou ao seu alojamento com o irmão e disse-lhe:

— Quando o tempo no-lo permitir, partiremos para a Casa-Forte. Temo que Raimundo seja vítima da sua temeridade para com as criaturas do cardcal. Permita Deus que encontre Pog-Reis e lhe possa impedir o mal que, sem dúvida, medita naquela costa indefesa e naquela infeliz cidade.

CAPÍTULO XXIV

A Galera Vermelha e a Sibarita

QUASE no mesmo instante em que o *Santo Espanto dos Mouros* fazia a sua maravilhosa entrada na enseada de Tolari e se unia à triste e negra galera de Malta, três navios de espécie totalmente diversa se achavam fundcados no fundo do Pôrto-Mago, excelente enseada situada para o lado nordeste da ilha de Porte-Cros, uma das menores das ilhas de Hières.

Afastada mais ou menos seis ou sete léguas da Ciotat, Porte-Cros era naquela época do ano quase inteiramente desabitada.

2. Lugar em que se guardam as provisões.

Na estação da pesca do atum e da sardinha, ali se estabeleciam provisoriamente alguns pescadores.

Duas galeras e um xaveco tinham, pois, ancorado no fundo da baía de que falamos.

A tormenta não diminuía, mas as águas do Pôrto-Mago, abrigadas por terras altas do lado do noroeste, eram tranquilas, e refletiam na sua calma azul as brilhantes cores da galera vermelha de Pog-Reis e da galera verde de Trimalcião, não tendo o xaveco de Erebo nada de notável no exterior.

Os temores do vigia e as suspeitas de Reine tinham muito fundamento.

Os três desconhecidos das gargantas de Olioules nada mais eram do que capitães piratas, não barbarescos, mas renegados.

Durante um dos seus cruzeiros, haviam-se apoderado de um barco holandês, e tinham encontrado a bordo um nobre moscovita, seu filho e o preceptor dêste. Após os venderem como escravos em Argel, haviam-se apoderado dos seus documentos, e tinham tido a ousadia de desembarcar em Cette, de rumar para Marselha por terra e de apresentar-se a de Vitry, com nomes supostos.

O marechal, iludido pelo ousado recurso, acolhera-os com gentileza.

Após se informarem com proveito das partidas e chegadas dos navios de comércio, os três piratas tinham regressado a Cette, e desde então não se haviam afastado das costas da Provença.

Premeditavam um importante ataque ao litoral, e mantinham-se às vészes numa das numerosas baías da ilha de Córsega, outras num dos pequenos portos desertos das costas da França ou da Sabóia, pois, naquela época, eram tão mal guardadas as costas que os piratas conseguiam desembarcar sem grandes perigos.

Havia entre o aspecto das duas galeras barbarescas de que falamos e a do comendador a mesma diferença que pode haver entre uma freira vestida de negro e uma doida cigana espalhafatosamente vestida de seda multicolor.

Na mesma medida em que era silenciosa e sombria uma, eram as outras ruidosas e animadas.

Preferimos conduzir o leitor a bordo da *Sibarita*, galera de vinte e seis remos, comandada por Trimalcião e fundeada a alguns cabos da *Galera Vermelha* de Pog-Reis.

A construção das galeras barbarescas assemelhava-se bastante à das galeras de Malta. As únicas diferenças eram os ornatos e a disposição interior, de grande esplendor.

Compunha-se a turma de escravos cristãos, negros e até turcos, pois os renegados pouco se importavam com o modo de recrutamento das equipagens.

Embora acorrentados aos bancos, como os forçados das galeras de Malta, os escravos da *Sibarita* pareciam sofrer a influência da bellissima atmosfera que os rodeava.

Em vez de terem aspecto feroz, sombrio ou acabrunhado, exprimia-lhes a fisionomia uma grosseira despreocupação ou uma cínica impudência. Pareciam robustos e feitos para suportar as mais rudes fadigas, mas os temores que inspirava o seu caráter indisciplinado se traíam pelo enérgico aparato de repressão com que eram rodeados.

Dois falconetes e vários bacamartes, constantemente voltados para a turma, estavam dispostos de tal maneira que podiam varrer a galera de uma ponta a outra.

Os cipaiois, ou soldados de escol, encarregados de vigiar a turma, traziam sempre longas pistolas na cintura e uma acha de armas na mão.

Compunha-se-lhes o uniforme de gabões vermelhos, polainas de marroquim, e uma cota de malha sob o casaco verde enfeitado de amarelo. O fêz escarlate achava-se envolvido por um turbante de grosso pano branco enrolado à *negligente*, moda antiga que remontava, dizia-se, aos homens de armas de Hai-Redin-Barbarroxa.

O costume da turma não era uniforme. A pilhagem vinha-lhes maravilhosamente em auxilio para substituírem as vestes usadas.

Uns traziam calções e casacos onde ainda se viam vestígios de galões de ouro ou de prata que o *reis* (capitão) mandara tirar em seu proveito.

Outros usavam casacos de soldados. Outros, enfim, traziam como troféu sobretudos de feltro negro tirados aos soldados da religião.

Não obstante a aparência heterogênea da equipagem, a galera de Trimalcião-Reis era mantida limpissima.

A sua pintura verde-mar com filêtes purpurinos estava, na parte de trás, ricamente realçada de ouro. Finalmente, um pavilhão vermelho no qual se via, bordado de branco, o sabre de dois fios chamado *Zulfekar*, era o único sinal que dava a reconhecer a *Sibarita* como navio pirata barbaresco.

Um pouco mais longe, a *Galera Vermelha* de Pog-Reis, de aparência mais severa e marcial, balouçava-se tranqüilamente.

Por fim, perto da entrada da baía, o *Tshekedery* ou barco leve, comandado por Erebo, trazia as mesmas bandeiras.

As costas da França achavam-se então, já o dissemos, em tão deplorável condição de defesa que os três navios tinham podido, sem o menor obstáculo, arribar ao porto para escapar à ventania que imperava desde a véspera.

Se o exterior da *Sibarita* era esplêndido, o interior oferecia todos os requintes do luxo mais rebuscado e uma feliz mistura dos hábitos do Oriente e do Ocidente.

Um anão negro, esquisitamente trajado, acabava de dar três retumbantes pancadas num gongo chinês colocado na pôpa, perto do leme.

Aquele sinal, uma excelente orquestra composta de instrumentos de sôpro fêz ouvir várias músicas.

Era a hora do jantar de Trimalcião.

O alojamento da pôpa estava momentaneamente transformado em sala de jantar.

As paredes desapareciam sob riquíssimos tapêtes de brocatel de Veneza, côr de papoula com grandes desenhos verdes e dourados.

Pog e Trimalcião achavam-se sentados à mesa.

Trimalcião tinha grande ventre, colorido animado, olhos vivos, fisionomia alegre, lábios vermelhos e sensuais. A sua longa e macia peliça de veludo azul forrada de marta deixava ver, ao se entreabrir, um colête de pele de búfalo de extrema maciez, recoberto por uma malha de aço tão delicadamente trabalhada que era tão flexível quanto o mais flexível dos tecidos. O hábito de usar constantemente uma arma defensiva provava em que confiante segurança vivia habitualmente o capitão da *Sibarita*.

Pog-Reis, colocado em face do companheiro, tinha sempre o mesmo ar altivo e sarcástico. Usava um *yellek* árabe de veludo negro com bordados de sêda da mesma côr, sôbre o qual se lhe espalhava a longa barba ruça; o seu gorro vermelho e verde, à moda albanesa, cobria-lhe pela metade a testa branca, profundamente sulcada.

Duas mulheres escravas de perfeita beleza, uma mulata, outra circassiana, vestidas com leves samarras de pano de Esmirna, incumbiam-se, com o anão negro, do serviço da mesa de Trimalcião.

Sôbre uma consola de rodas, viam-se magníficas peças de ourivesaria dispareas, sim, mas lindamente trabalhadas; umas de prata, outras de prata dourada, outras de ouro enriquecidas por valiosíssimas pedras.

No meio de tão rica baixela, fruto da rapina e do crime, e por sacrilega derrisão, haviam sido colocados vasos sagrados, subtraídos das igrejas do litoral, ou de barcos cristãos.

Um penetrante perfume, muito doce todavia, ardia num incensório de prata prêso a uma das traves do teto.

Sentado num cómodo divã, dizia o capitão do *Sibarita* ao conviva:

— Desculpe-me esta pobre hospitalidade, meu compadre... quisera ter podido substituir estas pobres moças por escravas egípcias, que, armadas de jarras de metal de Corinto, nos vertessem, cantando, água de neve com rosa nas mãos.

— Não são os vasos que lhe faltam, Trimalcião, disse Pog, relanceando um olhar pelo aparador.

— Sim, sim, são vasos de ouro ou de prata, mas que é isso perto do metal de Corinto do qual fala a antiguidade, mistura composta de ouro, de prata e de estanho, e tão maravilhosamente trabalhado que uma grande jarra, com a respectiva bacia, mal chegava a pesar uma libra?... Sardanapalo, compadre! Seria preciso que um dia eu fizesse uma incursão em Messina. Diz-se que o vice-rei possui várias estatuetas antigas de tão precioso metal. Mas, experimente êste chouriço de perdiz condimentado com cominho: mandei que o servissem ainda quente na sua grade de prata. Prefere, talvez, êstes simulacros de ovos de pavão? Encontrará aí, em vez da gema, um papafigo bem gordo, bem dourado, e, em vez da clara, um molho denso de nata cozida.

— O seu lindo vocabulário de glutão deve merecer-lhe a estima do seu cozinheiro. Parece-me que ambos foram feitos para se compreenderem, disse Pog, comendo com desdenhosa indiferença as delicadas iguarias que o anfitrião lhe oferecia.

— O meu cozinheiro, continuou Trimalcião, compreende-me realmente muito bem, embora por vêzes tenha crises de desânimo: chora a França... donde o raptei. Para o consolar, durante longo tempo tentei tudo, dinheiro, considerações, cuidados... Nada adiantou. Terminei por onde deveria ter começado, por uma boa surra, e dou-me assaz bem agora, e êle também, supondo, pois bem vê o senhor que faz maravilhas... De beber! *Orangine*, disse Trimalcião à mulata que lhe serviu um delicioso copo de vinho de Bordéus... Que vinho é êste, comida de corvo? perguntou, voltando-se para o anão e colocando o copo à altura dos olhos dêste, para que êle visse a côr.

— Senhor, provém da prêsa do mês de junho, o bergantim bordelês que rumava para Gênova.

— Hum... hum... disse Trimalcião, saboreando. É bom, muito bom êste vinho. Mas eis os inconvenientes de nos aprovisionarmos em tais fontes, compadre Pog: jamais temos as mesmas qualidades. Quando nos habitua-

mos a uma espécie de vinho, e lhes damos preferência a qualquer outra, encontramos tristes decepções... Ah, nem tudo são rosas neste ofício! Mas o senhor não bebe? Encha o copo do Sr. Pog, *Pele de cisne*, disse Trimalcião à branca circassiana, apontando-lhe com o dedo a taça do hóspede.

Este, recusando, pousou o indicador no copo.

— Ao menos, bebamos ao êxito da nossa incursão à Ciotat, compadre!

Pog respondeu à nova provocação com um movimento de desdenhosa impaciência.

— À vontade, compadre, disse Trimalcião, sem parecer ofendido com a recusa e a altivez do hóspede. Ainda bem que não dou importância às suas invocações. O diabo conhece a sua voz, e crê sempre que o senhor o está chamando... Erra, desprezando êste pernil... de Vestfália, suponha, não é verdade, palhaço?

— Sim, senhor, disse o anão. Vem daquele navio de transporte holandês detido no estreito da Sardenha. Eram destinados ao vice-rei de Nápoles.

Naquele momento, as fanfarras dos músicos cessaram, um rumor a princípio assaz débil cresceu pouco a pouco e em breve se tornou quase ameaçador.

Ouviam-se, alternadamente, o ruído das correntes que se chocavam e os violentos murmúrios dos escravos. Finalmente, dominando o tumulto, a voz dos cipaies e os estalidos do chicote do mestre.

Trimalcião parecia tão perfeitamente habituado àqueles gritos e agitação, que continuou a beber um copo de vinho. Depois, pousando o copo na mesa, limitou-se a dizer:

— Eis aí cães que quereriam morder. Felizmente as correntes são ótimas! Comida de corvo, vá ver porque se calam os músicos! Palhaços, mandarei dar-lhes vinte chicotadas de nervo de boi, se pararem mais uma vez. Sou demasiadamente bom... gosto muito das artes... Em vez de vender êsses inúteis em Argel, conservei-os para que me toquem música, e vejam só como se comportam! Ah! Se não fôsse demasiadamente fracos para a turma, seriam remadores, e saberiam quanto custa remar.

— Seriam certamente fracos em demasia, senhor, disse o negro. Os comediantes que com êles pegamos na galera de Barcelona ainda estão com Jusuf que os comprou. Não arranja duas peças de ouro por cabeça por êsse gado de sopradores e cantores!

Pog-Reis, pensativo, parecia não ouvir o que se passava em torno dêle, embora os murmúrios aumentassem com tal violência que Trimalcião disse ao anão:

— Antes de sair, ponha aqui perto de mim, no divã, pistolas e outras armas. Agora, vá ver o que está acontecendo. Se fôr grave, mande Mello avisar-me imediatamente. Avise, ao mesmo tempo, os tocadores de trombeta que os farei engolir os instrumentos, se pararem um só instante que seja.

— Senhor, dizem que não têm fôlego para tocar duas horas seguidas!

— Ah, falta-lhes fôlego? Pois bem! diga-lhes que, se ainda me derem êsse motivo, mandarei que lhes abram o ventre, e por meio do fole do armeiro, arranjarão excelente fôlego.

Aquele cruel gracejo, *Orangine e Pele de Cisne* entreolharam-se, interditas.

— Diga-lhes finalmente, acrescentou Trimalcião, que como não valem uma peça de ouro com o mercador de escravos, e me custam em alimento mais que o que valem, tratarei de desabafar nêles os meus caprichos.

O negro saiu.

— O que aprecio em você, disse lentamente Pog, como se estivesse saindo de um devaneio, é que não sabe o que venha a ser sentimento, já não direi honesto, mas humano.

— Mas a propósito de que, diabo? Explique-me, compadre Pog... O senhor vê que, apesar de desumano... não me esqueço de quem é, e de quem sou. O senhor me trata de você, e eu respondo sempre senhor.

Ouviram-se dois disparos de arma de fogo.

— Diabo! Eis o Mello tratando também com familiaridade essa gente, acrescentou Trimalcião, sorrindo, e voltando a cabeça para o lado da porta, com imperturbável sangue frio.

As duas escravas caíram de joelhos dando sinais do mais violento terror.

De súbito, as fanfarras explodiram com um vigor que prejudicava talvez o conjunto e a harmonia, mas que ao menos provava que as ameaças do anão tinham surtido efeito, e que os desgraçados músicos julgavam Trimalcião capaz de os torturar.

Depois dos disparos, ouviu-se uma espécie de grito, ou antes, um terrível rugido dado por todos os escravos simultaneamente.

Ao tumulto, sucedeu o mais profundo silêncio.

— Parece que não era nada, disse o capitão da *Sibarita*, dirigindo-se a Pog que tornara a mergulhar no devaneio.

— Mas, diga-me, compadre, continuou, por que acha que não sei o que é humanidade? Gosto das artes, das letras, do luxo. Desfruto, melhor do que qualquer outro homem, dos cinco sentidos de que fui dotado. Pilho com

discernimento, só me apoderando do que me convém. Bato-me com escrúpulo, prefiro engalfinhar-me com os mais fracos, pois o meu officio consiste em tirar dos que possuem, com a menor probabilidade de perda possível. Mais uma vez, compadre, onde vê o senhor desumanidade nisso?

— Você me envergonha e me dá pena. Nem sequer tem a energia do mal. Há em você sempre alguma coisa do bedel de colégio.

— Ora, ora! Não me fale, meu caro compadre, do colégio, não me fale do triste tempo de privações sem número. A estas horas, eu estaria sêco como um mastro de galera, se tivesse continuado a mastigar latim, ao passo que agora, respondeu o desavergonhado patife, batendo o ventre, disponho de bem-estar, e tudo isso graças a quem? A Iacub-Reis o qual, há vinte anos, me fêz escravo, quando eu me dirigia por mar a Civitavecchia, a fim de tentar uma carreira eclesiástica na cidade dos tonsurados. Iacub-Reis achou que eu tinha inteligência, atividade, coragem. Eu era moço, e êle me ensinou o officio. Renguei a religião, comecei a usar um turbante, e finalmente, de pilhagem em pilhagem, de morte em morte, cheguei a comandar a *Sibarita*, e o comércio vai muito bem! Exponho-me nos casos extremos, e, quando é necessário, bato-me como outro qualquer. É verdade que gosto da pele, pois conto, dentro em pouco, retirar-me da atividade e descansar das fadigas da guerra na minha propriedade de Trípoli, com as senhoras Trimalcião. Isso, afinal, não é humaníssimo?

Tais palavras impressionaram, aparentemente, o silencioso conviva do capitão da *Sibarita*, que se contentou em dizer, sacudindo os ombros.

— Deixemos ao javali a toca que lhe cabe!

— Sardanapalo! A propósito de javali, como invejo os que figuravam nos festins épicos de Trimalcião, meu patrão! exclamou a grosseira personagem, sem se ofender com o desdém do conviva. Eram dignos javalis, servidos inteiros, ornados de um gorro de franqueado, e interiormente recheados de salsichas que simulavam as entranhas, ou então contendo tordos alados que voavam para o teto. São suntuosidades que um dia dêstes realizei! Se trabalho há vinte anos é para dar uma festa digna da antiguidade romana! Imitar Petrônio ou Juvenal nos atos, eis o meu sonho!

O anão abriu a porta.

O pirata, sòmente então foi que se lembrou do tumulto que bruscamente havia cessado.

— E então, seu bôbo, o barulho? Por que não veio Mello? Não se trata de nada?

— Não, senhor. Um escravo cristão brigou com um escravo albanês.

— E?...

— O albanês deu uma punhalada no cristão.

— E depois?

— Os cristãos quiseram linchar o albanês, mas o cristão ferido retrucou e quase matou o albanês.

— E depois?

— Os albaneses e os mouros, por sua vez, vociferaram contra os cristãos.

— E depois?

— Para impedir que a turma se massacrasse nos bancos, e para satisfazer todos, Mello, com dois tiros, estourou a cabeça do cristão e a cabeça do albanês.

— E depois?

— Senhor, diante disso, todos se acalmaram.

— E os músicos?

— Falei-lhes do fole, e antes de poder terminar a frase, começaram a soprar tão forte nos instrumentos que quase me deixaram surdo. Ah, ia-me esquecendo de que Mello assinalou o barco do Sr. Erebo que avança para a galera.

Pog estremeceu.

E Trimalcão gritou:

— Depressa, *Pele de Cisne, Orangine*, um prato para o mais belo rapaz que jamais capturou pobres barcos mercantes!

CAPÍTULO XXV

Pog e Erebo

ANTES de darmos prosseguimento à narração, mister se fazem alguns esclarecimentos a respeito de Erebo e de Pog, o homem taciturno e sarcástico.

Por volta de 1612, vinte anos antes da época de que nos ocupamos, um francês, ainda jovem, chegou a Trípoli com um único servidor.

O capitão do barco sardo que o trouxera notou em várias ocasiões que o seu passageiro era entendidíssimo em coisas de navegação, e concluiu que devia ser oficial dos vasos ou das galeras do rei. Não se enganava.

Pog (continuaremos a dar-lhe êsse nome) era um excelente marinheiro, como veremos.

Por ocasião da sua chegada a Trípoli, após haver, segundo o costume da Berbéria, comprado a protecção do beí Hassan, alugou uma casa nas vizinhanças da cidade, pouco distante do mar, e ali viveu durante um ano com o servidor, em profunda solidão.

Vários negociantes franceses, estabelecidos em Trípoli, desfizeram-se em vãs conjecturas sobre o singular gosto do compatriota que, apenas por capricho, segundo supunham, ia habitar uma costa selvagem e deserta.

Uns attribuíam a esquisitice a uma violenta dor. Outros viram, se não loucura, pelo menos monomania em tão estranha resolução.

Estas últimas suposições não careciam de fundamento.

Em certas épocas do ano, Pog entrava, dizia-se, em tais acessos de desespero e de cólera, que os pastores atrasados ouviam por vêzes, ao passarem, de noite, diante da solitária casa, gritos furiosos, frenéticos.

Três ou quatro anos assim transcorreram.

Como única distração, Pog dava longos passeios no mar num pequeno barco que manobrava pessoalmente com rara habilidade. Dois jovens escravos mouros lhe serviam de equipagem.

Um dia, um dos mais famosos e ferozes corsários de Trípoli, chamado Kemal-Reis, quase morreu com a sua galera dando à costa, a pouca distância da casa de Pog.

Voltava êste de um dos seus passeios pelo mar. Reconhecendo a galera de Kemal-Reis, rumou para ella, e prestou-lhe os mais eficazes socorros.

Um dos escravos de Pog afirmou mais tarde que o ouvira dizer: "Os homens seriam demasiadamente felizes, se se destruíssem os lobos e os tigres."

O salvamento de Kemal-Reis, tão temido pelas suas crueldades, foi uma consequência da feroz misantropia de Pog. Em vez de ceder a um movimento de generosidade natural, quis conservar à humanidade um dos seus mais terríveis flagelos.

Pouco tempo após o fato, Kemal-Reis visitou por vêzes a casa isolada do francês, e uma espécie de intimidade se estabeleceu, lentamente, entre o pirata e o misantropo.

Um dia, os curiosos de Trípoli souberam com surpresa que Pog havia embarcado na galera de Kemal-Reis.

Supunham todos que o francês fôsse extremamente rico. Julgavam até que tivesse alugado o barco tripolitano para uma viagem de prazer pela costa da Berbéria, do Egito ou da Síria.

Com grande espanto do público, Kemal-Reis regressou um mês depois da partida com a galera repleta de escravos franceses, tirados das costas do Languedoc e da Provença.

Correu em Trípoli a notícia de que o resultado favorável de tão ousada empresa era o fruto dos ensinamentos e avisos dados por Pog, que devia melhor do que qualquer outro homem conhecer os melhores pontos de desembarque do litoral francês.

A notícia adquiriu em breve todos os foros de verdade, a ponto de o nosso cônsul em Trípoli dever informar contra Pog e advertir os ministros de Luís XIV do que se havia passado.

Convém dizer, uma vez por tôdas, que em 1610, como em 1630, como em 1700, o rapto de habitantes das nossas costas pelos piratas barbarescos nunca foi considerado motivo de declaração de guerra às regiões de onde elles vinham. Os nossos cônsules assistiam ao desembarque dos cativos e, geralmente, serviam de intermediários para o seu resgate.

Se houve uma perseguição contra Pog foi pelo fato de elle, na sua qualidade de francês, ter participado de um ataque à mão armada contra o território.

A informação do cônsul foi inútil, com grande escândalo dos nossos compatriotas e dos europeus estabelecidos em Trípoli. Pog fez uma abjuração solene, renegou a cruz, vestiu o turbante e não pôde ser perseguido.

Kemal-Reis proclamara por toda parte que o novo renegado era um dos melhores capitães que elle jamais conhecera, e que a regência barbaresca não teria podido realisar aquisição mais útil.

A partir daquele momento, Pog-Reis equipou uma galera e a dirigiu apenas contra os barcos franceses e sobretudo contra as galeras de Malta, comandadas pelos cavaleiros da nossa nação.

Várias vezes, devastou impunemente as costas do Languedoc e da Provença. É preciso dizer que a fúria de pilhagem e de destruição só se apoderava de Pog por acessos.

A sua cólera parecia atingir o paroxismo pelo fim do mês de dezembro.

Durante tal mês, mostrava-se despiadado, e dizia-se, entre arrepios, que por várias vezes mandara degolar grande número de cativos, espantoso e sangrento holocausto que elle oferecia, sem dúvida, a uma terrível comemoração.

Passado o mês de dezembro, o seu espirito obumbrado por uma loucura sanguinária tornava-se mais calmo.

Tornando a entrar em Trípoli, encerrando-se na sua solidão, ficava um ou dois meses sem fazer-se novamente ao mar.

Depois, medonhos ressentimentos lhe tumultuavam a alma desesperada, e êle, mais uma vez, subia à galera e recommençava a série das suas crueldades.

Entre os cativos franceses que fizera por ocasião da primeira viagem com Kemal-Reis, e que abandonou generosamente ao companheiro (com a única condição de jamais lhes ser devolvida a liberdade), entre tais cativos, conservara um, um menino de quatro a cinco anos, raptado da costa do Languedoc, com uma velha que morrera durante a travessia.

Aquêlê menino de perfeita beleza era Erebo.

Pog assim o chamou, como se pretendesse com tal nome fatal predestinar o infeliz ao papel que lhe seria reservado pelos tenebrosos projetos que acariciava.

Na exasperação do seu ódio contra a humanidade, Pog teve o infernal capricho de perder a alma do infeliz, dando-lhe a mais funesta educação. Pôs mãos à obra com detestável perseverança. À medida que Erebo crescia, Pog, sem ser capaz de explicar a estranheza de tais contrastes, sentia alternadamente por êle uma furiosa aversão e uma involuntária solicitude, os únicos bons sentimentos que experimentava havia bom número de anos. Pouco a pouco, os raros acessos de simpatia foram diminuindo, e Pog não tardou em envolver Erebo na comum execração com a qual perseguia os homens, permanecendo fiel à sua fatal resolução. Longe de deixar inculto o espírito de Erebo, applicara-se, muito pelo contrário, a lhe desenvolver a inteligência. Entre os inúmeros escravos que a pirataria renovava sem cessar, encontrou Pog-Reis facilmente professôres de toda espécie. E os que lhe faltavam, adquiria-os de outros piratas.

Assim, sabendo que existia em Barcelona um famoso pintor espanhol, Juan Pelieko, valeu-se de um estratagemma para atraí-lo para fora da cidade, e, mandando que o raptassem, o conduziu a Trípoli. Quando o artista aperfeiçoou Erebo na sua arte, Pog ordenou que o acorrentassem, e ali o deixou morrer.

Na sua ímpia experiência, querendo que a vítima percorresse todos os degraus da escada do mal, desde o vício até o crime, deleitara-se em dar à infeliz criança numerosos conhecimentos.

Achava que com uma inteligência vulgar o celerado é vulgar, e tinha a certeza de que, uma vez num caminho perverso era mais fácil prosseguir-lo, com mais ousadia e maldade, se os recursos do espírito fôsses mais numerosos.

No seu abominável sistema, as artes, em vez de educarem a alma de Erebo, deviam materializá-la, desenvolvendo, além de qualquer medida, a necessidade de gozos sensuais.

Quando os prodígios da pintura ou da música não conduzem a alma para as infinitas planícies do ideal, quando nelas só buscamos uma melodia mais ou menos harmoniosa ao ouvido, ou uma forma mais ou menos atraente aos olhos, as artes nos depravam.

Sem dúvida, Pog devia querer vingar-se terrivelmente da humanidade, e evidentemente a sua misantropia ralava pela loucura, para que tivesse a sacrilega crueldade de desnaturar, de degradar uma alma jovem e cândida!

Não houve escrúpulo que o detivesse... Na mesma medida em que um pai trata de, ternamente, afastar do espírito do filho pensamentos perigosos, na mesma medida em que lhe anima as inclinações generosas, na mesma medida em que combate as que lhe são baixas e funestas, Pog persistia satânicamente em falsificar, em perverter a infeliz criança, em lhe exaltar os maus pensamentos.

Há certas organizações morais que são como certas organizações físicas: por mais que as enfraqueçamos, por mais que as estiolemos, só difficilmente é que conseguimos arruiná-las de vez, de tal maneira é são e vigoroso o germe vital que as anima.

Foi o que se deu com Erebo. Por um acaso providencial, os funestos ensinamentos de Pog não tinham ainda podido alterar essencialmente o coração da infeliz criança.

O singular instinto de opposição, particular à mocidade, garante-a contra inúmeros perigos. A facilidade com a qual elle houvera podido, mal adolescente, entregar-se a todos os excessos, os odiosos encorajamentos que lhe eram dados, quase bastaram para o preservar de precoces desordens.

Numa palavra, a natural elevação dos seus sentimentos o fazia procurar impacientemente as emoções nobres, puras, doces, das quais pretendiam distanciar-lo.

Infelizmente, a fatal influencia de Pog não fôra inteiramente inútil.

O carácter ardente de Erebo conservou o cunho que lhe havia sido impresso.

Se, por momentos, tinha impulsos apaixonados para o bem, se muitas vezes lutava contra os detestáveis conselhos do tutor, o hábito da vida guerreira e aventureira que levava desde os doze ou treze anos de idade, a impetuosidade do seu carácter, o ardor das suas paixões, frequentemente o conduziam a terríveis excessos.

Desde a mais tenra mocidade, levava-o Pog às incursões, e a coragem, a temeridade natural de Erebo tinham despertado em vários combates.

Ensinado pela experiência e pela prática, aprendera também com enorme facilidade o ofício de marinheiro. O objetivo constante de Pog fôra inculcar em Erebo um ódio profundo e incurável contra os cavaleiros de Malta. Apresentara-lhos sempre como assassinos da sua família, prometendo-lhe revelar-lhe um dia o sangrento mistério.

Nada era mais falso. Pog não tinha o menor conhecimento dos pais de Erebo. Mas desejava perpetuar nêle o ódio inveterado que dedicava aos cavaleiros da religião.

Erebo deu-lhe satisfação. Um ardente desejo de vingança cresceu na sua jovem alma contra os soldados de Cristo que êle supunha lhe haverem assassinado a família.

Em outros pontos, era menor a satisfação de Pog. A ferocidade fria o revoltava, e Erebo, algumas vêzes, sentia-se dolorosamente comovido à vista das dores humanas.

Notara Pog que a ironia era uma arma poderosa e infalível para combater a natural elevação de caráter de Erebo.

Comparando-o a um clérigo, a um cristão tonsurado, acusando-o sobretudo de fraqueza e de covardia, levava-o facilmente a atos incríveis.

A cena dos rochedos de Ollioules, onde Erebo viu Reine pela primeira vez, é uma prova palpável dessa luta constante entre as suas boas inclinações naturais e as más paixões despertadas por Pog.

O primeiro movimento de Erebo fôra correr em auxílio de Raimundo V, e responder com veneração quase filial ao impulso de gratidão do velho nobre, de se julgar, enfim, pago pelo generoso procedimento com a satisfação da sua consciência, com o olhar cheio de reconhecimento da jovem...

Uma amarga ironia de Pog e um grosseiro gracejo de Trimalcão, mudaram as nobres emoções em veleidade sensual, em profundo desdém pela corajosa ação com a qual acabava de honrar-se.

Não obstante os cínicos gracejos dos dois piratas, a encantadora imagem de Reine causou profunda impressão em Erebo.

Ele nunca amara. O seu coração jamais participara dos grosseiros prazeres que procurara entre escravas lançadas às suas mãos pelo acaso da guerra.

Pog e Trimalcão não tardaram em notar certa transformação no caráter de Erebo.

Algumas palavras indiscretas revelaram a Pog a influência que aquêlê primeiro amor exercia no rapaz. O pirata teve medo dos resultados da paixão. Elevando o coração de Erebo, o amor poderia fazê-lo corar da abominável vida que levava, e despertar-lhes generosas paixões. Resolveu, pois, matar aquêlê afeto pela posse, e propôs a Erebo raptar Reine.

Encontrou no jovem pirata viva resistência. Erebo via no rapto coisa odiosa. Queria ser amado ou fazer-se amar.

Pog propôs um meio-térmo. Lisonjeou bastante o amor-próprio de Erebo, provou-lhe que devia ter causado profunda impressão no espirito da moça, mas que era preciso, mediante auxílios misteriosos, nutrir, exaltar a recordação que ela devia guardar, necessariamente, do salvador do pai. Depois, quando Erebo tivesse a certeza de ser amado, appareceria, convidaria a jovem a fugir com êle e se retiraria, se ela se recusasse.

O plano, que Pog se propunha modificar no tocante ao desfecho, foi bem recebido por Erebo. Já vimos que, em parte, fôra executado na Casa-Forte.

Um mouro que acompanhara pelo mar o jovem pirata desde a infância, e que lhe era apegadíssimo, introduziu-se misteriosamente no castelo dos Anbiez.

Esse homem era o cigano que conhecemos. Acompanhara Erebo por ocasião da ousada viagem dos três piratas na Provença. Quando êstes voltaram ao pôrto de Cotte, onde tinham deixado o xaveco, embarcaram e foram ter às suas galeras, ancoradas nas ilhas Maiorcas, então franqueadas a todos os piratas do Mediterraneo.

Ali, Erebo, Pog, Trimalcão e Hadji (assim se chamava o cigano) estudaram os planos.

No mesmo dia da aventura das gargantas de Ollioules, Hadji descrevera aos seus hóspedes de Marselha o velho gentil-homem e a jovem. Todos lhe deram o nome de Raimundo V e o de sua filha, pois o Barão des Anbiez era bastante conhecido na Provença.

Durante a sua estada em Maiorca, Erebo, que durante os seus momentos de lazer se aperfeiçoara na arte da pintura, preparou a miniatura de que falamos. Um hábil ourives esmaltou a pequenina pomba em vários objetos destinados a Reine. Finalmente, Erebo acrescentou um seu retrato, que foi colocado no medalhão da gusla do cigano.

Terminados os preparativos, o mouro partiu, levando, como meio de correspondência com os piratas, dois pombos criados a bordo do xaveco de Erebo, e habituados a procurar e reconhecer o barco.

Ao cabo de quinze dias, as duas galeras e o xaveco deviam ir cruzar e velejar em vista das costas da Provença.

Já dissemos que o mês de dezembro era o mês sombrio de Pog, o mês em que os seus cruéis instintos se exasperavam.

Não ousara apresentar-se com um nome falso ao Marechal de Vitry senão para examinar à vontade o estado da costa e das fortificações de Marselha, tendo o atrevido projeto de surpreender essa cidade, devastá-la e incendiá-lhe o pôrto. Contava com o apoio de alguns mouros estabelecidos em Marselha, para se apoderar da estacada do pôrto.

Embora aparentemente insensato, o ataque, ou antes a surpresa, tinha probabilidades de ser feliz. Pog não desesperava. Se o apoio que lograra falhasse, se se visse obrigado a renunciar ao empreendimento, pelo menos estava certo de poder devastar uma costa indefesa, e a pequena cidade da Ciotat, em virtude da sua proximidade da Casa-Forte, devia, em tal caso, sofrer a sorte destinada a Marselha.

Durante o tumulto da batalha, Reine des Anbiez seria facilmente raptada.

Já vimos que as manobras do cigano tinham dado resultado.

Longamente oculto no meio dos rochedos próximos da Casa-Forte, conseguira ver por diversas vezes Reine na sacada da janela do seu oratório, e notara que a janela costumava ficar quase sempre aberta. Graças à sua agilidade, pudera entrar duas vezes, durante a noite. A primeira, com o vidro contendo uma amarilis da Pérsia, planta bulbosa, que floresce em pouquíssimos dias, a segunda, com a miniatura.

Certo de ter muito bem estabelecido os misteriosos antecedentes destinados a aguçar a curiosidade de Reine e a obrigá-la a pensar em Erebo, Hadji, julgando chegado o momento de se apresentar à Casa-Forte, sem despertar suspeitas, rumara para a casa de Raimundo V, e encontrara, no caminho, o escrivão Isnard e o seu grupo.

Quinze dias após a sua chegada à Casa-Forte, o xaveco, ao pôr do sol, devia vir cruzar ao largo. Hadji enviou-lhe, então, um dos pombos portador de uma carta, que dizia a Erebo se era amado ou não, e a Pog se podia tentar um desembarque no caso de haver renunciado a surpreender Marselha.

A águia do vigia impediu a correspondência, devorando o mensageiro. Infelizmente, Hadji tinha outro emissor. No dia seguinte, ao pôr do sol, mais uma vez

apareceu o xaveco, e uma carta levada pelo segundo pombo anunciou a Erebo que era amado, e a Pog que o momento mais favorável para uma incursão à Ciotat era o dia de Natal, época na qual todos os provençais se ocupam das festas de família.

A tempestade começou a soprar na noite do mesmo dia em que Erebo recebeu o aviso. Ele reuniu-se às duas galeras que cruzavam para o lado de Hières. Tornando-se o tempo cada vez pior, os três barcos se abrigaram no Pôrto-Mago, em Porte-Cros.

Ali estavam ancorados desde a véspera, como dissemos, aguardando com impaciência que o vento mudasse, pois as festas de Natal se realizariam dali a dois dias. Antes de tentar o ataque à Ciotat, Pog desejava assegurar-se de que a empresa em Marselha não era possível.

Agora que conhecemos os funestos laços que ligam Erebo a Pog, seguiremos o jovem aventureiro na galera de Trimalcão, a bordo da qual êle se dirigia.

Erebo subiu ágilmente a bordo da *Sibarita*, e entrou no alojamento em que fôra servido o jantar.

CAPÍTULO XXVI

Conversação

USAVA um costume simples de marinheiro, o que lhe realçava a graça e a beleza.

— Eis aí o nosso amoroso, o nosso modesto suspirador, disse Trimalcão ao vê-lo.

Por tôda resposta, o marinheiro, sensível ao gracejo, atirou o gabão bordado de sêda colorida ao anão negro, deu um beijo a *Pele de Cisne*, acariciou o queixo de *Orangine*, e, pegando da mesa uma taça de prata, estendeu-a a Trimalcão, exclamando:

— A saúde de Reine des Ambiez, futura favorita do meu harém!

Pog, fitando penetrantemente Erebo, disse com a sua voz lenta e profunda:

— Essas palavras vêm dos lábios, mas o seu coração desmentirá a linguagem.

— Engana-se, mestre Pog. Desembarque os seus demônios na praia da Ciotat, e verá se o brilho das chamas que tostarão os franceses na sua toca me impedirá seguir Hadji ao castelo do velho provençal.

— E uma vez no castelo, que pretende fazer, meu rapaz? disse-lhe Trimalcião, em tom zombeteiro. Perguntará à formosa donzela se não tem uma meada de seda para desfazer, ou se não lhe permite segurar o espelho, enquanto ela escova os cabelos?

— Tranqüilize-se. Empregarei bem o tempo. Cantar-lhe-ei a canção do emir, digna de Beni-Amer, que o raposo de Hadji lhe deu a ouvir.

— E se o velho provençal achar a sua voz desagradável, pô-lo-á de castigo, como qualquer menino que não aprendeu direitinho a lição, disse Trimalcião.

— Responderei ao velho gentil-homem, raptando-lhe a filha e cantando-lhe êstes versos de Hadji:

*Até os dezesseis, pertence a filha ao pai,
e pertence ao amante aos dezesseis.*

— E se êle insistir, você falará pela última vez com o cânjiar para terminar a conversação?

— É de rigor, Esvazia-copos. Quem rouba a filha, mata o pai, retrucou Erebo com um sorriso de ironia.

Trimalcião sacudiu a cabeça e disse a Pog, que cada vez mais parecia absorto nos seus sombrios pensamentos:

— O jovem pavão zomba de nós, e acabará cometendo alguma tolice com a moça.

— O espião francês já voltou das ilhas? perguntou súbitamente Pog a Erebo.

— Ainda não, mestre Pog, respondeu Erebo. Partiu com o bordão e o alforje, disfarçado de mendigo. Antes de uma hora estará aqui, indubitavelmente. Esperei-o em vão. Vendo que não chegava, vim no meu barco. O barquinho que o levou à margem trá-lo-á aqui. Mas iremos atacar a Ciotat ou Marselha, mestre Pog?

— Marselha... a não ser que a informação do espião me obrigue a mudar de parecer, disse Pog.

— E, na volta, não pararemos um momento na Ciotat? perguntou Erebo. Hadji nos espera.

— E a sua bela, também, meu rapaz! Ah, ah! Está mais impaciente por ver os lindos olhos da amada que a boca aberta dos canhões do castelo, disse Trimalcião, e tem razão. Não o censuro.

— Pela cruz de Malta que detesto, exclamou Erebo com impaciência, preferiria nunca ver a linda moça na cabina do meu xaveco a não lançar também o meu grito de guerra no ataque a Marselha... Mestre Pog sabe que em todos os nossos combates contra os franceses, ou contra as galeras da religião, o meu braço, embora jovem, sempre infligiu rudes golpes.

— Tranqüilize-se... Quer ataquemos Marselha, ou não, você poderá aproximar-se da Ciotat com o seu xaveco e raptar a donzela. Não o deixarei perder essa nova ocasião de perder a alma, meu bom rapaz, disse Pog, com um riso sinistro.

— Minha alma? Mas se o senhor me disse uma vez que não havia alma, mestre Pog! retrucou o infeliz Erebo com um desassossêgo irônico.

— Você não vê, meu rapaz, que mestre Pog está brincando? interveio Trimalcião. Quanto à sua alma, é claro! Pois quanto à sua bela, sardanapalo, nós a raptaremos! Os esforços de Hadji e os misteriosos galanteios de que você se serviu não ficarão perdidos, embora, a meu ver, você não tenha razão, para agradar a ela, em fazer-se tão romântico quanto um antigo mouro de Granada... Mais alguns raptos, meu doce filho, e ficará sabendo que é melhor domar pela força a resistência de uma gatinha selvagem do que vencê-la à custa de doçura e atenções... Mas ao seu jovem palácio ainda é preciso um pouco de mel e de leite... Mais tarde, você chegará às especiarias.

— O senhor me lisonjeia, Trimalcião, comparando-me a um mouro de Granada, disse Erebo com amargor. Os mouros de Granada eram nobres e cavalheirescos, e não verdadeiros bandidos como nós.

— Bandidos? Está ouvindo, mestre Pog? Mal saiu do berço e já começa a falar em bandidos! Quem diabo lhe disse que nós éramos bandidos? Eis como se insulta a mocidade, como se ilude, como se corrompe. Fale-lhe, mestre Pog!... Bandidos! Dê-nos de beber, *Pele de Cisne*, para engolirmos essa palavra! Bandidos!

Erebo parecia pouquíssimo comovido com a grotesca cólera de Trimalcião.

Mestre Pog ergueu lentamente a cabeça, e disse-lhe com amarga ironia:

— Bem, bem, meu doce filho... tem razão em se envergonhar do nosso ofício. Quando eu voltar a Trípoli, comprar-lhe-ei uma loja perto da entrada do porto: é o melhor bairro comercial. Lá, você venderá em paz marroquim branco, tapetes de Esmirna, sêdas da Pérsia e penas de avestruz. Trata-se de um ofício repousante e honrado, meu doce filho. Poderá reunir alguns tostões e, em seguida, estabelecer-se em Malta no bairro dos judeus, onde emprestará o seu dinheiro a cinquenta por cento aos cavaleiros endividados. Vingar-se-á, assim, dos que lhe degolaram pai e mãe, embolsando-lhes o dinheiro. É mais lucrativo e menos perigoso que cobrar-lhes o sangue.

— Mestre! gritou Erebo, com as faces rubras de indignação.

— O Sr. Pog tem razão, disse Trimalcião, é melhor ser vampiro que suga impunemente o sangue da prêsa adormecida que o ousado falcão que o ataca à luz do sol.

— Trimalcião, cuidado! retrucou Erebo, encolerizado.

— E quem sabe, continuou Pog, se o acaso não fará cair nas suas mãos usurárias o cavaleiro que massacrrou sua excelente mãe e seu nobre pai!

— Reconheça a mão vingadora da Providência! exclamou Trimalcião. O órfão torna-se credor do assassino... Sangue e massacre! Morte e agonia! O filho vingador sacia a cólera... obrigando devedores insolváveis a vestir o manto amarelo.

Diante daquele último sarcasmo, a cólera de Erebo o transtornou de tal modo que êle agarrou Trimalcião pela garganta, e ergueu uma faca da mesa.

Sem o pulso de ferro de Pog que lhe apertou, como se fôsse uma tenaz, a mão, o pirata, se não morto, houvera pelo menos sido perigosamente ferido.

— Por Êblis e pelas suas asas negras, mestre, cuidado, se tem ciúme do golpe que eu destinava a êste porco, contra o senhor é que me voltarei! gritou Erebo, querendo escapar das mãos de Pog.

Pele de Cisne e *Orangine* fugiram dando agudos gritos.

— Eis o resultado de mimar crianças, disse Pog com um sorriso desdenhoso, abandonando a mão de Erebo.

— E deixá-las brincar com facas, acrescentou Trimalcião, pegando a que Erebo deixara cair durante a luta.

Um olhar de Pog o advertiu de que não convinha levar o rapaz a extremos.

— Terá a intenção de matar o homem que o criou, meu rapaz? perguntou irônicamente Pog. Vejamos: olhe o seu punhal na cintura... Fira!...

Erebo fitou-o sombriamente, e respondeu-lhe com feroz sarcasmo:

— É, portanto, em nome da gratidão que o senhor me pede que lhe poupe a vida? Por que me ensinou, então, o esquecimento dos benefícios e a recordação das injúrias?

Apesar da sua impudência, Trimalcião olhou desajeitado para Pog, não sabendo como o companheiro responderia àquela pergunta.

Pog fitou Erebo com soberbo desprezo e disse-lhe:

— Quis prová-lo, falando-lhe de gratidão. Sim, o homem verdadeiramente homem esquece os benefícios e lembra-se apenas das injúrias... Já lhe atirei ao rosto a

mais sangrenta injúria, já lhe disse que não tinha coragem de vingar a morte dos seus... Você já deveria ter-me ferido... mas é covarde...

Erebo puxou imediatamente da faca e ergueu-a sobre o pirata, antes que Trimalcião tivesse conseguido dar um passo.

Pog, calmo, impassível, mostrou abertamente o peito, e não pestanejou.

Por duas vezes Erebo ergueu a arma, e por duas vezes o seu braço caiu. Não podia decidir-se a ferir um homem indefeso.

Finalmente, abaixou a cabeça, acabrunhado.

Pog tornou a sentar-se, e disse a Erebo com voz impetuosa e severa:

— Menino, nunca mais cite máximas das quais talvez compreenda o sentido... mas que o seu tibio coração não pode pôr em prática... Ouça-me uma vez por todas... Deixo-lhe o campo livre. Recolhi-o sem piedade... Tenho por você, como tenho por todos os homens, ódio e desprezo... Eduquei-o na pilhagem e no crime, assim como me houvera divertido em preparar um lobo para a carnicina, a fim de poder, um dia, atirá-lo contra os meus inimigos. Matei todos os cavaleiros franceses de Malta que vieram ter às minhas mãos... pois tenho que vingar-me espantosamente dessa ordem... Ensinei-lhe que sua família foi chacinada por eles na esperança de lhe excitar a cólera e dirigi-la contra os que execro... Você já me serviu... num combate, matou dois caravanistas... Não lhe agradeço, porque você supunha estar vingando mãe e pai... Gosto de você como gosto de um bom cavalo de guerra. Enquanto me serve, esporcio-o e o atiro à refrega. Quando envelhece, vendo-o... Por conseguinte, não se julgue de maneira nenhuma ligado a mim... Mate-me, se puder... Se não ousa de frente... proceda como os traidores, talvez consiga o seu intento!

Ouvindo aquelas horrorosas palavras, Erebo teve a impressão de estar sonhando.

Se nunca se iludira quanto à ternura de Pog, acreditava ao menos que ele lhe dedicava um débil interesse, o interesse que sempre inspira uma pobre criança abandonada. A feroz confissão de Pog não lhe deixava, no entanto, dúvidas. As detestáveis máximas concordavam demasiadamente com a sua vida para que o infeliz rapaz não lhes reconhecesse a medonha realidade.

O que se passou no seu coração foi inexplicável. Pareceu-lhe cair num sangrento e profundo abismo, e os pensamentos lhe turbilhonavam na cabeça.

Os seus ternos e generosos instintos estremeceram dolorosamente, como se mão de ferro os estivesse arrancando do coração.

Após um primeiro instante de acabrunhamento, a detestável influência de Pog levou tudo de vencida.

Erebo quis lutar em cinismo e ferocidade com aquêlê homem.

Erguendo a testa pálida, deixou ver um sorriso irônico a lhe entreabrir os lábios.

— Você me esclareceu, Pog. Até aqui o meu ódio aos soldados de Cristo não entrara bastante no meu coração. Até aqui eu só ansiava pela morte dêles, por terem matado meu pai e minha mãe. Quando lhes não perdoava, combatia-os espada contra espada, galera contra galera. Mas agora, mestre, armados ou desarmados, jovens ou velhos, lealmente ou vergonhosamente, matarei todos quantos puder matar... E sabe por que, mestre? Sabe por quê?

— Está transtornado, disse, baixinho, Trimalcião.

— Não, está dizendo o que sente, retrucou Pog. Pois bem, por que êsse ódio, filho? acrescentou.

— Porque, tornando-me órfão, fizeram com que eu caísse nas suas garras e você me transformasse no que sou...

Havia nas feições de Erebo algo que revelava um ódio tão implacável que Trimalcião disse ainda baixinho a Pog:

— Ilá sangue no olhar dêle!

Erebo, embora exasperado pelo odioso desprezo de Pog, não ousou vingar-se. Sentia-se dominado por um sentimento de gratidão involuntária pelo homem que o educara. E, desesperado, saiu do alojamento.

— Vai matar-se! gritou Trimalcião.

Pog sacudiu os ombros.

Alguns instantes depois, no meio do silêncio dos dois convivas, ouviu-se o ruído de remos que batiam a água.

— Está voltando para o xaveco, disse Trimalcião.

Sem lhe responder, Pog, saindo, encaminhou-se para a proa.

Era noite.

O vento estava um pouco menos violento. Os forçados dormiam nos bancos.

Só se ouviam os passos regulares dos cipaíes que caminhavam na coxia e nos corredores.

Pog, apoiado ao parapeito, olhava, calado, para o mar. Trimalcião, não obstante a alma corrompida, não obstante o cinismo e maldade, ficara impressionado com a cena.

Talvez nunca se tivesse a cruel monomania de Pog revelado sob luz mais medonha.

Trimalcião experimentava certo embaraço em iniciar a conversação com o silencioso companheiro. Finalmente, aproximando-se d'êle, após alguns momentos de hesitação, disse-lhe:

— O tempo parece belo, esta noite, mestre Pog.

— A sua observação é sensata, Trimalcião.

— Olhe, que vá para o diabo a vergonha! Não sabia como dizer-lhe... que o senhor é terrível, mestre Pog. Acabará deixando êsse pobre rapaz louco... Que diabo de prazer encontra em tormentar assim Erebo? Um belo dia êle o deixará.

— Se você não fôsse incapaz de me compreender, Trimalcião... eu lhe diria que o que experimento por êsse infeliz é estranho. Sim, é estranho, repetiu Pog, falando mais para si próprio. Às vêzes, sinto erguerem-se em mim, contra Erebo, furiosas cóleras... ressentimentos tão implacáveis, como se se tratasse do meu mais implacável inimigo. Outras, é uma indiferença de gelo... Outras, sinto por êle uma quase compaixão... diria até um afeto, se êste sentimento pudesse entrar, agora, em minha alma... Então... o som da sua voz... sim, sobretudo o som da sua voz... o seu olhar... desperta em mim recordações, oh, recordações de um tempo... que já não existe!

Proferindo as últimas palavras, Pog falou quase indistintamente.

Trimalcião sentiu-se quase comovido com o tom do cruel companheiro.

A voz de Pog, de ordinário sarcástica e dura, acabava de suavizar-se quase numa queixa.

Estupefato, Trimalcião aproximara-se de Pog para lhe falar. Mas recuou imediatamente, ao vê-lo de súbito erguer os punhos para o céu com ar de ameaça, e ouvindo-o dar um grito ao mesmo tempo tão doloroso, tão ameaçador, tão desesperado, que nada tinha de humano.

— Mestre Pog, que tem? Que tem? perguntou-lhe.

— Que tenho! gritou êle, quase delirando. Que tenho! Você não sabe que êsse homem que está na sua frente, que ruga de dor, que leva a crueldade até a loucura, que sonha apenas com sangue e chacina... foi abençoado por todos... foi amado por todos... porque era bom e generoso. Você não sabe, oh, não, você não sabe o mal que foi preciso fazer-lhe para o conduzir à cólera que o domina!

Trimalcião ia ficando cada vez mais assombrado com uma linguagem que tão singularmente contrastava com o caráter habitual de Pog.

Apesar da escuridão, tentava perscrutar a expressão da fisionomia do companheiro.

Após longo silêncio, ouviu ressoar o riso sêco e estri-dente do pirata.

— Eh, ch, eh! compadre, disse Pog com a ironia que lhe era habitual, há muita razão em dizer que de noite... os cães loucos ladram para a lua!... Compreendeu uma palavra de tôdas as tolices que proferi? Eu teria sido um ótimo ator, não acha, compadre?

— Não compreendi muito, lá isso é verdade, mestre Pog, a não ser que nem sempre foi o que é agora... Todos nós somos assim. Eu era bedel de colégio antes de ser pirata.

Pog, sem lhe responder, fez um gesto para lhe ordenar que se calasse. Depois, escutando com atenção para o lado do mar, disse:

— É um barco, se me não engano.

— Sem dúvida, disse Trimalcião.

Um dos homens de vigia no varandim, deu três gritos bem distintos, o primeiro separado dos outros dois por um grande intervalo. Os dois últimos, pelo contrário, aproximadíssimos um do outro.

O patrão do barco respondeu de maneira oposta, isto é, em primeiro lugar deu gritos precipitadíssimos, seguidos de outro mais prolongado.

— Sem dúvida, são homens do xaveco e o espião, disse Trimalcião.

Com efeito, o barco não tardou em encostar-se à pôpa da galera.

O espião subiu à coberta.

— Quais são as notícias de Hières? perguntou-lhe Pog.

— Más para Marselha, capitão. As galeras do Marquês de Brézé, vindas de Nápoles, ali ancoraram anteontem.

— Quem lho disse?

— Dois patrões de barca... Eu tinha entrado num albergue para pedir esmolas, quando os ouvi contar a novidade... alguns arrieiros provenientes do oeste tinham ouvido dizer a mesma coisa em Saint-Tropez.

— E na costa, que há de novo?

— Reina o alarme para o lado da Ciotat.

Pog fez um gesto com a mão, e o recém-chegado retirou-se.

— Que fazer, mestre Pog? perguntou Trimalcião. Em Marselha, só levaremos bala, uma vez que as galeras do Marquês de Brézé defendem o pôrto. Atacar o inimigo inoportunamente é fazer-lhe bem em lugar de mal. Nada podemos lucrar em Marselha.

— Nada, repetiu Pog.

— Nesse caso, a Ciotat nos estende os braços... É verdade que os porcos dos habitantes estão alertas, Sardanapalo! Que importa! Os passarinhos tremem quando vêem o falcão prestes a tombar sobre êles, mas o seu terror não torna menos afiadas as unhas e menos cortantes os bicos dos falcões! Que diz, mestre Pog?

— Para a Ciotat, amanhã ao pôr do sol, se o vento abrandar. Surpreenderemos aquela gente no meio de uma festa, e lhes mudaremos os gritos de alegria em gritos de terror e morte! disse Pog com voz surda.

— Sardanapalo!... Aquêles habitantes, ao que dizem, trazem oculta nos seus pardieiros a galinha dos ovos de ouro... Diz-se que o convento dos Mínimos está repleto de vinhos preciosos, sem contar que no Natal os rendeiros dos ricos indolentes lhes levam o dinheiro devido. Encontraremos os cofres bem munidos.

— Para a Ciotat, disse Pog. O vento pode mudar completamente. Vou voltar a bordo da *Galera Vermelha*. Ao primeiro sinal, imite a minha manobra.

— Combinado, mestre Pog, respondeu Trimalcião.

Enquanto os piratas, ocultos naquela enseada solitária, se preparam para atacar os habitantes da Ciotat, nós regressaremos ao cabo da Águia, onde deixamos o vigia ocupado em organizar a defesa da costa.

CAPÍTULO XXVII

H a d j i

CHEGARA finalmente o Natal.

Apesar de o terror dos piratas ter mantido a cidade e a costa em estado de alerta, havia vários dias, todos começavam a tranquilizar-se.

O vendaval da tramontana durara tão longo tempo, e fôra tão violento, que não era possível supor que barcos piratas tivessem podido fazer-se ao mar com semelhante tempo, e muito menos que tivessem ousado abrigar-se numa enseada do litoral, como na realidade tinham feito as galeras de Pog e Trimalcião.

Aquela segurança seria fatal aos habitantes.

Seriam necessárias pelo menos quarenta horas para que a galera do comendador pudesse atingir o cabo Corso na Ciotat, a tempestade só havia amainado na véspera, e Pedro des Anbiez só pudera zarpar na manhã do Natal.

Pelo contrário, as galeras dos piratas chegariam à Ciotat em apenas três horas, não distando a ilha de Port-Cros, em que se haviam refugiado, mais do que aproximadamente seis léguas.

Mas, repetimo-lo, os temores tinham quase desaparecido na costa. Aliás, todos contavam com a solicitude muito bem conhecida do vigia.

Em caso de perigo, ele deveria dar o alarme. Estavam estabelecidos dois sinais de correspondência com a cabana do cabo da Águia, um na ponta oposta da baía, outro no terraço da Casa-Forte.

Ao menor sinal, todos os homens da Ciotat, capazes de empunhar armas, se reuniriam na casa da comunidade, a fim de ali receber as ordens dos cônsules e correr à defesa do ponto atacado.

À entrada do porto fôra colocada uma estacada, e vários barcos de pesca armados se achavam a pequena distância dela.

Finalmente, dois patrões de chalupa, ocupados desde o raiar do dia em explorar as redondezas, ao regressarem tinham contribuído para o aumento de segurança geral, anunciando que não se via vela nenhuma por três ou quatro léguas no mar.

Eram quase duas horas da tarde.

Um vento de leste, assaz irritante, substituiu a impetuosa tramontana dos dias precedentes.

O céu era puro, o sol vivo como sol de inverno, o mar tranqüilo.

Um menino, trazendo à cabeça um cêsto, começava a escalar, cantando, os escarpados rochedos que conduziam à cabana do vigia.

De repente, ouvindo o ladrar quexoso de um cão, deteve-se, olhou em volta com curiosidade, não viu nada e continuou o caminho.

Os latidos repetiram-se de novo, e pareciam, dessa vez, mais próximos e dolorosos.

Raimundo V, na véspera, caçara por aquêles lados. Julgando que um dos cães do barão tivesse caído num buraco, o menino pôs o cêsto no chão, trepou por um grande rochedo que se debruçava sobre o atalho, e ficou a ouvir com atenção.

Os latidos afastaram-se um pouco, embora, assim fazendo, parecessem ainda mais quexosos.

O menino não hesitou mais: para fazer uma coisa agradável a um nobre e merecer uma boa recompensa, pôs-se ardorosamente a procurar o pobre animal e em breve desapareceu no meio das pedras amontoadas.

O cão parecia às vêzes aproximar-se, outras afastar-se. Finalmente, os latidos cessaram.

O menino saíra do atalho, e enquanto êle ouvia, chamava, gritava e assobiava, Hadji, o cigano, surgiu de trás de um rochedo.

Graças à sua habilidade, fôra êle que imitara os latidos do cão, a fim de fazer com que o menino se afastasse do cêsto. Havia três dias que Hadji perambulava naquela solidão. Não ousando reaparecer na Casa-Forte, aguardava de um dia para outro a chegada dos piratas prevenidos pela sua segunda mensagem.

Sabendo que tôdas as manhãs eram levadas provisões a Peyrou, Hadji, que estava de espreita havia horas, valera-se do estratagemma que descrevemos, para levar o portador a se afastar do cêsto.

O cigano abriu o cêsto cuidadosamente guarnecido por Laramée, pegou uma garrafa recoberta de palha e nela derramou um pouquinho de pó branco, poderoso narcótico cujos efeitos já tinham sido experimentados pelo digno Luquin Trinquetaille.

O cigano, havia dois dias, vivera exclusivamente das pouquíssimas provisões que trouxera da Casa-Forte. Temendo despertar suspeitas, teve, no entanto, a coragem de não tocar as apetitosas iguarias destinadas ao vigia.

Recolocando a garrafa no mesmo lugar, desapareceu.

O menino, após ter inútilmente procurado o cão, voltou a buscar o cêsto, e, finalmente, chegou ao tôpo do promontório.

Mestre Peyrou passava por ser um ente misterioso, tão formidável, que o rapazinho não ousou proferir uma palavra sequer sôbre os latidos do cão. Deixando o cêsto na última pedra do atalho, desceu imediatamente, após dizer com voz trêmula e segurando o gorro com ambas as mãos:

— Que Deus o guarde, mestre Peyrou!

O vigia sorriu do terror daquela criança, levantou-se do banco e foi buscar o cêsto.

As provisões mostravam que o Natal havia chegado.

Em primeiro lugar havia um peru assado, iguaria obrigatória para a solenidade; depois, peixe frio, bolos de mel e azeite, e um cacho de uvas e de frutas secas, à guisa de *calênos*. Finalmente, dois pães brancos de crosta dourada, e uma garrafa contendo pelo menos duas pintas do mais generoso vinho da Borgonha, da adega de Raimundo V.

O bom vigia, por mais solitário e filósofo que fôsse, não ficou insensível à vista de tão excelentes bocados.

Entrando na cabana, pegou a mesinha, colocou-a diante da porta, e nela dispôs os preparativos da sua festa natalina.

No entanto, uma idéa melancólica o entristeceu.

Pelas nuvens de fumaça desusadas que encimavam a cidade da Ciotat, via-se que os habitantes, pobres ou ricos, faziam alegres preparativos para reunir à mesa a família e os amigos. O vigia suspirou pensando na espécie de exílio que a si próprio impusera. Já velho, sem parentes, sem amigos, morreria naquele rochedo no meio da maior solidão.

Outra coisa também o entristecia. Em vão esperara assinalar no horizonte a chegada da galera do comendador. Sabia com que alegria Raimundo V abraçaria os dois irmãos, e sabia também que a tristeza de Pedro des Anbiez só encontrava alívio e consôlo no meio dos doces prazeres da família.

Enfim, outra razão não menos importante fazia ainda que o vigia desejasse ardentemente o regresso do comendador.

Era, havia vinte anos, depositário de um terrível segredo e de documentos que diziam respeito ao segredo. A sua vida retirada, a sua fidelidade a toda prova eram garantias para a segurança do que lhe fôra confiado. Mas desejava rogar ao comendador que o livrasse de tão grave responsabilidade e dela incumbisse Raimundo V.

Com efeito, poderia morrer de morte violenta. A cena vivida com o cigano provava a que perigos se achava exposto em lugar tão isolado.

Tôdas aquelas razões o levavam a desejar ardentemente a chegada da galera negra.

Uma última vez, antes de se pôr à mesa, examinou atentamente o horizonte.

O sol começava a descer. O vigia, embora nada lo-grasse ver ao longe, não perdia a esperança de perceber a galera antes do fim do dia.

A fim de poder assinalá-la mais depressa, resolvera jantar fora.

A vista de uma excelente refeição desanuviou-lhe um pouco a testa.

Começou por se aproximar do frasco de vinho da Borgonha. Após sorver vários goles, enxugou os lábios com as costas da mão, dizendo o provérbio provençal: *A Tousan tou vin es san* (No dia de Todos os Santos, todo vinho é são).

— Raimundo V não se esqueceu do seu juiz, acrescentou, sorrindo.

E pegou o peru.

— Vamos, vamos... Para homem velho, vinho velho. Já me sinto mais alegre, e as minhas esperanças de ver a galera do comendador se tornam uma certeza...

Naquele momento, percebeu um silvo no ar, um dos galhos do velho pinheiro estalou, e *Brilhante*, com um voo pesado, pousou no teto de pedra da cabana. Depois, do teto veio ao chão.

— Ah, ah, *Brilhante*! disse o vigia. Vem participar do calênos do Natal? Pegue! acrescentou, dando-lhe um pedaço de peru, que a águia recusou.

— Ah, sua fera, você não desprezaria êsse pedaço, se estivesse sangrando! Quer comer disto aqui? Não? Ah, não achará todos os dias iguaria como a pomba do maldito cigano. Nunca me esquecerei do serviço que você me prestou, minha corajosa ave, embora o seu gosto pelas carnes sangrentas tenha contribuído enormemente para a bela ação que você praticou... Não importa, *Brilhante*, não importa! É ingratidão rebuscar os motivos de um procedimento do qual nos valemos; eu deveria ter tratado de oferecer-lhe um bom pedaço de carneiro para você festejar o seu Natal... Mas amanhã não falharei... Para você comba para bom número de homens o que faz a festa é o banquete... e não é o santo que glorifica...

Mestre Peyrou terminou de comer, falando ao mesmo tempo com *Brilhante*, e esvaziando a garrafa do barão.

O crepúsculo começava a envolver a cidade.

O vigia vestiu o gabão, acendeu o cachimbo e pôs-se a contemplar a aproximação daquela linda noite de inverno, com uma espécie de beatífico recolhimento.

Apesar da noite que se avizinhava, mais uma vez examinou o horizonte com o óculo, e nada descobriu.

Acabara de virar maquinalmente a cabeça para o lado da Casa-Forte, pensando que a esperança de ver chegar o comendador ainda não estava inteiramente perdida, quando notou com espanto uma tropa de soldados comandados por dois homens a cavalo, avançando a toda pressa para a habitação de Raimundo V.

Pegou a luneta. Apesar das sombras que começavam a adensar-se, reconheceu o escrivão Isnard montado na mula branca, acompanhando um cavaleiro, que pelo traje era evidentemente um capitão.

— Que significa isso? gritou o vigia, lembrando-se com espanto da animosidade de mestre Isnard. Irão prender o Barão des Anbiez, em virtude de uma ordem de monsenhor o Marechal de Vitry?... Ah, creio que sim, infeliz-

mente, e o que mais ainda creio... é que o barão há de resistir... Meu Deus, que sucedrá?... Que triste Natal, se se realizar o que temo!

Inquieto, continuava de olhos fitos na praia, embora a noite já lhe não permitisse distinguir mais nada.

Dali a pouco, ergueu-se a lua brilhante e pura, inundando com a sua viva claridade os rochedos, a baía, a praia e a Casa-Forte.

Ao longe, mergulhada na névoa, a cidade, cuja massa sombria e vaporosa formigava, cá e lá, de pontos luminosos, desenhava a negra silhueta dos seus telhados agudos e dos seus campanários no pálido azul do céu.

O mar, tranqüilo, assemelhava-se a um lago manso... Mal se ouvia o surdo murmúrio das vagas adormecidas. Um azul mais escuro marcava a imensa linha do horizonte.

O vigia olhava com ansiedade as janelas da Casa-Forte, todas iluminadas.

Pouco a pouco, no entanto, as pálpebras se lhe foram tornando pesadas.

Atribuindo aquilo ao vinho de que, aliás, somente se servira com sobriedade, levantou-se e caminhou de um lado a outro.

Não deixou, contudo, de sentir que o cansaço se apoderava d'ele.

A vista se lhe turvou... e elle foi obrigado a sentar-se no banco.

Durante alguns minutos, lutou enèrgicamente contra o torpor que o invadia.

Finalmente, embora a razão começasse a partilhar também daquele torpor geral, teve a presença de espirito de ir à cabana, e de mergulhar a cabeça numa bacia de água quase gelada.

A imersão devolveu-lhe, por alguns segundos, o uso dos sentidos.

— Infelizmente! Que fiz eu? gritou. Embriaguei-me...

Deu alguns passos, mas teve de sentar-se outra vez.

O narcótico agiu de novo... Encostado à parede da cabana, o vigia conservou, infelizmente, bastante percepção para testemunhar um espetáculo que o fez pensar que morreria de raiva e desespero.

Duas galeras e um xaveco apareceram na ponta oriental da baía, ponta que Peyrou enxergava das alturas do cabo da Água.

Os barcos dobraram o promontório com vagar e precaução.

Com um derradeiro e violento esforço, o vigia pôs-se de pé, gritando:

— Os piratas!

Deu um passo em direção ao forno em que se amontoava o combustível prestes a arder. No momento em que o tocava, tombou, sem sentidos.

O cigano, que lhe acompanhara todos os movimentos, surgiu então na entrada do atalho da esplanada e avançou com a maior circunspecção.

Deteve-se, prestou atenção e só ouviu a respiração oprimida do vigia.

Certo do efeito do narcótico, aproximou-se de Peyrou, abaixou-se, tocou-lhe as mãos, a testa, e encontrou-as geladas.

— A dose foi forte, disse consigo próprio, talvez até demasiadamente forte... Tanto pior, pois não pretendia matá-lo.

Rumando para a beirada do precipício, viu ao longe, muito distintamente, os três barcos piratas.

Após velejarem lentamente de medo de serem descobertos, remavam para atingir a entrada do porto, onde o cigano se reuniria a eles.

A vista exercitada de Hadji reconheceu, na frente das duas galeras, certos pontos luminosos, que nada mais eram do que archotes incendiários, destinados a atear fogo à cidade e aos barcos pescadores.

— Por Éblis, vão defumar esta gente como rapôsas na toca... Já era tempo que este velho adormecesse, talvez para sempre... Mas visitemos a cabana... Resta-me tempo para descer; daqui a pouco estarei na praia para me apoderar de uma barca e reunir-me a mestre Pog, que me aguarda antes de iniciar o ataque. Entremos. Dizem que o velho oculta aqui um tesouro.

No vestíbulo, Hadji pegou um tição e com êle acendeu uma lâmpada.

O primeiro objeto que lhe feriu a vista foi um baú de ébano, colocado perto do leito do vigia.

— Eis um móvel bastante rico para um solitário como este...

Não encontrando a chave, pegou o machado, despedaçou a fechadura, abriu os dois batentes... As prateleiras estavam vazias...

— Não é natural, disse êle, encerrar coisa nenhuma com tamanha precaução. O tempo urge, e esta chave me abrirá tudo...

Empunhou de novo o machado e, num instante, o móvel foi despedaçado.

Surgiu, então, um fundo duplo.

O cigano deu um grito de alegria percebendo o cofre-zinho de prata cinzelada de que já falamos, e no qual se via uma cruz de Malta.

O cofre, bastante pesado, era fechado sem dúvida mediante um segredo, pois não se via chave nem fechadura.

— Arranjei uma boa parte da presa. Agora, vamos ajudar mestre Pog a apoderar-se da sua... Ah, ah! acrescentou, rindo diabôlicamente, e apontando para a baía e a cidade ainda mergulhadas na mais profunda calma, daqui a pouco Eblis sacudirá as asas de fogo... O céu pegará fogo e as águas se transformarão em sangue...

Depois, como última precaução, esvaziou uma jarra de água no forno dos sinais, e desceu apressadamente para reunir-se aos barcos piratas.

CAPÍTULO XXVIII

O Natal

NA CIOTAT, festejava-se tranqüilamente o Natal, não imaginando ninguém as desgraças que se aproximavam.

Não obstante as inquietações causadas pelos avisos do vigia, não obstante os alarmes causados pelo terror aos piratas, em tôdas as casas, pobres ou ricas, haviam sido feitos os preparativos da festa patriarcal.

Falamos do magnífico presépio preparado havia tempo em virtude dos cuidados de Dulcelina.

Estava, finalmente, pronto e colocado na sala de honra da Casa-Forte.

Acabava de soar meia-noite. A despenseira aguardava com impaciência o regresso de Raimundo V, de sua filha, de Honorato de Berrol e de alguns parentes ou hóspedes que o barão havia convidado para a cerimônia.

Tinham ido todos à Ciotat, para assistirem à missa da meia-noite.

O Padre Mascarolus celebrara a missa na capela do castelo, para as pessoas que nêle tinham permanecido.

Conduziremos o leitor à sala de honra, que ocupava dois terços da longa galeria de comunicação das duas alas do castelo.

Abria-se apenas em ocasiões solenes.

Um esplêndido tecido de sêda vermelha damascada cobria-lhe as paredes. Na falta de flores que a estação tornava rariíssimas, grandes feixes de ramos verdes, dispostos em caixas, ocultavam quase inteiramente as dez grandes janelas curvas da enorme sala.

Numa das suas extremidades, erguia-se uma chaminé de granito grosseiramente esculpida e de dez pés de altura.

Apesar do frio, não havia fogo na lareira, mas um enorme monte composto de ramos de vinha, de faia, de oliveira, de bolotas de pinheiro, só aguardava a formalidade usual para lançar no salão ondas de luz e calor.

Dois pinheiros de longos ramos verdes ornados de fitas, de laranjas e de uvas, haviam sido colocados em caixas de cada lado da chaminé, e formavam um verdadeiro bosque de folhas verdes.

Dez lustres de cobre iluminados por velas amarelas dissipavam a custo as trevas da enorme peça.

Na outra extremidade, diante da chaminé, erguia-se um dossel aproximadamente semelhante ao dossel de um leito com cortinaes, debruns e epitogas de damasco vermelho.

Com as longas pregas cobria cinco degraus de madeira protegidos por um tapête turco.

Em geral, a poltrona armoriada de Raimundo V achava-se sobre aquela elevação.

Nesse lugar é que tronejava o velho gentil-homem, nas raras ocasiões em que distribuía a alta e baixa justiça senhorial.

No dia de Natal, como já dissemos, o presépio do menino Jesus ocupava o lugar de honra.

Uma mesa de carvalho, recoberta de riquíssima toalha oriental, guarnecia o meio da galeria.

Sobre a mesa, via-se um cofre de ébano ricamente esculpido e armoriado. Continha o *livro de razão*, espécie de arquivo, no qual se inscreviam os nascimentos dos membros da família, e os fatos importantes sucedidos em cada casa.

Poltronas e bancos de carvalho esculpidos, de pés reforçados, completavam a mobília da galeria, à qual a amplitude e a severa nudez imprimiam um caráter imponente.

Dulcelina e o Padre Mascarolus acabavam de dar os derradeiros retoques no presépio colocado sob o dossel.

Aquela maravilha era um quadro em relêvo, de aproximadamente três pés quadrados de base por três pés de altura.

A fiel representação do estábulo em que nasceu o Salvador teria demasiadamente limitado a composição poética do bom padre.

Em vez de se passar num estábulo, a piedosa cena passava-se sob uma espécie de arcada sustentada por duas colunas semi-arruinadas; dos interstícios das pedras (verdadeiras pedrinhas tenras, artisticamente talhadas), se escapavam longas grinaldas de folhas parietárias também naturais.

Uma nuvem de cêra branca parecia envolver a parte superior da arcada. Cinco ou seis querubins de uma polegada de altura, modelados em cêra pintada de côr natural e trazendo asas azuis feitas de penas de colibris, achavam-se, cá e lá, colocados na nuvem e mantinham suspensa uma bandeirola de sêda branca, no meio da qual brilhavam estas palavras, bordadas em letras de ouro: *Gloria in excelsis*.

As colunas da arcada repousavam numa espécie de tapete de musgo com aparência de veludo verde; na frente, via-se o berço do Salvador do mundo, verdadeiro berço em miniatura, recoberto das mais preciosas rendas. Repousava nêlo o menino Jesus.

Ajoelhada pertinho, a Virgem Maria inclinava-se sôbre êle; o véu branco da rainha dos anjos tombava-lhe até os pés e ocultava-lhe pela metade a túnica de sêda azul.

O cordeiro pascal, com as quatro patas prêsas por uma fita côr-de-rosa, estava deitado ao pé do berço; atrás, o boi acorçado avançava a pesada cabeça e com os seus olhos de esmalte parecia contemplar o Menino Jesus.

O burro, em plano mais recuado, e semi-oculto pela arcada, atrás da qual se achava, também mostrava a cabeça bondosa.

O cão parecia andar de rastos perto do berço, durante a adoração dos pastôres vestidos de pano grosseiro, e dos reis magos trazendo luxuosas vestes de brocatel.

Uma quádrupla fileira de pequeninas velas de cêra côr-de-rosa perfumadas ardia em volta do presépio.

Fôra preciso imenso trabalho, além de inúmeros recursos de imaginação, para se chegar a uma perfeição daquele gênero. O burro, em relêvo, de seis polegadas de altura, estava recoberto de pêlo de rato que lhe imitava às mil maravilhas a pele natural.

O boi, prêto e branco, devia o seu pêlo a um porco da Índia daquela côr, e os seus chifres negros, curtos e lustrosos às pinças arredondadas de um enorme escaravelho.

As vestes dos reis magos revelavam um trabalho e uma paciência de fada; os seus longos cabelos brancos eram cabelos verdadeiros de que Dulcelina se privara.

Quanto aos querubins, ao Menino Jesus e aos outros atores da piedosa cena, haviam sido comprados em Marselha na loja especializada sempre maravilhosamente sortida.

Sem dúvida, nem tudo era arte naquilo, mas havia naquele pequeno monumento de laboriosa e ingênua piedade algo de simples, de comovente, como a cena divina que se havia tentado reproduzir com tão religiosa consciência.

O bom sacerdote e Dulcelina, após acenderem as últimas velas que rodeavam o presépio, ficaram um pouco a admirar a obra.

— Nunca, senhor padre, disse Dulcelina, tivemos um presépio tão lindo na Casa-Forte.

— É verdade, senhora, a representação dos animais se aproxima do natural na medida em que é dado ao homem aproximar-se das maravilhas da criação.

— Ah, senhor padre, por que foi aquêle descrente, aquêle maldito cigano, que dizem ser emissário dos piratas, que nos revelou o segredo de fazer olhos de vidro aos animais?

— Que importa, senhora. Talvez um dia o descrente conheça a verdade eterna. O Senhor emprega todos os braços na construção do seu templo.

— Diga-me, senhor padre, por que se coloca o presépio sob o dossel, na sala de honra? Há quarenta anos que faço presépios na Casa-Forte dos Anbiez; minha mãe os fez para Raimundo IV, pai de Raimundo V, durante outros tantos anos... Pois bem! Nunca lhe perguntei nem nunca perguntei a mim própria porque era escolhida preferivelmente a sala do dossel para a exposição.

— Ah, senhora, é porque sempre há no fundo dos nossos velhos costumes religiosos algo de consolador para os pequenos, para os fracos e para os sofredores... e também algo de imponente como um ensinamento para os felizes, para os ricos e para os poderosos do mundo... Este presépio, por exemplo, é o símbolo do nascimento do divino Salvador... É o pobre filho de um pobre artesão, e, no entanto, um dia, estará tão acima dos mais poderosos do mundo como o céu está acima da terra... Bem vê a senhora que no aniversário da redenção, o presépio rústico e pobre do menino Salvador toma o lugar de honra no salão cerimonial do barão.

— Ah, compreendo, senhor padre, coloca-se o menino Jesus no lugar do barão, para mostrar que os senhores devem inclinar-se diante do Salvador?

— Sem dúvida, senhora. Prestando a Deus essa homenagem do símbolo do seu poder, o barão prega o exemplo da comunhão e da igualdade dos homens diante do Supremo.

Dulcelina ficou, por instante, pensativa. Satisfeita com tal explicação, recorreu de novo ao padre para uma questão que lhe pareceu mais difícil de resolver.

— Senhor padre, prosseguiu, embaraçada, diz o senhor que no fundo de todo velho costume há sempre um ensinamento... Haverá ensinamento, no Domingo de Ramos, em deixar que as crianças encontradas corram pelas ruas de Marselha¹ com ramos de loureiro ornados de frutos? Olhe, no ano passado, no Domingo de Ramos, coro ainda quando me lembro, senhor padre, estava eu passeando no canhamelral em companhia de mestre Talebard-Talebardon, o cônsul, naquela época ainda não inimigo declarado de monsenhor. De repente, um dos infelizes encontrados pára na minha frente e na frente do cônsul, e diz-nos, com voz doce, beijando-nos a mão: "Bom dia, mamãe! Bom dia, papai!" Por Santa Dulcelina, minha padroeira, senhor padre, fiquei vermelha de vergonha! Mestre Talebard-Talebardon também... Por respeito, não repetirei os pesados gracejos que mestre Laramée, o qual nos acompanha, se permitiu no tocante a mim, a propósito da impudente intromissão do pequenino enjeitado. Laramée não sabe o que é vergonha. Repelindo, horrorizada, o menino, belisquei-lhe o braço e disse-lhe: "Não quer calar a boca, seu bastardozinho?" O menino compreendeu o erro, pôs-se a chorar, e, queixando-me eu de tão insultante ousadia com um grave cidadão, eis o que me respondeu êle: "Minha senhora, é este o costume aqui; os meninos enjeitados têm o privilégio, no Domingo de Ramos, de percorrer as ruas e dizer *meu pai e minha mãe* a quantos se lhes deparam pelas ruas.

— É realmente o costume, senhora, disse o padre.

— É o costume, senhor padre, vá lá! Mas não é, também, bastante impertinente? Permitir a uns infelizes sem pai e sem mãe que nos chamem de *minha mãe*, a nós que preferimos o celibato às inquietações da família... Qual é a moralidade dêsse costume, senhor padre? Por mais que o estude, só vejo nêlo um costume tremendamente insultante.

— Engana-se, senhora, retrucou o Padre Mascarolus. Esse costume é digno de respeito, e a senhora não procedeu bem, repreendendo o pobrezinho...

— Não procedi bem? Pois então, o malandrinho chama-me de mãe, e eu devo permiti-lo? Como, graças a tal costume...

1. Villeneuve: "Estatística das Bôcas do Ródano"; Marchetti: "Costumes marseheses". Ver os mesmos autores para o resto do capítulo.

— Graças ao costume, graças ao privilégio que têm os coitadinhos de poderem dizer uma vez por ano *Meu pai, minha mãe* a todos os que se lhes deparam, de poderem proferir tão doces palavras pelo menos uma vez! Quantos não há, infelizmente, e já os vi, que proferem essas palavras abençoadas, com lágrimas nos olhos, certos de que, passado o dia, nunca mais poderão repeti-las. As vêzes, minha senhora, alguns forasteiros, comovidos com tamanha inocência e desventura, ou impressionados com tão carinhosas palavras, adotam alguns dos pobres enjeitados; outros lhes dão grandes esmolos. Bem vê, senhora, que o costume tem também o seu lado útil, a sua significação piedosa.

A velha despenseira abaixou os olhos, calada. Depois, respondeu ao bom capelão:

— O senhor é muito inteligente, senhor padre, e tem razão. Eis aí o que é saber! Agora, arrependo-me de ter maltratado o coitadinho. No próximo Domingo de Ramos, não deixarei de levar algumas medidas de bom tecido, de bom linho, e dessa vez, prometo-lho, não serei madrastra com o primeiro dos meninos que me chame de mãe! Mas se aquêlê beberão de Laramée disser um gracejo a meu respeito, tão certo como tem dois olhos, saberei provar-lhe que tenho unhas.

— Será uma prova excessiva, senhora. Mas visto que monsenhor ainda não chegou, e que estamos falando dos costumes da nossa boa e velha Provença, e da sua utilidade para os pobres, diga-me, que observou no dia de São Lázaro, no *Branle de Saint-Elme*?

— Que pretende que eu lhe diga, senhor padre. Agora já desconfio de mim própria. Antes da sua explicação, amaldiçoava o uso do Domingo de Ramos; agora, respeito-o.

— Não faz mal, senhora! Diga, todo pecado de ignorância é excusável... Segundo o seu parecer, qual é o objectivo do *Branle de Saint-Elme*?

— Olhe, senhor padre, eu nada compreendo. Pergunto-me de que serve, no dia da festa de Sant'Elmo, mandar vestir, à custa da cidade ou da comuna, todos os moços e moças pobres da maneira mais luxuosa possível? Não é tudo, não contente com isso, a mocidade vai de casa em casa, quer na dos ricos burgueses, quer na dos senhores, pedir emprestado, esta um colar de ouro, aquela brincos de diamante, esta outra um cinto com labores de ourivesaria, aquela outra um cordão de chapéu, feito de pedras pre-

2. Dança de Sant'Elmo. Usos de Marselha por M. de Ruffi. Esse uso conservou-se até o começo do século XVIII.

ciosas, ou um cinturão de malhas de ouro. Pois bem, a meu ver (a não ser que eu mude daqui a pouco), senhor padre, é um erro emprestar tão ricos adornos a artesãos, artesãos ou a pobres que, de seu, nada possuem.

— Por quê? Desde que aqui se festeja o dia de São Lázaro, minha senhora, já ouviu, por acaso, dizer que se tenha perdido ou tenha sido furtado um desses preciosos objetos?

— Meu Deus do céu, nunca! Nem aqui, nem em Marselha, nem em toda a Provença. Graças a Deus, essa mocidade é honrada, afinal! No ano passado, a Srta. Reine emprestou o seu cordão de Veneza, que vale, ao que afirma Estefaninha, mais de mil escudos. No entanto, Thérèse, a filha do marceneiro de Pointe-aux-Cailles, que usou o finíssimo objeto durante toda a festa, voltou a trazê-lo muito antes do pôr do sol, embora tivesse recebido a permissão de retê-lo até a noite. Para a mesma festa de São Lázaro, monsenhor emprestou a Pedro, o pescador da Casa-Forte, a sua bela corrente de ouro e o seu medalhão encrustado de rubis, que o Sr. Laramée limpa, como o senhor lhe ordenou, com suco de uva.

— É verdade. E se fôr possível acrescentar ao suco uma lágrima de cervo morto na época da caça, minha senhora, os rubis brilharão como chispas de fogo...

— Pois bem, senhor padre, também Pedro devolveu fielmente a preciosa corrente, e antes da hora fixada. Mais uma vez, digo que essa gente é honrada, não há dúvida, mas não vejo que utilidade há em arriscar a perder, não por furto, mas por acaso, lindas jóias, com o fito de ver, pelas ruas e estradas, desfilar as farândulas de moços, ao som dos tamborins, das castanholas e das flautinhas, tocando *oubados* e *bedocheos* de ensurdecer³.

— Ah, minha senhora, disse Mascarolus, sorrindo docemente, ainda acabará reconhecendo que errou não vendo em tal uso nem ensinamento, nem utilidade. Quando a Srta. Reine emprestou a Thérèse, a pobre filha do marceneiro de monsenhor, um precioso adorno, digno da esposa de um barão, demonstrou-lhe cega confiança. Ora, senhora, a confiança aumenta a honradez e expulsa a deslealdade. Não é tudo: permitindo que a moça desfrutasse por um dia do adorno, a nossa jovem ama, ao mesmo tempo que lhe mostrou o prazer, mostrou-lhe também o nada desse objeto; ademais, não estando proibido aos pobres o gozo de tais preciosidades, eles não os invejam. Finalmente, o uso mantém, entre os ricos e os pobres, valiosas

3. Os *oubados* e *bedocheos*, melodias nacionais. Ver Marchetti.

relações, baseadas na probidade, na confiança, numa comovedora comunidade... Que pensa agora do *Branle de Saint-Elme*, senhora?

— Penso, senhor capelão, que só possuo uma cruz e uma corrente de ouro, mas que na primeira festa de São Lázaro os emprestarei de boa vontade à jovem Madalena, a melhor ajudante da minha rouparia, pois, tôda vez que tiro a cruz da caixa em que sempre a guardo, a pobre moça a devora com os olhos; tenho certeza de que endoidecerá de alegria... Mas, senhor padre, como sou tonta! Trouxe azeite virgem para encher as duas lâmpadas do *calênos*, que a senhorita deverá acender, e acabei por me esquecer delas!

— A propósito, senhora, não se esqueça também de encher de azeite o bocal em que pus em infusão êstes dois belos cachos de uvas. Quero ver se a experiência citada por de Mauconys tem êxito.

— Que experiência, senhor padre?

— O douto viajante pretende que, deixando-se durante sete mscs, num bocal de azeite virgem, cachos de uvas colhidos no dia quinze de setembro, o azeite adquire tal propriedade que, ardendo o azeite numa lâmpada e lançando a sua claridade numa parede ou num soalho, percebem-se nêles milhares de cachos de uvas⁴ de côr verdadeira, mas falaz com os objetos pintados em vidro.

Dulcelina ia dar vazão ao assombro, perante o bom e crédulo sacerdote, quando ouviu no pátio ruído de carruagens e cavalos, o que anunciava o regresso de Raimundo V.

Assim, desapareceu imediatamente.

Abri-se uma porta.

Raimundo V entrara na galeria com vários gentis-homens e várias espôsas de parentes e amigos, que haviam assistido à missa da meia-noite na igreja paroquial da Ciotat.

Raimundo V e os demais cavalheiros usavam traje de gala. As damas apresentavam-se da melhor maneira possível, em virtude da necessidade em que se tinham visto, quase tôdas, de vir e voltar a cavalo com os maridos, sendo extremamente raras as carruagens.

Embora a fisionomia de Raimundo V fôsse sempre alegre e cordial, quando acolhia hóspedes na Casa-Forte, de vez em quando lhe velava as feições uma expressão de tristeza: perdera tôda esperança de ver os irmãos assistir à festa de família.

4. Viagem de Mauconys já citada.

Os hóspedes do barão foram admirar o presépio de Dulcelina, e o capelão recebeu os elogios do grupo com modéstia e reconhecimento.

Honorato de Berrol parecia mais melancólico do que nunca.

Reine, pelo contrário, por sentir a necessidade de lhe fazer esquecer, à força de amizade, a recusa do amor, olhava-o com afetuosa ternura.

Contudo, sofria mortal embaraço. Ainda não comunicara ao barão a sua determinação de não mais casar-se com Honorato. Obtivera apenas do pai licença para que o noivado se prolongasse até o regresso do comendador e do Padre Elzear, que, segundo as últimas cartas, deviam chegar de um instante a outro.

Não se poupavam, portanto, elogios ao presépio, quando o barão, aproximando-se do grupo, disse aos convidados:

— Parece-me, senhoras, que fariamos bem em começar o *cachofué*⁵. Esta sala é úmida e fria e o fogo só pede para crepitar!

— Sim, sim, o *cachofué*, senhor barão! gritaram, alegremente, as damas. O senhor é ator na cerimônia; portanto, tudo depende do senhor.

— Ai de mim, amigos, esperei que esta cerimônia de nossos pais fôsse mais completa, e que meu irmão, o comendador, me trouxesse o excelente Elzear. Mas deixemos de pensar nisso... ao menos por esta noite.

— Permita Deus que o comendador chegue daqui a pouco com a sua galera negra, disse uma das convidadas. Os malditos piratas que tanto tememos, sabendo-o no pôrto, não ousariam nenhuma incursão.

— Para o diabo os piratas, minha prima! exclamou alegremente Raimundo V. O vigia espreita-os do alto do cabo da Águia, e, ao seu primeiro sinal, tôda a costa correrá às armas. O pôrto da Ciotat está devidamente defendido; os burgueses e os pescadores festejam o Natal, não há dúvida, mas não deixam de olhar constantemente para os mosquetes. Os meus canhões e falconetes estão prontos a disparar contra a passagem do pôrto, se os bandidos do mar ousarem mostrar-se, diabo! Meus caros convidados, se eu tivesse obedecido ao Marechal de Vitry, a esta hora a minha casa estaria desarmada e incapacitada de auxiliar a cidade.

5. Fogo oculto. Chama-se assim a cerimônia que consiste em trazer uma acha de lenha de Natal e acendê-la tôdas as noites até o Ano Novo; acende-se e apaga-se, para durar o tempo necessário.

O senhor procedeu certamente, senhor barão, disse o Sr. Signerol. Agora o exemplo foi dado, e o marechal deixará de envolver-se nos nossos negócios.

É o que espero! Sem isso, nós nos envolveríamos nos dele, disse o barão. Mas onde se acha o meu jovem compadre do *cachofué*? acrescentou; sou o mais velho, e preciso do mais jovem para ir procurar o *calignaou*⁶.

Eis aqui o bom menino, meu pai, disse Reine, trazendo um esplêndido menino de cerca de seis anos de idade, grandes olhos azuis, faces rosadas, e que sua mãe, prima do barão, contemplava com orgulho mesclado de medo, por recear que ele não se lembrassem do papel bastante complicado que devia representar na patriarcal cerimônia.

-- Sabe exatamente o que deve fazer, meu pequeno César? perguntou-lhe Raimundo V, abaixando-se.

-- Sim, sim, monsenhor. No ano passado, em casa de vovô, também trouxe o *calignaou*, respondeu o menino com jeito de homenzinho capaz e resoluto.

-- O *pintarroxo* será um dia *gavião*, garanto-lhe, minha prima, disse Raimundo V, encantado com a segurança do compadre.

Pegou-o pela mão, e, seguido dos convidados, desceu à porta da Casa-Forte que se abria para o pátio interno, a fim de iniciar a cerimônia do *cachofué*.

Todos os moradores do castelo, lavradores, caseiros, vinhateiros, pescadores, criados, mulheres, crianças e velhos, estavam reunidos no pátio.

Apesar do esplendor da luz da lua, grande número de archotes de madeira resinosa presos a varas iluminavam a casa e tôdas as dependências da Casa-Forte.

No meio do pátio, amontoavam-se os combustíveis necessários a uma gigantesca fogueira a que se atearia fogo no mesmo instante em que seria aceso o *cachofué* na sala de honra.

Surgiu Raimundo V. Quatro lacaios de libré, trazendo archotes de cera branca, precediam-no.

Seguiam-no a família e os convidados.

A chegada do barão, ouviram-se gritos de *Viva Monsenhor!*

Fora da porta, estava deitada no chão uma oliveira com o seu tronco e galhos.

Tratava-se do *calignaou*, ou acha de Natal.

O Padre Mascarolus, de sotaina e sobrepeliz, começou por abençoar o *calignaou*; depois, o menino aproximou-se seguido de Laramée.

6. A acha de lenha do Natal.

Laramée, trajado de mordomo, segurava uma bandeja de prata com uma taça de ouro cheia de vinho.

O menino pegou-a nas suas tenras mãozinhas, e, por três vezes, verteu algumas gotas de vinho no *calignaou*, recitando os seguintes versos com voz doce e argentina:

*Allègre, Diou nos allègre,
Cachofué ven, tou ben ven,
Diou nous fague la grâce de veire l'an que ven,
Se sian pas mai, que signen pas men.*⁷

Aquelas ingênuas palavras, proferidas pelo menino com encantadora candura, foram ouvidas por todos em religioso recolhimento.

Após tocar com os lábios a taça, êle a ofereceu a Raimundo V, que o imitou.

A taça circulou de mão em mão por todos os membros da família de Raimundo V, a fim de que todos tocassem com os lábios a bebida consagrada.

Depois, doze vigorosos lenhadores, usando os seus trajes de festa, retiraram o *calignaou*, transportando-o para a sala de honra, enquanto Raimundo V segurava na mão uma das raízes da árvore, e o menino um dos ramos.

Disse o barão:

— As negras raízes são a velhice.

Disse o menino:

— Os verdes ramos são a mocidade.

Os presentes acrescentaram em côro:

— Deus nos abençoe, a nós que o amamos, a nós que o servimos.

O *calignaou*, pôsto nos robustíssimos ombros dos lenhadores, foi transportado ao salão e colocado diante da imensa lareira.

O menino pegou um archote de pinheiro, aceso, aproximou-o de um amontoado de sarmentos e de pinhas, e uma enorme chama branca crepitou na vasta e negra lareira, espalhando uma alegre luz até o fundo da galeria.

— Natal, Natal! gritaram os hóspedes, batendo as mãos.

— Natal, Natal! repetiram os vassallos reunidos no pátio interno.

No mesmo instante, a fogueira ardeu no meio dos gritos de uma doida alegria e dos giros da farândula.

7. Sejamos alegres, Deus nos faça alegres; cachofué vem, tudo vai bem; Deus nos conceda a graça de ver o próximo ano; se já não estivermos vivos, não sejamos menos.

Preenchida uma derradeira formalidade, a ceia reuniu os hóspedes.

Reine aproximou-se do presépio, e Estefaninha levou-lhe numa bandeja uma grande gamela de madeira cheia do trigo de Santa Bárbara⁸ já verde.

A moça colocou a gamela ao pé do presépio e acendeu, de cada lado da oferenda, duas pequeninas lâmpadas de prata, quadradas, chamadas lâmpadas de *calênos*.

— Trigo verde à Santa Bárbara, bela colheita no ano! exclamou o barão. Assim seja na minha messe e nas vossas, meus caros hóspedes e primos! Agora, à mesa, à mesa! E venham os *calênos* de Natal, que reúnem parentes e amigos!

Laramée abriu os dois batentes das portas que davam para a sala de jantar e anunciou o banquete de monsenhor.

É inútil falar da abundância do repasto, digno, em tudo, da hospitalidade de Raimundo V.

Faremos somente notar que na mesa havia três toalhas, segundo o uso.

Sobre a menor, no meio da mesa, à guisa de enfeite, estavam os *calênos*, ou presentes de frutas e bolos que os membros da família davam ao chefe.

Sobre a segunda, um pouco maior, e destacando-se da primeira, enfileiravam-se os pratos nacionais mais simples, como o raito, o atum salgado e grelhado, e a *bouille-abaisse*.

Finalmente, sobre a terceira toalha que cobria o resto da mesa, viam-se os pratos mais procurados, dispostos com perfeita simetria.

Deixaremos os convidados de Raimundo V entregarem-se às doces alegrias da festa tão patriarcalmente hospitaleira, falar dos velhos costumes, animar-se discutindo franquias e velhos privilégios, sempre tão respeitados, sempre tão valorosamente defendidos pelos que permanecem fiéis às comoventes e religiosas tradições dos tempos antigos.

Essa noite tranqüilla e feliz será, dentro em pouco, perturbada por vários eventos que daremos a conhecer aos leitores.

8. Em 4 de dezembro dia de Santa Bárbara, semeiam-se grãos de trigo num vaso cheio de terra freqüentemente regada. Expõe-se essa terra molhada a uma temperatura elevada, e o trigo germina. Se verde, a colheita será boa; se amarelo, será má! (Marchetti: "Usos marselheses" já citados).

CAPÍTULO XXIX

A prisão

ENQUANTO Raimundo V e os seus hóspedes ceavam alegremente, os soldados vistos pelo vigia, cerca de cinqüenta homens pertencentes ao regimento de Vitry, haviam chegado quase à porta da Casa-Forte.

O escrivão Isnard, sempre seguido do ajudante, disse ao capitão Jorge, que comandava o destacamento:

— Seria prudente, capitão, tentar uma intimação antes do ataque, a fim de nos apoderarmos da pessoa de Raimundo V. Deve haver ali dentro uns cinqüenta demônios bem armados, protegidos por excelentes muros.

— Que me importam os muros?

— Mas, além dos muros, há uma ponte, e o senhor bem vê, capitão, que está levantada.

— Que me importa a ponte! Se Raimundo V se recusar a baixá-la, por Deus, os meus homens escalarão o muro, o que já fizeram várias vezes na última guerra! Atacaremos, se fôr preciso, e faremos explodir a porta... Entendamo-nos bem, escrivão, suceda o que suceder, o senhor nos seguirá para protestar e redigir o processo.

— Hum... hum!... fez o homem da lei. É claro que eu, ou o meu ajudante, devemos estar presentes. E creio que, nesta circunstância, se me depara excelente oportunidade para verificar de perto todo o zêlo do meu digno ajudante.

— Mas, mestre Isnard, isso é coisa que compete ao senhor e não a mim, protestou o infeliz.

— Silêncio, senhor ajudante! Eis-nos diante da Casa-Forte, e os momentos são preciosos. Prepare-se para seguir o capitão e obedecer-me.

A tropa achava-se, realmente, na extremidade da avenida de sicômoros que desembocava no semicírculo.

A ponte fôra levantada, e as janelas que se abriam para o pátio interior brilhavam ainda, uma vez que os hóspedes do barão tinham partido havia poucos instantes.

— Está vendo, capitão? A ponte foi levantada. E além do mais, o fôssô é largo, profundo e cheio de água, observou o escrivão.

O capitão Jorge examinou atentamente as vizinhanças do lugar. Após alguns momentos de silêncio, puxou violentamente a ponta esquerda do bigode, sinal certíssimo do seu embaraço.

Um sentinela, colocado no interior do pátio, vendo brilhar armas à luz da lua, gritou com voz forte:

— Quem vai lá?... Respondam, ou atiro...

O escrivão recuou três passos, abrigou-se atrás do capitão, e respondeu em voz alta:

— De ordem do rei e de monsenhor o cardeal, eu, mestre Isnard, escrivão do almirantado de Toulon, intimo-o a baixar esta ponte.

— Não querem retirar-se? retrucou o sentinela.

Ao mesmo tempo, um vivo clarão iluminou uma das seteiras que defendiam a porta, e foi fácil verificar que o sentinela estava soprando a mecha do mosquete.

— Cuidado! gritou Isnard. Seu amo ficará responsável pelo que você vai fazer.

A advertência fez que o soldado refletisse, e ele disparou o tiro para o ar, gritando com voz estentórica:

— Às armas! Às armas!

— Ele atirou contra os soldados do rei! gritou, por sua vez, o escrivão, pálido de cólera e espanto. É um caso de rebelião armada... e eu o registro... Senhor ajudante, tome nota dêste fato.

— Não, escrivão, ponderou o capitão. O homem ladrrou, mas não mordeu. Vi a chama do tiro, e sei que ele disparou para o ar, com o intuito de dar o alarme.

Aos brados do sentinela, viram-se por cima dos muros os clarões de vários archotes.

Ao mesmo tempo, ouviram-se no pátio inúmeros passos, precipitados, e grande bulha de armas.

Mestre Laramée, com o capacete na cabeça e o peito protegido por uma couraça, surgiu num dos vãos da porta.

— Com mil diabos, que querem? gritou ele. Isto são horas de incomodar gente honrada que festeja o Natal?

— Trata-se de uma ordem do rei que viemos executar, respondeu o escrivão. E...

— Tenho ainda um pouco de vinho no copo, escrivão, e vou bebê-lo, disse Laramée. Lembre-se dos touros, e fique sabendo que uma bala de mosquete vai muito mais longe que simples chifres. Assim, pois, muito boa noite, escrivão!

— Pense muito no que vai fazer, insolente, retrucou o capitão Jorge. Desta vez aqui não está um escrivão galinha-morta, mas um verdadeiro galo de briga, de bico duríssimo e esporas pontudas... Cuidado!

— A verdade, mestre Isnard, interveio humildemente o ajudante, é que nós estamos para este soldado como as abóboras para as balas de canhão.

O escrivão, já bastante ofendido com a comparação do militar, repeliu rudemente o ajudante, e acrescentou com suficiência, voltando-se para Laramée:

— Desta vez, o senhor tem à sua porta o direito e a força, a mão da justiça e o gládio... Portanto, intimo-o a abrir, e a baixar a ponte.

Uma voz bem conhecida interrompeu-o, a voz de Raimundo V, que fôra avisado da chegada do capitão.

Iluminado por Laramée, que empunhava um archote, o velho gentil-homem não tardou em surgir na pequena plataforma que constituía o limiar da porta.

A vacilante luz do archote lançava reflexos avermelhados sobre o grupo de soldados, e faiscava nos seus gorjais e capacetes de ferro.

O resto do cenário estava quase nas trevas, ou iluminado apenas pelo luar.

Raimundo V trazia um traje de gala ricamente agaloado. Os cabelos brancos tombavam-lhe nos ombros. Não havia coisa mais digna, mais imponente, mais resoluta que a sua atitude.

— Que querem? perguntou com voz retumbante.

Mestre Isnard repetiu a fórmula da sua requisitória, e concluiu dizendo que Raimundo V, Barão des Anbiez, devia ser prêso e conduzido, sob ótima escolta, para a cadeia do prebostado de Marselha, por crime de rebelião às ordens do rei, etc.

O barão ouviu tudo, mergulhado no silêncio. Quando o homem da lei terminou, gritos de indignação, vaias e ameaças dos moradores do castelo ressoaram no pátio.

Raimundo V voltou-se, impôs silêncio, e respondeu ao escrivão:

— Você quis fazer, no meu castelo, uma vistoria ilegal e contrária aos direitos da nobreza provençal. Expulsei-o a chicotadas, e, assim procedendo, fiz o que devia fazer. Ora, é claro que não posso consentir em ser prêso por haver feito o que devia, castigando um palhaço da sua espécie. Agora, execute as ordens de que foi incumbido. Não o impedirei, como não o impedi de vistoriar os meus depósitos de armas... Lamento que os meus convidados já tenham saído, pois também teriam protestado contra a opressão do tiraneto de Marselha.

As palavras do barão foram acolhidas com gritos de júbilo pela guarnição da Casa-Forte.

Ja Raimundo V descer do pedestal, quando o capitão Jorge, senhor de linguagem rude e maneiras ríspidas de velho soldado, avançou, tirou o chapéu, e disse a Raimundo V, em tom respeitoso:

— Monsenhor, devo preveni-lo de uma coisa... É que trago comigo cinquenta homens determinados, e que estou decidido, embora a contragosto, a executar as ordens recebidas.

— Execute-as, meu amigo, retrucou o barão, sorrindo com ar trocista, execute-as. O seu marechal está interessado em saber se a minha pólvora é boa... e incumbiu-o de o verificar... Começaremos a experiência, quando quiser.

— Capitão, já falamos demais, gritou o escrivão. Intimo-o a empregar, agora mesmo, a força das armas para se apoderar dêsse rebelde às ordens do rei, nosso amo, e de...

— Escrivão, não recebo ordens suas! E cuide de não meter-se entre a lança e a couraça, que poderia suceder-lhe algo desagradável... disse imperiosamente o capitão a mestre Isnard.

Voltando-se para o barão, continuou com firmeza e deferência:

— Pela última vez, monsenhor, suplico-lhe que reflita bastante. Vai correr o sangue dos seus vassalos. O senhor vai fazer morrer velhos soldados que nada têm contra os seus... e tudo isso, monsenhor, permita que lho diga francamente uma barba grisalha, tudo isso porque pretende não aceitar as ordens do rei... Deus lhe perdoe, monsenhor, por causar a morte de tanta gente honrada, e perdoe a mim por puxar da espada contra um dos mais dignos gentis-homens da província. Contudo, sou soldado, e devo obedecer às ordens que me foram dadas.

Tão nobres e simples palavras causaram profunda impressão em Raimundo V que, abaixando a cabeça, se manteve calado por alguns instantes, para depois, de súbito, descer da plataforma.

Ouviram-se murmúrios, dominados pela retumbante voz do barão.

No mesmo momento, a ponte desceu e a porta se abriu. Raimundo V surgiu, e disse ao capitão, estendendo-lhe a mão com imponência e cordialidade:

— Entre, senhor, entre. O senhor é um bravo e honesto soldado. Embora a minha cabeça esteja branca, é, às vezes, tão doida quanto a de um mocinho... Errei... Realmente, o senhor tem de executar as ordens que lhe

foram dadas. E é ao Marechal de Vitry que devo dizer o que penso sobre o seu procedimento para com a nobreza provençal. Toda esta gente deve escapar às consequências da minha rebelião. Amanhã, ao raiar do dia, se assim quiser, partiremos para Marselha, senhor capitão.

— Ah, monsenhor, replicou o capitão, apertando como-vidamente a mão de Raimundo V e inclinando-se com respeito, agora é que me sinto verdadeiramente desesperado com a missão que preciso cumprir!

Ia o barão responder-lhe, quando um ruído distante, espantoso, elevando-se nos ares, atraiu a atenção de todos os que se encontravam no pátio da Casa-Forte.

Dir-se-ia o surdo mugido do mar encolerizado...

Subitamente, um imenso clarão iluminou o horizonte para os lados da Ciotat. Os sinos do convento e da igreja começaram a repicar.

A primeira idéia que ocorreu a Raimundo V foi o de um incêndio na cidade.

— Incêndio! exclamou. Deve haver um incêndio na Ciotat! Capitão, o senhor tem a minha palavra, sou seu prisioneiro, mas corramos à cidade, o senhor com os seus soldados, eu com os meus homens. Talvez possamos ser úteis.

— As suas ordens, monsenhor...

Naquele momento o som prolongado e retumbante da artilharia fez estremecer os ecos da praia... e sacudiu os vidros da Casa-Forte...

— Canhões! São os piratas!... Vá para o diabo o vigia que permitiu fôssemos surpreendidos... Os piratas... As armas! Capitão... As armas!... Os demônios estão atacando a cidade... Laramée, a minha espada!... Capitão, a cavalo, a cavalo! Amanhã, o senhor me levará prisioneiro, mas agora vamos depressa defender a infeliz cidade!

— Mas, monsenhor, a sua casa...

— Não pensarão nela... Além disso, Laramée e vinte homens saberiam defendê-la contra um exército inteiro. Mas a cidade não, e foi surpreendida... Depressa, a cavalo, a cavalo!

O ribombo da artilharia ia-se tornando cada vez mais frequente, os sinos badalavam desesperadamente, e um surdo rumor chegava à Casa-Forte. As chamadas pareciam aumentar de intensidade.

Laramée trouxe imediatamente um capacete e uma couraça ao barão. Raimundo V pegou o capacete, mas não quis ouvir falar de couraça.

— Não tenho tempo para tais ornatos!... Depressa, tragam-me *Mistral*! gritou, correndo para a cavalaria.

Ali encontrou *Mistral* com as rédeas, mas notando que demoravam para o selar, montou-o tal qual, ordenou a *Laramée* que conservasse vinte homens para a defesa da Casa-Forte, recomendou-lhe a filha, e, seguido do capitão, converteu sem perda de tempo pela estrada da Ciotat.

Os soldados e os vassallos armados do barão puseram-se a correr e acompanharam de perto Raimundo V e o capitão Jorge. O escrivão e o ajudante, levados, a contragosto, pelo movimento geral, viram-se obrigados a unir-se à tropa.

CAPÍTULO XXX

A incursão

A MEDIDA que Raimundo V e o capitão se aproximavam da cidade, distinguiram mais perfeitamente os turbilhões de chamas que dela se desprendiam.

Os sinos continuavam a badalar com força. Mil gritos distintos se mesclavam aos tiros de mosquete e ao ri-hombo dos canhões das galeras.

Chegando atrás dos muros do convento das ursulinas, situado na extremidade da Ciotat, disse Raimundo V:

— Capitão, paremos um pouco para reunir os nossos homens e combinar as operações. Safa!... Sinto-me rejuvenescido, o sangue me ferve nas veias, há tempo que não experimentava uma coisa dessas, desde as guerras do Piemonte; é que um pirata é sempre pior que um inimigo! Nas lutas civis, o coração sempre se nos confrange um pouco, afinal... Silêncio! ordenou, dirigindo-se aos seus homens. Vejamos de onde vem o fogo.

Após alguns minutos de atenção, disse ao capitão:

— Quer seguir o meu conselho?

— Sim, monsenhor, seguirei até as suas ordens, pois mal conheço a Ciotat.

Raimundo V, voltando-se então para um dos seus homens, disse-lhe:

— Você vai conduzir o capitão e os seus soldados ao porto, dando a volta à cidade... para que não sejam percebidos. Uma vez lá, capitão, se ainda houver demônios para desembarcar, o senhor os obrigará a voltar às galeras; se já tiverem desembarcado todos, esperará que vol-

tem, e tentará cortar-lhes a retirada; enquanto isso, eu me esforçarei por pô-los em fuga, como bando de javalis assustados.

— Em que parte da cidade supõe que êles estejam, monsenhor?

— A julgar pela fuzilaria, devem achar-se na praça da casa da comunidade, entretidos na pilhagem das casas mais ricas dos burgueses... Não ousarão aventurar-se mais adiante; sem dúvida, mantêm-se em comunicação com o pôrto mediante uma ruazinha que vai da praça ao desembarcadouro. Por conseguinte, capitão, corra imediatamente ao pôrto! Tratemos de atirar os bandidos ao mar e não aos barcos. Se Deus me ajudar, esperá-lo-ei na Casa-Forte após resolvermos o assunto, pois não me esqueço de que sou seu prisioneiro, senhor... Ao pôrto, capitão, ao pôrto!

— Conte comigo, monsenhor, respondeu o militar, afastando-se imediatamente na direção indicada.

— Agora, meus filhos, disse o barão, calemo-nos e marchemos depressa para a casa da comunidade. Não se esqueçam de matar à vontade os bandidos... Avante, por Nossa Senhora!

Desceu do cavalo e penetrou nas ruas da Ciotat, à testa de uma tropa resoluta, confiante no chefe.

A medida que se aproximava do centro da ação, encontrava cá e lá mulheres que davam gritos dilacerantes e fugiam para a montanha seguidas dos filhos, e levando à cabeça os objetos mais valiosos de suas casas.

Noutros pontos, alguns monges atônitos, prêsas de terrível pânico, abandonando as casas em que festejavam tranqüilamente o Natal, iam atirar-se ao pé dos altares e mal conseguiam encontrar o caminho dos conventos.

Noutras ruas desertas, viam-se às janelas homens armados, resolvidos a defender casa e família, e preparando-se para receber vigorosamente os piratas.

Raimundo V já se achava apenas a alguns passos da praça da casa da comunidade. Nuvens de fagulhas turbilhonavam para o céu, crepitando; as ruas percorridas pela tropa estavam iluminadas como se fôsse pleno dia.

Finalmente, Raimundo V chegou à praça.

Como previra, a principal ação ali é que se desenrolava.

Os piratas aventuravam-se raramente no interior das ruas, para estarem mais ao alcance dos barcos.

É impossível pintar o espetáculo que se deparou aos olhos do barão.

Ao clarão das chamas, uma parte dos piratas sustentava encarnigado combate contra bom número de pescadores e burgueses encurralados no andar superior da casa da comunidade.

Outros bandidos, cuidando apenas da pilhagem (pertenciam à galera de Trimalcião), corriam como demônios por entre os incêndios que haviam ateado, uns carregados de objetos preciosos, outros levando nos braços poderosos mulheres ou jovens que davam terríveis gritos.

O chão já se achava juncado de cadáveres crivados de ferimentos, infelizes vítimas, que pelo menos testemunhavam a desesperada resistência dos habitantes.

Quase no meio da praça e pouco distante da rua que conduzia ao porto, via-se um confuso amontoado de toda espécie de objetos guardados por dois mouros.

Os piratas aumentavam a todo instante o monte de rapinas, a êle atirando novos roubos; depois, voltavam à pilhagem e ao assassinio com renovado ardor.

O número dos bravos marujos e burgueses que se defendiam na casa da comunidade começava a diminuir sensivelmente aos golpes dos cipaio de Pog, como êle mais sequiosos de sangue que de pilhagem.

Armado de uma acha, Pog atacava furiosamente a porta. Via-se que expunha voluntariamente a vida. Não trazia nem capacete, nem couraça; cobria-o apenas o seu *yellek* de veludo negro.

Foi durante o ápice dêsse ataque, que Raimundo V chegou.

A sua tropa anunciou-se por uma descarga geral feita quase à queima-roupa contra os assaltantes da casa da comunidade.

Os piratas, apanhados de surpresa, voltaram-se e atiraram-se com raiva contra os homens do barão. Ambos os grupos abandonaram as armas de fogo, e iniciou-se uma luta corpo a corpo, sangrenta, espantosa...

O bando de Trimalcião, notando aquêlê refôrço inesperado, abandonou a pilhagem, uniu-se aos piratas de Pog e rodeou a pequena tropa de Raimundo V, a qual realizava prodígios de coragem.

O velho gentil-homem tornara a encontrar a força da mocidade.

Armado de uma longa lança com ponta afiadíssima, dela se valia com impressionante liberdade.

Apesar de o capacete estar amassado em vários pontos, apesar de o boldriê estar tingido de sangue, Raimundo V, no seu entusiasmo guerreiro, não percebia os ferimentos.

Arrebatado pela onda dos combatentes, Pog viu-se na frente do barão.

O vulto pálido e altivo de Pog, a sua longa barba ruça, eram notáveis demais para não impressionarem Raimundo V.

O barão reconheceu imediatamente nêle um dos dois estrangeiros que acompanhavam Erebo, nas gargantas de Olioules.

— É o moscovita que acompanhava o corajoso jovem a quem devo a vida! exclamou.

Em seguida, acrescentou, levantando a lança:

— E vem dos gelos do norte, urso feroz, devastar as nossas províncias!

Assim falando, tentou varar-lhe o peito com a terrível arma.

Pog evitou o golpe com um rápido desvio, mas não logrou evitar que ela lhe varasse o braço.

— Sou francês como você! gritou o renegado com selvagem sarcasmo. E estou sedento de sangue francês! Para que a morte lhe seja mais amarga ainda, fique sabendo que sua filha está em meu poder!

Ouvindo aquelas palavras, Raimundo V deteve-se, atônito.

Valeu-se Pog daquele instante de indecisão para lhe assentar na cabeça um terrível golpe da sua acha de armas... Raimundo V, cujo capacete se despedaçou, cambaleou um momento como bêbado, para, depois, cair inerte.

— Mais um desses bois provençais abatido! gritou Pog.

— Vinguemos o nosso amo! bradaram os homens de Raimundo V, atirando-se contra os piratas com tal fúria que os repeliram para a ruazinha que conduzia ao porto.

Dali a pouco, reforçados pelos marujos que tinham sido encurralados na casa da comunidade, e que haviam reconquistado a liberdade com o auxílio do ataque de Raimundo V, os homens do barão lograram tamanha vantagem contra os barbarescos, que os clarins dêstes tocaram a retirada.

Aquele sinal, uma parte dos bandidos tornou a formar-se em boa ordem no meio da praça, tendo à testa Pog, e ofereceu vigorosa resistência para dar aos demais piratas tempo de transportar a presa a bordo das galeras, e para lá arrastar as mulheres e os homens destinados à escravidão.

Pog, ficando senhor da posição que defendia, cobria a entrada da ruazinha que conduzia ao porto, e, assim, as-

segurava a retirada do bando de Trimalcião ocupado em levar os cativos a bordo das galeras.

Cedendo o terreno palmo a palmo, recuou para a rua-zinha, certo finalmente de que a comunicação com o pôrto e as galeras não seria interceptada, e julgando poder desembarcar sem perigo.

Era tão estreita a viela que vinte homens resolutos podiam defendê-la contra forças dez vezes superiores.

A notícia da retirada dos piratas espalhou-se pela cidade; todos os habitantes que, abrigados em suas casas, por temor ou para cuidarem mais directamente dos seus mais caros interesses, não tinham ousado sair, ousaram então fazê-lo e uniram-se aos combatentes cujo número aumentava à medida que ia diminuindo o dos piratas.

Pog, embora ferido na cabeça e no braço, continuava a retirar-se com rara intrepidez.

Distava apenas alguns passos da ruazinha e julgava-se salvo. Mas não foi o que se verificou.

Os saqueadores, que haviam rumado para o pôrto com o intuito de reganharem as galeras, caíram na cilada do capitão Jorge.

Vivamente atacados por aquella tropa fresca, os piratas, atônitos, recuaram em desordem para a viela, no momento em que Pog, abandonando a praça, ali entrava pela extremidade oposta.

Encurralados na estreita rua, cujas duas pontas estavam apinhadas de inimigos, viram-se os bandidos no meio de dois fogos.

Do lado da praça eram atacados pelos habitantes e pela tropa do barão.

Do lado do pôrto, enfrentavam-nos os mosquetes do capitão Jorge.

Trimalcião permanecera a bordo da sua galera, tendo debaixo das suas ordens, temporariamente, a de Pog. Aguardava de remos prontos, e a boa distância do cais, o regresso dos barcos que levariam a bordo a prêsa e os piratas.

Um pirata, atirando-se às águas, levou-lhe a notícia do perigo que corriam os companheiros. Trimalcião recorreu a um meio extremo.

Mandou libertar e armar uma parte da turma de forçados, aproximou as galeras ao cais de tal modo que o esporão serviu de desembarcadouro, e, à testa do refôrço, lançou-se aos brados contra os homens do capitão Jorge.

Assim êste se viu, por sua vez, entre dois fogos.

A tropa de Pog, que continuava a defender-se, certa de que seria apoiada, fez um derradeiro esforço, voltou-se contra os homens do capitão Jorge, já atacados pelas cos-

tas pelos guerreiros de Trimalcião, varou-os e uniu-se aos piratas que acabavam de desembarcar. Após tão grande perda, os bandidos trataram de embarcar o mais depressa possível, levando alguns prisioneiros entre os quais se encontravam mestre Isnard e o ajudante.

Os mais corajosos dentre os marujos e burgueses, e quase todos os homens do capitão Jorge entraram imediatamente em alguns barcos com o intuito de perseguirem os barbarescos.

Infelizmente, estava do lado das galeras a vantagem.

As dez peças de artilharia fulminaram os barcos que tentaram aproximar-se. Depois, as galeras, à força de remos, rumaram para a saída do pôrto, e prepararam-se para dobrar a ponta da ilha Verde.

Pog achava-se de pé, na pôpa da *Galera Vermelha*. Estava pálido, e trazia os cabelos e as vestes cobertos de sangue. Ralanceava olhares de sombrio triunfo pelas chamas que ainda se erguiam no centro da cidade.

Súbitamente, ribombou um tiro de canhão, uma bala passou silvando por cima da sua cabeça, e arrancou parte da pôpa da galera.

Pog voltou-se; uma segunda bala levou quatro forçados e despedaçou a plataforma.

Pela nuvenzinha de fumaça esbranquiçada que coroava o terraço ameaado da Casa-Forte, o qual podia ser distinguido ao longe, à luz da lua, reconheceu o pirata de que lado vinham os projéteis.

Habitado como estava à guerra, percebeu pela grande distância do ponto do tiro, que as balas deviam ter sido arremessadas por uma colubrina de grosso calibre, e que, por conseguinte, não lhe era dado devolver à Casa-Forte o mal que lhe era infligido, em virtude do limitado alcance da bateria da *Galera Vermelha*.

Os primeiros tiros foram seguidos de vários outros, não menos felizes, causando inúmeras avarias, quer a bordo da *Galera Vermelha*, quer a bordo da *Sibarita*.

— Maldição! gritou Pog. Enquanto não tivermos dobrado a ponta da baía, estaremos debaixo do fogo daquele pardieiro... Fôrça nos remos, cães! Fôrça nos remos, se não, uma vez em Trípoli, mandarei que lhes cortem os braços à altura dos ombros!

A turma não precisava de tal encorajamento para redobrar os esforços. Os cadáveres dos forçados, ainda acorrentados aos bancos em que remavam os companheiros, provavam o perigo que todos corriam sob o fogo da terrível colubrina.

A mortífera arma continuou a atirar com tão maravilhosa pontaria, que ainda conseguiu acertar várias balas nas duas galeras.

— Ah, exclamou Pog, tremendamente furioso, uma vez fora do canal, irei atracar ao pé dos rochedos, a um tiro de mosquete, e não restará pedra sobre pedra da casa em que se encontra a maldita colubrina!

— Impossível, mestre Pog, disse um francês, renegado provençal, que servia de piloto. As Rochas Negras se estendem à flor da água, a mais de meia légua da costa. Seria perder a galera tentar aproximar-se da Casa-Forte.

O pirata fez um gesto de raiva, e passeou pela coberta com agitação.

Finalmente, lograram as duas galeras sair do perigoso passo. O fogo da artilharia da Casa-Forte pusera-lhes vários homens fora de combate, e causara-lhes avarias de tal gravidade que elas se viam obrigadas a rumar imediatamente para uma enseada qualquer da costa, antes de velejarem para Trípoli.

A *Sibarita* recebera diversas balas abaixo da linha de flutuação, e a *Galera Vermelha* tivera abatido o mastro.

Quando terminaram de dobrar o cabo da Águia, o mestre carpinteiro da galera, renegado calabrês, homem de grande coragem e excelente marinheiro, avançou com ar sombrio para Pog-Reis.

— Capitão, disse-lhe, reparei como pude as duas brechas da quilha. Mas são demasiadamente graves e exigem um conserto completo. Com mar agitado, não nos agüentaremos duas horas sequer...

Pog não respondeu e por alguns instantes caminhou de um lado a outro. Depois, chamando o piloto, disse-lhe:

— Não poderemos fundear um ou dois dias nas ilhas do Santa Margarida ou do Santo Honorato? Dizem que elas estão desarmadas... Você deixou a costa, há um ano... É verdade o que dizem?

— É verdade, respondeu o piloto.

— Não há um bom ancoradouro entre as ilhotas de Pierés e Saint-Fériel? perguntou Pog, que conhecia aqueles amontoados de terra.

— Sim, capitão, a costa é tão alta, e a enseadazinha tão abrigada pelos rochedos de que se compõem tais ilhotas, que as galeras ficarão mais bem ocultas do que em Porte-Cros.

— Não deve haver mais do que uns cinquenta habitantes na ilha, não é? perguntou Pog.

— Mais, não, meu capitão, e vinte homens bastarão para subjugá-los. Há até uma boa praia para podermos expor a quilha da galera, se fôr necessário.

— Nesse caso, rumemos para lá. Devemos estar a umas vinte e cinco léguas de distância, não é?

— Cêrca de trinta, capitão.

— É demais para as brechas que temos; não obstante, é a medida mais certa. Chegaremos durante o dia... se o vento nos ajudar.

A galera de Trimalcião, bem como o xaveco, imitaram a manobra da *Galera Vermelha*, e os três navios rumaram para a ilha de Santo Honorato, situada na costa da Provença, a pouca distância de Cannes.

Dadas as ordens, Pog contou as perdas sofridas pela equipagem: dezessete soldados tinham morrido na Ciotat, e a bordo havia grande número de feridos.

A colubrina da Casa-Forte matara, como já dissemos, cinco forçados.

Os cadáveres, desacorrentados, foram atirados ao mar. Os lugares vazios foram ocupados por cinco soldados.

Os feridos foram mais ou menos bem pensados por um mouro que exercia as funções de médico.

Pog tinha dois ferimentos, um na cabeça, outro no braço.

A lança do barão fôra a causadora d'este último ferimento, assaz profundo. Quanto ao da cabeça não oferecia a menor gravidade.

O mouro médico pensou-lhe os ferimentos, e mal terminara, quando o xaveco de Erebo, chegando com tôdas as velas desdobradas, se aproximou da galera de Pog até pôr-se ao alcance da voz.

CAPÍTULO XXXI

O xaveco

VOLTAREMOS agora, um pouco, sôbre os nossos passos, para explicar ao leitor quais foram as manobras do xaveco durante o ataque à Ciotat, de que êle não participou. Diremos também como caiu Reine des Ambiez em poder de Erebo.

O cigano, após narcotizar o vigia do cabo da Águia, descera à praia, e alcançara a ponta de terra atrás da qual as galeras e o xaveco aguardavam a sua chegada, segundo o aviso que êle mandara a Pog-Reis mediante o segundo pombo.

Hadji, embora fizesse bastante frio, pusera-se a nadar, e em breve atingira a *Galera Vermelha*, de remos prontos, a pequena distância da costa.

Após uma longa conversação com Pog-Reis, a quem deu as últimas informações para assegurar o êxito da incursão à Ciotat, o cigano, seguindo as ordens de Pog, transferiu-se para bordo do xaveco, comandado por Ercho.

O xaveco permaneceria alheio à ação, e devia apenas aproximar-se da Casa-Forte, com o intuito de raptar Reine des Anbiez.

Uma vez que a jovem estivesse em poder de Erebo, o xaveco tinha ordem de fazer um sinal, em consequência do qual as galeras iniciariam o ataque à cidade.

Durante o combate, o xaveco serviria de vigia e cruzaria ao largo, para dar o alarme aos barbarescos, no caso de as galeras reais do Sr. de Brézé surgirem no oeste.

Tomadas tais medidas, o xaveco, afastando-se das galeras, e dobrando o promontório, guiado pelo cigano, que conhecia perfeitamente as localidades, avançara para a cintura de rochedos alinhados ao pé da Casa-Forte.

Depois da conversação da véspera com Pog, Erebo caíra em profunda tristeza.

Num dos freqüentes e amargos retornos sôbre si próprio, vira o seu procedimento sob verdadeira luz, e comovera-se pensando nas desgraças que tombariam naquela cidadezinha até então tranqüila e quase sem defesa.

Quando se tratou de distribuir os postos de combate, declarara formalmente a Pog que não se associaria àquele novo ato de banditismo.

Pog, que pretendia sempre impeli-lo para o mal, não contrariou tal resolução; pelo contrário, encorajou-o até, e aconselhou-lhe a valer-se da oportunidade para raptar a Srta. des Anbiez.

Por conseguinte, deixou-lhe plena liberdade de manobra para realizar o projeto.

Erebo concordou. Tinha os seus planos.

Depois da singular entrevista com Reine, depois, sobretudo, de a narração de Hadji lhe ter dado a crer que poderia ser amado, a sua paixão pela jovem aumentara extraordinariamente.

O cigano, gabando a doçura, os encantos, o espírito, a elevação de caráter da Srta. des Anbiez, fizera-lhe brotar no espírito vagas e nobres esperanças.

A sua última conversação com Pog determinara-o a arriscar tudo para vê-las realizadas.

Vira muitas vezes Pog entregar-se aos seus acessos de feroz misantropia. Mas nunca haviam sido cruéis como naquele momento a maldade daquele homem e o seu desprezo pela humanidade.

Tendo desfeito todos os laços que a êle o prendiam, resolvera valer-se da primeira oportunidade para subtrair-se à sua influência.

Fingiu, assim, algumas horas antes do empreendimento, uma alegria brutal e licenciosa, ao falar do rapto que pretendia realizar.

Pog, pelo menos aparentemente iludido por tais demonstrações, deu a Erebo inteira liberdade de manobra para lhe facilitar o rapto de Reine.

Erebo, decidido a aproveitar a circunstância, propôs-se portanto, com o auxílio de Hadji, apoderar-se da jovem.

Sem dúvida, era criminoso a ação, mas o infeliz moço, criado fora da sociedade, conhecendo apenas a violência dos desejos, amando apaixonadamente, e julgando-se não menos apaixonadamente amado, não podia hesitar um instante sequer diante da resolução tomada.

Diante da Casa-Forte, deixou o xaveco à capa, a alguma distância, e desceu num leve barco com Hadji e quatro remadores.

O cigano tirava proveito da sua estada na costa.

Dirigiu perfeitamente a embarcação através dos escolhos e dos recifes, e a chalupa foi amarrada ao abrigo de um rochedo.

Naquele momento, os hóspedes de Raimundo V saíam do castelo; terminara a ceia de Natal. O escrivão Isnard, acompanhado do capitão Jorge, não viera ainda prender o velho gentil-homem.

Erebo, Hadji e dois remadores puseram pé em terra, e avançaram com precaução até o pé do muro ameaado da Casa-Forte.

Lembrar-se-ão os leitores de que o cigano o escalara freqüentemente, fingindo exibir a sua habilidade aos olhos de Estefaninha e Reine.

Havia luar, mas a sombra projetada pela construção cobrira a descida e a marcha dos piratas.

Um sentinela que caminhava no terraço nada percebeu.

As janelas da galeria do castelo brilhavam, mas as do quarto do oratório de Reine estavam escuras.

Hadji pensou, com razão, que a Srta. des Ambiez ainda não se havia recolhido.

Propôs, assim, a Erebo aguardar o momento em que Reine iria aos seus aposentos, escalar a parede, e apunha-

lar o sentinela, e, uma vez senhores do terraço, galgariam o balcão, como fizera êle várias vèzes.

Quebrando uma vidraça, abrir-se-ia a janela. Após afogar os gritos da senhorita, com uma mordaga, dominá-la-iam, e descê-la-iam pela janela ao terraço, e do terraço aos rochedos, por meio de uma espécie de cinto excogitado para embarcar e desembarcar escravos recalcitrantes, e de que o cigano se munira.

Em caso de alarme, contavam os piratas com a sua intrepidez e habilidade para fugir mediante os mesmos recursos, seguros, aliás, de voltar ao barco antes que os moradores da Casa-Forte pudessem sair do castelo, e dar a volta aos muros para chegar à praia, e opor-se ao embarque.

O plano foi aceito por Erebo o qual, contudo, se opôs a que o sentinela fôsse assassinado.

Os quatro piratas prepararam-se para a escalada. O sentinela caminhava no lado oposto àquele pelo qual era preciso subir ao terraço.

Hadji, seguido de um dos seus companheiros, escalou o muro, com o auxilio dos buracos formados pelo tempo, e dos longos ramos de hera enraizados no ôco das pedras.

Chegados ao alto do muro, perceberam os piratas com alegria que a guarita, posta entre êles e o sentinela, os escondia.

Valendo-se do precioso instante, saltaram para o chão.

No momento em que o soldado, na sua marcha regular, voltou para a frente da guarita, Hadji e o companheiro atiraram-se contra êle, com a rapidez do raio.

Hadji tapou-lhe a bôca com as duas mãos, enquanto o companheiro se apoderava do mosquete. Depois, com o auxilio de um *tap*¹ de que Hadji estava munido, não tardaram em amordaçar o infeliz, cujos movimentos foram, no mesmo tempo, cerceados com longa e fortíssima faixa de algodão.

Hadji atirou, então, uma corda de nós a Erebo, e êste, num abrir e fechar de olhos, atingiu o terraço.

Era quase uma hora da manhã.

Hadji sabia que os sentinelas eram substituídos às duas horas.

De repente, as janelas do quarto do oratório de Reine se illuminaram.

1. Espécie de mordaga feita de cortiça, usada para abafar os gritos dos forçados durante o combate.

Ocultos na sombra da guarita, Hadji e Erebo deliberaram um instante em torno do que deviam fazer.

O cigano propôs escalar, sôzinho, o balcão cujo comprimento ultrapassava bastante a largura do arco da janela, ocultar-se ali, verificar através das vidraças o melhor momento para agir, e prevenir Erebo com um sinal.

Erebo aceitou o plano, mas quis participar dêle.

Hadji subiu em primeiro lugar, lançou a escada de corda a Erebo, e ambos se ocultaram, um de cada lado da janela.

Erebo ia aventurar-se a olhar através das vidraças, quando os batentes da janela se abriram docemente, e Reine pisou na sacada.

Erebo e Hadji viram-se, assim, por um momento, ocultos pelas vidraças.

A jovem, triste, preocupada, pretendia desfrutar um pouco da bela e tranqüila noite.

Os instantes eram preciosos, e a ocasião tão favorável, que a mesma idéia cruzou a mente do cigano e de Erebo.

Fechando depressa, atrás de Reine, as vidraças que os ocultavam, os dois piratas a agarraram, antes que ela pudesse dar um grito.

Que espanto o seu, que dor, quando reconheceu no raptor o estrangeiro dos rochedos de Olilioules!

Erebo, na débil luta que se travou entre êle e a infeliz moça, colocou todo o cuidado possível, desculpando-se pela violência do seu amor...

Em menos tempo que o necessário para descrevê-lo, a Srta. des Anbiez foi envolvida por um cinto que lhe impediu qualquer movimento.

Erebo, não podendo valer-se das mãos para descer a escada de corda, visto que tinha Reine nos braços, mandou que Hadji lhe amarrasse uma corda em volta do corpo; à medida que descia um degrau da escada, o cigano deixava docemente correr a corda que sustentava o raptor.

Erebo, sempre com Reine nos braços, chegou por fim ao pé do muro.

Hadji ia, por sua vez, deixar a sacada, quando Estefaninha, entrando no quarto, gritou:

— Senhorita, senhorita! O escrivão, acompanhado de soldados, veio prender monsenhor...

Naquele momento, mestre Isnard e o capitão Jorge acabavam, com efeito, de intimar a Raimundo V que os seguisse.

Não encontrando a ama no quarto, e vendo a janela aberta, Estefaninha correu para lá.

O cigano, que percebera o perigo possível causado pela presença de Estefaninha, ocultou-se imediatamente.

Estefaninha, assustada por não ver Reine, avançou para a sacada. O cigano fechou depressa a janela atrás da moça, e tapou-lhe a bôca com a mão.

Apesar de terrificada, Estefaninha tentou livrar-se das mãos do cigano o qual, mal logrando contê-la, pediu em voz baixa a Erebo:

— Socorro! Esta diabinha é forte como ninguém! E morde como verdadeira gata enfurecida. Se gritar, estaremos perdidos!

Erebo, não querendo abandonar Reine, ordenou ao outro pirata que corresse em auxílio de Hadji.

Com efeito, Estefaninha, muito mais corajosa que a ama, e senhora de hábitos um pouco mais masculinos que ela, opunha heróica resistência; valendo-se dos lindos dentes, chegou até a soltar-se de Hadji, e a dar uns gritos.

Infelizmente, a janela estava fechada, e eles não foram ouvidos.

O segundo pirata acudiu e, não obstante os seus terríveis esforços, a noiva do bravo capitão Trinquetaille teve a mesma sorte que a ama, e viu-se descida ao terraço pelos dois raptos, com um pouco menos de cerimônia que a empregada com a Srta. des Ambiez.

Uma vez no chão do terraço, cessaram as dificuldades. As duas jovens foram descidas ao longo do muro, com as mesmas precauções e os mesmos meios já empregados para descê-las da sacada.

Erebo e Hadji alcançaram a chalupa que os esperava, e as duas cativas já estavam a bordo do xaveco, quando os hóspedes da Casa-Forte nem sequer desconfiavam do rapto.

Tudo, até aquêlê instante, decorrera segundo os desejos de Erebo.

Reine e Estefaninha, libertadas dos laços, foram respeitosamente encerradas na cabina do xaveco, que Erebo soubera preparar com todos os requintes possíveis.

Passado o primeiro movimento de estupor e espanto, Reine readquiriu a firmeza habitual e a dignidade que sempre a caracterizara.

Estefaninha, pelo contrário, após resistir corajosamente, cedera a um acabrunhamento quase desesperado.

Quando Erebo se lhes apresentou, Estefaninha atirou-se-lhe aos joelhos, chorando.

Reine manteve-se calada, e nem se dignou olhar para o raptor.

Erebo assustou-se com o resultado daquela tentativa. Sofria ainda a influência dos bons e dos maus instintos que nêle lutavam. Não era um ousado raptor; era apenas um menino tímido.

O sombrio silêncio, o ar digno e profundamente ofendido de Reine, impunham-se-lhe, aniquilando-o.

Hadji, durante todo o tempo da expedição fatal, repetira a Erebo que Reine o amava apaixonadamente, e que, passado o primeiro instante de vergonha e cólera, êle a veria cheia de ternura e até de reconhecimento. Assim, Erebo, com um ímpeto de coragem, aproximou-se de Reine, e, desavergonhadamente, disse-lhe:

— Depois da tempestade vem a bonança... Amanhã, a senhorita pensará apenas na canção do emir, e o meu amor lhe secará as lágrimas...

Assim falando, quis pegar uma das mãos que Reine mantinha contra o rosto.

— Miserável! Não se aproxime! gritou Reine, repellido-o com espanto e olhando-o com tal desdém, com tal nojo... que Erebo não ousou dar outro passo.

Um véu lhe caiu dos olhos. O tom, a emoção, a indignação de Reine eram tão sinceros, que êle perdeu a esperança. Viu, ou melhor, julgou que fôra grosseiramente iludido, e que ela jamais lhe dedicara o menor afeto.

Na sua dolorosa surpresa, caiu aos joelhos da jovem, e de mãos postas perguntou com voz meiga e comovente:

— Não me ama?

— O senhor... o senhor!...

— Oh, perdão, senhorita! disse Erebo, sempre de joelhos, sempre de mãos postas. Meu Deus, perdoe-me, pensei que a senhorita me amasse... Pois bem, não se assuste... Julguei... O cigano mo dissera... Se não fôsse assim, eu não teria feito o que fiz...

Sem a gravidade das circunstâncias, um espectador não teria deixado de sorrir diante do espetáculo do jovem pirata, havia pouco tão ousado e resoluto, a tremer, de olhos baixos, diante de Reine.

Estefaninha, impressionada com aquêlê contraste, não pôde deixar de dizer, apesar de tôda a sua angústia:

— Ora, ouvindo-o, a gente poderia supor que se trata de travessura de pouca importância, de uma fita ou de um ramalhete furtado... Senhor... o senhor é um pagão, é um monstro!...

— Ah, que horror, que horror! E meu pai, meu pobre pai! gritou Reine, sem poder conter as lágrimas.

Aquela dor penetrou fundo no coração de Erebo, e êle compreendeu tôda a extensão do crime cometido.

— Por piedade, não chore mais assim! exclamou, chorando por sua vez. Reconheço o meu erro... Diga-me, que deseja que eu faça para reparar o crime?... Farei tudo quanto me mandar, a minha vida lhe pertence!

— O que desejo... é que mande recolocar-me em terra, agora mesmo... Ah, se meu pai já sabe do rapto! Que golpe para êle, pobrezinho!... Será mais um crime que o torturará, pirata!

— Aniquile-me... Mereço-o. Mas pelo menos não se esqueça de que um dia lhe salvei o pai.

— Que importa que o tenha salvo, para agora lhe tornar desgraçada para sempre a vida!... Agora, já não será para abençoá-lo, mas apenas para o maldizer, que me lembrarei do senhor...

— Não! gritou Erebo, pondo-se outra vez de pé. Não, a senhorita não me amaldiçoará... Daqui a pouco dirá que as suas palavras arrancaram um desgraçado do abismo de infâmia para o qual ia precipitar-se irremediavelmente... Ouça-me: a cidade está agora perfeitamente tranqüila; no entanto, ameaçam-na horrorosos perigos... Os piratas estão bem perto... Se dêste xaveco partir um sinal, a morte, a pilhagem e o incêndio desolarão a costa...

— Meu Deus, meu Deus! E meu pai?

— Tranqüilize-se. O sinal não será dado... Salvarei a cidade... A senhorita está em meu poder. Agora mesmo, vou reconduzi-la para terra. Se... diga-me... se eu fizer isso, pensará em mim, às vezes, sem rancor e sem desprêzo?

— Jamais agradecerei bastante a Deus por me haver devolvido a meu pai, sem pensar com reconhecimento no salvador do Barão dos Anbiez, replicou Reine, com dignidade.

— E Erebo será digno da sua lembrança! exclamou o jovem pirata. Vou preparar tudo para a sua partida, e voltarei imediatamente.

Assim falando, correu para a coberta.

O xaveco continuava à capa. Ao longe, viam-se as duas galeras. Embora o xaveco pertencesse a Pog-Reis, Erebo, havia três anos, o comandava, e julgava ter conquistado o afeto da equipagem. Por conseguinte, subiu à coberta. Hadji ia mandar acender um foguete, sinal convençãoado entre Pog e Erebo, para anunciar que a Srta. des Anbiez se encontrava a bordo do xaveco, e que se podia começar o ataque à Ciotat.

— Pare, ordenou Erebo a Hadji, não dê ainda o sinal. Há muito que você me é devotado. Ainda recentemente, e hoje mesmo, me serviu com lealdade. Ouça-me:

— Fale depressa, Sr. Erebo, pois Pog-Reis aguarda o sinal, e se tardo em o fazer, êle me obrigará a cavalgar o corcel da galera, com uma bola em cada pé, para eu me manter em equilíbrio.

— Se você me obedecer, nada terá que temer. Esta vida de crime e de banditismo me é odiosa; os homens que comando são menos ferozes que os seus companheiros, e me estimam. Confiem em mim, e posso propor-lhes o abandono das galeras. O xaveco tem velocidade maior que elas. Após uma expedição de que dentro em pouco lhe falarei, zarparemos imediatamente para o arquipélago grego. Chegamos a Esmirna, pôr-nos-emos a sôldo do beí: em vez de sermos piratas, seremos soldados; em vez de degolarmos infelizes mercadores na coberta dos seus navios, combateremos contra homens. Quer ajudar-me?

Hadji continuava a segurar a mecha acesa. Aproximando-a da bôca, avivou-lhe o fogo com imperturbável sangue frio e respondeu a Erebo:

— São êsses os seus projetos, Sr. Erebo?

— Não, não é só isso... Para impedirmos os novos crimes que Pog-Reis medita, iremos aproximar-nos das galeras e gritar com terror que acabamos de ver no horizonte os fogos das galeras do rei da França. Todos sabem que estão em Marselha, todos temem a sua chegada, e nos darão crédito. Pog-Reis fugirá diante de forças superiores, e a cidade escapará, ao menos desta vez, à medonha sorte que a aguarda. E então, que diz do meu projeto? Você exerce influência na equipagem... Ajude-me!

Hadji soprou de novo na mecha, encarou longamente Erebo e, como resposta, antes que êste o pudesse impedir, ateou lume ao foguete que constituiria o sinal para o ataque dos piratas.

O foguete subiu aos ares como funesto meteoro.

Quase no mesmo instante, ouviu-se o ribombo dos canhões dos piratas, e a incursão à Ciotat se efetivou tal qual narramos.

— Miserável! gritou Erebo, precipitando-se com fúria sobre Hadji.

Êste, dotado de muito mais força que o jovem, livrou-se, e disse-lhe com um misto de ironia, de respeito e de apêgo:

— Ouça-me, Sr. Erebo. Nem eu, nem êstes excelentes rapazes desejamos ainda trocar a nossa liberdade pela disciplina dos beiliks. O mar, em tôda a sua imensidão,

perdenos-nos; preferimos ser o soberbo corcel que tem por pista o deserto sem fim ao cavalo de olhos vendados que puxa a vida a girar em torno de um poço para d'ele tirar água. O serviço de um beilik comparado à nossa vida não é outra coisa. Numa palavra, somos diabos e ainda não nos consideramos velhos para nos transformar em eremitas. Este ofício nos agrada, tal qual é, e não abandonaremos a liberdade pela prisão.

Seja! Você é um celerado endurecido. Pensei que tivesse melhores sentimentos... Tanto pior para você. A equipagem me estima, há de ouvir-me, e me dará apoio para eu me livrar de você, se ousar opor-se aos meus projetos.

Que diz, Sr. Erebo? gritou o cigano irônicamente. Tratar assim a mim que, para o servir, cantei à sua amada a canção do emir? A mim que consenti em exercer o vil ofício de caldeireiro! A mim que cheguei a profanar-me, a ponto de ajudar a Sra. Dulcelina a erguer uma espécie de altar ao Deus dos cristãos! A mim que, para o servir, curei a pata do lebrêu de Raimundo V! A mim que, enfim, consenti em ferrar o cavalo daquele velho bebado!

— Cale-se, miserável! Não profira mais uma palavra sequer sobre o infeliz pai a quem talvez eu tenha infligido tão doloroso golpe! Reflita, vou falar à equipagem, e ela me ouvirá. Ainda em tempo, una-se a mim, e volte a ser homem honrado.

— Ouça-me, Sr. Erebo. Está me propondo voltar a ser homem honrado? Vou responder-lhe como poeta e como caldeireiro. Quando os anos amontoam uma ferrugem espessa e corrosiva num vaso de cobre e quando essa ferrugem ali é bronzeada pelo fogo, podemos esfregar durante mil e mais anos, sem chegarmos a devolver ao vaso, não o seu brilho primitivo, mas apenas um aspecto pouco menos negro que as asas de Éblis! Pois bem, a tal ponto e que estamos reduzidos eu e os meus companheiros; fomos bronzeados pelo mal. Não tente, por conseguinte, encaminhar-nos para o bem... Ninguém o compreenderia e ninguém lhe obedeceria.

— Seja, não serei compreendido. Mas serei obedecido!

— Não será obedecido, se as suas ordens contrariarem certas instruções que Pog-Reis deu à equipagem, antes de partir de Porte-Cros.

— Instruções?! Você mente como um cão!

— Ouça, Sr. Erebo, disse Hadji com inalterável sangue frio, embora eu não queira reentrar no bom caminho, estimo-o à minha maneira, e quero impedir que dê um

passo errado. Pog-Reis... depois de certa conversação, segundo me informou, desconfia do senhor. Há pouco, quando do alto do cabo da Águia, onde narcotizei o velho vigia, vi as nossas galeras avançar, desci à praia, e fui a bordo da *Galera Vermelha*; lá, tive sobre a sua pessoa uma conversação secreta com Pog-Reis.

— Traidor!... Por que me escondeu tudo isso?

— O sábio, em duas ações, oculta três. Pog-Reis disse-me que já prevenira a equipagem e que as ordens dadas eram estas: raptar a jovem; fazer o sinal de que o rapto tivera êxito; cruzar diante da Ciotat, enquanto as galeras atacariam o ninho de ricos cidadãos; cuidar que os nossos homens não fôsem surpreendidos pelas galeras do rei da França que poderiam vir do oeste... É verdade?

— É verdade.

— Pois bem, Sr. Erebo, digo-lhe que se as ordens que pretende dar contrariarem as que citei, ninguém o ouvirá.

— Mentira!

— Experimente.

— Agora mesmo, retrucou Erebo.

E, dirigindo-se ao timoneiro e aos marujos que aguardavam, ordenou uma manobra tendente a aproximar o xaveco da Casa-Forte.

Qual não foi o assombro de Erebo, quando, em vez de ver executada a ordem, notou que a um sinal de Hadji o timoneiro e os marujos, mediante manobra inteiramente oposta, mais ainda aproximavam o xaveco do centro de ação.

— Vocês se recusam a me obedecer! gritou Erebo.

— Pog-Reis ordenou, e nós obedecemos a Pog-Reis, retrucaram todos ao mesmo tempo.

— E então, Sr. Erebo, que lhe havia dito?

— Cale-se, miserável!...

Foi em vão que Erebo tentou abalar a fidelidade dos marinheiros. Por terror, por hábito de obediência passiva, ou por amor àquela vida grosseira e licenciosa, permaneceram fiéis às ordens recebidas.

Erebo abaixou a cabeça, desesperado.

— Já que você tem o comando deste xaveco, disse-lhe, com um amargo sorriso, a você é que me dirijo para mandar pôr o navio à capa, e trazer para o lado o barco que rebocamos.

— O capitão aqui é o senhor. Ordene sem contrariar as ordens de Pog-Reis, e serei o primeiro a puxar o cordame ou a pôr-me ao timão.

— Acabe com as palavras. Mande descer à chalupa quatro homens.

Nada se opõe a que o navio esteja à capa, disse Hadji. Vujar é coisa que se faz parado e andando; de vez em quando o sentinela pára. Quanto a preparar a chalupa, a ordem será obedecida, quando eu souber qual é o seu plano.

Erebo, impaciente, bateu o pé no chão.

Pretendo reconduzir para a terra as duas moças.

Atirar a essa costa selvagem a pérola do golfo! exclamou o cigano. E quando já está em seu poder, quando o senhor é amado, quando...

Calte-se e obedeça-me... Isso só a mim diz respeito, creio, e Pog-Reis não me forçará a raptar uma mulher, se não fôr do meu agrado!

O rapto também diz respeito a Pog-Reis, Sr. Erebo. Não posso permitir que preparem a chalupa.

Que diz? gritou Erebo, quase com espanto.

Pog-Reis é um velho rapôso... Sr. Erebo... Saiba que, apesar da sua coragem e força, pode o tigre tomar, tão bem quanto o búfalo estúpido, na cilada estendida aos seus pés por um covarde caçador qualquer... Já lá sacudia as asas sobre a Ciotat; as chamas crepitam, os canhões ribombam, os tiros estalam; os nossos homens murmuram-se de pilhagem e agriçoam os cristãos... Tudo bem... Mas suponhamos que Pog-Reis, que Trimalcião-Reis, numa surpresa, caíam presos dos cães cristãos! Suponhamos que os nossos homens se vejam obrigados a voltar as galeras, abandonando Pog e Trimalcião, estes serão espartilhados e queimados como infames renegados...

Acabe, acabe!

Se, pelo contrário, conservarmos a pérola da Ciotat, Reine des Anbiez, como refém até o fim da aventura, ela poderá ser-nos extremamente útil e valer-nos, por troca, a liberdade de Pog-Reis e de Trimalcião-Reis. Por conseguinte, é preciso que a jovem e sua companheira permaneçam aqui até que Pog-Reis decida o destino que lhes convém.

Erebo ficou aniquilado.

As ameaças, as súplicas, não puderam abalar Hadji nem a equipagem.

Por um momento, no seu tremendo desespero, esteve o rapaz a ponto de se atirar ao mar, e alcançar a costa a nado para ali fazer-se matar lutando contra os piratas; mas lembrou-se de que Reine ficaria sem defensor. Preferiu, assim, voltar, sombrio e desesperado, para a cabina.

Eis o nosso generoso salvador! gritou Reine, erguendo-se, e indo-lhe ao encontro.

Erebo, com um triste sinal de cabeça, disse-lhe:

— Sou, agora, tão prisioneiro como a senhorita!

E contou-lhe o que acabava de se passar na coberta. A illusória segurança de Reine transformou-se imediatamente em redobrada dor e, não obstante o tardio arrependimento de Erebo, acusou-o, com razão, de ser a causa dos males que a afligiam.

.....

Eis o que se passara a bordo do xaveco, quando esse barco (comandado por Hadji depois de se haver Erebo reunido a Reine e Estefaninha) alcançou as galeras de Pog e de Trimalcião, que se afastavam à força de remos da Ciotat, em seguida à funesta expedição.

O cigano achava-se à pôpa do xaveco, quando Pog-Reis, chamando-o da sua galera, lhe perguntou:

— E então, a moça está a bordo?

— Sim, mestre Pog... e, com a pomba, veio uma toutinegra...

— E Erebo?

— Mestre Erebo quis fazer o que mestre Pog tinha previsto... retrucou o cigano, com um gesto elucidativo.

— Esperava isso. Vigie-o... Continue a comandar o xaveco, navegue nas minhas águas, e imite as minhas manobras.

— Será obedecido, mestre Pog... Mas, antes de deixá-lo, permita-me que lhe dê um presente... São documentos e brinquedinhos de amor pertencentes a um cavalciro de Malta... Creio que se trata de uma história digna de Ben-Absul. Descobri tudo na cabana do vigia. Supus que iria achar um diamante, e achei apenas um grãozinho de trigo... Talvez estas coisas lhe interessem, mestre Pog... Há uma cruz de Malta no cofre, e tudo quanto traz esse detestado sinal lhe pertence de direito.

Assim falando, Hadji atirou aos pés de Pog-Reis o cofrinho de prata cinzelada que roubara do móvel de ébano de Peyrou. O cofrinho estava envolto numa faixa, destinada a conter a tampa quebrada.

Pog-Reis, pouco sensível à atenção do cigano, fêz-lhe sinal que prosseguisse em sua rota. O xaveco colocou-se na esteira da galera de Pog. Os três navios não tardaram em desaparecer para o lado de leste, dirigindo-se apressadamente para as ilhas de Santo Honorato, onde contavam refazer-se.

CAPÍTULO XXXII

Descobrimento

POG ESTAVA demasiadamente preocupado com a incômoda posição das galeras, para dar muita atenção às últimas palavras de Hadji. Um dos cipaio pegou o cofre e levou-o para a cabina de Pog, aonde o chefe não tardou em ir ler, após confiar ao piloto o comando da galera.

A cabina achava-se inteiramente atapetada de grosso tecido de lã vermelha. Sobre êsse fundo, viam-se, cá e lá, inúmeras cruces pretas feitas a mão com carvão. Entre elas, notavam-se também algumas cruces brancas feitas a giz, em pequeno número, todavia.

Uma lâmpada de cobre lançava naquele recinto uma luz lívida, sepulcral.

Por móveis, havia apenas um leito recoberto de uma pele de tigre, duas cadeiras e uma mesa de carvalho.

Quando o mouro terminou de pensar os ferimentos de Pog, retirou-se.

Pog, sozinho, sentou-se, apoiou a testa na mão, e reflectiu sobre os eventos da noite.

A sua vingança só estava satisfeita pela metade.

A precipitada retirada humilhava-lhe o amor-próprio, e suscitava-lhe novos ressentimentos.

Contudo, lembrando-se do mal que fizera, sorriu com ar sinistro, e levantou-se, dizendo:

— Apesar de tudo, a minha noite não terá sido inútil!...

Pegou um pedaço de carvão e com êle fez várias cruces negras no atapetado...

Detinha-se de vez em quando, parecendo reunir recordações... Acabava de traçar outra cruz, quando disse entre si:

— O Barão des Ambiez está morto! Assim creio e assim espero... Pela surda vibração do cabo da minha arca de armas, tive a impressão de perceber que o crânio ficara despedaçado; mas o barão tinha um capacete... e a morte não é certa. Não aumentemos falsamente o número das vítimas!

Após o lúgubre gracejo, apagou a cruz, e pôs-se a contar as brancas.

— Onze, disse, onze cavaleiros de Malta... mortos sob os meus golpes. Ah, êsses estão bem mortos!... Eu teria preferido fazer-me matar mil vêzes sôbre os seus cadáveres a deixar-lhes o menor sôpro de vida...

Pog mergulhou em novo silêncio... De pé, de braços cruzados no peito, cabeça vergada, disse então com um profundo suspiro:

— Há vinte anos que continuo na vingança... na minha obra de destruição... Há vinte anos... E a minha dor diminuiu? As minhas lágrimas são menos desesperadas? Não sei... Sem dúvida, experimento horrível prazer dizendo ao homem: Sofra, morra... Depois, depois! Sempre as lágrimas, sempre! No entanto, não tenho remorsos, não! Parece-me ser o cego instrumento de uma vontade onipotente... Sim, deve ser... Não é a cobiça que me guia... é uma necessidade imperiosa, uma insaciável necessidade de vingança... Aonde vou? Qual será o despertar desta vida sangrenta, que, às vêzes, me parece um sonho horrível? Quando me lembro do que foi a minha vida antes, do que eu próprio fui... é para enlouquecer!... Aliás, sou louco... porque há momentos em que me pergunto: para que tanta crueldade? Esta noite, por exemplo... quanto sangue, quanto sangue!... Aquêlc velho! Aquelas mulheres! Oh, estou louco... louco furioso... É de estarrecer. Que me tinham feito?

Ocultou a cabeça entre as mãos. Após alguns momentos de triste reflexão, gritou com terrível voz:

— E que tinha eu feito a quem do céu me precipitou no inferno? Nada... Eu não lhe tinha feito nada! Que tinha eu feito a ela... sua cúmplice? Tinha-a rodeado de toda adoração, de toda a idolatria de que é capaz na terra um homem pela criatura... E, no entanto! Oh, essa dor... essa ferida nunca deixará de sangrar? Essa recordação será sempre medonha? Sempre ardente como ferro em brasa?... Ah, que raiva, que miséria! Quero esquecer, quero esquecer, só quero esquecer!...

Dizendo tais palavras, mergulhou o rosto na pele de tigre, esfregou-a entre as mãos crispadas e rugiu um rugido surdo e sufocado...

O paroxismo durou alguns instantes. Succedeu-lhe um triste estupor.

Pog não tardou em reerguer-se, mais pálido que habitualmente, com os olhos a arder, e os lábios contraídos.

Passou a mão pela testa, para firmar o penso. Depois, deixando cair o braço com acabrunhamento, sentiu perto da parede um objeto que não havia notado.

Era o cofrezinho que Hadji atirara a bordo da *Galera Vermelha* e que um dos homens de Pog deixara na cabina.

O pirata pegou maquinalmente o objeto e colocou-o sobre os joelhos.

A cruz de Malta damasquinada sobre a tampa feriu-lhe a vista e o fez estremecer.

Atirou imediatamente o objeto para longe; a faixa desatou-se, e elle se abriu.

Grande número de cartas rolou pelo soalho com dois medalhões e uma longa madeixa de cabelos loiros...

Pog estava sentado no leito, e os medalhões tinham caído a grande distância.

A luz que lhe iluminava o recinto era pálida e vacilante.

Por que prodígio de amor, de ódio, de vingança, reconheceu num instante umas feições... que jamais esquecera?

Aquêlê fato era tão fulminante que Pog se julgou joguêto de um sonho.

Não ousava fazer um movimento.

Com o corpo semi-inclinado para a frente, os olhos ardentemente fitos naquele medalhão, temia, a todo instante, ver desvanecer-se o que supunha fantasma criado pela sua imaginação exaltada...

Finalmente, caído de joelhos, atirou-se àqueles objetos, como se lhe tivessem podido escapar.

Pegou os retratos...

Um dêles representava uma criatura de entontecedora beleza...

Não se enganara... Reconhecera-a...

A outra representava um vulto de criança.

O pirata deixou cair o medalhão, e ficou petrificado...

Acabava de reconhecer Erebo!... Erebo, tal qual era, pelo menos quando, quinze anos antes, o raptara nas costas do Languedoc!

Duvidando ainda do que lhe era dado ver, saiu do aniquilamento passageiro, pegou o medalhão, fixou bem as lembranças para evitar qualquer êrro, olhou de novo o retrato com devoradora ansiedade... Era evidentemente Erebo... Era Erebo, aos cinco anos de idade!

Atirou-se, então, às cartas e leu-as, de joelhos, sem cuidar de levantar-se.

A cena oferecia algo de terrível...

Aquêlê homem, pálido, ensangüentado, ajoelhado no meio da lúgubre cabina, lia com avidez as páginas que lhe revelavam, finalmente, o sombrio mistério tão procurado havia tanto tempo...

CAPÍTULO XXXIII

As cartas

POREMOS sob os olhos do leitor as cartas lidas por Pog com tão dolorosa atenção.

A primeira fôra escrita por êle próprio, cêrca de vinte anos antes da época de que tratamos. Veremos nela um contraste tão impressionante entre a sua vida de então, feliz, calma, risonha, tão completamente oposta à sua vida de pirata e assassino, que talvez nos apiedemos um pouco do infeliz, comparando o que fôra e o que era.

Talvez cheguemos até a compadecê-lo inteiramente, vendo de que altura caíra.

As cartas revelarão também que laço misterioso unia o comendador des Anbicz, Erebo e Pog, a quem devolveremos o verdadeiro nome de Conde Jacques de Montreuil, antigo tenente das galeras do rei.

O Sr. de Montreuil escrevera a seguinte carta a sua mulher, ao voltar de uma campanha de oito ou nove meses pelo Mediterrâneo.

A carta fôra datada do lazareto de Marselha.

A galera do Sr. de Montreuil tocara no pôrto de Trípoli, na Síria, onde reinava a peste, e tivera, segundo o uso, de sofrer demorada quarentena.

A Sra. Emilia de Montreuil habitava, perto de Lião, uma casa de campo situada na margem do Ródano.

Primeira carta

*Lazareto de Marselha, 1.º de dezembro
de 1612, a bordo da Capitânia.*

*“Devia ser verdade, Emilia, devia ser verdade!
O meu coração transborda de alegria!*

*Não saberia exprimir-lhe o meu arrebatamento...
É uma vertigem de felicidade, é uma difusão da alma,
são doidas exaltações que se pareceriam ao delírio,
se a todo instante um pensamento piedoso, santo,
não me reconduzisse a Deus, Deus, onipotente
autor da nossa ventura...*

*Ah, se você soubesse, Emilia, como roguei a
Deus, como o abençoei! Se você soubesse com que
fervor elevei para êle este grito de minha alma embriagada:
“Graças a vós, meu Deus, que ouvistes*

as nossas preces... Graças a vós, meu Deus, que coroaís o santo amor que nos une, dando-nos um filho..."

Emília, Emília... Meu Deus! Estou louco!

Escrevendo esta palavra... "filho"... a mão me treme, o coração salta, e eu choro.

Ah, chorei com deleite.

Que doces lágrimas, e como é bom vertê-las!...

Emília, minha mulher, alma de minha alma, vida de minha vida, casto tesouro das mais puras virtudes... Parece-me, agora, que a sua bela testa irradia majestosidade...

Prostro-me diante de você: há algo de divino na maternidade...

Emília, bem sabe, a nossa união dura há três anos, e nunca a toldou uma nuvem... Todos os dias acrescentaram um dia a essa vida de delícias...

No entanto, a contragosto, sem dúvida, devo ter-lhe causado, não um pesar, não um desgosto, mas uma leve contrariedade, e você sempre tão doce, tão bondosa, me escondeu. Pois bem! No dia solene, venho de joelhos pedir-lhe perdão, como pedirei perdão a Deus por havê-lo ofendido...

Bem sabe como eu a queria, Emília! A nossa ternura sempre renascente transformava em paraíso a nossa solidão. Pois bem, essa ventura de outrora, que então me parecia ultrapassar todos os limites do possível, será brevemente duplicada...

Não acha, Emília, que na felicidade de duas criaturas que se amam, há uma espécie de egoísmo, uma espécie de isolamento que desaparece, quando um filho querido vem duplicar os prazeres, aumentando-os com os mais ternos, comovedores e adoráveis deveres?

Oh, como você compreenderá tais deveres!

Não foi o modelo das filhas? Que sublime devoção por seu pai! Que abnegação, que extremos!

Sim, a melhor, a mais adorável das filhas será a melhor, a mais adorável das mães!...

Meu Deus, como o amaremos, Emília! Como amaremos o pequenino ser!...

Minha mulher, meu anjo amado, eu choro ainda.

Vai-se-me a razão... Oh, perdão, mas há tanto tempo que não tenho notícias suas... e a primeira carta que você me escreve, após tantos meses de ausência, me revela isso... Meu Deus, como resistir?... Não sei dizer-lhe os sonhos, os projetos... as visões que acaricio!

Se fôr uma filha... chamar-se-á Emília, como você, eu o quero... Rogo-lhe... Não haverá coisa mais encantadora do que essa duplicidade de nome. Não vê como sairei ganhando? Quando chamar ternamente uma Emília, duas virão ter a mim. Fosse meigo nome, o único nome agora existente para mim, ressoará ao mesmo tempo em dois corações...

Se fôr um filho, você lhe dará o meu nome, não é verdade?

A propósito, Emília, é preciso que não nos esqueçamos de mandar erguer uma paliçada em torno do lago e na margem do rio... Por Deus, se nosso filho...

Emília, adivinho o que você pensa... e esse medo não lhe parecerá exagerado, não a fará sorrir... Não, uma lágrima rolará pela sua face... Não é? Eu a conheço tão bem!

Não é verdade que não há uma batida do seu coração que me seja estranha? Diga-me, por que mereci tão grande amor? Que fiz eu de tão belo, tão grande, para que o céu assim me recompense?...

Você sabe que sempre tive sentimentos religiosos.

Você sabe que você dizia muitas vezes com a sua inimitável graça que, embora eu desconhecesse um pouco as festas da igreja, não obstante sabia perfeitamente a quantidade de pobres das cercanias; agora sinto a necessidade, não de uma fé mais ardente, porque eu creio... Oh, tenho motivos de sobra para crer, para crer com fervor... Sinto a necessidade de uma vida mais gravemente religiosa...

Devo tudo a Deus. É imponente o sacerdócio da paternidade... Agora, não haverá mais ações indiferentes na vida! Nada mais nos pertence. Além de prever o nosso futuro, deveremos prever o de nosso filho...

Refleta, Emília, que o que você tanto desejava... que o que você não ousava pedir-me, por respeito à vontade de meu pai, reflita que a minha demissão do serviço do rei já não é mais uma questão...

Não há, "agora", um minuto da minha vida que não pertença a nosso filho. Se cedi aos rogos que você me dirigia com tanta dor para seguir fielmente a derradeira vontade de meu pai, "agora" já não pode ser assim; embora os nossos bens sejam consideráveis, não devemos negligenciar nada do que puder aumentá-los.

Até o presente, abandonamos a direção dos negócios a agentes. De hoje em diante, ocupar-me-ei pessoalmente dêles.

Será mais um lucro para nosso filho. Uma vez expirados os contratos de arrendamento das nossas herdades do Lionês, nós próprios trataremos de valorizar as terras.

Minha amiga, o sonho de toda a minha vida foi o de levar vida de gentil-homem do campo, no meio das doces e santas alegrias da família. Os seus gostos, o seu caráter, as suas angélicas virtudes sempre a fizeram também desejar tão risonhos e tranquilos hábitos... Que mais posso dizer-lhe, Emília, minha esposa, meu anjo abençoado de Deus?...

Interrompem-me. A chalupa do lazareto vai partir neste instante...

Desespero-me ao pensar que mais de um terrível mês me separa ainda do momento em que cairei aos seus joelhos e em que nos uniremos para agradecer a Deus..."

Essa carta ingênua, infantil, talvez, pelos seus pormenores, mas que pintava uma ventura tão profunda, que falava de esperanças tão radiosas, estava encerrada noutra, trazendo o seguinte enderêço: Ao comendador Pedro des Ambiez, e continha estas palavras escritas com pressa, e por mão quase desfalecida,

Segunda Carta

15 de dezembro, meia-noite.

"Ele crê em mim... Leia, leia! Sinto que morro... Leia... Seja esta carta o nosso suplicio aqui na terra, enquanto aguardamos o que Deus nos reserva..."

Agora, envergonho-me de você... de mim... Fomos covardes, covardes como traidores que somos...

Essa infame mentira... jamais ousarei sustentá-la na presença dêle... Jamais lhe darei a crer que este filho... Ah, é um abismo de desespero! Seja maldito! Parta, parta!

Nunca me pareceu mais espantoso o meu erro do que agora. A execranda mentira nos garante a impunidade...

O céu guarde a infeliz criança...

Sob que horríveis auspícios não nascerá ela... se nascer, pois sinto que morrerá no meu seio... Não sobreviverei às torturas que soffro... Meu marido vai chegar... e eu não lhe mentirei... Que fazer? Não, não parta, a minha pobre cabeça estoura... Pelo menos, você não me abandone... Não, não parta, venha!...

Emília."

Pog (Sr. de Montreuil), como posteriormente veremos, descobrindo que sua mulher era culpada, não pudera, nem nessa época, nem depois, conhecer o sedutor da infeliz!

Sempre ignorara que Erebo era o produto da ligação adulterina.

Por um instante ficou aniquilado pelas mais diversas emoções.

Embora, após tantos anos, tal ressentimento pareça infantil, a cólera de Pog atingiu o cúmulo, diante daquela carta, escrita noutros tempos por elle, na ebriedade da sua ventura, e cheia das confidências de alma que a gente só ousa despejar no coração da mulher amada, e que, talvez, provocara a zombaria do comendador des Anbiez.

No seu furor, lembrou-se do sangrento ridículo de que devera cobrir-se aos olhos daquele homem, falando com transporte extraordinário, com tanto amor, com tanta idolatria de um filho que não era seu, e daquela mulher que tão covardemente o iludira.

Os ferimentos mais profundos, mais dolorosos, mais incuráveis são os que atingem simultaneamente o coração e o amor-próprio.

O próprio excesso do seu furor, a sua ardente sede de vingança fêz que Pog tivesse um pensamento, de certo modo religioso. Viu a mão de Deus no estranho acaso que pusera Erebo no seu caminho, Erebo, o fruto daquele criminoso amor.

Estremeceu com júbilo selvagem, pensando que o infeliz menino, cuja alma elle pervertera, que elle conduzira por tão funesto caminho, talvez fôsse levar a desolação e a morte à família des Anbiez.

Viu naquela fatal aproximação um castigo terrível, providencial.

O primeiro movimento de Pog foi apunhalar Erebo.

Mas, impellido por devoradora curiosidade, quis penetrar todos os mistérios da sombria aventura.

Continuou, pois, a ler as cartas fechadas no cofre. A seguinte, da Sra. de Montreuil, estava também dirigida ao comendador des Anbiez.

Terceira carta.

14 de dezembro, 1 hora da manhã

"Deus teve pena de mim.

O infeliz menino vive, e, se não succumbir, viverá apenas para você... e para mim...

As minhas criadas são leis... A casa é isolada, e está longe de qualquer auxilio... Amanhã, mandarei buscar, na aldeia, o venerável padre de São Maurício... Mais uma mentira... uma mentira sacrílega.

Dir-lhe-ei que o infeliz morreu ao nascer. Justina já procurou uma nutriz, e esta aguarda na casa desabitada do guarda da encruzilhada... Hoje de noite, levar-lhe-á o pobrezinho; hoje de noite, ela partirá para o Languedoc, como combinamos...

Separar-me de meu filho... que me custou tantas lágrimas, tanto desespero! Separar-me d'ele para sempre... Ah, não ousei queixar-me! É a menor penitência pelo meu crime...

Pobrezinho, cobri-o de lágrimas, de beijos. É inocente de qualquer mal! Ah, que horror, meu Deus!

Não sobreviverei a estas dilacerantes emoções... É a minha única esperança...

Deus me retirará da terra, sim, mas para condenar-me para toda a eternidade...

Não quero morrer, não quero... Oh, piedade, piedade, perdão!

Acabo de recobrar os sentidos. Peyrou levar-lhe-á esta carta. Mande-o de volta, imediatamente."

Esta outra carta de Emilia de Montreuil dizia ao comendador que estava feito o sacrificio.

Quarta carta

15 de dezembro, 10 horas da noite

"Tudo se acabou... Hoje de manhã, veio o padre de São Maurício...

As minhas criadas lhe tinham dito que o menino nascera morto e que eu própria, no meu desespero, desejara, por piedosa resignação, enterrá-lo no seu ataúdezinho.

Você sabe que o bom sacerdote está bastante velho. Viu-me nascer, e deposita em mim cega confiança. Assim, não duvidou um instante sequer da sacrílega mentira...

Orou sobre o ataúde vazio.

Sacrilégio, sacrilégio!...

Oh, Deus não terá pena... Finalmente, o ataúde foi levado e sepultado na capela de nossa família...

Ontem de noite, pela última vez... abracei o infeliz menino, agora abandonado, agora sem nome, agora vergonha e remorso dos que lhe deram a vida...

Não podia separar-me d'ele, não podia! Sempre um beijo, o último beijo! Quando Justina mo arrancou dos braços, êle gritou com tal dor!

Oh, aquêlê gritinho de dor me tocou o fundo da alma... como funesto presságio.

Mais uma vez, que será d'ele? Que será d'ele? Essa mulher, a nutriz, quem é? Que interesse terá no infeliz órfãozinho? Será indiferente às suas lágrimas! Será indiferente às suas dores. As lágrimas d'ele não a sacudirão tôda, como acabaram de sacudir a mim agora mesmo!

Quem é essa mulher, quem é essa mulher? Justina responsabiliza-se por ela... Mas Justina tem coração de mãe, para responsabilizar-se? Eu teria visto imediatamente se podia confiar. Como não pensei em tal coisa? Ah, Deus é justo! A espôsa culpada só pode ser péssima mãe...

Pobrezinho, vai sofrer! Quem o protegerá? Quem o defenderá? Se essa mulher fôr infiel... se fôr cobiçosa, irá deixar que lhe falte tudo... Ele terá frio, terá fome, e ela o baterá, talvez! Meu filho, meu filho!...

Sou mãe desnaturada. Sou covarde, sou infame. Tenho medo... não tenho a coragem do meu crime... Não, não, não quero, não quero, desafiarei tudo, desafiarei o regresso de meu marido, a vergonha, a morte, mas não me separarei de meu filho, não me separarei d'ele senão na morte... Ainda é tempo... Justina vai chegar, e eu lhe pedirei que diga à nutriz que fique aqui.....

Nada, nada, meu Deus! Estar à mercê dessa gente... Justina acaba de se recusar a dizer-me o caminho seguido por essa mulher... Ousou falar-me dos deveres, do que devo a meu marido... Oh, vergonha, vergonha! Eu, outrora tão orgulhosa, es-

tar reduzida a isto!... No entanto, a infeliz chorou ao recusar atender-me... Pobre criatura, julgou-me louca!...

O que há de tenebroso é que não ouse invocar o céu pelo infeliz abandonado ao nascer. Está destinado a ser desventurado para sempre. Que será dele?...

Ah, você, pelo menos, não o abandone! Mas na sua infância, na idade em que tanto necessita de cuidados e de ternura, que poderá você fazer por ele? Nada, meu Deus, nada! Aliás, você poderá morrer num combate... Oh, que horror! Felizmente estou tão fraca que não resistirei a esta agonia, ou morrerei ao primeiro olhar do homem que tão terrivelmente ofendi...

Cada uma das suas cartas tão confiantes, tão ternas, tão nobres, me inflige mortal golpe... Ontem, comuniquei-lhe a notícia fatal... Mais uma mentira... Como sofrerá! Já ama tanto o filho...

Ah, que horror, que horror!... Contudo, a luta está no fim... Sim, sinto que está no fim...

Pedro... gostaria de revê-lo antes de morrer... É mais do que um simples pressentimento, é uma certeza... Digo-lhe, garanto-lhe que a "ele" nunca mais tornarei a ver.

Tenho certeza; se o revir... sinto que a sua presença me há de matar.

Amanhã você terá que abandonar a França.

Quando o pobre menino puder ser-lhe confiado, se sobreviver à sua triste mocidade, Pedro, ame-o, ame-o... Não terá tido mãe. Gostaria, se fôsse digno da santa vocação, e se esta lhe viesse à alma e ao caráter... que se tornasse sacerdote... Um dia, você lhe revelará o terrível segredo do seu nascimento.

Ele orará por você... por mim... e talvez o céu lhe ouça os rogos... Sinto-me cansada, mortalmente cansada... Uma vez ainda Pedro... Tornarei a vê-lo... Ah, pagamos cruelmente alguns dias de doida ebriedade!...

O que mais me fere é a sua confiança... Oh, garanto-lhe que a sua presença me matará... Sinto que vou morrer..."

Viam-se ainda os vestígios das lágrimas que tinham borrado algumas palavras da carta escrita por mão quase desfalecida.

Pog, depois de ler aquelas páginas que pintavam tão dolorosamente o estado de alma de Emília, ficou por algum tempo cismando.

Abaixara a cabeça sobre o peito.

Aquêle homem tão cruelmente ultrajado, aquêle homem endurecido pelo ódio, não conseguiu deixar de sentir certa piedade pela desventurada criatura.

Uma lágrima... uma lágrima ardente... a única derramada talvez há muito tempo, lhe sulcou a face.

Imediatamente, enfureceu-se outra vez contra o autor de todos aquêles terríveis males.

Agradeceu ao céu ter-lhe revelado o nome do sedutor de Emília.

Mas não quis cansar-se com a terrível vingança que meditava.

Continuou, pois, a ler.

Esta outra carta fôra também escrita por Emília, e communicava ao comendador a continuação da fatal aventura.

Quinta carta

Dezesseis de dezembro, nove horas da manhã.

"Meu marido sabe a suposta morte do menino... e o seu desespero raia a loucura. São dores tão dilacerantes, que a sua carta me espanta... A quarentena termina daqui a quinze dias... Não viverei até lá... O meu crime será sepultado comigo... Ele me chorará, talvez. Oh, enganar, enganar sempre!... Enganar até depois de morto... Deus me perdoará um dia? É um abismo de terror para onde não ousa olhar... Esta noite, às onze horas, Justina lhe abrirá a portinha do parque... Pedro, será um adeus solene, talvez fúnebre. Até amanhã..."

CAPÍTULO XXXIV

O assassino

UMA FOLHA de papel, uma parte da qual estava rasgada, continha esta espécie de confissão escrita, não se sabe com que fim nem dirigida a quem, pelo comendador, sem dúvida poucos dias após as sangrentas catástrofes que êle descreve.

Alguns passos rasgados talvez propositadamente pareciam dizer respeito a uma viagem ao Languedoc feita pelo comendador na mesma época, com certeza para informar-se do destino da infeliz criança.

.....

*"E as minhas mãos se tingiram de sangue...
Acabo de cometer um assassinio..."*

Assassinei o homem a quem já ofendera mortalmente...

Às onze horas, fui à portinha do parque... Fui introduzido ao pé de Emília.

Estava deitada, pálida, quase agonizante.

Ela, havia pouco tão bela, parecia um fantasma. A mão de Deus já a tocara.

Sentei-me à cabeceira, e ela me estendeu a mão gelada...

Levei-a aos lábios... também gelados.

Lançamos um derradeiro e doloroso olhar ao passado, e eu me acusei de tê-la perdido...

Falamos do nosso maravilhoso filho, choramos, choramos amargamente... quando, de repente...

Ah, sinto ainda um frio suor inundar-me a testa. Os cabelos se me eriçam na cabeça, e uma voz medonha me grita:

Assassino!... assassino!...

Oh, não procurarei fugir dos remorsos... Até o último dos meus dias, conservarei diante de mim a imagem da minha vítima...

*Juro-o pelo juízo de Deus que já me condenou...
Lembrei-nos...*

Foi um momento terrível.

O quarto de Emília estava debilmente iluminado por uma lâmpada noturna colocada perto da porta.

Eu dava as costas à porta.

Achava-me sentado à cabeceira do leito. Ela não conseguia refrear os soluços, e eu tinha a testa apoiada em sua mão.

Reinava em torno de nós o profundo silêncio.

Acabava de falar-lhe de nosso filho, acabava de prometer-lhe que lhe seguiria a vontade a respeito dele.

Havia tentado consolá-la, fazer-lhe esperar dias melhores, reunirá-la, dar-lhe a força para ocultar tudo ao marido, provar-lhe que, para a felicidade "dêle", era melhor deixá-lo na sua confiante segurança...

De súbito, a porta que se achava atrás de mim, abre-se violentamente.

Emília grita terrorizada:

— Meu marido!... Estou morta!

Antes que eu pudesse voltar-me... um movimento involuntário do marido apagava a lâmpada.

Picamos os três na escuridão.

— Não me mate antes de perdoar-me, gritou Emília.

— Oh, sim... você antes... éle depois, disse o Sr. de Montreuil com voz surda.

Foi um instante horrível.

Ele avançava... às apalpadelas... Eu também avançava.

Pretendia enfrentá-lo e retê-lo.

Não dizíamos nada... nada!

O silêncio era profundo.

Ouvia-se apenas o ruído da nossa respiração oprimida, e a voz baixa e aniquilada de Emília que murmurava:

— Senhor, tende piedade de mim... Senhor, tende piedade de mim!

De repente, senti na testa uma fria mão de mármore.

Era a mão do marido.

Procurando na treva, havia-me tocado.

Estremeceu, e disse, sem preocupar-se mais comigo:

— O leito deve estar à esquerda!

Aquela calma me espantou.

Atirei-me contra éle.

Naquele momento, Emília, que éle, sem dúvida, já agarrara, gritou:

— Perdão... perdão!...

Tentei travar-lhe o braço, e senti a ponta de um punhal roçar-me a mão.

Emília deu um longo suspiro. Estava morta ou ferida, e o sangue jorrou, atingindo-me a testa.

Então, perdi a cabeça.

Senti-me dotado de força sobrenatural.

Com a mão esquerda, agarrei o braço direito do assassino, com a direita lhe arranquei o punhal, e por duas vezes lho mergulhei no peito.

Ouvi-o cair sem dar um grito...

Depois, de nada mais me lembro...

Ao nascer do sol, vi-me deitado ao longo de uma sebe. Estava coberto de sangue.

Durante alguns momentos, de nada me lembrei; depois, tudo me voltou à memória, e voltei para casa, evitando todos os olhares.

Notei, ao entrar, que a minha cruz de Malta se perdera. Talvez me fôra arrancada durante a luta.

Encontrei Peyrou que me esperava com os cavalos, cheguei aqui... (algumas páginas estavam faltando nesse ponto) e ela já não vive.

Ele repousa ao seu lado na mesma campa. A idéia de crime me persegue... Sou duplamente criminoso... A minha vida inteira não bastará para que eu pague o erro que cometi"

Faltava o resto da página.

A última carta que se achava no cofre era uma carta dirigida a Peyrou por um patrão de barco dos arredores de Aiguemorte, cinco anos depois dos fatos que expusemos, e no mesmo ano, sem dúvida, do rapto de Erebo pelos piratas, na costa do Languedoc.

Peyrou, que servia então a bordo das galeras da religião com o comendador, participara do sêgrêdo da misteriosa e sangrenta tragédia.

A seguinte carta lhe fôra dirigida em Malta, ou continuara a seguir o comendador que, cinco anos após a fatal aventura, ainda não quisera voltar à França.

Ao Sr. Martin Peyrou, comitre-patrão da Nossa Senhora das Sete Dores

"Acaba de succeder uma grande desgraça, meu caro Peyrou. Há três dias, uma galera barbaresca fêz uma incursão pela costa que não estava defendida.

Os piratas puseram tudo a ferro e fogo, e levaram como escravos os habitantes que lograram agarrar; não sei como dizer-lhe o que devo dizer-lhe. A mulher Agniel e o menino que o senhor lhe confiara desapareceram, e foram, sem dúvida, massacrados ou levados como cativos pelos piratas. Estive nd casa, e ali tudo anunciava violência. Repito-lhe que ninguém duvida de que a mulher e o menino partilharam a sorte dos outros habitantes da infeliz aldeia. Terá o menino resistido às fadigas da navegação? Não é, infelizmente, de esperar. Envio-lhe as únicas coisas que foram encontradas na casa, o retrato do menino que, segundo a sua ordem, Agniel conduziu a Montpellier; foi ali que se fêz o retrato, há cerca

de um mês. Vi recentemente o pobrezinho, e posso garantir-lhe que o retrato está bem parecido. Talvez seja isso tudo quanto resta d'ele agora. Envio esta carta diretamente a Malta pela tartana "Santa Cecília", para que tudo vá ter mais seguramente às suas mãos.

P.S. No caso inesperado de ser o menino encontrado, traz ele tatuada no braço esquerdo uma cruz de Malta..."

Para completar essas explicações, resta dizer que, embora perigosamente ferido, Pog (Sr. de Montreuil) teve força bastante e presença de espírito para envolver aquella fatal noite num profundo mistério...

Depois da morte de Emília, ordenou a Justina, sob as mais espantosas ameaças, que dissesse haver a ama, já doente com a perda do filho, succumbido em consequência do parto.

Nada parecia mais natural que aquella versão, geralmente adotada.

Pog mantivera-se oculto na casa, até refazer-se completamente do ferimento recebido.

A força de promessas, de terror, quisera descobrir o paradeiro do menino por intermédio de Justina, mas nada lograra.

Resta explicar de que maneira Pog surpreendera a entrevista de Emília e do comendador.

Sabendo, no lazareto de Marselha, da suposta morte do filho, experimentara violenta dor. Julgara a mulher tão desesperada pela terrível desgraça, que, não obstante a pena de morte em que incorriam os desertores do lazareto, antes do término da quarentena, na mesma noite deixara a nado a filha Ratonneau, onde se localizavam então as construções.

Chegando à costa, onde um fiel criado o aguardava com roupa, entrara imediatamente na estrada de Lião, valendo-se da diligência expressa, com um falso nome.

Deixando os cavalos a duas léguas da casa, chegara a pé. Passando diante da portinha, deixada aberta pelo comendador, entrara no parque.

Havia alguns dias, por precaução, Emília afastara todos os criados, sob diversos pretextos, conservando apenas ao seu lado duas mulheres nas quais confiava cegamente.

O marido, encontrando pois a casa quase deserta, chegara despercebido até a porta do quarto de Emília. Esta, julgando-o ainda por mais dez dias no lazareto, não tivera a menor suspeita.

Pog, ouvindo a conversação entre a esposa e Pedro des Ambiez, certificara-se da sua desonra.

Quando se viu inteiramente restabelecido, abandonou para sempre a casa do Lionês.

Certo do silêncio de Justina, que não tinha o menor interesse em divulgar a sua estada naquela casa, abandonou a França, levando em seu poder considerável quantia em ouro.

Quando, no lazareto, descobriram que desaparecera, imaginaram que, com a dor pela perda do filhinho, se havia atirado ao mar. A notícia divulgou-se na França, e o comendador julgou que a vítima morrera em consequência dos ferimentos.

Pog ignorara sempre o nome do sedutor de Emília.

O seu único indício era a cruz de Malta do comendador que, durante a luta, caíra no quarto de Emília.

A cruz trazia as iniciais L. P. e esse sinal indicava pertencer o possuidor à *língua provençal*.

Compreende-se agora o feroz ódio nutrido por Pog contra os cavaleiros de Malta franceses.

A sua sede de vingança era tal que dirigia preferivelmente os seus ataques contra o Languedoc e a Provença, pois a cruz do sedutor de Emília devia pertencer a um cavaleiro de Malta nascido nessa província.

É inútil dizer quão violento e apaixonado era o amor de Pog por Emília, antes da traição...

A cólera, ou melhor, a monomania que se apoderara do seu espírito depois de êle se ver tão vergonhosamente iludido, era uma abominável prova da sua desesperada dor.

O retrato que o comendador des Ambiez mandara colocar sobre o ataúde que lhe servia de leito, como expiação do crime por êle cometido, era o retrato de Pog, obtido por Peyrou, por ocasião da venda da casa do Lionês.

Após ler as cartas que esclareciam tantos mistérios, Pog ficou um instante aniquilado.

E fechou os olhos.

Mil pensamentos, mil idéias confusas lhe ferviam na mente.

Pog temia enlouquecer.

Pouco a pouco, a vertigem cessou, e êle encarou com uma calma mais espantosa que a cólera as novas oportunidades que aquêle descobrimento proporcionava ao seu imenso ódio.

CAPÍTULO XXXV

Projetos

UMA VEZ esclarecido sôbre o nascimento de Erebo, Pog, na sua horrorosa alegria, agradeceu ao inferno ter-lhe cedido aquêlê menino.

Explicou, então, a aversão que Erebo quase sempre lhe inspirara, e as raras veleidades de ternura que, uma ou outra vez, muito vagamente, sentira pelo infeliz.

Erebo era filho do seu mais mortal inimigo... mas era também o filho da mulher que adorara.

Repetiu a si próprio que sem o secreto instinto de ódio e de vingança que o impelia, mau grado seu, não houvera indubitavelmente sentido o infernal prazer de corromper, de desnaturar a alma do desventurado.

Os corações mais endurecidos experimentam, às vêzes, uma espécie de alívio, quando julgam justificados os seus crimes.

A partir daquele momento, Pog, se é que tal se pode dizer, viu claro no seu ódio, e a sua única indecisão foi a maneira de vingar-se.

Um homem do caráter de Pog devia proceder com terrível prudência, para não comprometer a oportunidade de, finalmente, satisfazer a tremenda cólera que o possuía.

A morte de Erebo não podia satisfazê-lo. A sua morte, por mais lenta, por mais cruel que fôsse, não passaria de um dia de suplicio, e aquillo não era bastante.

A cólera de Pog era insensata. Se Erebo era a personificação viva do crime do comendador, era, não obstante, inocente dêsse crime. Mas Pog, já fazia muito tempo, que perdera tôda noção de justiça e injustiça.

Não hesitou, pois, em considerar Erebo uma vítima justamente entregue ao seu impressionante ressentimento. Estremecera de sinistro júbilo ao saber que Pedro des Anbiez fôra o sedutor de sua mulher, e agora já não duvidava da direção em que devia desferir os golpes.

Tudo parecia favorecer-lhe os projetos. Julgava ter matado Raimundo V, Barão des Anbiez, no ataque à Ciotat. Reinc, raptada por Erebo, era sobrinha do comendador: o destino parecia estar de acôrdo com êle para perseguir e aniquilar a odiada família.

Eis os seus pensamentos, quando as duas galeras e o xavoco chegaram ao ancoradouro das ilhas Santa Margarida.

Apenas fundearam, subiu Hadji a bordo da *Galera Vermelha*, onde se lhe deparou Pog imerso nas suas reflexões.

Em poucas palavras, informou-o do intuito de Erebo, e das vãs tentativas para subornar a equipagem do xaveco e fugir para o Oriente.

Pog empalideceu... Erebo ter-lhe-ia fugido, sem a fidelidade de Hadji e dos marujos, e a vingança teria sido impossível!

Manifestou ao cigano tamanho reconhecimento, que êste ficou estupefato. Aquêles sentimentos contrastavam estranhamente com o caráter de Pog.

— Tranqüilize-se, mestre Pog, retrucou Hadji, o senhor não deve ter na consciência o pêso de um tremendo reconhecimento. Eu e os marinheiros permanecemos fiéis, porque a tanto nos impeliu o nosso interesse. Ouça o meu conselho, mestre Pog, e aproveite a primeira oportunidade para desembarcar o rapaz. Erebo definha a todo instante, e acabou agora mesmo de chorar aos pés das duas mulheres. O meu conselho é que o senhor o abandone na primeira ocasião... Só poderá prejudicar-nos...

— Abandonar Erebo? gritou Pog, com tamanha paixão que Hadji o fitou com estupor. Abandonar Erebo?... Mas você não sabe... mas, que digo eu?... você deve ignorar... agora, agora mesmo, traga-me êsse menino... Você é responsável pela vida dêle... com a sua vida, compreendeu? Ou melhor, não... irei a bordo do xaveco... Será mais seguro.

O piloto, da *Galera Vermelha*, naquele instante, entrou com ar agitado.

— Mestre, disse a Pog, examinando o horizonte com a minha luneta, acabei de descobrir ao largo uma galera e uma polaca... Os dois navios não tardarão em passar por nós, e talvez sem nos perceberem... Assim queira Eblis... pois a galera negra é fatal aos que ela ataca...

— A galera negra? perguntou Pog.

— Quem não conhece a galera negra do comendador des Anbiez? retrucou o piloto.

— Ah, sem dúvida, interveio o cigano. O comendador estava sendo esperado de um dia a outro na Casa-Forte de Raimundo V... Pedro des Anbiez deve ter chegado depois de nós, deve ter visto a cidade em chamas, a so-brinha raptada, o irmão assassinado... e procura-nos, com certeza, para vingar-se...

— Essa galera... é a do comendador Pedro des Anbiez, disse Pog, balbuciando, tamanha a sua estupefação. Pedro des Anbiez... o comendador... aqui... êle!

É impossível pintar a explosão de selvagem alegria com a qual Pog proferiu tais palavras.

Após um momento de silêncio durante o qual passou as mãos pela testa, como que para certificar-se bem de que tudo quanto estava sucedendo era real, caiu de joelhos, uniu as mãos e disse com a expressão da mais profunda piedade:

— Meu Deus, meu Deus!... Perdoai-me. Por longo tempo duvidei da vossa justiça, e hoje ela se me apresenta em tôda a sua esplêndida majestade! Senhor, Senhor, perdoai-me! A dor me transtornou, e a vossa onipotência se mostra aos meus olhos. No mesmo dia pondeis à minha mercê, à mercê da minha vingança, pai e filho. Depois de vinte anos de tortura, meu Deus, depois de vinte anos!... Senhor, de joelhos, eu vos agradeço, e a minha vida inteira não bastará para vos agradecer!... Pai e filho em meu poder! Meu Deus, sois verdadeiramente grande, sois soberanamente justo!

Um violentíssimo acesso de fúria da parte de Pog não teria de tal modo espantado Hadji. Aquela prece feita em voz baixa, trêmula, encheu-o de inquietação.

O miserável que não recuava diante de nada teve medo...

Com efeito, era preciso tratar-se de coisa realmente formidável para curvar a cabeça de Pog para o chão, para lhe arrancar aquêle grito de reconhecimento e submissão.

Depois de orar, Pog tornou a pôr-se de pé, e por algum tempo andou de um lado a outro, agitado, sem dizer uma palavra, esquecido da presença do piloto e de Hadji.

Passou-se, assim, cerca de meia hora. O cigano examinava Pog com sombria e ansiosa curiosidade.

Esperava ver sair do caos em que as suas idéias pareciam imersas uma resolução estranha e fatal.

Pog, como se tivesse, enfim, sucumbido a tão violentas emoções, fraquejou, empalideceu como espectro, curvou-se sobre si próprio, e, sem o auxílio de Hadji e do piloto, teria caído ao chão.

O cigano levou-o ao seu leito, tirou um frasco da cintura, obrigou-o a respirar o conteúdo, e imediatamente Pog-Reis recobrou os sentidos.

— Agora me lembro de tudo, disse, olhando em volta com ansiedade. Agora me lembro de tudo. Você acha que sou fraco, não é, Hadji? Mas que quer?... Voltou à época dos milagres... Oh, essa manifestação da onipotência do Altíssimo me impõe deveres. Agora estou for-

te, agora não comprometerei os designios da justiça divina, pretendendo antecipá-los... Não, não, ouço a voz de Deus, ela será ouvida, e um terrível exemplo será dado ao mundo... Hadji, mande para cá Erebo, já!

Aquelas palavras, o tom calmo e a fisionomia quase tranqüila de Pog constituíram novo motivo de espanto para Hadji.

— Seja feito como o senhor manda, mestre. Enviar-lhe-ei o rapaz, ou melhor, eu mesmo o trarei, para maior segurança.

— Não é tudo, Hadji... Você gosta da pilhagem, como Trimalcião-Reis, mas gosta também do combate pelo combate, do perigo pelo perigo.

— E não recebi a minha parte de pilhagem, nem tampouco a minha parte de perigo durante a noite passada, mestre! Lançei o anzol, mas não foi para mim o peixe.

— Ouça, Hadji... Agora mesmo você poderá receber toda a sua parte de um brilhante combate... ou apenas assistir a êle. Trata-se de sair com o xaveco... de alcançar a galera negra do comendador des Anbiez... A velocidade do seu barco é superior à das galeras... Você içará uma bandeira negra, e atrairá o comendador para esta enseada...

— Compreendo, mestre...

— Você me compreende, Hadji! A colubrina da Casa-Forte nos causou tais avarias, que transcorrerão vários dias antes de podermos enfrentar de novo o mar. Mas em algumas horas poderemos estar em condições de sustentar um combate em recinto fechado, Hadji, e poucos semelhantes se poderão ver, se você me trouxer a galera negra!... Se quer conservar o xaveco que me pertence, não entre na enseada, Hadji. Uma vez que veja a *Galera Vermelha*, a galera negra não pensará em persegui-lo. Nesse caso, navegue para o sul, que eu lhe darei o xaveco e os escravos, Hadji.

— Não é para possuir o xaveco que procederei como o senhor deseja que eu proceda, respondeu Hadji com orgulho. Quem me teria impedido de valer-me das ofertas de Erebo? Quem me impediria, agora, de dizer que concordo com o que o senhor deseja, e navegar para o sul, em vez de fazer-me ao largo em busca da galera negra? Trarei o navio do comendador, e participarei do combate, porque assim me agrada, porque, apesar da sua calma aparente, mestre, deve haver em sua alma o início de espantosa tormenta que eu almejo desencadear... Sou curioso, mestre!

— Ah, pela ira do céu, do qual sou instrumento, você verá uma bela tormenta, se voltar!

— Voltarei, mestre.

— Traga-me imediatamente Erebo.

— Imediatamente.

— Sobretudo... não conte nada a Trimalcão do meu projeto... Aquêlê grosseirão feroz, uma vez atirado ao meio do fogo, saberá cumprir o dever...

— Fique tranqüilo, mestre... Antes de uma hora a galera negra, perseguindo-me, dobrará esta ponta...

— E então... e então, disse Pog a si próprio, com ar inspirado, solene, então esta enseada, agora tão tranqüila, assistirá a uma das grandes tragédias cuja lembrança terrifica por vêzes a humanidade durante gerações inteiras.

— Vou buscar Erebo, mestre, disse Hadji, desaparecendo.

Pog ajoelhou-se e orou.

CAPÍTULO XXXVI

A entrevista

ENQUANTO o cigano rumava para a *Galera Vermelha*, Erebo, quase mantido como prisioneiro, partilhava a cabina do xaveco com Reine e Estefaninha.

Apesar da cólera, apesar do terror, apesar da viva inquietação pela sorte do pai, a Srta. des Ambicz não pudera ficar insensível ao desespero de Erebo.

Erebo censurava-se pelo rapto de Reine com tal amargor, fizera tais esforços para obter do cigano a liberdade das duas jovens que Reine se compadeceu.

Pelo menos, na terrível posição em que se encontrava, podia contar com um defensor.

Uma débil luz iluminava a cabina em que estavam reunidas as três personagens.

Estefaninha, esgotada pela fadiga, dormia semidcitada numa esteira.

Reine, sentada, ocultava o rosto nas mãos.

Erebo, de pé, de braços cruzados, mantinha a cabeça abaixada, enquanto grandes lágrimas lhe sulcavam as faces pálidas.

— Nada, nada... Não encontro nada, disse em voz baixa.

Depois, olhando súplice para Reine, acrescentou:

— Que fazer? Meu Deus! Que fazer, para arrancá-la das mãos dêsses miseráveis?

— Meu pai, meu pai! disse surdamente a Srta. des Ambiez.

E, voltando-se para Erebo, explodiu:

— Ah, seja maldito, o senhor que causou todos os meus males. Sem o senhor, eu estaria ao lado de meu pai... Talvez êle esteja sofrendo, talvez esteja ferido! Pelo menos, não lhe faltariam os meus cuidados! Ah, seja maldito!

— Sim... sempre maldito! repetiu Erebo tristemente. Maldito sem dúvida por minha mãe, quando nasci... maldito pelo homem que me recolheu! Maldito pela senhorita! acrescentou, em tom dilacerante.

— Não me raptou de meu pai? Não tem sido, por acaso, cúmplice quase habitual dos bandidos que devastaram a cidade? gritou Reine, com indignação.

— Oh, tenha dó, não me aniquile!... Sim, tenho sido cúmplice dêles. Mas, meu Deus, lastime-me antes... Fui criado no mal, como a senhorita foi criada no bem! Teve mãe, teve pai, sempre teve sob os olhos nobres exemplos... Eu, lançado pelo acaso ao meio dêstes miseráveis, com a idade de quatro ou cinco anos, creio, sem pais, sem protector, vítima de Pog-Reis, que, por mero passatempo, assim me disse ontem, me criou no mal como se cria um lobinho na carnificina, habituado apenas a ouvir a linguagem das piores paixões, a não conhecer freio de espécie nenhuma, eu ao menos me arrependo dos males que causei... choro... choro de desespero, por não poder salvá-la; essas lágrimas não me teriam sido arrancadas pelas mais cruéis dores... essas lágrimas se devem ao remorso de a ter ofendido... Tentei reparar o êrro cometido, reconduzindo-a para a casa de seu pai. Infelizmente, não tive êxito... Ah, se nos rochedos da Provença, eu não a tivesse visto tão bela um dia...

— Nem mais uma palavra! exclamou Reine, com dignidade. Foi a partir daquele dia que começaram todos os meus males... Que dia fatal para mim!

— É verdade, fatal, fatalíssimo, pois se eu não a tivesse visto, jamais houvera experimentado qualquer aspiração ao bem... A minha vida tem sido inteiramente criminosa... Não teria sido atormentado pelos remorsos que agora me sacodem, disse Erebo, com ar sombrio.

— Infeliz, disse Reine, mau grado seu impelida pelo seu secreto pendor, não fale assim... Apesar do mal que me fez, a mim e aos meus, detestarei menos o nosso fu-

nesto encontro se a êle deve o senhor os únicos bons sentimentos que, um dia, talvez lhe permitam salvar a alma!

Reine proferiu tais palavras com tão viva emoção, com tamanho interesse, que Erebo uniu as mãos, olhando-a com espanto e reconhecimento.

— Salvar a alma!... Não compreendo as suas palavras... Pog-Reis me disse que a alma não existe... Enfim, o que me alegra é que a senhorita tem um pouco de pena de mim. São as únicas palavras bondosas que ouvi desde que nasci. A dureza, a violência me revolta... Certamente a bondade me dominaria... me faria melhor, mas infelizmente quem se importa que eu seja melhor? Ninguém!... Em volta de mim só vejo ódio, desprezo... ou indiferença.

Levou a mão aos olhos e calou-se.

Reine não pôde deixar de lastimar aquêle infeliz e de estremecer, à idéia dos detestáveis princípios que recebera.

Por um momento, dominou-a dolorosa compaixão, e ela compreendeu que a força dos bons instintos de Erebo bastaria, talvez, para encaminhá-lo ao bem, que aquêle jovem coração não estava de todo corrompido.

Desde que caíra em poder dos piratas, Erebo não se afastara dos limites do mais profundo respeito. Raptara-a com criminosa audácia, não havia dúvida, mas patenteava-lhe a mais tímida submissão...

A Srta. des Anbiez, comovida com o novo contraste que provava a luta de uma natureza generosa contra perversa educação, pensava, mau grado seu, em tudo quanto Erebo teria podido pretender, se uma sorte cruel o não tivesse atirado a tão desastroso caminho.

Corando, entretanto, da comiseração sentida, censurando-se por se esquecer da inquietação que lhe causava o destino de Raimundo V, gritou:

— Meu pai, meu pai, que lhe terá acontecido? Quando tornarei a vê-lo? Que horror, meu Deus!

Erebo, crendo que Reine se dirigia a êle, respondeu tristemente:

— Julga que não tento tudo para arrancá-la daqui? Como fazer? Ah, sem a senhorita... sem a vaga esperança que tenho de lhe ser útil!...

Erebo não terminou. Mas a sua fisionomia se turvou de tal maneira que Reine, assustada, gritou:

— Que quer dizer?

— Quero dizer que, quando não é possível suportar a vida, a gente se livra dela. Quando a senhorita estiver em segurança, Erebo lhe dirigirá o seu último pensamento e morrerá.

— Mais um crime! Ele terminará uma vida já tão culposa com um novo êrro! exclamou Reine. Não sabe que a sua vida pertence a Deus?

Erebo sorriu amargamente.

— A minha vida me pertence, pois me é dado livrar-me dela quando me pesa... Quando a deixar, não poderei mais viver! Se não me mato aos seus pés, é porque espero ainda ser-lhe útil. Para que viver agora? A senhorita me fez compreender como foi criminosa a minha existência até o presente momento. O futuro! O futuro para mim... é a senhorita... e eu sou indigno... Não me ama... e nunca me amará. Ah, maldito seja o cigano que me enganou, que me disse que a senhorita não se esquecia do homem que lhe salvara o pai!...

— Nunca me esqueci de que o senhor salvou a vida de meu pai! disse Reine, com dignidade. Não posso tampouco esquecer-me da sua violência, mas devo lembrar-me do que fez para reparar o tremendo êrro cometido. O arrependimento, o remorso dos maiores crimes recebe o perdão de Deus! Se Ele permitir que eu torne a ver meu pai e minha casa, saberei perdoar-lhe, Erebo... e antes de o deixar lhe direi: "Não desespere da infinita bondade de Deus!... Em vez de ceder a um desespero insensato, abandone para sempre os que o obrigaram a ser cúmplice de atos nefandos, instrua-se na nossa santa religião; aprenda a conhecer, a amar, a abençoar o Senhor... Torne-se homem de bem... prove, com uma vida exemplar, que deixou o funesto caminho encetado, e então... teremos pena... dos seus infortúnios passados... então poderemos esquecer os seus ultrajes... então acreditaremos que, realmente, quis pagar tôdas as suas culpas!"

— E se eu seguir os seus conselhos, gritou Erebo, exaltado pela nobre e piedosa linguagem de Reine, se me tornar homem de bem, poderei um dia apresentar-me na Casa-Forte de Raimundo V?

Reine abaixou os olhos.

A porta da cabina abriu-se bruscamente e o cigano, entrando, tirou a jovem, sem o querer, de um forte embaraço.

Estefaninha acordou, sobressaltada, e disse:

— Ah, meu Deus, senhorita, estava sonhando que ia casar-me com o pobre Luquin, que nos havia libertado, e se aprestava para enforçar êste horroroso vagabundo!

— Tudo quanto desejo, minha beleza, retrucou o cigano, sorrindo cnicamente, é que se realize o contrário do seu sonho, como em geral sucede. São os meus votos pelo capitão Luquin.

— Que quer você? gritou Erebo, impaciente, interrompendo Hadji.

— Venho buscá-lo... Pog-Reis deseja falar-lhe, e aguarda-o a bordo da *Galera Vermelha*.

— Diga a Pog-Reis que não deixarei o xaveco senão para conduzir a terra a Srta. des Anbiez. Sou aqui o seu único protetor, e não a abandonarei!

O cigano, conhecendo a resolução de Erebo, preferiu recorrer a uma mentira a empregar a força para afastá-lo da Srta. des Anbiez. Portanto, disse-lhe:

— Pog-Reis quer vê-lo para desembaraçar-se do senhor. Sabe que tentou subornar a equipagem. Quanto a estas duas mulheres, prefere um resgate... E ao senhor caberá pedi-lo a Raimundo V. Uma vez recebido o dinheiro, poderá levar estas duas pombas à Casa-Forte.

— É uma cilada para que eu saia daqui, respondeu Erebo. Você mente!

— Se eu pretendesse apenas afastá-lo daqui, meu jovem amo, quem me impediria de pedir o auxílio dos meus homens?

— Trago comigo um cânjiar! gritou Erebo.

— Depois de apunhalar um, dois ou três dos meus honrados piratas, não sucumbiria, mais cedo ou mais tarde, diante da superioridade numérica? Creia no que lhe digo, venha a bordo da *Galera Vermelha*. Pog-Reis lhe dará as ordens e a barca. O senhor irá procurar Raimundo V, e amanhã poderá estar aqui com uma boa quantia que o barão se apressará em entregar para rever a filha. Amanhã, repito, poderá levar de volta estas duas moças.

— Meu Deus, que fazer? gritou Reine. Este homem talvez esteja falando a verdade. E meu pai não hesitaria em ceder a quantia, por mais elevada que fôsse. No entanto, se este homem estiver mentindo, perderemos o nosso único protetor... acrescentou, voltando-se para Erebo.

Erebo também ficou perplexo. Comprendia que seria obrigado a ceder ao número e que, recusando-se a obedecer a Pog-Reis, agravava a situação da Srta. des Anbiez.

Após alguns momentos de silêncio, Reine disse a Erebo, em tom de voz corajoso:

— Vá procurar meu pai, e entregue-me essa arma — e apontou para o punhal. Fico sem defensor, mas ao menos escaparei à desonra com a morte...

Impressionado por aquelas palavras tão simples, tão imponentes, Erebo ajoelhou-se respeitosamente diante de Reine, e entregou-lhe o cânjiar, sem proferir uma palavra, como se temesse profanar a solenidade da cena.

Depois saiu da cabina seguido do cigano, embarcou numa chalupa e foi ter com Pog, a bordo da *Galera Vermelha*.

Hadji deixou Erebo a bordo do navio, e voltou ao xaveco, a fim de obedecer às ordens de Pog.

Reine e Estefaninha não perceberam que o xaveco ia saindo da enseada.

Depois de várias bordadas, Hadji distinguiu perfeitamente a galera negra do comendador e a polaca do capitão Trinquetaille. Os dois navios vinham da Ciotat. Algumas palavras explicarão a sua presença em frente da enseada, nas pegadas dos piratas.

CAPÍTULO XXXVII

Os três irmãos

A O RAIAR do dia, Pedro des Anbiez chegara à altura do cabo da Águia.

Apenas a galera negra fundeou no pôrto da Ciotat, o comendador, acompanhado do irmão, desceu à terra.

Por tôda parte, encontraram vestígios da barbaridade dos piratas.

Os habitantes desesperados viram, então, tôda a extensão das perdas sofridas. Cada familia soube quais os entes que tinham morrido ou que tinham caído no cativeiro.

Durante a batalha, cada um tratara sômente de se defender, repelindo o inimigo. A noite cobrira os desastres que o dia revelava em todo o seu horror.

Paredes encegrecidas pelo incêndio mal sustentavam restos de madeiramento.

Da casa da comunidade só restavam as paredes; as janelas despedaçadas, a sacada demolida, a porta reduzida a cinzas, as vigas carbonizadas provavam com que vigor se haviam defendido os burgueses.

A grande praça da Ciotat, teatro da ação mais violenta daquela noite fatal, estava juncada de cadáveres.

Nada mais desolador que ver os infelizes habitantes procurar entre os mortos um pai, um irmão, um filho, um amigo.

Quando reconheciam aquêles que procuravam, uns, petrificados pela dor, contemplavam com tristeza os restos inanimados; outros davam gritos de vingança impotente,

e lançavam ao vento vãs ameaças; outros, finalmente, na sua insensatez, corriam ao pôrto, como se pretendessem lá encontrar as galeras dos piratas.

O comendador e o Padre Elzear percorreram aquêlê teatro de desolação, consolaram da melhor maneira os desventurados, e pediram informações sôbre Raimundo V.

Souberam, assim, que êle realizara útil e corajosa diversão, atacando os piratas à testa dos homens da Casa-Forte, mas ninguém lhes soube explicar se estava, ou não, ferido.

Os dois irmãos, inquietos, rumaram apressadamente para a Casa-Forte, seguidos de alguns suboficiais da galera, e de Luquin Trinquetaille, que também fundeara no pôrto.

Chegados ao castelo des Anbiez, viram a ponte abaixada e o grande pátio deserto, embora fôsse hora de trabalho.

Subindo a escada, chegaram à imensa galeria onde se realizara, na véspera, a piedosa cerimônia do natal.

Todos os moradores da Casa-Forte, homens, mulheres, crianças, velhos, estavam ajoelhados na vasta sala em que reinava o mais profundo silêncio.

Aquela multidão estava tão recolhida e olhava com tamanha ansiedade para a porta entreaberta do quarto de Raimundo V, que ninguém notou a entrada do comendador e do Padre Elzear.

No fundo da galeria, sob o dossel, via-se o presépio, obra-prima de Dulcelina e do bom sacerdote. Algumas velas acabavam de arder nos lustres de cobre. A gigantesca acha de lenha do natal fumegava no fundo da chaminé ainda rodeada de ramos de árvores verdes, ornados de frutos, flores e fitas.

Nada mais impressionante que aquêlê quadro iluminado pelos primeiros e pálidos albores de um dia de inverno... Nada mais doloroso que aquêlê contraste entre a festa da véspera e o luto da manhã.

Após contemplar um instante a cena ao mesmo tempo sinistra e imponente, o comendador afastou docemente com a mão alguns vassallos do barão para abrir caminho até a porta do quarto.

— O comendador! O bom Padre Elzear!

Tais foram as palavras que circularam naquela multidão inquieta que aguardava com ansiedade novas da saúde de Raimundo V.

Não se sabia ainda se os ferimentos deixavam margem para esperanças.

Pedro des Anbiez e o irmão, caminhando com precaução, entraram no quarto do barão.

O velho gentil-homem, ainda trajado como na véspera, estava deitado no leito.

Uma extrema palidez lhe cobria o venerável rosto. Os seus longos cabelos brancos achavam-se encharcados de sangue.

O Padre Mascarolus ia pensando os profundos ferimentos recebidos pelo gentil-homem na cabeça. Honorato de Berrol ajudava-o no piedoso mister.

Dulcelina, cujas lágrimas não cessavam de correr, cortava faixas de pano, enquanto o mordomo Laramée, de pé, na extremidade do leito do amo, mal refreava os soluços, e parecia não ver, não ouvir o que se passava em torno dêle.

Os atores da triste cena estavam tão dolorosamente absortos, que o Padre Elzear e Pedro des Anbiez entraram despercebidos.

— Meu irmão! exclamaram ao mesmo tempo o comendador e o religioso, atirando-se de joelhos à cabeceira do leito de Raimundo V, cujas mãos geladas beijaram com fervor.

— Senhor padre, os ferimentos são graves? perguntou o comendador enquanto Elzear continuava ajoelhado.

— Ah, é o senhor, comendador! disse o capelão, surpreso. Se tivesse chegado ontem, tôdas estas desgraças houveram sido evitadas... e monsenhor não estaria correndo perigo de morte.

— Por Deus! exclamou Pedro des Anbiez.

— É preciso mandar buscar imediatamente o irmão Anselmo, médico da minha galera... êle o ajudará... conhece muito bem os ferimentos causados pelas armas de guerra.

Vendo Luquin Trinquetaille no limiar da porta, ordenou-lhe:

— Depressa, vá buscar o irmão Anselmo!

Luquin desapareceu.

O padre parecia estar ouvindo ansiosamente a respiração assaz penosa de Raimundo V... Finalmente, o barão fez um leve movimento, virou a cabeça para o lado do sacerdote, sem abrir os olhos, e deu um longo suspiro.

O comendador e Elzear interrogaram-no com um olhar inquieto.

Mascarolus fez um sinal de aprovação e valeu-se do estado do nobre, para terminar o penso.

O Padre Elzear, não percebendo Reine à cabeceira do leito do pai, em tão solene momento, disse baixinho a Honorato:

— E Reine? A pobrezinha não pôde suportar êste triste espetáculo?

— Meu Deus! exclamou Honorato com dor. Não sabe, padre, as desgraças que se acumularam sobre esta casa! Reine foi raptada pelos piratas!

O Padre Elzear e o comendador olharam-se, estupefatos.

— Meu Deus, meu Deus, poupai êste derradeiro golpe à sua velhice! orou o religioso, unindo as mãos com fervor e erguendo para o céu um olhar de súplica. Permitti que arranquemos a infeliz das mãos dos piratas!

— E os piratas? Não se sabe para que lado fugiram? perguntou o comendador, encolerizado. É preciso interrogar todos os patrões de barca que estão para chegar... A noite foi clara, e poderemos ter informações.

— Ai, senhor, disse Honorato, faz apenas uma hora que cheguei à Casa-Forte, a esta casa que eu e os hóspedes do barão deixamos tão tranqüila ontem de noite. Não sabia dos espantosos fatos aqui ocorridos! Quando para cá trouxeram o barão sem sentidos, o bom padre me avisou imediatamente, e vim para ver meu segundo pai quase moribundo... e para saber que a Srta. des Ambiez fôra raptada, acrescentou o rapaz, com desespero.

Raimundo V continuava desacordado. De vez em quando, dava um fraco suspiro, e logo depois retombava na letargia.

O comendador aguardava com impaciência o médico da galera, pois julgava superiores os seus conhecimentos aos do capelão.

Finalmente, chegou, seguido de Luquin Trinquetaille o qual, apesar do profundo silêncio feito em tórno do ferido, gritou da porta para o comendador:

— Monsenhor, os piratas devem ter fundeado na costa, no máximo a umas vinte e cinco léguas daqui.

Pedro des Ambiez, fazendo um sinal ao digno capitão para que se calasse, rumou imediatamente para o seu lado, e levou-o para a galeria, então deserta, visto que os vassallos se tinham retirado a convite do capelão.

— Que me diz? perguntou-lhe. Quem o informou?

— Monsenhor, foi um patrão de barca, Nicard. Esta noite, passou bem perto de duas galeras e de um xaveco que seguiam a costa, e reconheceu facilmente a *Galera Vermelha*. Os navios navegavam lentamente, como se tivessem sofrido pesadas avarias e desejassem, a todo instante, recorrer a um dos abrigos desertos do litoral.

— É exato, disse o comendador, refletindo. Devem ter sofrido graves avarias para permanecerem nestas costas, em vez de fugirem para o sul com os cativos e a presa.

— Deve ter sido a colubrina da Casa-Forte que lhes causou os danos, porque Pierron, o pescador, me disse ter ouvido continuamente o tiro da artilharia, quando as galeiras dos demônios dobraram a ponta da ilha Verde, e esse passo serve muito bem de alvo à colubrina, como cem vezes me assegurou Laramée.

— A vingança do Senhor atingirá os bandidos ainda ébrios de sangue e pilhagem, disse o comendador com voz surda. Talvez eu consiga arrancar-lhes das mãos a infeliz filha de meu irmão.

— E também Estefaninha, por favor, monsenhor, disse Luquin. Os bandidos a raptaram, sem dúvida, com o auxílio de um cigano maldito que Deus mandará certamente ao alcance dos meus braços.

— Não há um momento para perder, disse o comendador, após refletir por alguns minutos.

Depois, voltando-se para Luquin:

— Corra ao pôrto, e dê ordens, de minha parte, ao rei dos cavaleiros para que mande preparar tudo para a partida da galera; você me seguirá com o seu barco. A que altura encontrou Nicard a *Galera Vermelha*?

— À altura da ilha de Saint-Féréol, monsenhor.

— Se é assim, não precisaremos revistar a costa para cá da ilha de Saint-Féréol. Uma vez ao mar, você navegará a todo pano examinando os pontos do litoral que possam, provavelmente, servir de abrigo aos piratas. Se vir algo suspeito, você me informará imediatamente. Ficarei sempre à vista do seu barco.

— O céu abençoe o seu feito, monsenhor, e permita que eu possa auxiliá-lo!...

Luquin Trinquetaille, inflamado da esperança de rever talvez Estefaninha e vingar-se do cigano, correu imediatamente ao pôrto.

Pedro des Ambiez tornou a entrar no quarto de Raimundo V. O médico da galera deu-lhe boas notícias, pois a respiração do ferido era menos oprimida e a sua sonolência menos pesada.

O comendador ficou alguns momentos pensativo, contemplando o irmão. Pressentimentos que ele não podia vencer, e que subitamente o assaltaram, diziam-lhe que aquêle dia lhe seria fatal. Entristecia-se por ter de abandonar Raimundo V, sem ser por ele reconhecido. O tempo urgia; aproximando-se do leito, inclinou-se e beijou a face gelada do ferido, dizendo-lhe em voz baixa e entrecortada:

— Adeus... adeus, meu pobre irmão... adeus...

Quando voltou a erguer-se, a sua figura austera e dura estava comovida, e uma lágrima lhe sulcava o rosto.

— Abrace-me, meu irmão, disse a Elzear. Vou partir para um combate... um combate encarniçado, uma vez que a *Galera Vermelha* é corajosa. Tenho esperança de encontrar os piratas numa enseada qualquer da costa.

— Senhor comendador... quero acompanhá-lo, interveio Honorato de Berrol, embora sinta ter de deixar Raimundo V em semelhante momento. Peço-lhe que me aceite como voluntário.

Pedro des Ambiez pareceu agitado por uma luta interna; conhecia a coragem de Honorato, mas sabia quão perigosa era a aventura que ia tentar, e previa uma dessas lutas funestas para todos os que delas participam.

— Compreendo o seu ardor, disse-lhe. Talvez encontraremos os piratas, e consigamos arrancar-lhes Reine. Mas se eu não voltar, e, pior, se ela não voltar? Que será dêle? — E apontou para Raimundo V — Quem o consolará? Êle já não o quer como um filho?

— E se o senhor não voltar, e ela tampouco não, protestou Honorato, quem me consolará de o não ter seguido, partilhando de todos os perigos?

— Venha, ordenou-lhe o comendador, não me é dado opor-me a tão nobre resolução... Partamos... Mais uma vez adeus, adeus, meu irmão, ore por nós, disse, abraçando afetuosamente o Padre Elzear.

— Ah, que Deus favoreça a sua tentativa! Que Deus permita o regresso da infeliz jovem, e que nosso irmão, despertando de tão doloroso sono, encontre Reine ajoelhada à sua cabeceira!

— O céu o ouça, meu irmão! retrucou o comendador.

Mais uma vez apertou a mão gelada de Raimundo V e, saindo, rumou para o pôrto, onde se lhe deparou a galera prestes a zarpar. Iniciou-se imediatamente a viagem da galera e do barco do bravo Trinquetaille.

Foi por isso que a galera negra estava à vista da baía de Lerins, onde se achavam fundeadas as duas galeras dos piratas, quando Hadji saiu da enseada com o xaveco para cumprir as ordens de Pog e fazer com que o navio da religião o perseguisse.

CAPÍTULO XXXVIII

Preparativos de luta

O VENTO era favorável à galera negra e à polaca. Após ultrapassarem a ilha de Lerol, os dois barcos diminuíram a velocidade.

Luquin Trinquetaille pesquisou as diversas enseadas da costa, sem descobrir as galeras piratas, que elle devia assinalar ao comendador, com um tiro de uma das suas peças.

Pelo cair da noite, no momento em que o sol começava a sumir no horizonte, a galera negra e a polaca chegaram à vista das ilhas Santa Margarida, no instante em que o xaveco de Hadji, como já dissemos, saíra da enseada por ordem de Pog, a fim de ir ao encontro dos navios dos cristãos, e atraí-los em sua perseguição.

O capitão Trinquetaille reconheceu o xaveco, e navegou a todo pano para alcançá-lo.

O cigano, pelo contrário, diminuiu a velocidade, e aguardou-o.

O noivo de Estefaninha, com auxílio do óculo de alcance, reconheceu Hadji, que dirigia pessoalmente o barco.

O digno capitão do *Santo Espanto dos Mouros* estremeceu de raiva, e teve de recorrer a todo o seu domínio para não atacar aquêle que elle supunha raptor de Estefaninha; mas, fiel às ordens do comendador, dobrou a ponta de Lerol, e dali a pouco viu a *Galera Vermelha* e a galera de Trimalcião fundeadas na baía, muito próximas uma da outra.

Verificando, pois, que se tratava realmente dos piratas, reuniu-se à galera negra para anunciar o descobrimento a Pedro des Anbiez, enquanto o xaveco de Hadji entrava na baía.

Ao chegar à pôpa do barco da religião para dar a nova ao piloto, ordenou-lhe este, de parte do comendador, parar o barco, e subir a bordo da galera.

Luquin obedeceu, vendo com desespero que o xaveco de Hadji, com o qual desejava ardentemente travar combate, lhe escapava.

Estavam os cavaleiros reunidos na coberta da galera, onde já ressoara o toque de combate.

Os varandins, que, na proa, formavam uma espécie de castelo dianteiro, e nos quais se situavam as cinco peças de artilharia de que dispunha o navio, haviam sido revesti-

dos de acolchoados de estôpa com várias polegadas de espessura, destinados a amortecer o impacto dos projéteis inimigos.

Em seguida, para o caso de uma abordagem, erguera-se um bastião ao longo de toda a extensão da galéria, na altura do quarto banco da proa.

O bastião compunha-se de traves e vigas, cujos interstícios tinham sido tapados com cordas e restos de velas. Com seis pés de altura no lado da pôpa, tinha apenas cinco no lado da proa, para a qual se abaixava em forma de declive até o nível dos varandins.

Destinava-se a impedir que a artilharia inimiga recorresse a tiros de enfiada.

Os suboficiais e os soldados estavam munidos de capacetes de aço, de corpete e de gorjal de ferro. As mechas ardiam perto dos canhões e dos morteiros; os mastros tinham sido desarvorados e colocados no corredor central do navio. As galeras nunca se batiam a vela, e sim a remo.

Os escravos que compunham a turma acompanhavam os preparativos com mudo terror ou estúpido descuido.

Aquêles infelizes, acorrentados aos bancos, só eram considerados força motriz. A manobra à qual estavam sujeitos a bordo da galera, embora horivelmente fatigante, deixava-lhes a calma necessária para encarar o perigo.

A posição dêles era duplamente cruel; espectadores amordaçados¹ e passivos de uma luta encarniçada, nem sequer podiam, para se entontecerem no meio do perigo, saciar o ardor animalesco que o instinto de conservação desperta no homem à vista da carnificina, e que faz dar golpe por golpe, ou matar para não ser morto.

Os escravos também não tinham esperança de um banal festejo após a vitória. Quando o navio dêles vencia, continuavam a remar; quando era vencido, remavam a bordo do vencedor.

Colocados, durante a ação, entre as balas do inimigo e as pistolas dos comitres, que os matavam à menor recusa de remar, os homens da turma só tinham um meio de escapar a morte certa, era exporem-se a morte menos certa. Afinal, visto que nem tôdas as balas caíam em plena galera, e a pistola do comitre lhes ficava encostada no peito, resignavam-se e remavam.

Em todo caso, eram indiferentes à vitória, e muitas vêzes interessados na derrota, pois, conforme fôsem tur-

1. Em geral, eram amordaçados os componentes da turma, por meio de um pedaço de cortiça, chamado *Tap*, preso por um cordãozinho atrás das orelhas.

cos ou árabes os vencedores, libertavam os compatriotas; quanto aos renegados, qualquer turma lhes servia. Assim, sabendo os forçados da galera negra que ia iniciar-se a luta contra a *Galera Vermelha*, pouco se importavam com o resultado.

Todos se preparavam para o combate no maior silêncio.

A fisionomia austera, tranqüila, dos soldados da cruz, mostrava que, para eles, não havia novidade naqueles preparativos.

Os cavaleiros inspecionavam cuidadosamente os diferentes serviços de que estavam incumbidos, e tudo se fazia com uma grave calma. Dir-se-ia que se tratava dos preparativos de uma solenidade religiosa.

Os cavaleiros reunidos na pôpa examinavam a posição das galeras dos piratas.

Quando Luquin Trinquetaille chegou à coberta, ordenou-lhe o comitre que ali aguardasse o comendador, o qual não tardaria em subir.

Pedro des Anbiez, ajoelhado na sua cabina, orava com fervor. Desde que partira da Casa-Forte, negros pressentimentos o dominavam. Na exaltação dos seus remorsos, vira uma coincidência providencial entre o seu regresso e os horrorosos desastres que acabavam de cair sobre a família.

Acusava-se de ter, com o seu crime, atraído a vingança do céu.

A sua imaginação, excitadíssima pelas violentas emoções que acabavam de o ferir, evocou estranhos fantasmas.

Lançando um olhar sombrio e temeroso para o retrato de Pog, pareceu-lhe que os olhos daquele homem brilhavam com uma luz sobrenatural.

Por duas vezes se aproximou do retrato para certificar-se de que não era vítima de uma ilusão, e por duas vezes recuou espantado, sentindo a testa coberta de frio suor, e os cabelos eriçados.

Então, vítima de um desvario, nada mais viu... Objectos sem nome passaram-lhe diante dos olhos com terrível rapidez, e pareceu-lhe ser arrebatado por um turbilhão.

Pouco a pouco, recobrou a lucidez, e tornou a ver-se na cabina da galera, em frente do retrato de Pog.

Pela primeira vez na vida, pensando no combate que iria travar com os piratas, teve medo. Em vez de se atirar à luta com a selvagem impetuosidade que o caracterizava, em vez de pensar com feroz alegria no tumulto da abordagem, cujas mil vozes enfurecidas eram as únicas que logravam abafar-lhe a voz do remorso, teve pensamentos de morte.

Estremeceu, e perguntou a si próprio se a sua alma poderia apresentar-se a Deus... se tôda a austeridade de que se rodeava havia tantos anos bastava para expiar o crime.

Terrorizado, ajoelhou-se, e pôs-se a orar com fervor, suplicando a Deus que lhe desse a coragem e a força necessárias para cumprir a última missão, fazendo talvez triunfar mais uma vez a cruz, e arrancando Reine das mãos dos bárbaros.

Mal terminara de orar, alguém bateu à porta.

Pedro ergueu-se.

Mestre Hughes, o canhoneiro, surgiu no limiar.

— Que quer?

— Um homem, enviado pelos infiéis, veio na qualidade de parlamentar. Senhor comendador, devo afundar-lhe o barco com um tiro, ou fazê-lo subir a bordo?

— Faça-o subir.

— Aonde o conduzirei?

— Aqui.

Pedro des Anbiez julgou compreender o significado daquela medida. Os piratas, tendo por refém Reine des Anbiez, pretendiam exigir um resgate.

O canhoneiro voltou imediatamente seguido do cigano.

— Que quer? perguntou-lhe o comendador.

— Mande sair este homem, monsenhor. Sòmente os seus ouvidos é que devem ouvir o que vai dizer a minha bôca.

— Impudente! replicou Pedro des Anbiez, olhando penetrantemente para Hadji.

Depois, voltando-se para mestre Hughes, disse-lhe:

— Retire-se!

— E o senhor ficará sòzinho com este bandido, senhor comendador?

— Somos três, replicou Pedro des Anbiez, mostrando as suas armas.

— Julga-me assassino? perguntou Hadji, com altivez.

O canhoneiro levantou os ombros, e saiu quase a contragosto, embora a elevada estatura e os robustos membros do capitão, comparados à estatura do cigano, lhe inspirassem confiança.

— Fale... Não quero ainda mandar crucificá-lo na proa da minha galera, ordenou Pedro des Anbiez ao cigano.

Este, sempre com a habitual ousadia, respondeu:

— Quando a minha hora chegar, estarei pronto. Pog-Reis, senhor da *Galera Vermelha* aqui me envia, monsenhor. Foi êle que atacou a Ciotat, e é êle que tem em seu poder Reine des Anbiez.

— Basta, miserável, não se gabe ainda mais dos seus nefandos crimes, ou mandarei que lhe arranquem a língua! Que veio pedir? Tenho pressa em castigar os seus cúmplices. Se vem falar-me de graça e de resgate, ouça bem a sorte que aguarda a você e aos seus companheiros: tentem ou não defender-se, serão todos conduzidos, em grilhões, para a Ciotat, e queimados no meio da praça da casa da comunidade... Compreendeu?

— Compreendi, respondeu o vagabundo com imperturbável sangue frio. Pog-Reis não se opõe a que o senhor lhe mande queimar a equipagem.

— Que pretende insinuar? Que êle está disposto a ceder-me os cúmplices, se eu lhe poupar a vida? É justo; tão grande crueldade deve ocultar extrema covardia. Se é assim, mudo de opinião. Os dois capitães de galera e você serão esartejados antes de irem à fogueira, e isso nem que me entreguem os seus cúmplices de pés e pulsos amarrados para sofrerem o suplicio que merecem. Retire-se... e diga tudo isso aos seus companheiros. Retire-se! O sangue me ferve, quando penso na infeliz cidade, quando penso em meu irmão! Retire-se, não quero conspurcar as mãos com o sangue de um bandido, e quero que você transmita aos seus a sorte que os aguarda!

— Não participei da chacina da cidade, monsenhor.

— Cale-se!

— Está bem, monsenhor. Mas antes devo dizer-lhe que Pog-Reis e o outro capitão lhe propõem um combate singular, ao senhor e a um dos seus cavaleiros, dois contra dois, com espada espanhola e punhal. Se êle morrer, o senhor lhe atacará as galeras após o combate singular, e vencê-las-á com maior facilidade, pois serão dois corpos sem cabeça. Se o senhor morrer, o seu lugar-tenente atacará as galeras de Pog-Reis. O desejo de vingar-lhe a morte dará extraordinário ardor aos soldados, e indubitavelmente oferecerão em holocausto aos seus manes Pog-Reis e a equipagem. Isso em nada muda os seus projetos; mas o capitão da *Galera Vermelha* quer encontrar-se frente a frente com o capitão da galera negra. O tigre e o leão devem enfrentar-se.

O comendador, estupefato, ouviu aquela proposta insolente e inaudita.

Quando o cigano terminou de falar, Pedro des Anblez, encolerizado, não pôde deixar de agarrá-lo pela garganta, gritando:

— Como, miserável! Essa é a mensagem de que o incumbiram?... Ousar propor-me que cruze a espada com

um assassino da categoria de Pog-Reis ou com um dos seus bandidos... Santa Cruz!... acrescentou, repelindo tão vivamente Hadji, que êste se estatelou na outra extremidade da cabina, para puni-lo por tamanha imprudência, mandarei que lhe apliquem vinte chicotadas, antes do suplicio.

O cigano lançou um olhar de tigre a Pedro des Anbiez, apertou convulsivamente os maxilares, mas, vendo que seria inferior numa luta contra o comendador, conteve-se e replicou:

— Pog-Reis, monsenhor, contara com uma primeira recusa, e para decidi-lo de vez, pediu-me lhe lembrasse que sua sobrinha está em seu poder. Se recusar a proposta, se atacar as galeras, Reine des Anbiez e os demais cativos morrerão imediatamente...

— Miserável!

— Se, pelo contrário, aceitar o combate singular e me der como garantia a sua luva... Reine será imediatamente transferida para bordo dêste navio, e lhe será devolvida sem resgate... assim como os prisioneiros que Pog-Reis tirou da Ciotat...

— Jamais discutirei condições com semelhantes assassinos... Retire-se!

— Pense bem, monsenhor! Pog-Reis, se o senhor o atacar, se defenderá vigorosamente. Se perder, fará saltar a galera, e o senhor não terá nem êle nem Reine des Anbiez, nem os cativos, ao passo que devolverá a jovem ao pai e os cativos à cidade, se aceitar o combate.

— Cale-se... ordenou o comendador que não pôde deixar de refletir na vantagem da proposta, apesar de toda a insolência de que a revestiam.

— Enfim, continuou Hadji, como se tivesse guardado a última consideração por ser a mais decisiva, enfim, o espírito misterioso quer o combate que Pog-Reis lhe propõe... Sim, hoje de manhã, após o ataque à Ciotat, Pog-Reis, esgotado adormeceu e teve um sonho: uma voz lhe disse que um combate singular entre êle e um soldado da cruz pagaria, hoje, um enorme crime.

O comendador estremeceu violentamente às últimas palavras do cigano. Na exaltação dos seus remorsos já acreditava que o seu crime havia atraído à família os horrorosos males que acabavam de verificar-se. Quando ouviu Hadji falar da expiação de um grande crime, julgou ler a vontade de Deus naquelas palavras.

— Que sonho? que sonho?... Fale!... ordenou ao cigano, com voz surda e secreto espanto.

— Que lhe importa o sonho, monsenhor?

— Fale, já lhe disse, fale!

— Pog-Reis foi levado ao espaço das visões, respondeu Hadji com ênfase oriental. Ouviu a voz do espírito que lhe ordenou: Olhe... E viu uma mulher num ataúde... E a mulher fôra ferida no coração, e o ferimento sangrava. E perto da morta, viu Pog-Reis erguer-se o fantasma de um soldado de Cristo... E o soldado de Cristo era... o senhor!

— Eu, eu! gritou o comendador, imobilizado pelo estupor.

— O senhor... repetiu Hadji, contendo o júbilo, ao ver que o plano arquitetado por Pog-Reis tinha êxito.

Pog, avaliando o caráter religioso e exaltado do comendador pelas cartas que o cigano descobrira na cabana do vigia, imaginou que Pedro des Anbiez ficaria impressionadíssimo e se decidiria pelo combate singular. Aquela revelação do sonho devia, com efeito, impressioná-lo profundamente, e parecer-lhe quase sobrenatural, uma vez que julgava sepultado para sempre o seu crime.

— Ah, Deus o quer... Deus o quer! murmurou, baixinho, o comendador.

Hadji, sem, aparentemente, ouvi-lo, prosseguiu:

— O espírito disse a Pog: amanhã você combaterá êsse soldado de Cristo, a sós, e um grande crime será expiado... Pog-Reis cometeu grandes crimes, monsenhor, e nunca teve remorsos; mas a revelação do espírito o impressionou... e quer obedecer. Oferece-lhe, portanto, o combate... Não o recuse, monsenhor! O Deus de todos a todos envia, indistintamente, os seus sonhos. É pelos sonhos que lhes transmite as suas vontades! Talvez escolha o senhor como instrumento de uma grande vingança, e o senhor deve obedecer... Talvez, pedindo-lhe o combate, Pog-Reis lhe peça que o mate...

Compreende-se o estupor, o terror de Pedro des Anbiez. Naquelas palavras, viu uma revelação divina, e julgou ouvir a voz do Senhor a lhe ordenar a expiação.

Ao contrário do cigano, julgava-se a vítima que a cólera celestial pretendia fazer cair aos golpes de Pog.

Enfim, aceitando o combate, asseguraria a salvação de Reine des Anbiez, devolveria uma filha ao pai, prisioneiros à família desolada... derradeira prova de que a justiça divina pretendia ferir apenas a êle, pois lhe oferecia os meios de reparar em parte os males atraídos pelo seu crime.

Se refletirmos que os incessantes remorsos de Pedro des Anbiez, sem lhe alterarem a razão, o tinham, pelo menos, predisposto a um fatalismo religioso, sem dúvida pouco ortodoxo, mas feito para impressionar vivamente o seu caráter sombrio e concentrado, compreenderemos o esmagador efeito produzido nêle pela linguagem de Hadji.

Após um instante de silêncio, disse ao cigano:

— Suba à coberta, que lhe darei as minhas ordens.

Em seguida, mandando chamar um comitre, ordenou-lhe que conduzisse Hadji à coberta, vigiando-o e protegendo-o.

CAPÍTULO XXXIX

O desafio

O COMENDADOR mandou dizer ao capelão da galera negra que descesse à sua cabina... Enquanto confessava os seus pecados (com exceção do caso do crime, reservado à grande penitenciaria da ordem) e recebia a absolvição, o cigano subia à coberta, e a primeira pessoa que encontrou foi o capitão do *Santo Espanto dos Mouros, com a graça de Deus*.

Hadji, fingindo uma tranqüilidade perfeitamente arrogante, aproximou-se de Luquin Trinquetaille e disse-lhe:

— Quem teria imaginado, meu rapaz, que nos tornaríamos a ver aqui, quando na Casa-Forte de Raimundo V, aquela beleza que o senhor conhece me dava fitas côr de fogo, com grande desgosto seu?

Aquêlê excesso de impudência deixou a princípio mudo o digno capitão; de súbito, levando a mão ao sabre, dispôs-se a cair sôbre Hadji, não fôra a intervenção do comitre.

— Há um lugar em que tornaremos a ver-nos, miserável, gritou Luquin. Será debaixo da fôrça da qual você será dependurado, porque, embora me repugne o mister de verdugo, venderei até o meu próprio barco para ter o direito de pôr-lhe a corda em volta do pescoço!

— Ingrato! Não se lembra do pesar que causaria a Estefaninha. A pobrezinha de tal modo me ama, que morreria de tristeza por me ver enforcado e, ainda por cima, pelo senhor!

— Você mente... você mente como um cachorro! Oh, por que não posso arrancar-lhe essa língua maldita?

— Teria razão, meu caro, de arrancar-me a língua, pois foram as minhas palavras douradas que me abriram o coração daquela beleza; ainda há pouco, a bordo do meu xaveco, onde estava comigo, dizia-me, apoiando a cabecinha no meu ombro...

— Você mente... você blasfema, infame! bradou Luquin, fora de si.

— Dizia-me, apoiando a cabecinha no meu ombro, prosseguiu o cigano com extrema desfaçatez: Que diferença, meu belo capitão, entre a sua linguagem galante e encantadora, e o grosseiro linguajar daquela espécie de garça de longas pernas que, pesadamente, arrastava a asa em volta de mim. Foi assim que me falou do senhor, meu caro!

— Ouça, comitre, disse Luquin, pálido, permita-me cortar a cara dêsse miserável a golpes de bainha!

— Se as palavras dêle o ferem, não o ouça, retrucou o comitre. O comendador me ordenou que o defendesse, e não posso autorizar ninguém a fazer-lhe mal.

Luquin gemeu de cólera.

— Afinal, continuou o cigano com desdenhosa suficiência, a moça é muito gentil, mas o senhor a fez tão parva, que me bastou a conversa de ontem para desiludir-me. Pode desposá-la, quando quiser, meu rapaz. Mas quando a vir triste, bastar-lhe-á proferir o meu nome para que ela sorria, pois a minha lembrança lhe viverá eternamente no coração. Pobrezinha, acabou de dizer-mo há pouco, beijando-me a mão, como se eu fôsse o seu amo!

O infeliz Luquin nada mais pôde ouvir. Mostrando os punhos ao insolente, afastou-se depressa, perseguido por uma risada sarcástica...

Dissemos que o sol começava a desaparecer. O mar estava calmo. Ao longe, entre duas pontas de rochedos, viam-se quase no fundo da baía a *Galera Vermelha* e a galera de Trimalcião, fundeadas uma ao lado da outra, e pouco distante, à capa, o xaveco de Hadji.

O barco que trouxera Hadji balançava-se nas ondas, amarrado à pôpa da galera negra.

O céu estava puro. Apenas no poente se via uma ampla zona de nuvens cinzento-avermelhadas.

Mestre Hughes, o canhoneiro, aproximou-se do comitre que vigiava e defendia o cigano, e disse-lhe, sacudindo a cabeça e mostrando-lhe o ocidente:

— Irmão, não gosto dessas nuvens que se amontoam lá em baixo; são sinistras, e nós estamos em plena calma-ria... Se o sol, ao se deitar, dissipar essas nuvens, a noite será linda; se, pelo contrário, a nuvem cobrir o sol...

— Compreendo, irmão Hughes, poderemos ter uma tempestade, e a noite será má, replicou o comitre. Felizmente, ainda nos resta tempo.

E, voltando-se para Hadji:

— Pouco importa a você e aos seus serem enforcados com ventania, ou sem ventania, não é?

— Prefiro ser enforcado com ventania, e forte, comitre. O vento nos embala e nós adormecemos mais depressa na eternidade, respondeu Hadji, com desdém.

O comendador, naquele momento, subiu à coberta.

Os cavaleiros, reunidos, afastaram-se com respeito.

Pedro des Anbiez estava inteiramente trajado de negro. Parecia ainda mais pálido que habitualmente, ainda mais sombrio. Pendia-lhe do lado uma pesada espada de guarda de ferro, e um longo punhal de bainha de bronze. A mão direita estava coberta por uma luva preta, a mão esquerda nua.

Fazendo um sinal ao cigano, atirou-lhe a luva da mão esquerda.

Hadji pegou-a, e quis falar... O comendador, com um gesto imperioso, mostrou-lhe o barco amarrado.

Hadji entrou nêle e remou com fôrça para as galeras dos piratas.

Assombrados com o ato do comendador, os cavaleiros, e Honorato de Berrol com êles, entreolharam-se.

O comendador seguiu um pouco, com os olhos, o barco do cigano; depois, voltando-se para o grupo que o rodeava, disse em voz alta:

— Irmãos, combateremos daqui a pouco as galeras dos infiéis; estão elas fundeadas uma perto da outra. Poremos ao mar o caíque grande. Os *buonvoglie* remarão, e a êle descerão alguns soldados; enquanto a galera negra atacar a *Galera Vermelha*, o caíque atacará o outro navio pirata.

Voltando-se para o rei dos cavaleiros, continuou:

— O senhor, irmão, comandará a galera negra; o irmão de Blinville, o mais antigo lugar-tenente da galera, comandará o caíque. Agora, comitre, navegue para a frente. Vamos, remem! O sol vai desaparecer, e só nos resta uma hora para punir os infiéis.

Embora os cavaleiros não tivessem compreendido porque Pedro des Anbiez abandonava o comando da galera negra e do caíque a outros homens, apressaram-se em cumprir as ordens.

Uma parte da equipagem embarcou, armada, na grande chalupa da galera que foi posta no mar sob as ordens do cavaleiro de Blinville, e os dois barcos rumaram velozmente para a entrada da baía.

O imediato do capitão Trinquetaille imitou a manobra, e dirigiu a polaca de modo que ela seguisse o movimento e se mantivesse sempre nas águas da galera negra, tendo o comendador ordenado a Luquin que permanecesse a bordo, até nova ordem.

Honorato aproximou-se do comendador.

— Quero combater ao seu lado, monsenhor. Reine des Anbiez era minha noiva! Raimundo V foi meu segundo pai, e o meu lugar é no perigo.

Pedro des Anbiez fitou-o demoradamente.

— É exato, cavaleiro, respondeu-lhe. O senhor tem duplo motivo para vingar-se dêsses miseráveis. Para assegurar a liberdade de Reine, antes da ação consenti em enfrentar, em combate singular, um dos dois capitães piratas. Preciso de um companheiro. Quer acompanhar-me?...

— O senhor aceitou essa proposta?... gritou Honorato. O senhor concedeu essa honra a...

— Quer ou não puxar da espada e do punhal, quando eu os puxar, jovem? interrompeu-o bruscamente Pedro des Anbiez.

— Será para mim um orgulho fazer o que o senhor vai fazer, comendador. A minha espada está às suas ordens.

— Nesse caso, arme-se, e fique pronto para seguir-me, quando eu desembarcar.

E, depois de uma pausa, acrescentou:

— Está vendo essa chalupa a dobrar a ponta?... Trará a bordo da minha galera Reine des Anbiez e os cativos da Ciotat.

— Reine! exclamou Honorato.

— Ei-la, respondeu o comendador.

Com efeito, a chalupa de Hadji aproximava-se rapidamente. O cavaleiro de Berrol reconheceu, sem tardança, Reine, Estefaninha, outras duas moças e uns vinte habitantes da Ciotat, aprisionados durante a incursão dos piratas.

Os cavaleiros ignoravam o que fôra combinado entre o comendador e o cigano. Assim, não compreendiam como devolviam os piratas os prisioneiros.

Quando a chalupa chegou ao alcance da voz, o comendador ordenou ao comitê que mandasse erguer os remos da galera para esperar a embarcação, que, dali a pouco, se encostou ao navio.

Pedro des Anbiez acolheu a sobrinha, que se lhe atirou aos braços com enorme gratidão.

— E meu pai? perguntou ela.

— O seu regresso lhe acalmará a dor, minha filha, respondeu o comendador, que não desejava participar a Reine a sorte de Raimundo V.

— Honorato, você aqui! exclamou a jovem, estendendo a mão ao cavaleiro. Meu amigo, em que triste circunstância torno a vê-lo! Mas quem ficou ao lado de meu pai? Como puderam deixá-lo sozinho?

— Reine, tratava-se de salvá-la, e segui o comendador. O Padre Elzear está na Casa-Forte, ao lado de Raimundo V.

— Estou livre finalmente! Não quer voltar comigo?

— Voltar com você?... Não... Reine, fico com o comendador. Amanhã, sem dúvida, poderei revê-la. Adeus, Reine, adeus!

— Que adeus solene, Honorato! exclamou a jovem, impressionada com a alteração do rosto do cavaleiro. Se não há nenhum perigo! Os piratas não vão ser atacados... Para que ficar aqui?

— Sim, retrucou Honorato com embaraço, não haverá luta. O comendador deseja apenas certificar-se da partida dos miseráveis.

Pedro des Ambicz, depois de dar algumas ordens, aproximou-se de Reine e pegou-lhe a mão.

— Depressa, depressa, minha filha, embarque, que o sol está desaparecendo. Luquin Trinquetaille vai recebê-la a bordo do seu barco, e antes de amanhã de manhã você estará nos braços de seu pai.

Em seguida, voltando-se para o capitão do *Santo Espanto dos Mouros*, o qual lançava furiosos olhares ao cigano, pois este não deixava de fitar Estefaninha, e fingia estar-lhe falando em voz baixa, disse-lhe:

— Você responde, com a sua vida, por minha sobrinha. Parta imediatamente, e conduza-a à Casa-Forte, assim como as demais moças... Os homens ficarão para reforçar a equipagem da minha galera... Vamos... adeus, Reine, abraçe-me, minha filha, e diga a meus irmãos que espero apertar-lhes a mão, amanhã.

— Espera, meu tio?! Que perigo o ameaça?

— O sol está desaparecendo, embarque depressa, retrucou o comendador sem responder à pergunta da sobrinha e acompanhando-a para fazê-la descer ao barco que a conduziria à polaca.

Enquanto Reine trocava um último adeus com Honorato, o cigano, sempre impudente e cínico, aproximou-se de Luquin, segurando Estefaninha pela mão, apesar da resistência dela.

— Cedo-lhe esta beleza, meu rapaz. Case-se com ela, não tenha medo! Ah, minha menina, é preciso resignar-se! Hei de lembrar-me sempre da sua admirável ternura!

— Como?! Da minha ternura! gritou Estefaninha, indignada.

— É verdade. Tínhamos combinado não contar nada a esta espécie de corvo marinho.

— Luquin, ande depressa! ordenou o comendador com voz imperiosa.

O digno capitão viu-se forçado a engolir aquêle novo ultraje e descer imediatamente ao seu barco, a fim de ali receber a Srta. des Anbiez.

Cinco minutos depois, a polaca, governada pelo próprio Luquin, rumava para a Casa-Forte, tendo a bordo Reine, Estefaninha e outras duas moças milagrosamente arrancadas à terrível sorte que as ameaçava.

Quando a polaca se afastou, o cigano, aproximando-se respeitosamente do comendador, disse-lhe:

— Pog-Reis cumpriu a palavra dada, monsenhor.

— E eu cumprirei a minha. Vá esperar-me na sua chalupa.

O cigano, após inclinar-se, abandonou a galera.

Pedro des Anbiez recomendou o comando da galera, durante a sua ausência, ao cavaleiro de Blinville.

— A ampulheta está cheia... dentro de meia hora, a areia se terá escoado... Se eu não voltar... o senhor entrará na baía, atacará os piratas segundo as ordens que dei: a galera negra combaterá a *Galera Vermelha*; o caïque combaterá o outro navio.

— Começaremos o ataque sem aguardá-lo, senhor comendador? repetiu o lugar-tenente, julgando não ter compreendido bem.

— Começarão o combate sem me aguardar, se dentro de meia hora não tiver voltado, repetiu o comendador com voz firme.

Um dos seus homens lhe trouxe o chapéu e um grande manto negro em que se destacava a cruz branca da ordem.

Seguido de Honorato, abandonou a galera, com grande espanto dos cavaleiros da equipagem.

Hadji estava no leme da chalupa... Quatro escravos mouros empunharam os remos, a embarcação deslizou sobre as ondas que começavam a encapelar-se, e afastou-se rapidamente da galera negra, rumando para a ponta ocidental da baía.

Pedro des Anbiez, envolto no manto, voltou a cabeça e lançou um derradeiro olhar à galera como para assegurar-se da realidade dos fatos.

Sentia-se, por assim dizer, arrebatado por uma força irresistível à qual obedecia cegamente, quase sem refletir. Após alguns momentos de silêncio:

— Onde me aguarda êsse homem? perguntou a Hadji.

— Na praia, perto das ruínas da abadia de São Vitor, monsenhor.

— Mande os seus homens remar, que êles não têm vontade, retrucou Pedro des Anbiez, com febril impaciência.

— As ondas estão altas, as nuvens vão subindo, e o vento começa a soprar; a noite será má, disse Hadji, baixinho...

Absorto nos seus pensamentos, o comendador não lhe respondeu.

O sol ia, dali a pouco, lançar os últimos raios... Em breve, ficou completamente obscurecido por uma ampla faixa de nuvens negras que, a princípio, pesadas e imóveis no horizonte, começaram a avançar com espantosa rapidez.

Alguns trovões surdos e distantes, fenômenos comuníssimos durante os invernos da Provença, anunciaram um daqueles repentinos furacões tão frequentes no Mediterrâneo.

CAPÍTULO XL

O combate

AS NUVEIS amontoadas no ocidente invadiram rapidamente o céu até então sereno.

O crescente murmúrio das ondas, o queixoso mugido do vento, o ribombo longínquo do trovão, tudo anunciava terrível tormenta.

A chalupa atingiu a margem, uma praia solitária... cheia de blocos de granito avermelhado.

O comendador e Honorato puseram pé em terra. Hadji precedeu-os de alguns passos, deteve-se e disse a Pedro des Anbiez:

— Monsenhor, siga por êste atalho cavado na rocha, e em breve chegará às ruínas da abadia de São Vitor. Pog-Reis ali o aguarda.

Sem responder, Pedro des Anbiez entrou resolutamente numa espécie de fenda formada pela rocha e larga apenas o suficiente para que um homem pudesse passar.

Honorato, não menos corajosamente, seguiu-o, refletindo que um traidor pôsto na crista de um daqueles rochedos entre os quais ambos se esgueiravam, podia facilmente esmagá-los fazendo rolar algumas das enormes pedras que coroavam as escarpas.

A tempestade aproximava-se...

Os uivos do vento e do mar, cada vez mais fortes, explodiram finalmente com fúria na imensidão do espaço.

Do alto das nuvens, a voz tonitroante do raio lhes respondeu... Iniciou-se a luta entre a natureza e os elementos.

O comendador caminhava depressa, vendo na violenta tempestade um presságio mais; parecia-lhe que a vingança do céu se circundava de terrível majestade... para o aniquilar.

Quanto mais refletia, tanto mais estranho se lhe afigurava o sonho narrado pelo cigano, no qual via a manifestação da vontade divina.

Por um desses fenômenos comuns do pensamento, num segundo, Pedro des Anbiez recordou tóda a sangrenta tragédia do seu amor pela Sra. de Montreuil... o nascimento da infeliz criança, a morte de Emília, o assassinio do marido. Tudo lhe voltou à memória com espantosa precisão, como se o crime tivesse sido cometido na véspera.

A estreita passagem que serpenteava através dos rochedos alargou-se um pouco. O comendador e Honorato deixaram a muralha de granito e viram-se diante das ruínas da abadia de São Vitor.

Não havia ninguém lá.

A bacia interna da baía formava profunda enseada.

Para o sul, estava fechada pelos rochedos do meio dos quais acabava o comendador de sair, para o norte e o oeste, pela construção semidestruída da abadia; para o leste, descobria-se o ancoradouro onde estavam fundeadas as duas galeras dos piratas.

A imponente massa das ruínas da abadia, os seus restos de arcadas, as suas pesadas ogivas, as suas tórres quase desfeitas e cobertas de limo, desenhavam linhas tristes e cinzentas sôbre as nuvens negras que, cada vez mais, se abai-xavam.

Uma luz descorada, que não era nem luz nem treva, lançava estranha e sinistra claridade sôbre os rochedos, as ruínas, a praia, o mar.

As vagas mugiam, o vento rugia, o trovão roncava... E ninguém aparecia.

Honorato, apesar de corajoso, ficou impressionadíssimo com o lúgubre espetáculo que se lhe antolhava.

De pé, envolto no longo manto negro, o vulto sinistro do comendador parecia evocar os maus espíritos.

Com voz comovida e sepulcral, gritou por três vezes:

— Pog-Reis, Pog-Reis, Pog-Reis!

Ninguém respondeu.

Uma coruja piou fúnebremente e abandonou, voando, uma abóbada maciça, que outrora servira de entrada ao claustro.

— Ninguém aparece, disse Honorato. O senhor não teme uma cilada, comendador? Não acha que confiou demasiadamente na palavra dos miseráveis?

— A vingança divina reveste-se de tôdas as formas, respondeu Pedro des Anbiez.

E calou-se de novo, olhando sombriamente para a pesada arcada que, outrora, conduzia ao claustro, e cujo interior estava imerso nas sombras.

De súbito, um pálido relâmpago de inverno atirou a sua luz contra o arco, iluminando-o com lívida luz.

O raio estourou e, por um estranho acaso, naquele mesmo momento, dois homens abandonaram a escuridão da abóbada e avançaram a passos lentos para o comendador e Honorato de Berrol.

Eram Pog... e Erebo.

Pog empunhava com a direita uma espada. Com o braço esquerdo em volta do pescoço de Erebo, apoiava-se nêle, como se houvera apoiado um pai a um filho.

Também Erebo empunhava uma espada.

Ambos avançaram a passo lento para o comendador e Honorato.

Pedro des Anbiez ficou petrificado.

Depois, sem proferir palavra, atirou-se vivamente para trás, agarrou o braço do cavaleiro de Berrol, e mostrou-lhe com o dedo Pog e Erebo.

Apesar da mudança produzida pelos anos nas feições de Pog, o comendador reconheceu nêle o Sr. de Montreuil, marido de Emília. O homem que êle julgava ter assassinado, e cujo retrato fôra conservado por expiação estava na sua frente.

— Os mortos saíram do túmulo? perguntou em voz baixa, arrastando Honorato e recuando um passo, à medida que Pog avançava um passo...

O cavaleiro de Berrol ignorava tudo quanto havia de terrível naquela tragédia. Mas, sentia-se perturbado menos com o aparecimento dos dois piratas do que com o visível espanto do comendador, cuja intrepidez era tão conhecida.

Para aumentar o sombrio aspecto da cena, a tempestade aumentou em violência, e os raios caíram mais freqüentes.

Pog deteve-se.

— Você me reconhece? perguntou ao comendador.

— Se não é um fantasma, reconheço-o, respondeu o comendador, olhando fixamente para o marido de Emília.

— Lembra-se da infeliz criatura que você matou?

— Lembro-me... lembro-me, e me acuso, retrucou o comendador, batendo contritamente o peito.

Aquelas palavras proferidas em voz baixa por Pedro des Anbiez, Erebo, cujos traços exprimiam desesperada cólera, levantou a espada e quis precipitar-se sobre o comendador.

Pog deteve-o com mão firme e disse-lhe:

— Ainda não!

Erebo apoiou a ponta da espada no chão e ergueu os olhos ao céu.

— Você me deve uma reparação sangrenta, disse Pog.

— A minha vida pertence-lhe. Não erguerei a espada contra você, respondeu o comendador, abaixando a cabeça.

— Você aceitou o combate... Tenho a sua palavra...

Eis aqui o seu adversário...

E apontou para Erebo.

— Eis o meu...

E apontou para Honorato.

— Pois então empunhemos a espada, gritou o cavaleiro de Berrol desejando, custasse o que custasse, pôr côbro àquela cena que, mau grado seu, o gelava.

E avançou para Pog.

— Primeiro êles, depois nós, respondeu-lhe Pog.

— Agora, gritou de novo Honorato, agora! Empunhe a espada!

Pog, dirigindo-se a Pedro des Anbiez, disse-lhe com imperiosidade:

— Ordene ao seu companheiro que aguarde o resultado do seu combate com o jovem capitão.

— Cavaleiro, por favor! pediu o comendador, resignado.

— Defenda, pois, a sua vida, assassino! bradou Erebo, avançando de espada erguida contra Pedro des Anbiez.

— Mas, é uma criança! disse o comendador, olhando o adversário com desdenhosa compaixão.

— Sua mãe, sua mãe! murmurou Pog ao ouvido de Erebo.

— Sim... sou uma criança... filho daqueles que você matou, gritou o infeliz, atingindo o rosto do comendador com a face da espada.

O rosto lívido do velho soldado tornou-se cor de púrpura. E arrebatado pela indignação, atirou-se contra Erebo, dizendo:

— Senhor, seja feita a tua vontade!

Iniciou-se, então, uma luta parricida.

Como se a natureza inteira se tivesse erguido, horrorizada, à vista do abominável espetáculo, a escuridão tornou-se profunda.

O raio sulcou as nuvens, a tempestade desencadeou todos os seus furores, os rochedos estremeceram...

E o combate continuou encarniçadamente.

De mãos unidas, Pog deliciava-se ávidamente com o horroroso espetáculo.

— Finalmente... depois de vinte anos... gozo de um instante de verdadeira e inefável ventura... O raio, o trovão, a tempestade desabam! Tôda a natureza participa da minha vingança! gritou com alegria selvagem.

Honorato, sem poder compreender o que se passava, disse:

— Não sei porque essa luta me horroriza... Basta, basta!

E quis colocar-se entre Pedro des Anbiez e Erebo.

Pog, dotado momentâneamente de sôbre-humana força, agarrou-o, paralisou-lhe os movimentos, e disse-lhe em voz baixa, com ferocidade:

— É a minha vingança!

Erebo tombou...

— Pedro des Anbiez, você acaba de matar seu próprio filho! Eis as cartas... eis os retratos! bradou Pog, com voz tonitroante que dominou a tormenta.

E atirou aos pés do comendador o cofre roubado por Hadji da cabana de Peyrou.

De repente, um raio estourou com tremendo estrondo.

O céu, a baía, as ruínas, os rochedos, o mar, pegaram fogo.

Espantosa explosão fêz tremer o chão, uma parte das ruínas da abadia desabou de vez, enquanto uma tromba de vento, erguendo-se, pisou e despedaçou tudo na sua passagem, envolvendo a baía no seu irresistível e gigantesco turbilhão.

.....

CAPÍTULO XLI

Conclusão

TRÊS DIAS após o funesto combate entre o comendador e Erebo, a galera negra e a polaca de Luquin fundearam no pôrto da Clotat.

Acabavam de soar nove horas da manhã no relógio da Casa-Forte.

O capitão Trinquetaille, caminhando discretamente na ponta dos pés pela galeria em que se realizara a cerimônia do Natal, dirigiu-se para o aposento da Srta. des Ambiez.

Bateu à porta do oratório, e Estefaninha não demorou em abrir.

— E então, Luquin, perguntou-lhe a jovem com inquietação, como passou êle a noite?

— Mal, Estefaninha, muito mal! Não há mais esperança, respondeu o capitão.

— Infeliz! e o comendador?

— Sempre no mesmo estado, à cabeceira do leito, como estátua, sem mover-se, sem falar... sem ver, sem ouvir... O Padre Elzear diz que se êle chorasse... poderia ser salvo; se não...

— Se não?...

— Teme que a cabeça...

E Luquin fez um gesto indicando que era de esperar a loucura.

— Ah, meu Deus, que terrível desgraça para acrescentar às outras!

— E a Srta. Reine, perguntou Luquin, por sua vez, como está?

— Sempre triste. A cerimônia do batismo de ontem a comoveu demais. Quis monsenhor que ela, com êle, apadrinhasse o ato religioso pelo qual se transformou em católico o jovem descrente chamado Erebo pelos piratas. Não estar batizado ainda, com essa idade! Felizmente, o Padre Elzear lembrou-se de lhe ministrar o sacramento. Ah, infeliz, não usará nem sequer até esta noite os nomes cristãos que monsenhor e a senhorita lhe deram.

— E monsenhor? perguntou Luquin.

— Oh, quanto a êle, não tardará em pôr-se de pé... Queria ir para o lado do comendador. O Padre Mascarolus diz que outro homem qualquer teria sido morto por aquêle

golpe, e que monsenhor deve ter os ossos da cabeça duros como ferro... para resistir. Graças a Deus, quem o feriu, nunca mais ferirá ninguém!

— A propósito, sabe, Estefaninha, que não foi possível encontrar o corpo de Pog-Reis sob os escombros da abadia?

— Não passava de um infiel, mas morrer sem sepultura! disse Estefaninha com um calafrio... Como foi que ficou soterrado debaixo das ruínas?

— Eis o que o Sr. Honorato me contou, e êle deve saber o que diz. No momento em que o infeliz jovem tomou, ferido pelo comendador, Pog-Reis, como o chamam, estava segurando o Sr. Honorato para impedi-lo de separar os combatentes. De súbito, como você sabe, um raio estourou no meio da baía, caindo a bordo da *Galera Vermelha*; o depósito de pólvora explodiu, a galera saltou pelos ares, e, saltando, engoliu com ela a outra galera já muito avariada pelas balas da colubrina de mestre Laramée... Nenhum pirata escapou. As vagas da baía eram tão altas e furiosas que o melhor nadador teria morrido afogado mil vezes...

— Mas Pog-Reis? perguntou Estefaninha.

— A explosão foi tão forte, que o solo tremeu. O pirata, surpreendido, abandonou-me então, disse-me o Sr. Honorato. "Corri para o comendador, que já se havia atirado sobre o corpo do filho, abraçando-o e chorando. No momento da explosão, Pog-Reis ficara ao pé das ruínas. As velhas paredes, abaladas pela violência do deslocamento do ar, desabaram, enterrando-o." Hoje de manhã, alguns pescadores, vindo da baía contaram que as pedras eram tão enormes que não fôra possível removê-las, sendo preciso renunciar a encontrar o corpo do bandido.

— Meu Deus, meu Deus, que coisa, Luquin, e como é justa a cólera divina! Veja, as duas galeras fulminadas, ninguém escapou e Pog-Reis morreu csmagado!

— Sem dúvida, sem dúvida, Estefaninha, o céu já fez muito, mas ainda não fez tudo. Resta-lhe outra conta para ajustar.

— Que pretende dizer?...

— Quando ouvimos no mar a explosão, voltando a todo pano para a Casa-Forte e até um pouco mais depressa do que eu desejava, pois a tormenta impelia o meu barco sobre as vagas como se fôsse uma simples pena...

— É verdade, Luquin, tanto que nos julgamos todos perdidos. Que tempo! Que ondas! Pensávamos ter fugido de um perigo para cair noutro.

— Sim... sim. Pois bem, quem passou ao alcance de um tiro de canhão de nós, durante a tempestade?

— Não posso imaginar. Tinha muito medo, e estava preocupadíssima com a minha ama para saber quem passava perto de nós.

— Foi o xaveco do maldito cigano, que o inferno deixa na terra, não sei porquê! Sim, foi o seu xaveco. Por acaso, fundeara o barco bastante longe das galeras, e não sofreu nada com a explosão! Duas horas depois, quando retomou a bordo o comendador, o Sr. Honorato e o infeliz jovem, aproveitando-se do incrível esquecimento do comendador que não o mandou enforcar, teve a ousadia de pôr-se a navegar outra vez, e foi ele que vimos passar perto de nós, voltando sem dúvida para o sul, onde morrerá afogado ou queimado se Deus pretende completar o exemplo que já deu engolindo as galeras repletas de infiéis... É o que desejo.

— Vamos, vamos, Luquin, você se encarniça demasiadamente contra o miserável. Não se preocupe mais com ele! Afinal, foi quem nos levou de volta à galera negra, a Srta. Reine, eu, as minhas companheiras, os prisioneiros, o escrivo Isnard e o ajudante que faziam parte dos cativos, e não cessavam de chamá-lo de salvador. Tenha piedade do próximo...

— Próximo?!... Esse miserável vagabundo?... Meu próximo!... Talvez seja próximo do demônio, isso sim!

— Ah, como você é mau nos seus rancores!

— Olhe... bom! gritou Luquin, encolerizado. Você começa a defendê-lo; daqui a pouco estará a chorá-lo... Aliás, bem dizia ele que você iria chorá-lo, e talvez não se tenha enganado!

— Certamente, se você recomeçar com os seus ciúmes, hei de chorá-lo...

— Chorá-lo? A ele? Você teria essa coragem?...

— Sem dúvida, porque pelo menos uma vez no seu barco, me deixou chorar à vontade...

— No entanto, não era o que ele dizia... Hum, hum... As palavras douradas do insolente eram bem capazes de distraí-la da sua profunda dor.

Estefaninha, indignada, ia responder ao noivo, quando a sinêta da Srta. Reine des Anbiez a chamou para o interior do aposento.

Assim, tornou a entrar, após lançar a Luquin um olhar irritado.

O capitão estava a ponto de se arrepender das suas suspeitas, quando Laramée, saindo precipitadamente do quarto de Raimundo V, lhe disse:

— Venha comigo, Luquin. Ajude-me a transportar monsenhor para o aposento do comendador. Está demasiadamente fraco para caminhar. Levá-lo-emos na poltrona.

Luquin seguiu Laramée, e entrou no aposento de Raimundo V.

O velho gentil-homem achava-se ainda extremamente pálido. Uma ampla faixa preta lhe envolvia a cabeça, mas em parte elle recobrava a velha vivacidade, e a energia. O Padre Mascarolus estava ao seu lado.

— O senhor diz, padre... que a infeliz criança vai morrer, e que deseja falar-me?

— Sim, monsenhor.

— E meu irmão Pedro?

— Sempre no mesmo estado, monsenhor.

— Depressa, depressa, Laramée, ponha-me um manto sobre os ombros, e vamos com as suas pernas e as d'este rapaz, pois as minhas ainda não me agüentam.

Luquin pegou a poltrona de um lado, Laramée do outro, e ambos transportaram o barão a um vasto aposento em que se encontrava deitado Erebo.

Na porta, encontraram Peyrou, o vigia, que aguardava com ansiedade notícias do velho capitão.

O vulto de Erebo já estava decomposto pela aproximação da morte. As suas feições, havia pouco, tão belas, tão puras, contraíam-se dolorosamente. Estava pálido, da fria palidez dos moribundos. Sòmente os olhos lhe fulgiam com um brilho tanto mais vivo, quanto mais se avizinhava a morte...

O seu ferimento fôra mortal, e não deixava esperança.

Pedro des Anbiez, usando as mesmas vestes que no dia do fatal encontro, sentara-se aos pés do leito do filho, numa imobilidade absoluta, de cabeça baixa sobre o peito, mãos sobre os joelhos, olhar fixo, ardente, prêso ao chão. Desde a véspera, não abandonara aquela posição.

O Padre Elzear, sentado à cabeceira de Erebo, inclinado sobre elle, erguia-lhe a cabeça pesada, e encostava-a afetuosamente ao peito.

Raimundo V mandou que o pusessem perto do leito.

Luquin e Laramée retiraram-se.

— Deus me perdoará, não é, bom sacerdote? perguntou Erebo, com voz muito fraca, a Elzear. Elle terá pena da minha ignorância... Ai!... Faz apenas dois dias que conheci a verdade santa!

— Espere, espere na misericórdia infinita, meu filho. Agora, você é cristão. Dois dias de arrependimento, de fé, resgatam inúmeros erros. É o fervor, e não a duração da pena, que comove o Senhor...

— Oh, morreria com mais uma esperança, se meu pai pudesse perdoar-me também! disse Erebo.

Depois, transtornado, acrescentou:

— Maldito seja Pog-Reis! Por que me fez acreditar, mostrando-me aquêles retratos, que meu pai fôra assassino de minha mãe e dos meus? Oh, como pôde erguer todo o meu ódio? Eu acreditei... porque êle, sempre tão cruel comigo, chorou... sim... chorou, apertando-me ao peito, pedindo-me perdão pelo mal que me fizera. Eu, então, vendo aquêles homens sempre tão implacável chorar... apertar-me nos braços... acreditei... Depois, pensei que o combate me seria fatal... Sabia que Reine des Anbiez estava salva... Podia, portanto, morrer... E o Senhor... perdoa-me também? perguntou, voltando-se para Raimundo V.

— Pobre criança... não me salvou a vida nos rochedos de Ollioules?... Embora minha filha estivesse em seu poder, não a respeitou, não a defendeu? E não é filho de meu irmão, afinal... Filho de um amor culposos, se quisermos, mas sempre da família!

— Raimundo, Raimundo, disse docemente Elzear, em tom de censura.

— Meu pai... meu pai não me ouve, prosseguiu Erebo. Morrerei sem ouvi-lo dizer: meu filho! gritou o infeliz com voz desfalecida.

E, com um movimento repentino, pôs-se sentado, lançou os braços em volta do pescoço de Pedro des Anbiez, e deixando tombar a cabeça pesada no seio paterno, disse:

— Meu pai, meu pai, o senhor não me ouve?

O grito desesperado, agonizante, no qual Erebo pareceu concentrar o resto das forças, mais uma vez ressoou no âmago do coração de Pedro des Anbiez.

O comendador levantou devagar a cabeça, olhou em torno, depois abaixou os olhos para Erebo, sempre agarrado ao pescoço.

Então, apertando-lhe a cabeça entre as mãos, deu-lhe na testa um terno beijo...

Em seguida, voltou a recolocar docemente a cabeça do filho no travesseiro, e disse-lhe em voz baixa, com um estranho sorriso e voz cheia de carinho:

— Menino... você me chamou, e eu ouvi a sua voz no meio das trevas... Vim... Agora volto... Adeus, durma, durma para sempre, meu filho!...

E estendeu o lençol sobre o rosto de Erebo, como fazemos com os mortos.

— Meu irmão! gritou o Padre Elzear, afastando vivamente o lençol e olhando com espanto para Pedro des Anbiez.

Este não pareceu ouvi-lo, e retomou no acabrunhamento mudo e surdo do qual nunca mais sairia.

Erebo ia-se enfraquecendo...

E pediu a Raimundo V:

— Um último favor, antes de morrer!

— Fale, fale, meu filho!

— Gostaria de ver outra vez sua filha... a que me deu nome cristão. Também ela, ai de mim, precisa perdoar-me muita coisa!

— Reine, sua prima, sua madrinha... Consinto com prazer. Elzear, meu irmão, quer ter a bondade de avisá-la?

— Os minutos estão contados, e convém pensar em Deus, meu filho, disse Elzear a Erebo.

— Tenha pena de mim! Deixe-me vê-la... ou morrerei desesperado, retrucou Erebo com voz tão dilacerante que o Padre Elzear saiu imediatamente.

Raimundo V pegou ambas as mãos do sobrinho nas suas.

Já estavam geladas...

— Ela não vem, disse Erebo, e, no entanto, é preciso que...

A voz se lhe enfraqueceu... e ele não pôde continuar.

Reine entrou, acompanhada do padre Elzear.

Erebo levantou-se, apoiando-se no cotovêlo, e com a mão direita teve a força de partir uma correntinha de ouro que trazia ao pescoço; depois, estendeu-a a Reine mostrando-lhe, com um débil sorriso, a pombinha esmaltada que ali estava suspensa, outrora tirada da jovem, nos rochedos de Ollioules.

— Devolvo-lha... Você me perdoa?

— Trarei sempre esta correntinha como lembrança do dia em que salvou meu pai, respondeu Reine, com a emoção a lhe embargar a voz.

— Sempre? perguntou Erebo.

— Sempre! respondeu Reine, não podendo conter as lágrimas.

— Ah, agora posso morrer!

Uma derradeira luz lhe iluminou o rosto.

— Meu irmão, disse Elzear com voz austera, erguendo-se, este menino vai morrer.

Raimundo V compreendeu que os últimos momentos de Erebo pertenciam a Deus. Abraçou o sobrinho, mandou chamar Luquin e Laraméc para que o transportassem, e saiu com Reine.

O comendador continuava mudo e imóvel, sempre sentado no leito do filho moribundo.

Raimundo V enviou-lhe Peyrou, esperando que aquilo o fizesse voltar a si.

O vigia, acercando-se de Pedro des Ambiez, disse-lhe:

— Venha, senhor comendador...

Ou porque a voz de Peyrou, que êle já não ouvia há muito, o impressionasse, ou porque obedecesse a um inexplicável instinto, o comendador levantou-se e seguiu-o, sem olhar outra vez para o filho...

O Padre Elzear ficou sôzinho com o agonizante.

Quinze minutos depois, Erebo deixara de existir...

.....

Erebo foi sepultado no cemitério da Ciotat. Os penitentes negros e cinzentos da Ciotat seguiram-lhe o funeral. Terminada a cerimônia, dispersaram-se.

Somente um dêles ficou por longo tempo à beira do túmulo.

Estranho! Não participara dos cantos nem das cerimônias da igreja. Não lançara água benta sobre o ataúde...

Lá ficou até o cair da noite.

Então, voltou a passos lentos para um ponto em que se encontrava um barco.

O falso penitente era Hadji. Deixara o xaveco e des-cera, desafiando todos os perigos, para prestar derradeira homenagem à memória do infeliz menino que êle, afinal, ajudara a perder.

Nunca mais se ouviu falar do cigano.

Pedro des Ambiez, até o fim da vida, permaneceu num estado que não era razão nem loucura. Nunca mais o ouviram proferir palavra, embora continuasse a viver na Casa-Forte.

Não respondia a ninguém. Tôdas as manhãs ia sentar-se ao pé do túmulo do filho, e lá ficava até chegar a noite, absorto em profunda meditação. Peyrou não o abandonava. O infeliz, porém, nem sequer lhe percebia a presença.

O Padre Elzear, após alguns meses de permanência na Casa-Forte, recomeçou a vida aventureira de redentor de cativos, até o dia em que a idade não mais lhe permitiu viajar.

Reine não desposou Honorato de Berrol. Preferiu viver fiel à triste recordação de Erebo.

Vários anos mais tarde, o cavaleiro casou-se. Reine foi para êle e para sua mulher a melhor das amigas.

Raimundo V, completamente refeito, cavalgou ainda por muito tempo o fogoso *Mistral*.

O Cardeal de Richelieu, informado da corajosa attitude do barão, por ocasião do ataque dos piratas, fechou os olhos para as afrontas do velho descontente em relação ao escriptão Isnard.

Pouco tempo depois, foi o Marechal de Vitry enviado à Bastilha em consequência da sua contenda com o arcebispo de Bordéus. Raimundo V julgou-se vingado, e, tanto por reconhecimento ao cardeal como impellido pela razão, só tomou parte *venial* nas rebeliões.

O digno Luquin Trinquetaille desposou Estefaninha, e, embora tivesse cega confiança na mulher, e esta a merecesse realmente, lastimava não ter podido estrangular o cigano.

Laramée morreu ao serviço do barão.

O Padre Mascarolus cedeu ainda maravilhosas receitas a Dulcelina, e esta, por sua vez, preparou inúmeros presépios para Natais que felizmente em nada se pareceram ao trágico Natal de 1632.

KIT CARSON

DE

RALPH MOODY

Kit Carson converteu-se num dos mitos americanos, no entanto, sua figura ainda não está muito longe de nós. Não pertence a idades pretéritas, nebulosas. Foi uma personalidade do século XIX, o chamado século das Luzes. Há bastante documentação para seguir-lhe os passos. De origem muito humilde, tipo franzino num sertão bravo, cheio de rudes atletas, nada indicava que Kit Carson iria conseguir realce em tão pouco propício "background". Contudo, esse jovem tabaréu tornou-se uma figura histórica — coisa que ele jamais poderia prever.

A princípio impellido apenas pela ambição e pelo desejo de aventura, Carson desbravou florestas, que nunca antes tinham sido pisadas por um homem branco. Ia em busca de peles de animais, que rendiam muito dinheiro. Entretanto, pouco a pouco a idade, e a experiência foram transformando o desbravador intemerato num homem ponderado, sábio, apesar de simples, de iletrado. Carson então passou a ser grande protetor dos índios, pacificador de povos, e defensor da Nação Americana.

Como sói acontecer, os políticos foram ingratos para com esse denodado pioneiro cheio de abnegação, que não media sacrifícios quando se tratava de trabalhar pelo engrandecimento dos Estados Unidos. Porém, singelamente, Kit Carson compreendeu o seu destino, e a sua significação na vida da grande nação democrática.

A biografia de Kit Carson, escrita por Ralph Moody, vale por um romance de aventuras e alguns filmes de "cow-boys". O escritor dispensa qualquer contribuição da fantasia, porque o que Carson realizou supera as criações da imaginação. Carson atravessou desertos, atingiu montanhas julgadas inexpugnáveis, venceu exércitos de índios, acompanhado de poucos companheiros. Em suma, realizou proezas sem conta. Hoje, tôdas essas vastas regiões conquistadas por Carson estão habitadas por gente civilizada, e cheias de progresso e riquezas. O heroísmo de Kit Carson não foi esquecido. O homem transformou-se num mito.

SARAIVA S. A.

LIVREIROS-EDITÔRES

SÃO PAULO